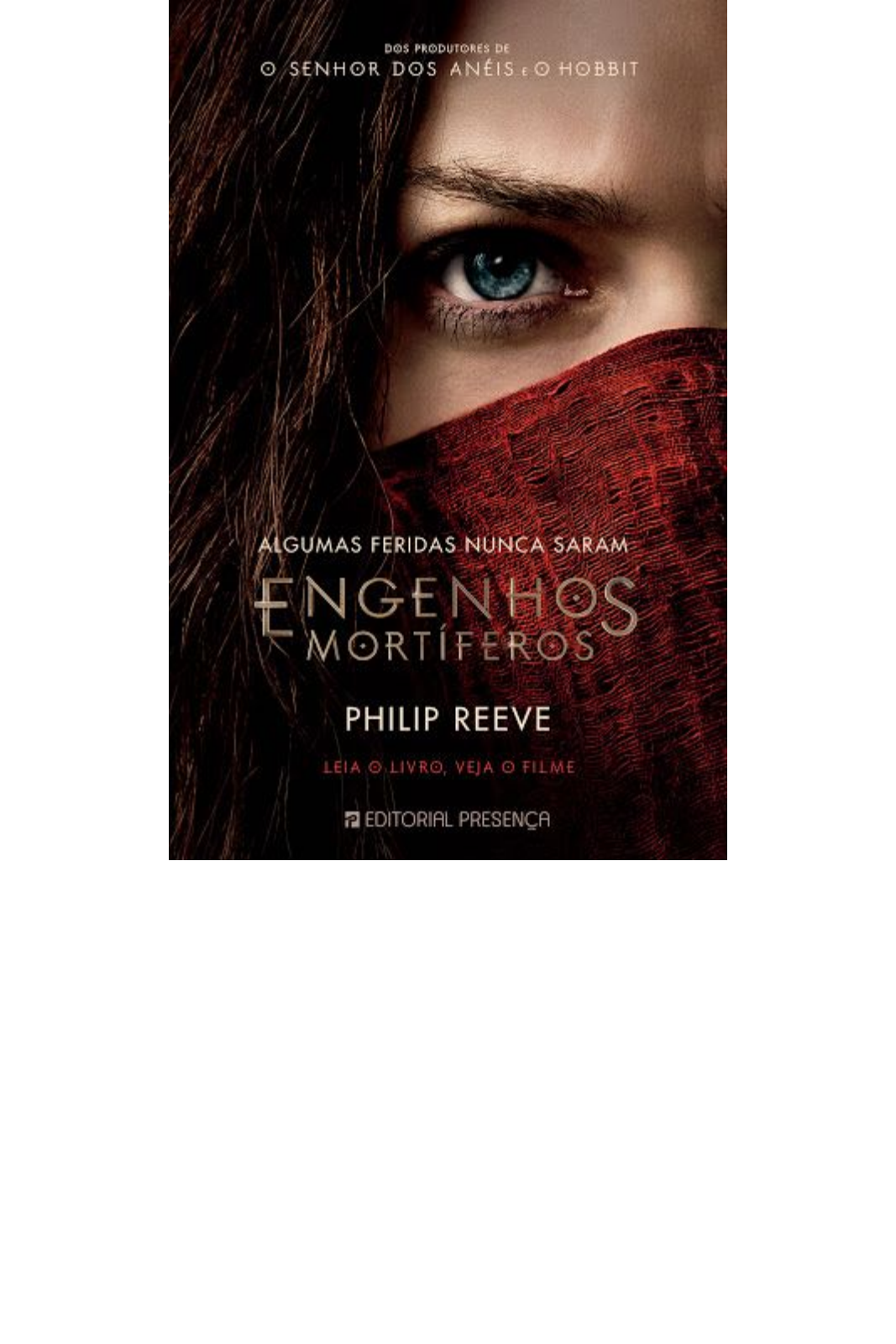


A close-up photograph of a person's face, focusing on their right eye which is a striking blue. The lower half of the face is obscured by a textured, deep red fabric. The person has long, dark, wavy hair.

DOS PRODUTORES DE
O SENHOR DOS ANÉIS e O HOBBIT

ALGUMAS FERIDAS NUNCA SARÃO

ENGENHOS MORTÍFEROS

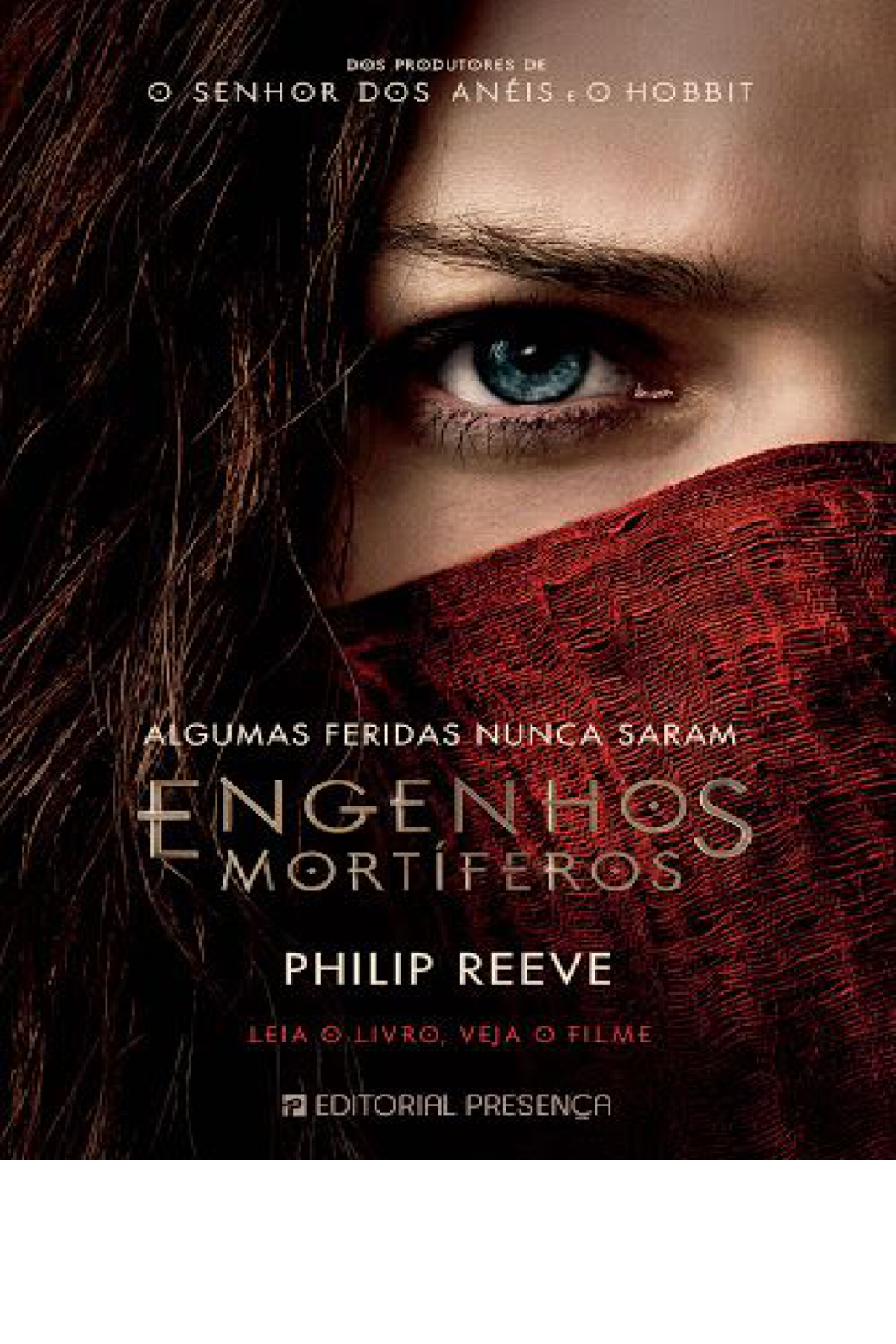
PHILIP REEVE

LEIA O LIVRO, VEJA O FILME

 EDITORIAL PRESENÇA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

A close-up photograph of a woman's face, focusing on her right eye which is a striking blue. Her mouth is covered by a textured red fabric. Her long, dark, wavy hair is visible on the left side of the frame.

DOS PRODUTORES DE
O SENHOR DOS ANÉIS E O HOBBIT

ALGUMAS FERIDAS NUNCA SARÃO

ENGENHOS MORTÍFEROS

PHILIP REEVE

LEIA O LIVRO, VEJA O FILME

 EDITORIAL PRESENÇA

Table of Contents

Philip Reeve

Primeira Parte

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Segunda Parte

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Philip Reeve

Engenhos Mortiféros
Mortal Engines

Editorial Presença

Primeira Parte

Capítulo 1

O Campo De Caça

A tarde mostrava-se escura e tempestuosa, embora fosse Primavera, e a metrópole de Londres andava em perseguição de uma pequena cidade mineira, pelo leito seco do antigo Mar do Norte.

Nos seus tempos mais prósperos, Londres nunca se teria dado ao trabalho de atacar uma presa tão fraca. A grande Metrópole de Tracção já tinha passado os seus dias a caçar cidades muito maiores que aquela, desde o Deserto Gelado no Norte, até à costa mediterrânica, no Sul. Mas ultimamente todas as presas pareciam escassear, e algumas das maiores metrópoles já tinham começado a olhar para Londres com grande avidez. Havia dez anos que esta se escondia delas, ocultando-se numa região ocidental, húmida e montanhosa, que o Grémio dos Historiadores afirmara ter sido outrora a ilha da Bretanha. Durante dez anos, alimentara-se apenas de minúsculas cidades agrícolas e colónias estáticas nessas montanhas aquosas. Agora, finalmente, o Presidente da Câmara tinha decidido que chegara a altura propícia para guiar a sua metrópole pela ponte terrestre, de volta ao Grande Campo de Caça.

Ainda mal haviam chegado ao meio da ponte, quando os vigias das grandes torres de observação descobriram uma cidade mineira a cerca de trinta quilómetros de distância, mastigando os bancos de sal. Para a população de Londres, parecia um sinal dos deuses, e mesmo o Presidente da Câmara, que não acreditava em deuses, nem em sinais, pensou que este era um bom começo da viagem para Este, e deu ordem para se iniciar a perseguição.

A cidade mineira viu o perigo e partiu em fuga, mas os enormes tractores de lagartas sob Londres já haviam começado a rodar cada vez mais depressa. Em pouco tempo a metrópole avançava numa perseguição em alta velocidade, parecendo uma montanha móvel de metal, erguida em sete plataformas, como as camadas de um bolo de casamento, com os níveis inferiores envoltos no fumo que saía dos motores e as moradias dos mais ricos revelando de vez em quando a sua brancura, nos tombadilhos superiores, enquanto no alto de tudo, dois mil metros acima da terra destruída, irradiava o brilho da cruz dourada no topo da Catedral de S. Paulo.

Tom estava a limpar as vitrinas na secção de História Natural do Museu de Londres quando tudo começou. Reconheceu a vibração do chão de metal e olhou para cima, observando os modelos de baleias e

golfinhos que pendiam do tecto da galeria a balouçar de um lado para o outro sob os cabos que os seguravam, soltando suaves rangidos.

Não ficou assustado. Passara todos os seus quinze anos de vida em Londres, e estava habituado aos seus movimentos. Sabia que a metrópole estava a mudar de direcção e a ganhar velocidade. Um arrepio de excitação percorreu-o, era a antiga emoção da caçada que todos os londrinos partilhavam. Deve haver presa à vista! Largando as escovas e os espanadores, encostou a mão à parede e sentiu as vibrações que subiam, em ondas, das enormes casas das máquinas que se encontravam lá em baixo, na Entranha. Sim, lá estava, o pulsar profundo dos motores auxiliares que entravam em acção, *bum, bum, bum*, como um enorme tambor ribombando no interior dos seus ossos.

A porta do outro lado da galeria abriu-se de rompante, e Chudleigh Pomeroy entrou furioso, com a peruca de lado e o rosto redondo completamente vermelho de indignação.

— Em nome de Quirke, mas que é...? — vociferou ele, ficando de boca aberta a olhar para as baleias que giravam sobre a sua cabeça e para os pássaros empalhados que tremiam e saltavam nas suas vitrinas como se quisessem libertar-se do seu longo cativeiro e se preparassem para abrir as asas e voltar a levantar voo. — Aprendiz Natsworthy! Que se passa aqui?

— É uma caçada, meu senhor — disse Tom, perguntando a si mesmo como é que o Delegado do Grémio dos Historiadores conseguia viver a bordo de Londres há tantos anos e ainda não reconhecer o bater do coração da cidade. — Deve ser alguma coisa boa — explicou. — Puseram todos os motores auxiliares em funcionamento. Há anos que isto não acontecia. Talvez a sorte de Londres tenha finalmente mudado!

— Bah! — grunhiu Pomeroy, assustado por ver o vidro das vitrinas começar a gemer e estremecer em unísono com o pulsar dos motores. Sobre a sua cabeça, o maior dos modelos, uma coisa chamada baleia azul, que se extinguiu há milhares de anos, balouçava para trás e para a frente, nos seus cabos, como um pêndulo. — Pode ser que sim, Natsworthy — disse. — Só gostava era que o Grémio dos Engenheiros equipasse este edifício com amortecedores decentes. Alguns destes espécimes são muito delicados. Assim não pode ser. Não pode mesmo ser. — E do interior das pregas da sua longa toga negra fez surgir um lenço manchado, que utilizou para enxugar o rosto.

— Por favor, meu senhor — pediu Tom —, posso dar um salto até às plataformas de observação para ver a caçada, só durante uma meia hora? Há anos que não há uma das boas...

Pomeroy pareceu chocado. — Certamente que não, Aprendiz!

Veja todo o pó que esta malfadada perseguição está a provocar! Todas as vitrinas terão de voltar a ser limpas e verificadas, para garantir que não há estragos.

— Oh, mas isso não é justo! — gritou Tom. — Acabei de limpar o pó desta galeria toda!

Percebeu logo que cometera um erro. O velho Chudleigh Pomeroy nem era muito mau, para um membro do Grémio, mas não gostava de ver um mero Aprendiz de Terceira Classe questionar as suas instruções. Ergueu-se em toda a sua altura (que era apenas um pouco maior que toda a sua largura) e franziu o sobrolho com tal fúria, que a sua tatuagem do Grémio quase desapareceu por entre as espessas sobrancelhas. — A *vida* não é justa, Natsworthy — bramiu. — Mais outro atrevimento destes e vai parar ao serviço na Entranha assim que a caçada terminar!

De todas as horríveis tarefas que um Aprendiz de Terceira Classe tinha de desempenhar, o serviço na Entranha era aquele que Tom mais odiava. Calou-se rapidamente, baixando com humildade o olhar para as biqueiras, muito bem polidas, das botas do Director do Museu.

— Disseram-lhe que tinha de trabalhar neste departamento até às sete horas, e *vai* trabalhar até às sete horas — continuou Pomeroy. — Entretanto, vou consultar os outros conservadores acerca deste horrível tremor...

E saiu logo, sempre a resmungar. Tom ficou a observá-lo enquanto ele desaparecia, depois pegou no seu equipamento e voltou ao trabalho, muito infeliz. Normalmente até não se importava de limpar, sobretudo nesta galeria, com os seus animais amistosos, comidos pelas traças, e com a baleia azul exibindo o seu enorme sorriso triste. Se começasse a ficar aborrecido, refugiava-se muito simplesmente num sonho acordado, no qual ele era um herói que resgatava belas raparigas das garras de piratas aéreos, salvava Londres da Liga Antitracção, e vivia feliz para sempre. Mas como podia ele entrar num sonho acordado, quando o resto da metrópole desfrutava da primeira boa caçada em muitos anos?

Esperou vinte minutos, mas Chudleigh Pomeroy não regressou. Não havia mais ninguém por perto. Era quarta-feira, portanto o Museu não estava aberto ao público, e a maior parte dos membros seniores do Grémio e dos Aprendizes de Primeira e Segunda Classes estariam a gozar um dia de folga. Que mal faria esgueirar-se até lá fora por apenas dez minutos, só para ver o que estava a acontecer? Escondeu o saco de material de limpeza atrás de um iaque que estava ali perto e avançou rapidamente até à porta por entre as sombras dançantes dos golfinhos.

No corredor, também todos os candeeiros de argon dançavam, espalhando a sua luz pelas paredes de metal. Dois membros do Grémio envergando togas negras passaram a grande velocidade, e Tom ouviu a voz esganiçada do velho Dr. Arkengarth queixar-se: — Vibrações! Vibrações! Estão a dar cabo das minhas cerâmicas do século XXXV... — Esperou até que as duas figuras desaparecessem para lá de uma curva do corredor, esgueirando-se depois rapidamente até às escadas mais próximas, pelas quais desceu. Passou pela galeria do século XXI, diante das enormes estátuas de plástico de Pluto e Mickey, deuses com cabeças de animais da América perdida. Correu pela sala principal e pelas galerias cheias de coisas que haviam sobrevivido de algum modo através dos milénios, depois de os Antigos se terem autodestruído naquela terrível saraivada de bombas atómicas e bombas de vírus, lançadas sobre a Terra na Guerra dos Sessenta Minutos. Dois minutos depois, escapava-se por uma entrada lateral, saindo para o meio do barulho e alvoroço da Tottenham Court Road.

O Museu de Londres encontrava-se mesmo no centro da Segunda Plataforma, no movimentado bairro de Bloomsbury, e a parte de baixo da barriga da Primeira Plataforma pendia como um céu ferrugento poucos metros acima do topo dos telhados. Tom não estava muito preocupado com a possibilidade de ser apanhado enquanto abria caminho ao longo da rua escura e cheia de gente até ao Ecrã de Observação, situado no exterior da estação de elevador de Tottenham Court Road. Juntando-se à multidão que se encontrava diante deste, teve um primeiro vislumbre da distante imagem da presa; uma mancha aguada, azul-acinzentado, captada pelas câmaras da Sexta Plataforma.

— *A cidade tem o nome de Salthook* — bramiu a voz do locutor. — *É uma plataforma mineira com novecentos habitantes. Desloca-se neste momento para Este, a uma velocidade de cento e trinta quilómetros por hora, mas o Grémio dos Navegadores prevê que Londres a irá apanhar antes do pôr do Sol. Temos a certeza de que muitas outras cidades estarão à nossa espera para lá da ponte terrestre, prova mais do que evidente de como foi sábio o nosso bem amado Presidente da Câmara, quando decidiu voltar a trazer Londres para este...*

Cento e trinta quilómetros por hora! — pensou Tom com admiração. Era uma velocidade espantosa e ele ansiava por estar lá em baixo, no convés de observação, a sentir o vento no rosto. Provavelmente já tinha arranjado sarilhos com o Sr. Pomeroy. Que diferença faria se ele perdesse mais uns minutos?

Partiu em passo de corrida e chegou depressa a Bloomsbury Park, uma zona ao ar livre na borda da plataforma. Já tinha sido um bom parque, com árvores e lagos para patos, mas devido à recente escassez

de presas fora transformado para a produção de alimentos, e os relvados tinham sido lavrados para dar lugar a leiras de couves e tanques de algas. No entanto, os palanques de observação ainda lá estavam, erguendo-se e ressaltando da borda da plataforma, como se fossem varandas onde os Londrinos podiam ir ver a paisagem movente. Tom dirigiu-se apressadamente para o mais próximo. Uma multidão ainda maior encontrava-se aí reunida, incluindo bastantes pessoas com as roupagens negras do Grémio dos Historiadores, e Tom tentou agir o mais discretamente possível enquanto abria caminho até à frente e espreitava por cima da grade. Salthook encontrava-se apenas a oito quilómetros de distância, viajando a toda a velocidade e lançando um fumo negro pelas chaminés de escape.

— Natsworthy! — gritou uma voz rouca, e Tom sentiu o coração cair-lhe aos pés. Olhou em volta e viu que se encontrava ao lado de Melliphant, um corpulento Aprendiz de Primeira Classe que, com um sorriso sarcástico, lhe disse:

— Não é maravilhoso? Uma pequena e gorda plataforma mineira de sal, com motores terrestres C20? É mesmo disto que Londres está a precisar!

Herbert Melliphant era um rufia do pior tipo, daqueles que não só batem nas pessoas e lhes enfiam a cabeça pela sanita abaixo, mas que também fazem questão de saber todos os segredos das suas vítimas e as coisas que mais as perturbam, para depois poderem escarnecer delas. Ele gostava de atormentar Tom, que era pequeno, envergonhado e não tinha amigos que o defendessem... e Tom não podia provocá-lo, porque a família de Melliphant pagara para que ele fosse Aprendiz de Primeira Classe, enquanto Tom, que não tinha família, não passava de um Aprendiz de Terceira. Tom sabia que Melliphant só se estava a dar ao trabalho de conversar com ele porque tinha esperanças de impressionar uma jovem Historiadora muito bonita chamada Clytie Potts, que se encontrava mesmo atrás deles. Tom concordou, com um aceno de cabeça, e virou-lhe as costas, concentrando-se na perseguição.

— Olhem! — gritou Clytie Potts.

A distância entre Londres e a sua presa diminuía a olhos vistos, e uma forma escura levantara voo de Salthook. Pouco tempo depois via-se outra e outra. Balões dirigíveis! As multidões nos palanques de observação de Londres aplaudiram, e Melliphant disse: — Ah, mercadores aéreos. Sabem que a cidade está perdida, percebes, por isso estão a certificar-se de que fogem antes que nós a comamos. Se não o fizerem, nós podemos confiscar-lhes as suas mercadorias juntamente com tudo o resto que se encontra a bordo!

Tom ficou contente por se aperceber que Clytie Potts parecia terrivelmente entediada com Melliphant; ela estava um ano acima deste e já devia saber aquilo tudo, porque passara os exames do Grémio e tinha a insígnia dos Historiadores tatuada na testa.

— Olhem! — voltou ela a dizer, com um sorriso malicioso, ao reparar no olhar de Tom. — Oh, vejam-nos voar! Não são lindos?

Tom afastou o cabelo solto dos olhos e ficou a observar os dirigíveis subirem cada vez mais alto no ar e desaparecerem por entre as nuvens azul-acinzentado. Por um momento apeteceu-lhe partir com eles, subindo em direcção à luz do sol. Se ao menos os seus pobres pais não o tivessem entregado aos cuidados do Grémio, para se tornar um Historiador! Quem lhe dera poder ser camaroteiro de um dirigível e ver todas as metrópoles do mundo: Puerto Angeles a navegar no azul do Pacífico e Arcanjo deslizando sobre carris de ferro por cima dos gelados mares do Norte, as grandes *ciudades ziggurat* dos Novos Maias e as fortalezas imóveis da Liga Antitracção...

Mas isso era um sonho acordado que seria melhor guardar para alguma tarde mais aborrecida no Museu. Uma nova vaga de aplausos avisou-o de que a perseguição se aproximava do final, e ele esqueceu-se dos dirigíveis e voltou a concentrar a sua atenção em Salthook.

A pequena cidade estava tão perto que ele conseguia ver as figuras das pessoas a correr de um lado para o outro, como formigas, nas plataformas superiores. Como eles deviam estar assustados, com Londres a aproximar-se cada vez mais e sem qualquer esconderijo à vista! Mas Tom sabia que não devia sentir pena deles: era natural que as metrópoles comessem as cidades, exactamente como as cidades comiam cidades mais pequenas e as cidades mais pequenas mordiscavam as miseráveis colónias estáticas. Assim era o Darwinismo Municipal, e era assim que o mundo funcionava havia já milhares de anos, desde que o grande engenheiro Nikolas Quirke transformara Londres na primeira Metrópole de Tracção.

— Londres! Londres! — gritou, juntando a sua voz aos gritos e aplausos de todas as outras pessoas no palanque, que pouco tempo depois foram recompensadas com a imagem de uma das rodas de Salthook a soltar-se. A cidade abrandou até parar por completo, com as chaminés desabando sobre as ruas em pânico, e então as plataformas inferiores de Londres esconderam-na de vista e Tom sentiu tremer as placas do convés, enquanto as enormes Mandíbulas hidráulicas da metrópole se fechavam com estrondo.

Ouviram-se gritos entusiásticos nos palanques de observação de toda a metrópole. Os altifalantes colocados nos pilares de apoio das plataformas começaram a entoar o «London Pride», e alguém que Tom

nunca vira abraçou-o com força e gritou-lhe ao ouvido: — Uma presa! Uma presa! — Ele não se importou, naquele momento adorava todas as pessoas que se encontravam naquela plataforma, até o Melliphant.

— Uma presa! — gritou em resposta, tentando libertar-se. E voltou a sentir tremer as placas do convés. Algures por baixo dele os enormes dentes de aço da metrópole estavam a apanhar Salthook, erguendo-a e arrastando-a para dentro da Entranha.

— ... e talvez o Aprendiz Natsworthy também queira vir — dizia Clytie Potts. — Tom não fazia ideia do que ela estava a falar, mas quando se virou, ela tocou-lhe no braço e sorriu. — Vai haver festa em Kensington Gardens hoje à noite — explicou a rapariga. — Dança e fogo-de-artifício! Queres vir?

As pessoas não costumavam convidar Aprendizes de Terceira Classe para festas, principalmente pessoas tão bonitas e populares como Clytie, e Tom perguntou a si mesmo se ela não estaria a brincar com ele. Mas, obviamente, Melliphant não pensava assim, pois deu um puxão na rapariga e disse: — Nós não queremos pessoas como o Natsworthy lá.

— Porque não? — perguntou ela.

— Bem, tu sabes — disse Melliphant irritado, com a cara quadrada quase tão vermelha como a do Sr. Pomeroy. — Ele não passa de um de Aprendiz de Terceira. Um servente. Nunca vai receber a tatuagem do Grémio. Nunca vai ser mais do que um auxiliar de conservador. Não é Natsworthy? — perguntou, desviando o olhar para Tom. — É uma pena que o teu pai não te tenha deixado dinheiro suficiente para fazeres uma aprendizagem *decente*...

— Não tens nada a ver com isso! — gritou Tom, zangado. A felicidade trazida pela caçada já passara e voltara a ficar nervoso, perguntando a si mesmo que castigo lhe estaria reservado quando Pomeroy descobrisse que ele se escapara. Não estava com disposição para as provocações de Melliphant.

— De qualquer forma, suponho que seja isso que acontece quando se vive numa espelunca das plataformas inferiores — gracejou Melliphant, virando-se uma vez mais para Clytie Potts. — Sabes, a mãe e o pai do Natsworthy viviam lá em baixo, na Quarta Plataforma e quando se deu a Grande Inclinação, foram esborrachados como duas panquecas de framboesa: *plof!*

Tom não lhe queria bater; mas aconteceu. Antes de se dar conta daquilo que estava a fazer, a sua mão encolheu-se num punho firme e saltou.

— Au! — queixou-se Melliphant, apanhado de tal forma de

surpresa que caiu para trás. Alguém aplaudiu, e Clytie abafou uma risada. Tom limitou-se a ficar a olhar para o seu punho que tremia, perguntando a si mesmo como fizera aquilo.

Mas Melliphant era muito maior e mais forte que Tom, e já estava de novo em pé. Clytie tentou agarrá-lo, mas houve outros Historiadores que começaram a incitá-lo e um grupo de rapazes envergando as túnicas verdes dos Aprendizes de Navegadores juntaram-se a eles entoando: — Luta! Luta! Luta!

Tom sabia que as suas hipóteses de vencer Melliphant eram tão boas como as de Salthook vencer Londres. Deu um passo atrás, mas a multidão cercava-o. Nesse momento, o punho de Melliphant acertou-lhe numa das faces e o joelho dele embateu com toda a força entre as pernas de Tom, que se dobrou e afastou a cambalear, com os olhos cheios de lágrimas. Então surgiu-lhe pela frente um vulto tão grande e fofo como um sofá, que *fez* «Ufa!», quando Tom se enterrou nele de cabeça.

O rapaz olhou para cima e viu uma cara redonda, vermelha e de sobrancelhas carregadas, sob uma peruca muito mal disfarçada; uma cara que ficou ainda mais vermelha quando o reconheceu.

— Natsworthy! — gritou Chudleigh Pomeroy. — Em nome de Quirke, que pensa que anda a fazer?

Capítulo 2

Valentine

E assim Tom foi enviado para o serviço na Entranha, enquanto todos os outros aprendizes festejavam a captura de Salthook. Depois de um longo e embaraçoso sermão no gabinete de Pomeroy («Desobediência, Natsworthy... Agredir um Aprendiz superior... Que pensariam os seus pobres pais?»), ele arrastou-se até à estação de Tottenham Court Road e esperou por um elevador que o levasse para baixo.

Quando este chegou, vinha cheio de gente. Os lugares sentados do compartimento superior estavam ocupados por homens e mulheres com um aspecto arrogante, membros do Grémio dos Engenheiros, o mais poderoso dos quatro Grémios que governavam Londres. Eles metiam medo a Tom, com as suas cabeças rapadas e aqueles longos casacos brancos de borracha que utilizavam, por isso ficou de pé na parte inferior, onde a face austera do Presidente da Câmara o observava friamente numa série de cartazes onde se lia: *Movimento é Vida: Ajudem o Grémio dos Engenheiros a manter Londres em movimento!* O elevador desceu e desceu, parando em todas as estações bem conhecidas; Bakerloo, High Holborn, Low Holborn, Bethnal Green; e em cada paragem entravam cada vez mais pessoas para dentro da cabina, esmagando-o de encontro à parede do fundo, até que foi quase um alívio quando chegou lá abaixo e saiu para a confusão de ruídos e movimento da Entranha.

A Entranha era onde Londres desmantelava as cidades que apanhava: uma miscelânea malcheirosa de estaleiros e fábricas entre as Mandíbulas e as casas das máquinas centrais. Tom odiava-a. Era sempre barulhenta e estava apinhada de trabalhadores das plataformas inferiores, que tinham um ar sujo e assustador, e de condenados das Prisões da Entranha Profunda, cujo aspecto era ainda pior. O calor ali em baixo deixava-o sempre com dores de cabeça, o ar carregado de enxofre fazia-o espirrar e a luz tremeluzente dos globos de argónio que iluminavam os caminhos feria-lhe a vista. Mas o Grémio dos Historiadores certificava-se sempre de que lá estavam membros do seu pessoal quando uma cidade era digerida, e hoje teria de se juntar a eles e andar por ali para lembrar os rudes e velhos capatazes da Entranha de que quaisquer livros ou antiguidades que fossem encontrados a bordo da nova presa eram propriedade do seu Grémio e que a história era tão importante como os tijolos, o ferro e o carvão.

Abriu caminho pelo terminal do elevador e dirigiu-se ao armazém do Grémio dos Historiadores, passando por corredores tubulares bordejados por azulejos verdes e estreitos corredores de metal elevando-se muito acima do fogo do abismo infernal que constituía os Estaleiros Digestivos. Muito abaixo dele, conseguia ver Salthook a ser despedaçada. Agora parecia minúscula, diminuída pela imensidão de Londres. Grandes máquinas de desmantelamento amarelas moviam-se em seu redor sobre carris, balouçavam por cima dela sob guindastes e trepavam por ela acima como pernas de aranha hidráulicas. As rodas e os eixos da cidade já tinham sido removidos, e começava agora a trabalhar-se no *chassis*. Serras circulares grandes como Rodas Gigantes atacavam as placas do convés, cobrindo o ar de faíscas. Enormes ondas de calor subiam vindas das fornalhas e fundições, e Tom ainda mal avançara vinte passos, mas já sentia debaixo dos braços o suor a ensopar a sua túnica preta do uniforme.

Mas quando finalmente chegou ao armazém, as coisas começaram a parecer um pouco melhores. Salthook não tinha museu nem biblioteca, e os pequenos montes de coisas das lojas de velharias da cidade já estavam a ser encaixotados para fazerem a sua viagem até à Segunda Plataforma. Se tivesse sorte, talvez fosse autorizado a sair mais cedo e conseguisse apanhar o fim dos festejos! Perguntou a si mesmo que membro do Grémio estaria de serviço naquele dia. Se fosse o velho Arkengarth ou o Dr. Weymouth, ele não tinha hipótese, eles obrigavam sempre os aprendizes a trabalhar todo o turno, quer houvesse qualquer coisa para fazer, quer não. Se fosse a Potty Pewtertide ou a Menina Plym, talvez se safasse...

Mas enquanto se apressava para tentar chegar ao gabinete do supervisor, percebeu que era alguém muito mais importante quem estava de serviço na Entranha naquela noite. Havia uma carruagem estacionada no exterior do gabinete, uma carruagem negra, lustrosa, com o emblema do Grémio pintado no tejadilho, demasiado vistosa para pertencer a qualquer vulgar Historiador. Dois homens que envergavam o uniforme do pessoal dos mais altos quadros do Grémio estavam de pé junto do veículo. Tinham um aspecto grosseiro, apesar do luxo das fardas, e Tom reconheceu-os logo: Pewsey e Gench, os piratas aéreos reabilitados que eram já havia vinte anos os fiéis servidores do Presidente dos Historiadores e pilotavam o *Elevador do 13.º Andar* sempre que ele partia para uma expedição aérea. *Valentine está aqui!* — pensou Tom, tentando não ficar a olhar fixamente enquanto passava por eles, subindo muito depressa as escadas.

Thaddeus Valentine era o herói de Tom: um antigo vasculhador que tivera uma ascensão meteórica, até se tornar o arqueólogo mais famoso de Londres, e depois o Presidente dos Historiadores,

provocando em pessoas como Pomeroy uma grande inveja e desgosto. Tom tinha uma fotografia dele colada à parede do dormitório, sobre a sua cama, e lera os seus livros *Aventuras de um Historiador Prático e América Deserta: Atravessando o Continente Morto com uma Pistola, uma Máquina Fotográfica e um Dirigível*, até os saber de cor. O momento de maior orgulho da sua vida tivera lugar quando tinha doze anos e Valentine viera entregar os prémios de fim de ano dos aprendizes, incluindo aquele que Tom ganhara pela sua dissertação sobre como identificar antiguidades falsas. Ele ainda se lembrava de todas as palavras do discurso que aquele grande homem fizera. «*Nunca se esqueçam, Aprendizes, de que nós, os Historiadores, representamos o Grémio mais importante da nossa metrópole. Não ganhamos tanto dinheiro como os Mercadores, mas produzimos conhecimento, que vale muitíssimo mais. Podemos não ser responsáveis pela condução de Londres, como os Navegadores, mas o que seria dos Navegadores se nós não tivéssemos conservado os mapas e roteiros marítimos antigos? E quanto ao Grémio dos Engenheiros, lembrem-se de que cada máquina que eles desenvolveram ao longo da sua história é baseada em fragmentos de Tecnologia Antiga: a alta tecnologia do passado que os nossos conservadores do museu preservaram ou que os nossos arqueólogos encontraram.*»

A única coisa que Tom conseguira proferir como resposta fora um simples murmúrio:

— Obrigado, Senhor — antes de voltar rapidamente para o seu lugar, por isso nunca lhe ocorreu que Valentine se lembrasse dele. Mas quando abriu a porta do gabinete do supervisor, o grande homem ergueu os olhos da secretária e sorriu.

— É o Natsworthy, não é? O aprendiz especialista em descobrir falsificações? Tenho de ter cuidado hoje, senão vai apanhar-me!

Não fora uma piada lá muito boa, mas ao menos servira para aligeirar a habitual distância que em geral se criava entre um aprendiz e um membro sénior do Grémio, e Tom descontraiu-se o suficiente para deixar de ficar em pé à entrada da porta e entrou, estendendo o recado de Pomeroy. Valentine levantou-se e avançou até ele para recolher o papel. Era um homem alto e esbelto, com quase quarenta anos, de cabelo preto, onde se viam algumas manchas prateadas, e barba preta, bem aparada. Os seus olhos cinzentos e penetrantes mostravam um brilho de boa disposição e na sua testa via-se um terceiro olho; a tatuagem do Grémio dos Historiadores, o olho azul que vê para trás no tempo, que parecia pestanejar agora, enquanto Valentine franzia o sobrolho com um ar inquiridor.

— A lutar, hum? E o que é que o Aprendiz Melliphant fez para merecer um olho negro?

— Ele estava a dizer coisas sobre os meus pais, Senhor — murmurou Tom.

— Estou a ver — assentiu o explorador, olhando para a cara do rapaz. Em vez de lhe fazer um sermão, perguntou: — É o filho de David e Rebecca Natsworthy?

— Sim, Senhor — admitiu Tom. — Mas só tinha seis anos quando se deu a Grande Inclinação... quero dizer, não me lembro bem deles.

Valentine voltou a assentir com a cabeça, e os seus olhos mostravam-se tristes e bondosos.

— Eram bons Historiadores, Thomas. Espero que lhes siga as pisadas.

— Oh, sim, Senhor! — disse Tom. — Quero dizer... também espero que sim! — Pensou na sua pobre mãe e no seu pobre pai, mortos quando parte de Cheapside viera abaixo, caindo sobre a Plataforma inferior. Nunca ninguém falara assim deles antes e sentiu os olhos encherem-se-lhe de lágrimas. Pareceu-lhe que podia contar tudo a Valentine, tudo mesmo, e estava quase a falar-lhe das saudades que sentia dos pais e de como era triste e solitário ser-se um Aprendiz de Terceira Classe, quando um lobo entrou no gabinete.

Era um lobo enorme e branco, e apareceu vindo da porta que dava para o armazém. Assim que viu Tom, foi a correr na direcção dele, exibindo os seus caninos amarelos.

— Aaah! — gritou o rapaz, saltando para uma cadeira. — Um lobo!

— Oh, comporte-se! — disse uma voz de rapariga, e pouco tempo depois ali estava ela, inclinada sobre a fera, enquanto lhe fazia festas no suave montinho de pêlo branco que o animal tinha sob o queixo. Os ferozes olhos cor de âmbar fecharam-se com um ar feliz, e Tom ouviu a cauda roçando na roupa dela.

— Não te preocupes — disse, sorrindo para ele. — Ele é um cordeirinho. Quero dizer, na realidade é um lobo, mas é *amável* como um cordeirinho.

— Tom — disse Valentine, com um brilho divertido nos olhos —, apresento-lhe a minha filha Katherine e o *Cão*.

— *Cão* — Tom desceu da sua cadeira, sentindo-se pateta e ainda um bocado assustado. Tinha pensado que aquele bruto escapara do jardim zoológico de Circle Park.

— É uma longa história — disse Valentine. — A Katherine viveu na metrópole-jangada de Puerto Angeles até aos cinco anos. Nessa altura a mãe dela morreu, e ela veio viver comigo. Eu trouxe o *Cão* de

uma expedição aos Desertos Gelados para lho oferecer, mas nessa altura a Katherine ainda não falava bem anglo, nem sabia que existiam lobos, por isso quando o viu pela primeira vez, disse «Cão!» e o nome acabou por ficar.

— Está perfeitamente domesticado — assegurou a rapariga, ainda sorrindo para Tom. — O Pai encontrou-o quando era ainda uma cria. Teve de matar a mãe dele, mas não foi capaz de acabar com o pobre Cão. Ele adora sobretudo que lhe façamos festas na barriga. Bem, o Cão, não o Pai — disse, rindo-se. — Ela tinha um longo e abundante cabelo negro, os olhos cinzentos do pai e o mesmo sorriso rápido e encantador. Estava vestida com as calças justas de seda e a túnica esvoaçante que faziam furor na Londres Superior naquele Verão. Tom olhou para ela, maravilhado. Já vira fotografias da filha de Valentine, mas nunca se apercebera de como era bela.

— Olha — disse ela. — Ele gosta de ti!

O Cão aproximara-se tranquilamente e cheirava a bainha da túnica de Tom. A sua cauda abanava de um lado para o outro e uma língua molhada e cor-de-rosa passava sobre os dedos do rapaz.

— O Cão costuma gostar das mesmas pessoas que eu — disse Katherine. — Por isso, vamos lá, Pai, apresente-nos como deve ser!

Valentine riu-se. — Bem, Kate, este é o Tom Natsworthy, que foi enviado para nos ajudar, e se o teu lobo já tiver acabado de brincar com ele, acho que teremos de o deixar ir trabalhar. — E, num gesto amigável, pôs a mão no ombro de Tom. — Não há muito para se fazer; vamos só dar uma última vista de olhos pelos Estaleiros e depois... — Olhou de relance para o recado de Pomeroy, depois rasgou-o em pedacinhos e deitou-os no caixote vermelho de reciclagem junto da sua secretária. — Depois podemos ir embora.

Tom não tinha bem a certeza daquilo que mais o surpreendia: Valentine deixá-lo ir-se embora, ou facto de ele próprio ir aos estaleiros. Os Membros Seniores do Grémio em geral preferiam ficar sentados no conforto do escritório e deixar os aprendizes fazer o trabalho difícil lá em baixo, no meio do calor e dos fumos, mas ali estava Valentine, que despia a sua toga negra, punha uma caneta no bolso do seu colete e a parava à entrada para sorrir para Tom.

— Então vamos lá — disse. — Quanto mais depressa começarmos, mais depressa ficará livre para ir à festa de Kensington Gardens...

Foram sempre descendo, com o Cão e Katherine atrás deles, passando pelo armazém e descendo pelas escadas de metal em caracol

até aos Estaleiros Digestivos, onde Salthook parecia encolher a cada minuto que passava. Tudo o que restava agora da cidade era um esqueleto de aço, e as máquinas até isso estavam a despedaçar, arrastando até às fornalhas placas de convés e vigas, para serem derretidas. Entretanto, montanhas de tijolo, ardósia, madeira, sal e carvão avançavam lentamente em correias transportadoras até ao centro da Entranha e restos de mobiliário e provisões eram retirados pelos grupos de recuperadores.

Os recuperadores representavam os verdadeiros líderes daquela parte de Londres, e eles sabiam-no. Movimentavam-se com orgulho pelos estreitos corredores, como se fossem gatos, os troncos nus brilhantes de suor e os olhos escondidos por trás de óculos protectores. Tom sempre tivera medo deles, mas Valentine cumprimentou-os naturalmente, com simpatia, e perguntou-lhes se tinham visto entre os despojos alguma coisa que pudesse ter interesse para o Museu. Por vezes parava e gracejava com eles, ou perguntava-lhes pelas famílias, e tinha sempre o cuidado de lhes apresentar «o meu colega, Senhor Natsworthy». Tom sentia-se cheio de orgulho. Valentine estava a tratá-lo como um adulto, portanto os recuperadores tratavam-no da mesma maneira, tocando nas pontas dos seus capacetes oleosos, com um sorriso, quando se apresentavam. Parecia que todos se chamavam Len, ou Smudger.

— Não liguês ao que dizem destes rapazes lá em cima, no Museu — avisou Valentine, enquanto um dos Lens os levava até uma vagoneta onde já estavam guardadas algumas antiguidades. — Só porque vivem cá em baixo, nos bairros inferiores, e não aspiram os agás, não significa que sejam idiotas. É por isso que gosto de aqui vir em pessoa quando os Estaleiros estão a funcionar. Já muitas vezes vi recuperadores e vasculhadores descobrirem artefactos que alguns Historiadores eram capazes de deixar passar...

— Sim, Senhor... — concordou Tom, lançando um olhar a Katherine. Ansiava por fazer qualquer coisa que impressionasse o Presidente dos Historiadores e a sua bela filha. Se ao menos conseguisse encontrar algum maravilhoso fragmento de Tecnologia Antiga no meio de todo aquele lixo, uma coisa que os fizesse recordar-se dele quando voltassem para o luxo da Londres Superior. Senão, depois daquele passeio pelos estaleiros, talvez nunca mais os voltasse a ver!

Na esperança de os surpreender, apressou-se a chegar à vagoneta e a olhar para o interior. No fim de contas, a Tecnologia Antiga por vezes aparecia *mesmo* nas lojas de antiguidades das pequenas cidades, ou nas pedras das lareiras das casas de senhoras de idade. Imaginem só, ele descobrir um qualquer segredo lendário, como máquinas

voadoras mais pesadas que o ar, ou esparguete enlatado! Mesmo que não fosse nada que pudesse ser utilizado pelo Grémio dos Engenheiros, ainda podia ir parar ao Museu, etiquetado e conservado numa vitrina com o letreiro «Descoberto pelo Sr. T. Natsworthy». Espreitou cheio de esperança para a pilha de objectos recuperados no interior da vagoneta: fragmentos de plástico, pés de candeeiros, um carro terrestre de brincar achatado. Reparou numa pequena caixa de metal, tirou-a para fora, abriu-a e viu o seu rosto reflectido no disco de plástico prateado.

— Senhor Valentine! Veja! Um compacto!

Valentine aproximou-se da caixa e tirou o disco, inclinando-o, de forma que a sua superfície se cobriu com as cores do arco-íris.

— É verdade — disse. — Os Antigos utilizavam isto nos computadores como forma de guardar informação.

— Pode ser importante? — perguntou Tom.

Valentine abanou a cabeça.

— Lamento, Thomas. Embora as pessoas antigamente vivessem apenas em colónias estáticas, as suas máquinas electrónicas eram muitíssimo superiores a qualquer coisa que os Engenheiros de Londres alguma vez conseguiram construir. Mesmo que ainda haja alguma coisa guardada neste disco, não temos forma de ler essa informação. Mas é uma boa descoberta. Fica com ela, nunca se sabe.

E afastou-se, enquanto Tom punha o compacto de novo no interior da sua caixa, guardando-o no bolso. Mas Katherine deve ter sentido o desapontamento de Tom, porque tocou na sua mão e disse: — É lindo, Tom. Tudo aquilo que tenha sobrevivido tantos milhares de anos é lindo, tenha ou não alguma utilidade para o horrível Grémio dos Engenheiros. Tenho um colar feito de velhos discos de computador... — Ela sorriu-lhe. Era tão adorável como as raparigas dos seus sonhos acordado, mas mais simpática e divertida, e ele percebeu que a partir daquele momento as heroínas que salvaria, na sua imaginação, seriam sempre a Katherine Valentine.

Não havia mais nada de interessante na vagoneta; Salthook fora uma cidade prática, demasiado ocupada a mastigar o velho leito do mar para se preocupar em descobrir o passado. Mas em vez de voltar directamente para o armazém, Valentine levou os seus companheiros a subir, passando por um corredor muito estreito, até à Estação de Recepção, onde os antigos habitantes faziam fila para darem os seus nomes ao Secretário de Admissão e serem levados para as suas novas moradas nos albergues e asilos de Londres.

— Mesmo quando não estou de serviço — explicou —, faço

sempre questão de vir cá abaixo ver os vasculhadores quando capturamos uma presa, antes que eles vendam os seus achados nos mercados de antiguidades da Quinta Plataforma e desapareçam para o Terreno Exterior.

Havia sempre alguns vasculhadores a bordo de uma presa — vagabundos sem cidade que vagueavam pelo Terreno de Caça a pé, escavando pedaços de Tecnologia Antiga. Salthook não era excepção; no final de uma longa fila de pobres habitantes da cidade via-se um grupo ainda mais esfarrapado que os restantes, envergando casacos longos e rasgados que lhes chegavam aos tornozelos, com máscaras e óculos protectores pendurados em volta dos grossos pescoços.

Como a maioria dos londrinos, Tom sentia-se horrorizado pela ideia de que ainda havia pessoas que *viviam* mesmo na terra firme. Deixou-se ficar para trás, com Katherine e o *Cão*, enquanto Valentine se aproximava para falar com os vasculhadores. Estes rodearam-no, todos excepto um, alto e magro, que vestia um casaco preto... uma rapariga, pensou Tom, embora não tivesse a certeza, pois ela usava um lenço preto que lhe tapava o rosto, como os turbantes dos nómadas do deserto. Ele ficou junto da rapariga e viu Valentine apresentar-se aos outros vasculhadores e perguntar: — Então... algum de vocês encontrou alguma coisa que o Grémio dos Historiadores possa estar interessado em comprar?

Alguns homens assentiram, outros abanaram a cabeça e outros começaram a vasculhar nas suas enormes mochilas. A rapariga do lenço preto na cara enfiou uma mão no interior do casaco e disse: — Eu tenho uma coisa para ti, Valentine. — Tinha falado tão baixo que só Tom e Katherine a ouviram, e quando se viraram para olhar, ela saltou subitamente para a frente, empunhando uma longa faca de lâmina fina.

Capítulo 3

A Calha De Escoamento

Não houve tempo para pensar: Katherine gritou, o *Cão* rosnou, a rapariga hesitou por um momento e Tom vislumbrou a sua oportunidade e atirou-se para a frente, agarrando-lhe o braço, quando ela apontava a faca ao coração de Valentine. Ela sibilou e contorceu-se, e a faca caiu no convés logo que a rapariga se conseguiu libertar para sair a correr pelo corredor.

— Agarrem-na! — gritou Valentine, começando a correr, mas os outros refugiados tinham visto a faca e andavam de um lado para o outro, assustados, impedindo-lhe a passagem. Muitos dos vasculhadores exibiam as suas armas de fogo e no meio da multidão surgiu um polícia de armadura, como uma enorme barata azul, que gritava: — Não são permitidas armas em Londres!

Espreitando sobre as cabeças dos vasculhadores, Tom vislumbrou uma silhueta escura que se destacava no brilho distante das fornalhas. A rapariga estava no extremo oposto do corredor, subindo agilmente outro lanço de escadas para um nível superior. Ele correu atrás dela e tentou agarrar-lhe o tornozelo quando a rapariga chegou ao cimo. Falhou por alguns centímetros e nesse preciso momento uma seta passou por ele, soltando faíscas ao embater nas escadas. Olhou para trás. Dois outros polícias abriam caminho pela multidão, com arcsos em punho. Atrás deles conseguia ver Katherine e o seu pai a observá-lo. — Não disparem! — gritou. — Eu consigo apanhá-la!

Saltou para as escadas e subiu-as ansiosamente, determinado a ser ele a capturar a pretensa assassina. Sentia o coração bater de excitação. Depois de todos aqueles insípidos anos a sonhar com aventuras, de repente estava mesmo a ter uma! Salvava a vida do Sr. Valentine! Era um herói!

A rapariga já avançava pelo labirinto dos corredores mais altos que levavam até ao bairro das fornalhas. Esperando que Katherine ainda o conseguisse ver, Tom lançou-se em sua perseguição. O corredor bifurcava e estreitava, os corrimãos separados por apenas um metro. Debaixo dele o trabalho nos Estaleiros de Digestão continuava sem interrupção; ninguém lá em baixo se apercebera do drama que se desenrolava sobre as suas cabeças. Mergulhou por entre sombras profundas e nuvens de vapor quentes e ofuscantes, sempre com a rapariga a fugir uns metros à sua frente. O lenço dela prendeu-se num tubo baixo e rasgou-se. O seu longo cabelo tinha um tom acobreado sob o brilho fraco das fornalhas, mas Tom ainda não lhe conseguia ver

a cara. Pensou se ela seria bonita; uma bela assassina da Liga Antitracção.

Desviou-se do lenço esvoaçante para passar e continuou a correr, respirando com dificuldade e apertando com a mão o colarinho aberto. Desceu uma vertiginosa escada de ferro em espiral e saiu para o chão dos Estaleiros Digestivos, passando em grande velocidade pelas sombras das correias transportadoras e dos enormes tanques de gás esféricos. Um grupo de condenados a trabalhos forçados olhou para cima, com espanto, observando a rapariga passar a correr.

— Agarrem-na! — gritou Tom. Eles apenas continuaram a olhar, boquiabertos, enquanto Tom passava, mas ele reparou, quando olhou para trás, que um dos Engenheiros Aprendizes que supervisionava o grupo abandonara o trabalho para se juntar à perseguição. Tom arrependeu-se imediatamente de ter gritado. Não ia deixar a sua vitória para um Engenheiro estúpido! Acelerou ainda mais, para ser ele a apanhá-la.

Lá à frente, o caminho estava bloqueado por um buraco circular no chão do convés, rodeado por grades ferrugentas: uma calha de escoamento, chamuscada e escurecida, por onde as escórias das fornalhas tinham sido atiradas. A rapariga abrandou o passo por um momento, tentando decidir que caminho tomar. Quando voltou a avançar, Tom aproximara-se. Os seus dedos esticados agarraram a mochila dela; a alça rompeu-se, e ela parou virando-se para ele, iluminada pelo brilho vermelho das fundições.

Ela era da idade de Tom e era feíssima. Um cicatriz horrível percorria-lhe a face, desde a testa até ao maxilar, fazendo-a parecer um retrato que fora furiosamente rasgado de lado a lado. A sua boca era torcida para o lado, num constante esgar de escárnio, o nariz parecia uma batata amassada e o seu único olho, tão cinzento e frio como o mar no Inverno, observava-o pelo meio do monte de destroços que era aquele rosto.

— Porque não me deixaste matá-lo? — sibilou.

Ele estava tão chocado que não se conseguia mexer nem falar, só conseguia ficar a olhar, enquanto a rapariga se baixava para apanhar a mochila caída e se virava para voltar a fugir. Mas atrás dele ouviam-se os apitos da polícia, e as setas lançadas pelos seus arcos embateram violentamente nas placas de metal do chão e nas condutas sobre as suas cabeças, soltando faíscas a toda a volta. A rapariga largou a mochila e caiu para o lado, soltando um palavrão nojento. Tom não fazia sequer ideia de que as raparigas podiam *conhecer* tais palavras.

— Não disparem! — gritou ele, acenando em direcção aos polícias. Eles desciam precipitadamente a escada em espiral do lado

de lá dos tanques de gás, disparando enquanto avançavam, como se não se preocupassem muito por Tom estar no caminho. — Não disparem!

A rapariga levantou-se a custo, e ele viu que uma seta lhe tinha perfurado a perna mesmo acima do joelho. Ela agarrou-se à ferida, e via-se o sangue escorrer-lhe por entre os dedos. A sua respiração vinha em soluços enquanto recuava até se encostar à grade e depois se debruçava sobre ela desajeitadamente. Atrás dela, a calha de escoamento parecia uma enorme boca aberta que a esperava.

— NÃO! — gritou Tom, percebendo aquilo que ela pretendia fazer. Já não se sentia um herói, só sentia pena daquela pobre e horrível rapariga, e culpa por ter sido ele a *levá-la* àquela armadilha. Estendeu-lhe a mão, para ela não saltar. — Não te podia deixar magoar o Sr. Valentine! — disse, gritando para que ela o conseguisse ouvir sobre a confusão da Entranha. — Ele é um bom homem, simpático, corajoso, maravilhoso...

A rapariga atirou-se para a frente, virando para ele a sua horrorosa cara sem nariz.

— Olha para mim! — disse, com a voz distorcida pela boca torta. — Vê aquilo que o teu simpático e corajoso Valentine me fez!

— Que queres dizer com isso?

— Pergunta-lhe! — gritou. — Pergunta-lhe o que fez ele à Hester Shaw!

A polícia estava agora mais perto; Tom sentia os seus passos a ecoarem no chão. A rapariga olhou para trás dele, depois ergueu a sua perna ferida por cima da grade, gritando de dor. — Não! — voltou a pedir Tom, mas era tarde de mais. O seu sobretudo rasgado pareceu abrir-se ao vento e ela desapareceu. Ele atirou-se para a frente e espreitou para baixo, para o fundo da calha de escoamento. Uma corrente de ar frio subiu até ele, misturada com o cheiro de lama e de vegetação esmagada; o cheiro da terra que passava veloz sob a metrópole.

— Não!

Ela saltara! Ela saltara da metrópole directamente para a morte! *Hester Shaw*, Tinha de se lembrar daquele nome e rezar uma oração por ela a um dos muitos deuses de Londres.

Começaram a surgir umas silhuetas vindas do lado de lá do fumo esvoaçante. Os polícias avançavam com cautela, como caranguejos atentos, e Valentine estava com eles, correndo à frente. Nas sombras, debaixo de um tanque de gás, Tom viu o jovem Engenheiro a olhar, chocado. Tom tentou sorrir para ele, mas sentia a cara congelada, e

logo de seguida uma nova nuvem de fumo tinha-o envolvido, enevoando tudo em seu redor.

— Tom! Está bem? — Valentine subiu a correr até junto dele, quase sem se apresentar sequer ofegante pela longa perseguição.

— Onde está ela? Onde está a rapariga?

— Morta — disse Tom, sem saber muito bem o que fazer.

Valentine pôs-se ao seu lado, junto da grade e espreitou. As sombras das nuvens de fumo movimentavam-se sobre o rosto dele como teias de aranha. Tinha um brilho estranho nos olhos e a cara rígida, branca e assustada. — Viste-a, Tom? Ela tinha uma cicatriz?

— Sim — confirmou Tom, pensando como podia Valentine saber aquilo. — Era horrível! Não tinha olho, e o nariz... — Depois lembrou-se da coisa terrível que a rapariga lhe dissera. — E ela disse... — Mas não tinha a certeza se deveria contar ao Sr. Valentine o que ela dissera. Era uma mentira, uma loucura. — Ela disse que se chamava Hester Shaw.

— Pelo grande Quirke! — sibilou Valentine, e Tom recuou, assustado, desejando nunca ter mencionado aquilo. Mas quando voltou a olhar para cima, Valentine sorria-lhe com simpatia, os olhos cheios de tristeza. — Não te preocupes, Tom — disse. — Lamento...

Tom sentiu uma mão grande e amigável sobre o seu ombro e depois... Nunca percebeu muito bem como aquilo acontecera, um aperto, um encontrão, e ele estava a passar por cima da grade e a cair, tal como Hester Shaw caíra, tentando como um louco agarrar-se de alguma maneira ao metal liso da borda da calha de escoamento. *Ele empurrou-me!* — pensou, e foi mais espanto do que medo aquilo que sentiu, enquanto a garganta negra o engolia para a escuridão.

Capítulo 4

O Terreno Exterior

Silêncio. Silêncio. Ele não percebia. Mesmo quando Londres estava parada, havia sempre algum ruído no dormitório; o zumbido dos ventiladores, o murmúrio e os abanões dos distantes poços de elevadores, o ressonar de outros aprendizes nos beliches vizinhos. Mas agora... silêncio. Doía-lhe a cabeça. Na verdade, doía-lhe *tudo*. Para além disso, a cama também lhe parecia estranha e, quando mexeu as mãos, elas tocaram numa substância fria e viscosa, que lhe escorria por entre os dedos como...

LAMA! Ele sentou-se, com a respiração ofegante. Era evidente que não estava no dormitório da Terceira Classe. Estava deitado num enorme monte de lama, mesmo à beira de uma trincheira profunda, e sob a luz ténue e acinzentada do nascer do Sol conseguia ver a rapariga da cara desfeita sentada ali perto. O seu horrível sonho de deslizar pela calha enegrecida pelo fogo tinha sido verdade: ele caíra para fora de Londres e estava sozinho com Hester Shaw em terra firme!

Gemeu de terror e a rapariga olhou rapidamente para ele, voltando-se depois para o outro lado. — Então estás vivo — disse ela. — Pensei que tinhas morrido — acrescentou, com indiferença.

Tom pôs-se de gatas, de maneira que só os seus joelhos, as pontas dos pés e as palmas das mãos tocassem na lama. Tinha os braços descobertos e, quando olhou para baixo, percebeu que o seu corpo magoado estava despido da cintura para cima. A túnica estava na lama, perto dali, mas não conseguia encontrar a camisa em lado nenhum, até que se arrastou para junto da rapariga da cicatriz e percebeu que ela estava ocupada a rasgar a camisa em tiras com as quais depois ligava a perna ferida.

— Ei! — exclamou. — Essa é uma das minhas melhores camisas!

— E então? — retorquiu sem olhar para cima. — Esta é uma das minhas melhores pernas.

Ele vestiu a túnica. Estava rasgada e imunda por causa da queda pela calha de escoamento abaixo, cheia de aberturas que deixavam passar o ar frio do Terreno Exterior. Apertou os braços contra o peito, com um arrepio. *Valentine empurrou-me! Ele empurrou-me, e eu caí pela calha até ao Terreno Exterior! Ele empurrou-me... Não, ele não pode ter feito isso. Deve ter sido um engano. Eu escorreguei, e ele tentou agarrar-me, deve ter sido isso que aconteceu.*

Hester Shaw acabou de ligar a perna e levantou-se, resmungando por causa da dor, enquanto vestia as calças imundas e ensanguentadas, que lhe roçavam na ferida. Depois atirou aquilo que restava da camisa de Tom, um farrapo inútil, na direcção dele.

— Devias ter-me deixado matá-lo — disse ela, e depois virou-se de costas e partiu coxeando sobre a longa elevação de lama, cheia de fúria.

Tom viu-a partir, demasiado chocado e desconcertado para se conseguir mexer. Foi só quando ela desapareceu pelo outro lado da elevação que ele percebeu que não queria ficar ali sozinho; preferia a companhia de qualquer pessoa, mesmo a dela, ao silêncio.

Atirou para longe a camisa rasgada e correu atrás da rapariga, deslizando na lama grossa e peganhenta, batendo com os dedos dos pés em pedaços de rocha e raízes soltas. A vala profunda e íngreme formava um abismo do seu lado esquerdo, e quando chegou ao alto da elevação, apercebeu-se de que aquela era apenas uma de centenas de valas semelhantes; os rastros enormes deixados pelos tractores de Londres estendiam-se como uma linha recta que rasgava o horizonte. Muito, muito ao longe, conseguiu ver a sua metrópole, um ponto escuro contrastando com o brilhante céu oriental, envolta no fumo dos seus próprios motores. Sentiu a pontada profunda causada pelas saudades de casa. Todas as pessoas que alguma vez conhecera encontravam-se a bordo daquela montanha que parecia desaparecer no horizonte, todas excepto Hester, que coxeava, zangada, atrás da metrópole, arrastando a sua perna ferida.

— Pára! — gritou, meio a correr, meio a arrastar-se, para a apanhar. — Hester! Menina Shaw!

— Deixa-me em paz! — vociferou ela.

— Mas aonde é que vais?

— Tenho de voltar a Londres, não achas? — disse ela. — Levei dois anos a encontrá-la, avançando pelo Terreno Exterior a pé, entrando em pequenas cidadelas na esperança de que Londres as apanhasse. E quando finalmente lá chego e encontro o Valentine, que foi até aos estaleiros para dar uma vista de olhos, tal como os vasculhadores me disseram que ele faria, que acontece? Surge um idiota que me impede de lhe arrancar o coração, como ele merece. — Disse aquilo e parou de andar, virando-se para Tom. — Se não tivesses metido o nariz aonde não eras chamado ele estaria morto, e eu teria caído e morrido com ele, e por esta altura estaria em paz!

Tom olhou para ela, e antes que se pudesse conter, os seus olhos encheram-se de lágrimas ardentes. Odiava-se por fazer figura de parvo

diante de Hester Shaw, mas não conseguia evitá-lo; o choque por aquilo que acabara de lhe acontecer e a ideia de ser abandonado ali fora esmagavam-no, e lágrimas quentes começaram a escorrer-lhe pela cara, abrindo carreiros brancos na lama que lhe cobria a face.

Hester, que já estava para se ir embora, parou e ficou a olhar, como se não tivesse bem a certeza do que lhe estava a acontecer.

— Estás a chorar! — disse, por fim, num tom suave, muito surpreendida.

— Desculpa — fungou ele.

— Eu nunca choro. Não consigo. Nem sequer chorei quando o Valentine assassinou a minha mãe e o meu pai.

— O quê? — A voz de Tom saía aos soluços por causa do choro. — O Senhor Valentine nunca seria capaz de fazer uma coisa dessas! A Katherine disse que ele nem sequer conseguiu matar uma cria de lobo. Estás a mentir!

— Então como é que vieste aqui parar? — perguntou, num tom de escárnio. — Ele empurrou-te atrás de mim, não foi? Só porque me tinhas visto.

— Estás a mentir! — repetiu Tom. Mas lembrou-se daquelas mãos grossas, atirando-o para a frente; lembrou-se de cair, e do brilho estranho nos olhos do arqueólogo.

— Então? — perguntou Hester.

— Ele empurrou-me! — murmurou Tom, espantado.

Hester Shaw limitou-se a encolher os ombros, como que dizendo, *Vês? Vês como ele é na realidade?* Depois virou-se de costas e começou a afastar-se.

Tom apressou o passo para chegar até junto dela. — Eu vou contigo! Também tenho de voltar a Londres! Eu ajudo-te!

— Tu? — Ela deu uma gargalhada estridente e cuspiu para a lama junto aos pés dele. — Pensei que eras um homem do Valentine. Agora queres ajudar-me a matá-lo?

Tom abanou a cabeça. Não sabia o que queria. Parte dele ainda se agarrava à esperança de que tudo não passasse de um mal-entendido e Valentine fosse bom, afável e corajoso. Certamente não o queria ver assassinado e a pobre Katherine sem pai... Mas ele *tinha* de apanhar Londres de alguma forma, e não o conseguia fazer sozinho. E, para além disso, sentia-se responsável por Hester Shaw. Afinal, fora por sua causa que ela ficara ferida.

— Eu ajudo-te a andar — disse. — Estás ferida. Precisas de mim.

— Eu não preciso de ninguém — retorquiu ela, furiosa.

— Vamos atrás de Londres juntos — afirmou Tom. — Eu sou membro do Grémio dos Historiadores. Eles vão ouvir-me. Falarei com o Senhor Pomeroy. Se o Valentine fez mesmo as coisas de que o acusas, terá de responder perante a lei!

— A *lei*? — escarneceu ela. — Valentine representa a lei em Londres. Não é ele o favorito do Presidente da Câmara? Não é o Presidente dos Historiadores? Não, ele mata-me, se eu não o matar primeiro. Provavelmente também te mata a ti. *Tchinnng!* — Ela fez o gesto de desembainhar uma espada e trespassar o peito de Tom com ela.

O sol subia no céu, erguendo nuvens de vapor da lama molhada. Londres ainda se movia, nitidamente mais pequena desde a última vez que ele olhara para lá. Depois de alimentada, a metrópole costumava parar durante alguns dias e, como uma parte do seu cérebro não se encontrava completamente adormecida, Tom pensou: *Aonde raio é que ela vai?*

Mas nesse preciso momento a rapariga tropeçou e caiu, ficando a perna ferida debaixo do seu corpo. Tom arrastou-se até ela, para a ajudar a levantar-se. Ela não lhe agradeceu, mas também não o afastou. Ele pôs o braço dela sobre os ombros e levantou-a, e partiram juntos pelo caminho de lama, seguindo as marcas deixadas por Londres em direcção a Leste.

Capítulo 5

O Presidente Da Câmara

Cento e sessenta quilómetros mais à frente, o sol brilhava em Circle Park, a elegante álea circular de relvados e canteiros floridos que rodeava a Primeira Plataforma. Os seus lagos decorativos brilhavam e os caminhos resplandeciam devido ao orvalho, e todas estas imagens reflectiam o seu brilho nos pináculos de metal branco da Casa de Clio, a moradia de Valentine, que se erguia no extremo do parque por entre cedros escuros, como uma gigantesca concha ali deixada por uma caprichosa maré alta.

No seu quarto, no andar superior, Katherine acordou e deixou-se ficar deitada a observar os raios de sol que passavam pelas persianas de casca de tartaruga da janela. Sabia que se sentia infeliz, mas inicialmente não se lembrava porquê.

Depois lembrou-se da noite anterior; o ataque na Entranha e como aquele pobre, amável e jovem aprendiz perseguira a assassina e acabara por morrer. Ela correrá atrás do Pai, mas quando tinha chegado à calha de escoamento, já tudo terminara; um jovem Engenheiro Aprendiz afastava-se aos tropeções, com uma cara de espanto, quase tão branca como o seu casaco de borracha, e por trás dele estava o Pai, com um ar pálido e zangado, rodeado de polícias. Ela nunca o vira com aquele aspecto, nunca lhe ouvira aquela voz áspera e terrível, que lhe gritava para ir imediatamente para casa.

Parte dela só se queria encolher e voltar a adormecer, mas tinha de o ver e certificar-se de que ele estava bem. Atirou a colcha para um lado e levantou-se, vestindo as roupas da noite anterior que estavam todas amarrotadas no chão, ainda com o cheiro das fornalhas.

Do lado de fora da porta do quarto havia um corredor com um tecto abaulado, que descia ligeiramente e se enrolava sobre si mesmo como o interior de uma amonite. Desceu-o apressadamente, fazendo uma pausa para prestar homenagem à estátua de Clio, deusa da História, que se encontrava num nicho no lado de fora da porta da sala de jantar. Noutros nichos encontravam-se tesouros que o Pai trouxera das suas expedições: pedaços de louça, fragmentos de teclados de computador e os crânios de metal ferrugentos dos Caçadores, esses soldados estranhos, semimecânicos, de uma guerra esquecida. Os seus olhos de vidro quebrados pareciam lançar olhares sinistros a Katherine, enquanto ela passava rapidamente.

O Pai estava a beber café no átrio, o grande espaço aberto no centro da casa. Estava ainda de roupão, o rosto comprido com uma

expressão séria, enquanto andava de um lado para o outro por entre os vasos de fetos. Katherine viu logo pelos olhos dele que não tinha dormido nada.

— Pai? — perguntou. — Que aconteceu?

— Oh, Kate! — Ele aproximou-se e abraçou-a com força. — Que noite!

— Aquele pobre rapaz — murmurou Katherine. — Pobre Tom! Suponho que eles não tenham... *encontrado* nada?

Valentine abanou a cabeça.

— A assassina arrastou-o com ela quando saltou. Ficaram ambos afogados na lama do Terreno Exterior, ou foram esmagados pelos tractores.

— Oh — murmurou Katherine, sentando-se na borda da mesa e mal se apercebendo da chegada do *Cão*, que se aproximou dela e deitou a cabeça no seu joelho. *Pobre Tom!* — pensou. Fora tão amável, com tanta vontade de agradar. Ela gostara mesmo dele. Até pensara na hipótese de pedir ao Pai para o convidar para trabalhar lá em cima, na Casa de Clio, para que ela e o *Cão* o pudessem conhecer melhor. E agora estava morto, a sua alma voara para o País sem Sol e o seu corpo jazia frio na lama molhada, algures nos sulcos deixados pela metrópole.

— O Presidente da Câmara não está contente — disse Valentine olhando para o relógio. — Uma assassina à solta na Entranha no primeiro dia do regresso de Londres ao Terreno de Caça. Vem até aqui em pessoa para discutirmos o caso. Ficas comigo enquanto espero por ele? Podes comer o resto do meu pequeno-almoço se quiseses. Há café na mesa... pão... manteiga. Não tenho apetite nenhum.

Katherine também não tinha apetite, mas olhou para a comida e reparou numa mochila de couro já muito usada que se encontrava no extremo oposto da mesa. Era a mochila que a rapariga assassina deixara cair na Entranha na noite anterior, com o conteúdo espalhado em volta, como se tudo aquilo fizesse parte de um extraordinário museu: uma garrafa de água de metal, um estojo de primeiros socorros, um bocado de cordel, alguns pedaços de carne seca que parecia mais rija do que solas de botas velhas e uma folha de papel manchada e amachucada com uma fotografia agrafada. Katherine pegou nela. Era uma ficha de identidade, emitida numa cidade chamada «Strole», imunda, quase sem cor, que começava a desfazer-se nas dobras. Antes de observar melhor aquilo que estava escrito, reparou na fotografia. Ficou quase sem respiração. — Pai! A cara dela!

Valentine virou-se, viu-a a segurar no papel e arrancou-o das suas

mãos com um grito furioso. — Não, Kate! Isso não é para os teus olhos! Não é para os olhos de ninguém...

Puxou do isqueiro e, cuidadosamente, pegou fogo a um canto da ficha, dobrando-a para dentro do cinzeiro sobre a sua secretária, enquanto ardia. Depois voltou a andar para trás e para a frente, e Katherine ficou sentada a observá-lo. Nos dez anos que vivera em Londres, Katherine habituara-se a pensar nele como o seu melhor amigo, para além de seu pai. Gostavam das mesmas coisas, riam-se das mesmas piadas e nunca guardavam segredos um para o outro... mas ela apercebia-se de que ele estava a esconder-lhe qualquer coisa acerca desta rapariga. Nunca o vira tão preocupado com nada. — Quem é ela, Pai? — perguntou. — Conhece-a de uma das suas expedições? Ela é tão nova e tão... que lhe aconteceu à *cara*?

Ouviram-se passos, uma pancada na porta, e Pewsey entrou de rompante na divisão. — O Presidente da Câmara vem a caminho, Chefe.

— Já? — disse Valentine, mal querendo acreditar.

— É verdade. O Gench acabou de o ver atravessar o parque na sua carruagem. Disse que não estava com um ar nada satisfeito.

Valentine também não estava com um ar satisfeito. Pegou na sua toga que estava ainda nas costas da cadeira para onde a atirara e começou a tentar pôr-se apresentável. Katherine aproximou-se para o ajudar, mas ele fez sinal para ela se afastar, por isso ela beijou-o rapidamente na face e saiu apressada com o *Cão* atrás de si. Através das grandes janelas ovais da sala de visitas, ela viu uma enorme carruagem branca, oficial, que entrava pelos portões da Casa de Clio. Um esquadrão de soldados corria à frente dela, envergando a armadura vermelha brilhante dos *Beefeaters*, a guarda pessoal do Presidente da Câmara. Os soldados tomaram as suas posições no jardim, como se fossem aqueles bonecos horríveis que servem de enfeites para os relvados, enquanto Gench e um dos outros criados se apressaram a chegar junto da carruagem e abrir a sua porta de glástico. O Presidente da Câmara saiu e avançou rapidamente para o interior da casa.

Magnus Crome era o líder de Londres havia já perto de vinte anos, mas ainda não se *parecia* com um Presidente da Câmara. Os Presidentes da Câmara que Katherine via nos seus livros de História eram homens gordos, de cara vermelha e alegre, mas Crome era magro como um corvo velho e ainda mais carrancudo. Nem sequer usava a toga escarlata que outrora representara o orgulho e alegria de outros presidentes, mas continuava a usar o seu longo casaco branco de borracha e a roda vermelha do Grémio dos Engenheiros na testa.

Esses primeiros Presidentes da Câmara tinham removido as suas tatuagens de Grémio para mostrar que estavam a servir Londres inteira, mas as coisas tinham mudado desde que Crome assumira o poder, e embora existissem pessoas que diziam ser injusto um homem ser Presidente dos Engenheiros e Presidente da Câmara, mesmo esses admitiam que Crome fazia um bom trabalho a governar a metrópole.

Katherine não gostava dele. Nunca gostara dele, muito embora ele tivesse sido tão bom para o Pai, e não estava com disposição nenhuma para se encontrar com ele naquela manhã. Assim que viu a íris da porta principal abrir-se, correu para o corredor e começou a subi-lo, chamando numa voz suave para que o *Cão* a seguisse. Parou assim que passou para lá da primeira curva, escondendo-se num nicho pouco profundo e pousando as pontas dos dedos na cabeça do lobo para que ele não se mexesse. Apercebia-se de que algum problema terrível estava a perturbar o Pai, e não o ia deixar esconder-lhe a verdade como se ela ainda se tratasse de uma criancinha.

Alguns segundos mais tarde, viu Gench chegar à porta do átrio, segurando o chapéu nas duas mãos.

— Por aqui, sua honrada Senhoria — murmurou, fazendo uma vénia. — Tenha cuidado, Vossa Excelência.

Não muito atrás vinha Crome. Fez uma curta pausa, a cabeça movendo-se de um lado para o outro, como um réptil, e Katherine sentiu o seu olhar percorrer o corredor como um vento vindo dos Desertos Gelados. Ela chegou-se ainda mais para o interior do nicho e rezou a Quirke e Clio para que ele não a visse. Por um momento conseguiu ouvir a respiração dele, assim como os ligeiros estalidos do seu casaco de borracha. Depois Gench indicou-lhe o caminho de entrada para o átrio e o perigo passou.

Com uma mão firmemente apertada na coleira do *Cão*, ela rastejou até à porta e pôs-se à escuta. Conseguiu ouvir a voz do Pai e imaginou-o de pé junto da fonte decorativa enquanto os seus homens indicavam a Crome um lugar para se sentar. Começou por fazer um comentário qualquer acerca do tempo, mas a voz fria e aguda do Presidente da Câmara interrompeu-o. — Estive a ler o seu relatório da aventura de ontem, Valentine. Mas você tinha-me assegurado de que tratara de toda a família.

Katherine afastou-se da porta com um movimento súbito, como se esta a tivesse queimado. Como é que o velho se atrevia a falar com o Pai daquela maneira! Não queria ouvir mais nada, mas a curiosidade levou a melhor e ela voltou a encostar o ouvido à madeira.

— ... um fantasma vindo do meu passado — estava o Pai a dizer. — Não faço ideia de como ela escapou. E Quirke saberá onde é que

ela aprendeu a ser tão ágil e astuta. Mas agora está morta. Assim como o rapaz que a apanhou, pobre Natsworthy...

— Tem a certeza disso?

— Eles caíram da metrópole, Crome.

— Isso não quer dizer nada. Estamos a passar sobre terreno macio; podem ter sobrevivido. Devia ter enviado homens para investigar. Lembre-se, nós não sabemos o que sabia a rapariga acerca do trabalho da mãe. Se ela disser a outra metrópole que temos a MEDUSA antes de estarmos prontos para a usarmos...

— Eu sei, eu sei — assentiu Valentine, irritado, e Katherine ouviu o estalido de uma cadeira quando ele se atirou para cima dela. — Eu volto lá, no *Elevador do 13.º Andar* e vejo se consigo encontrar os corpos...

— Não — ordenou Crome. — Tenho outros planos para si e para o seu dirigível. Quero que voe para a frente e veja aquilo que se encontra entre Londres e o seu objectivo.

— Crome, isso é trabalho para um dirigível de reconhecimento da Comissão de Planeamento, não para o *Elevador*...

— Não — vociferou Crome de novo. — Não quero demasiadas pessoas a saberem para onde vamos levar a cidade. Saberão na altura própria. Além disso, tenho uma tarefa em mente que só a si pode ser confiada.

— E a rapariga? — perguntou Valentine.

— Não se preocupe com ela — disse o Presidente da Câmara. — Tenho um agente em quem se pode confiar para a descobrir e acabar o serviço que você não foi capaz de concluir. Concentre-se em preparar o dirigível, Valentine.

A reunião estava a chegar ao fim. Katherine ouviu o Presidente da Câmara preparar-se para sair, e subiu rapidamente pelo corredor antes que a porta se abrisse, o cérebro rodopiando ainda mais depressa do que um daqueles secadores de roupa no Salão de Tecnologia Antiga do Museu de Londres.

De volta ao seu quarto, sentou-se para pensar nas coisas que ouvira. Quisera resolver um mistério e afinal apenas conseguira que ele se tornasse ainda mais obscuro. A única coisa de que tinha a certeza era que o Pai guardava um segredo. Ele nunca lhe escondera nada. Dizia-lhe sempre tudo, perguntava-lhe a sua opinião e escutava os seus conselhos, mas agora sussurrava com o Presidente da Câmara sobre a rapariga ser «*um fantasma do seu passado*» e alguns agentes serem enviados para a encontrar e fazer... o quê? Poderiam Tom e a

assassina estar mesmo vivos? E porque estaria o Presidente da Câmara a enviar o Pai num voo de reconhecimento envolto em tal secretismo? E porque não queria ele dizer para onde se dirigia Londres? E o que... o que raio era a *MEDUSA*?

Capítulo 6

Speedwell

Durante todo o dia eles avançaram a custo, progredindo sobre a cicatriz que Londres trespassara na terra mole do Terreno de Caça. A metrópole nunca lhes saiu do alcance da vista, mas ia ficando cada vez mais pequena, cada vez mais distante, afastando-se deles para oriente, e Tom apercebeu-se de que em breve ela poderia perder-se para sempre no horizonte. A solidão assaltou-o. Nunca gostara muito da sua vida como Aprendiz de História (Terceira Classe), mas agora os seus anos no Museu pareciam um belo sonho dourado. Deu por si a sentir saudades do velho e minucioso Dr. Arkengarth e do pomposo Chudleigh Pomeroy. Sentia saudades do seu beliche no dormitório, mesmo cheio de correntes de ar, e das longas horas de trabalho, e sentia saudades de Katherine Valentine, embora só a tivesse conhecido por poucos minutos. Às vezes, quando fechava os olhos, conseguia ver muito bem a cara dela, os seus bondosos olhos cinzentos e o adorável sorriso. Tinha a certeza de que ela não fazia ideia do tipo de homem que era o seu pai...

— Vê por onde andas! — disse Hester Shaw de forma desagradável, e ele abriu os olhos, apercebendo-se de que quase a empurrara pela extremidade de uma das marcas deixadas pelas lagartas dos tractores.

Foram sempre avançando, e Tom começou a pensar que aquilo de que sentia mais saudades na sua metrópole era da comida. Nunca fora nada de especial aquilo que era servido na cantina do Grémio, mas era melhor do que nada, e nada era o que ele tinha agora. Quando perguntou a Hester Shaw de que viveriam ali fora, ela limitou-se a dizer: — Aposto que agora te arrependes de me ter feito perder a minha mochila, londrino. Tinha uns belos pedaços de carne de cão seca lá dentro.

No início da tarde passaram por uns quantos arbustos raquíticos de cor acinzentada que os tractores de Londres não tinham enterrado por completo, e Hester arrancou algumas folhas, esmagando-as entre duas pedras até se transformarem numa papa.

— Cozinhadas seriam melhores — comentou, enquanto comiam aquela horrível pasta vegetal. — Eu tinha material com que fazer fogo na minha mochila.

Mais tarde, apanhou uma rã numa das poças profundas que começavam a formar-se nas marcas em V das lagartas dos tractores. Não ofereceu nada a Tom, e ele tentou não olhar enquanto ela a

comia.

Ele ainda não sabia o que pensar dela. A maior parte do tempo estava em silêncio, e lançava-lhe um olhar tão feroz quando ele lhe dizia alguma coisa que depressa ele se habituou a caminhar em silêncio. Mas às vezes, de repente, ela começava a falar.

— A terra está a subir — poderia ela dizer. — Isso significa que Londres vai andar mais devagar. Seria um desperdício de combustível utilizar a potência máxima num troço de subida. — Depois, uma ou duas horas mais tarde: — A minha mãe costumava dizer que as Cidades de Tracção são estúpidas. Dizia que faziam sentido há mil anos, quando se deram todos aquele terramotos, erupções vulcânicas e a descida para sul dos glaciares. Agora só andam de um lado para o outro e comem-se umas às outras, porque as pessoas são demasiado estúpidas para as pararem.

Tom gostava de a ouvir falar, embora achasse que a mãe dela parecia ser uma perigosa Antitraccionista. Mas quando ele tentava manter a conversa, ela calava-se outra vez e levava a mão ao rosto para esconder a face. Era como se duas Hesters habitassem o mesmo corpo magrinho; uma vingadora, inflexível, que só pensava em matar Valentine, e outra perspicaz, esperta e agradável que ele por vezes sentia espreitá-lo por trás da máscara cicatrizada. Perguntava-se se ela não seria ligeiramente louca. Ver os pais serem assassinados seria o suficiente para levar qualquer um à loucura.

— Como é que aconteceu? — perguntou, num tom amável. — Quero dizer, a tua mãe e o teu pai, tens a certeza de que foi Valentine quem... ?

— Cala-te e anda — retorquiu ela.

Mas muito depois de escurecer, enquanto se aconchegavam num buraco na lama, para escapar ao vento frio da noite, ela começou de repente a contar-lhe a sua história.

— Eu nasci na terra firme — disse —, mas não era nada disto. Vivia na Ilha de Oak, no extremo ocidente. Antigamente, fazia parte do Terreno de Caça, mas os terramotos inundaram toda a terra à sua volta e transformaram-na numa ilha, demasiado longe da costa para ser atacada pelas metrópoles esfomeadas, e demasiado rochosa para que as cidades anfíbias lhe chegassem. Era maravilhosa: colinas verdes, enormes afloramentos de pedra, e os riachos correndo por entre bosques de carvalhos de ramos entrançados uns nos outros, tudo cinzento por causa do líquen... as árvores cobertas dele, como cães velhos.

Tom sentiu um arrepio. Todos os londrinos sabiam que só os

selvagens viviam na terra firme.

— Eu prefiro um bom convés de metal debaixo dos meus pés — comentou, mas Hester não pareceu ouvi-lo; as palavras continuavam a sair da sua boca disforme como se ela não pudesse controlá-las.

— Havia lá uma cidade chamada Dunroamin'. Já tinha sido móvel, mas as pessoas fartaram-se de passar o tempo a fugir de cidades maiores, por isso fizeram-na flutuar até à Ilha de Oak, arrancaram-lhe as rodas e os motores e enterraram-nos numa encosta. Está ali parada há cem anos ou mais, e nunca ninguém diria que alguma vez foi móvel.

— Mas isso é horrível! — exclamou Tom de boca aberta. — É completamente antitraccionista!

— Os meus pais viviam ali perto — continuou ela, atropelando-o por completo. — Tinham uma casa no extremo do paul, onde o mar entrava. O meu pai era agricultor, e a minha mãe era historiadora, como tu, só que muito mais esperta do que tu, claro. Saía todos os verões no seu dirigível em busca de Tecnologia Antiga e voltava sempre no Outono. Nas noites de Inverno, eu costumava subir para o seu estúdio, no sótão, e sentava-me a comer tostas com queijo, enquanto ela me contava as suas aventuras.

— Depois, uma noite há sete anos, acordei tarde e ouvi vozes a discutir no sótão. Subi para saber quem era, e vi o Valentine. Conhecia-o, porque ele era amigo da Mãe e costumava visitar-nos quando passava por ali. Naquela noite, porém, ele não estava muito simpático. «Dá-me a máquina, Pandora», dizia ele. «Dá-me a MEDUSA.» Não reparou que eu os observava. Eu estava no cima das escadas, olhando para o sótão, demasiado assustada para acabar de subir e demasiado assustada para voltar para trás. Valentine estava de costas para mim, e a Mãe olhava para ele, com aquela máquina na mão, e disse-lhe: «Raios te partam, Thaddeus, eu encontrei-a, é *minha*!

«E depois, Valentine pegou na espada e ele... e ele...

Ela fez uma pausa para retomar fôlego. Queria parar, mas a onda da memória transportava-a para aquela noite, aquela sala, e para o sangue que salpicara os mapas estelares da sua mãe como se refizesse um mapa de outra constelação.

— E depois ele virou-se e viu-me olhar para ele, aproximou-se de mim, eu atirei-me para trás, de forma que a sua espada só me cortou a cara, e caí da escada abaixo. Ele deve ter achado que me matou. Ouvi-o regressar à secretária da Mãe e começar a vasculhar os papéis que lá estavam, e fugi a correr. O Pai estava deitado no chão da cozinha; também estava morto. Até os cães estavam mortos.

«Saí da casa a correr e vi o enorme dirigível negro de Valentine ancorado no extremo do jardim, com os seus homens à espera. Eles vieram atrás de mim, mas eu fugi. Corri para a casa do barco e parti no barco do Pai. Penso que tencionava ir até Dunroamin' pedir ajuda... eu era pequenina e pensava que um médico podia ajudar os meus pais. Mas estava tão enfraquecida pela dor e pela perda de sangue... consegui desatar o barco, não sei como, e depois a corrente levou-o. Quando dei por mim, estava a acordar na margem do Terreno de Caça.

«Depois disso fiquei a viver no Terreno Exterior. No início não me lembrava de grande coisa. Era como se quando ele me abriu a cabeça com a espada, a memória me tivesse saltado quase toda para fora, tendo apenas permanecido no meu cérebro algumas recordações muito confusas. Mas lentamente comecei a recordar e um dia lembrei-me de Valentine e daquilo que ele fizera. Foi nessa altura que decidi vir atrás dele e encontrá-lo. Matá-lo da mesma maneira que ele matou os meus pais.

— Que era essa máquina? — perguntou Tom, após um longo silêncio. — Essa coisa da MEDUSA?

Hester encolheu os ombros. (Por aquela altura, já estava demasiado escuro para a ver, mas ele *ouviu-a* a encolher os ombros, ouviu o roçar dos seus ombros no interior do casaco imundo.)

— Qualquer coisa que a Mãe encontrou. Tecnologia Antiga. Não parecia muito importante. Parecia uma bola de futebol metálica, toda amolgada e recortada. Mas foi por causa disso que ele a matou.

— Há sete anos — murmurou Tom. — Foi nessa altura que o Senhor Valentine foi eleito Presidente do Grémio. Disseram que ele tinha encontrado qualquer coisa no Terreno Exterior, e Crome ficou tão satisfeito que o promoveu, passando por cima de toda a gente, incluindo do Chudleigh Pomeroy. Mas nunca soube aquilo que ele descobriu. E até agora nunca tinha ouvido falar da MEDUSA.

Hester não disse nada. Alguns minutos depois começou a rressonar. Tom ficou acordado durante muito tempo, pensando e repensando na história da rapariga. Recordou os sonhos acordado que o faziam aguentar os dias longos e aborrecidos no Museu. Sonhava que gostaria de ficar preso no Terreno Exterior com uma rapariga bonita, perseguindo um assassino qualquer, mas nunca imaginara que aquilo fosse tão frio e molhado, nem que as suas pernas lhe doessem tanto, nem que o assassino fosse o maior herói de Londres. E quanto à rapariga bonita...

Ele olhou para o destroço confuso que era a cara de Hester Shaw ao luar, de sobrolho carregado, mesmo a dormir. Agora, compreendia-

a melhor. Ela odiava Valentine, mas odiava-se a si mesma ainda mais, por ser tão feia, e por ainda estar viva, apesar de os pais terem morrido. Lembrou-se de como se sentira quando ocorrera a Grande Inclinação, e ele voltara para casa e tinha encontrado tudo amassado e a Mãe e o Pai mortos. Pensara que tudo aquilo fora, de alguma forma, culpa sua. Sentira-se cheio de culpa, porque não estivera lá para morrer com eles.

— Tenho de a ajudar — pensou. — Não a vou deixar matar o Senhor Valentine, mas hei-de descobrir uma maneira de fazer com que a verdade seja descoberta. Se é mesmo verdade. Talvez amanhã Londres tenha abrandado um bocadinho e a perna de Hester esteja melhor. Estaremos de volta à cidade por volta da hora do pôr do Sol, e *alguém* ouvirá a nossa história...

Mas quando acordaram, na manhã seguinte, descobriram que a metrópole estava ainda mais longe e a perna de Hester ainda pior. Agora, gemia de dor quase a cada passo que dava; tinha o rosto quase da cor da neve velha e o sangue escorria das suas ligaduras ensopadas até à bota. Tom recriminou-se por ter deitado fora os restos da sua camisa, e por ter feito Hester perder a mochila e o seu estojo de primeiros socorros...

No meio da manhã, por entre as cortinas da chuva que caía, viram que havia qualquer coisa diante deles. Depois perceberam que era uma pilha da escória e do lixo descarregados ali por Londres na noite anterior, que se espalhava pelas marcas deixadas na terra pelos tractores.

Junto dela estava uma estranha e pequena cidade e, quando se aproximaram, Hester e Tom começaram a ver pessoas que subiam e desciam do monte de entulho, removendo fatias de metal fundido e fragmentos de combustível por queimar.

Aquela visão encheu-os de esperança e eles aceleraram o passo. No início da tarde caminhavam sob a sombra das enormes rodas da cidadela, e Tom olhava para cima, espantado, para a única plataforma que constituía a cidade. Era mais pequena do que muitas das casas de Londres e parecia ter sido totalmente construída de madeira, por alguém que pensava que para realizar uma boa obra de carpintaria bastava espetar um par de pregos na madeira, e depois rezar para tudo correr pelo melhor. Por trás da Câmara Municipal que mais parecia uma barraca, erguiam-se as enormes chaminés tortas de um motor experimental.

— Sejam bem-vindos! — gritou um homem alto de barba branca, que descia com todo o cuidado por entre o monte de entulho, a toga

castanha e imunda a esvoaçar. — Bem-vindos a Speedwell. O meu nome é Orme Wreyland, Presidente da Câmara. Falam anglo?

Hester deixou-se ficar para trás, desconfiada, mas a Tom pareceu-lhe que o homem era prestável. Deu um passo em frente e disse:

— Por favor, Senhor, precisamos de alguma comida e de um médico para observar a perna da minha amiga...

— Não sou tua amiga — ripostou baixinho Hester Shaw. — E a minha perna está boa. — Mas tinha a cara cada vez mais pálida e brilhante de suor e estava a tremer.

— Seja como for, não há médicos em Speedwell — disse Wreyland rindo-se. — Nem um. E quanto a comida... bem, os tempos não são os melhores. Têm alguma coisa que sirva de moeda de troca?

Tom apalpou os bolsos da sua túnica. Tinha algum dinheiro, mas não conseguia ver que utilidade teria o dinheiro de Londres para Orme Wreyland. Então encontrou no bolso um objecto duro. Era o compacto que descobrira na Entranha. Tirou-o para fora e olhou-o por um momento com alguma tristeza, antes de o passar ao velho. Tinha pensado vir a oferecê-lo um dia a Katherine Valentine, mas agora a comida era mais importante.

— Bonito! Muito bonito! — admitiu Orme Wreyland, inclinando o disco e admirando os arco-íris ondulantes. — Não será muito útil, mas merece algumas noites de abrigo e alguma comida em troca. Atenção, a comida não é lá muito boa, mas é melhor do que nada...

Ele tinha razão: a comida não *era* muito boa, mas mesmo assim Tom e Hester comeram vorazmente e estenderam as tigelas, pedindo mais.

— É quase só feita à base de algas — explicou Orme Wreyland, enquanto a esposa servia uma segunda dose da pasta azulada.

— Criamo-las em tanques, lá em baixo, sob a sala do motor principal. Não parece muito agradável, mas vai animando o corpo e a alma nos tempos mais difíceis. Foi por isso que ficámos tão satisfeitos por termos encontrado este monte de lixo que estamos a vasculhar.

Tom assentiu, recostando-se na cadeira e olhando em volta para os aposentos dos Wreyland. Era uma sala pequena, em forma de queijo, e nada daquilo que ele esperaria da residência de um Presidente da Câmara... mas também Orme Wreyland não era propriamente aquilo que ele esperara que fosse um Presidente da Câmara. Aquele velho maltrapilho parecia governar uma cidade composta principalmente por membros da sua família; filhos e filhas,

netos, sobrinhas, sobrinhos e os maridos e mulheres que estes tinham conhecido nas cidades por onde passavam.

Mas Wreyland não era um homem feliz. — Não é nada divertido governar uma cidade de tracção — estava sempre a dizer. — Não, nada divertido mesmo, pelo menos já não. Houve uma altura em que um sítio pequeno como Speedwell podia tratar da sua vida de forma bastante segura, já que era demasiado pequena para outra cidade se preocupar em comê-la. Mas agora não, desde que as presas se tornaram tão escassas. Todos os que encontramos querem comer-nos. Até demos por nós a fugir de uma metrópole, no outro dia. Era uma dessas grandes *Villes Mobiles*, onde se fala franco. Eu pergunto-vos, de que serviria um lugar como Speedwell a um monstro daqueles? Mal serviríamos de aperitivo. Mas eles perseguiram-nos na mesma.

— A sua cidade deve ser muito rápida — comentou Tom.

— Oh, sim — concordou Wreyland, com um ar radiante.

E a sua mulher acrescentou logo imediato: — Cento e sessenta quilómetros por hora, na velocidade máxima. Isso é obra do Wreyland. Ele faz milagres com aqueles enormes motores.

— Podiam ajudar-nos? — pediu Tom, inclinando-se para a frente.

— Temos de chegar a Londres o mais depressa possível. Tenho a certeza de que seriam capazes de a apanhar, e talvez haja mais montes de entulho pelo caminho...

— Meu rapaz — disse Wreyland, abanando a cabeça. — Aquilo que Londres deixa para trás actualmente já não vale o esforço de ir muito longe. Agora, com as presas a escassearem desta maneira, recicla-se tudo. Porque eu lembro-me dos tempos em que os montes de entulho das metrópoles se erguiam como montanhas no Terreno de Caça. Oh, nesses tempos sim, havia boas descobertas! Mas agora já não. Além disso — acrescentou, com um arrepio —, não me atrevo a aproximar muito de Londres, ou de qualquer outra metrópole, a minha cidade. Não se pode confiar nelas, hoje em dia. São capazes de se voltar para nós, e comem-nos logo. *Chomp!* Não, não.

Tom assentiu, tentando não demonstrar o seu desapontamento. Olhou para Hester, mas a cabeça dela pendia para a frente e ela parecia estar a dormir, ou inconsciente. Tinha esperança de que se tratasse apenas de uma consequência da longa caminhada e do estômago cheio, mas quando ele se tentou levantar para ver se ela estava bem, Wreyland disse: — Mas fazemos assim, rapaz: levamo-los à aglomeração!

— À quê?

— À aglomeração mercantil! É uma reunião de pequenas cidades,

a alguns dias de caminho daqui, na direcção do Sudeste. Nós íamos para lá, de qualquer forma.

— Vão estar imensas cidades na aglomeração — concordou a Sr.^a Wreyland. — E mesmo que não encontrem nenhuma disposta a levar-te a ti e à tua amiga até Londres, depressa encontrarão um mercador aéreo que o faça. Decerto haverá mercadores aéreos na aglomeração.

— Eu... — hesitou Tom, calando-se de imediato. Não se sentia lá muito bem. A sala parecia estar a tremer, começando depois a rodopiar como uma imagem num Ecrã de Observação mal sintonizado. Olhou para Hester e viu que ela escorregara do seu lugar e estava deitada no chão. Os deuses da casa dos Wreyland sorriam para ele, colocados nos seus altares de parede, e um deles parecia dizer com a voz de Orme Wreyland: — Decerto há lá dirigíveis, Tom, há sempre dirigíveis na aglomeração mercantil...

— Queres mais um bocadinho de algas, querido? — inquiriu a Sr.^a Wreyland, enquanto ele caía de joelhos. Muito, muito ao longe, ouviu-a dizer: — Levou muito tempo a fazer efeito, não foi, Ormey? — E Wreyland responder: — Da próxima vez temos de pôr mais, minha querida.

Depois, o padrão rodopiante do tapete começou a subir e a girar em volta dele, puxando-o para baixo, adormecendo-o num sono suave como algodão e cheio de sonhos com Katherine.

Capítulo 7

Londres Superior

Acima da Primeira Plataforma, acima da confusão das lojas de Mayfair e Piccadilly, acima do Quirke Circus, onde a estátua do salvador de Londres se ergue orgulhosa na sua coluna estriada de aço, a Plataforma Superior assenta sobre a metrópole, como uma coroa de ferro, suportada por enormes pilares. É a mais pequena, mais alta e mais importante das sete Plataformas e, embora só lá existam três edifícios, são os três mais importantes edifícios de Londres. No lado da popa erguem-se as torres da Assembleia dos Grémios, onde todos os Grémios, maiores e menores, têm os seus escritórios e reúnem conselho uma vez por mês. Do lado oposto encontra-se o edifício onde as *verdadeiras* decisões são tomadas: a garra de vidro negro que é o Engenhório. Entre os dois ergue-se a Catedral de S. Paulo, o antigo templo Cristão que Quirke reconstruiu lá no alto, quando transformou Londres numa Metrópole de Tracção. Actualmente representa uma visão desoladora, coberta por andaimes e sustentada por estacas, pois não foi construída para se deslocar e as viagens de Londres abalaram muito a estrutura de pedra antiga. Mas dentro em breve será reaberta ao público: o Grémio dos Engenheiros prometeu restaurá-la e, se escutarmos de perto, ouviremos os berbequins e os martelos dos seus homens a trabalhar no interior do edifício.

Magnus Crome ouve-os enquanto a sua carruagem segue ronronando pela sombra da velha catedral, a caminho do Engenhório. O som fá-lo sorrir... um sorriso vago, secreto.

No interior do Engenhório, as janelas negras impedem a entrada da luz do sol. O brilho frio do néon banha as paredes de metal e o ar tem um cheiro a desinfetante, que Crome considera uma agradável mudança, em relação ao horrível cheiro das flores e da relva podada que paira sobre a Londres Superior neste dia quente de Primavera. Uma jovem aprendiz surge na sua frente, quando ele faz a sua entrada arrogante no átrio e baixa a cabeça rapada, numa vénia, quando ele lhe grita: — Leve-me até à Doutora Twix.

À sua espera está um monocarril. A aprendiz ajuda o Presidente da Câmara a entrar para o seu interior e o veículo leva-o para cima, numa espiral lenta que passa pelo centro do Engenhório. Ele vai passando pelos diversos andares de escritórios, salas de conferência e laboratórios e vislumbra as formas de estranhas máquinas através de paredes de vidro fosco. Para onde quer que olhe, vê os seus engenheiros a trabalhar, consertando fragmentos de Tecnologia

Antiga, fazendo experiências com ratos e cães, ou guiando grupos de crianças de cabeça rapada, vindas dos infantários do Grémio, situados na Entranha Profunda, que ocupam o dia numa visita de estudo. Ele sente-se seguro e satisfeito ali, no aseado e brilhante santuário interno do seu Grémio. Aquilo recorda-lhe os motivos por que ama tanto Londres e pelos quais dedicou toda a sua carreira a descobrir formas de a manter em movimento.

Quando Crome era um jovem aprendiz, há muitos anos, lera uma vez num artigo previsões sombrias sobre a escassez das presas e a inevitável ruína das Cidades de Tracção. O objectivo da sua vida passou a ser provar que essas previsões estavam erradas. Subiu a pulso até ao topo do seu Grémio e depois à cadeira de Presidente da Câmara, mas isso fora apenas o começo. As suas ferozes leis em favor da reciclagem e contra o desperdício representavam apenas uma primeira etapa de menor envergadura. Agora estava quase pronto para revelar o seu verdadeiro plano.

Mas primeiro precisava de ter a certeza de que a rapariga Shaw não criaria mais problemas.

O veículo pára, emitindo uma espécie de suspiro, à porta de um dos laboratórios superiores. Na entrada está uma mulher gorda e baixa, como um barril achatado, de casaco branco vestido, saltando nervosamente de um pé para o outro. Evadne Twix é uma das melhores engenheiras de Londres. Pode parecer uma tia um bocado tonta e decorar o seu laboratório com fotografias de flores e cachorrinhos (uma infracção clara às regras do Grémio), mas naquilo que diz respeito ao seu trabalho é totalmente implacável.

— Olá, Senhor Presidente — diz com um sorriso afectado, fazendo uma vénia. — Que bom vê-lo! Veio visitar os meus bebês?

— Quero ver o Shrike — responde ele bruscamente, afastando-a para passar, e ela segue-o num passo dançante, como uma folha arrastada pelo curso rápido da corrente deixada pela passagem de uma cidade.

Atravessam o laboratório dela, passando por Engenheiros que, num sobressalto, lhes fazem vénias, por filas de prateleiras cheias de artigos de vidro, e por mesas onde esqueletos de metal ferrugentos estão a ser reparados com todo o cuidado. A equipa da Dr.^a Twix passara anos a estudar os Caçadores, os Homens Ressuscitados cujos restos mortais se encontram por vezes no Terreno Exterior e nos últimos tempos tinham tido mais do que apenas restos mortais com que trabalhar.

— Terminou as suas pesquisas sobre o Shrike? — pergunta Crome enquanto avança. — Tem a certeza de que ele já não nos poderá ser

útil?

— Oh, aprendi tudo o que podíamos, Senhor Presidente — chilreia a doutora. — É uma peça fascinante, mas na verdade mais complicado do que seria necessário; quase parece ter desenvolvido uma personalidade própria. E quanto à estranha fixação que ele tem por aquela rapariga... No futuro, vou tentar fazer modelos bastante mais simples. Quer que o desmantele?

— Não — diz Crome, parando diante de uma porta pequena e redonda e carregando num botão que faz com que ela se abra, num movimento giratório. — Pretendo cumprir a promessa que fiz ao Shrike. E tenho um trabalho para ele.

Do outro lado da porta vêem-se sombras e cheira a óleo. Ao fundo, encostada à parede, ergue-se uma forma alta e imóvel. Quando o Presidente da Câmara entra na sala, dois olhos redondos e verdes acedem-se nela como faróis.

— Senhor Shrike! — diz Crome, com um tom de voz quase alegre. — Como é que estamos hoje? Espero que não estivesse a dormir.

— EU NÃO DURMO — retorquiu uma voz vinda da escuridão. É uma voz horrível, aguda como o chiar de uma roda dentada ferrugenta. Mesmo a Dr.^a Twix, que a conhece bem, treme no interior do seu casaco de borracha. — QUER VOLTAR A EXAMINAR-ME?

— Não, Shrike — diz Crome. — Lembra-se do que me avisou quando veio ter comigo pela primeira vez? Sobre a rapariga Shaw?

— DISSE-LHE QUE ELA ESTÁ VIVA E A CAMINHO DE LONDRES.

— Bem, parece que tinha razão. Ela apareceu, tal como tinha dito que aconteceria.

— ONDE É QUE ELA ESTÁ? TRAGAM-MA!

— Temo que isso seja impossível. Saltou de uma calha de escoamento abaixo, de volta para o Terreno Exterior.

Ouve-se um sibilar suave, como se fosse vapor a libertar-se.

— TENHO DE IR ATRÁS DELA.

Crome sorri. — Tinha esperança de que dissesse isso. Um dos dirigíveis de reconhecimento do meu Grémio, um Goshawk 90, foi preparado para si. Os pilotos recuarão seguindo as marcas deixadas pela cidade até descobrir o local onde a rapariga caiu. Se ela e o seu companheiro estiverem mortos, tudo óptimo. Se estiverem vivos, mate-os. Traga-me os seus corpos.

— E DEPOIS? — pergunta a voz.

— E depois, Shrike — responde Crome —, dar-lhe-ei aquilo que o

seu coração mais deseja.

Eram tempos estranhos aqueles que se viviam em Londres. A metrópole continuava a viajar a uma velocidade bastante elevada, como se houvesse uma presa à vista, mas não havia nenhuma outra cidade visível nas planícies cinzentas e lamacentas do Noroeste do Terreno de Caça e todos se interrogavam sobre quais seriam os planos do Presidente da Câmara.

— Não podemos continuar a avançar assim — foi o que Katherine ouviu uma das criadas murmurar. — Há grandes metrópoles mais para oriente que num abrir e fechar de olhos nos devoram e nos cospem os ossos!

Mas a Sr.^a Mallow, a governanta, murmurou em resposta: — Tu não percebes nada de nada, Sukey Blinder? Não vai o próprio Senhor Valentine ser enviado numa *zespedição* para verificar o terreno que está à nossa frente? Ele e o Magnus Crome estão de olho em alguma presa grande, podes ter a certeza disso!

Talvez fosse uma grande presa, mas ninguém sabia qual era e quando Valentine regressou a casa para almoçar depois de mais uma reunião com o Grémio dos Engenheiros, Katherine perguntou-lhe: — Porque é que têm de te enviar a *ti* num voo de reconhecimento? Isso é trabalho para um Navegador, não para o melhor arqueólogo do mundo. Não é justo!

Valentine suspirou pacientemente. — O Presidente da Câmara confia em mim, Kate. E eu regresso dentro em breve. Três semanas.

— Um mês. Não mais do que isso. Agora vem comigo até ao hangar e vamos ver o que o Pewsey e o Gench têm andado a fazer ao meu dirigível.

Nos vários milénios que se passaram desde a Guerra dos Sessenta Minutos, a tecnologia dos dirigíveis atingira níveis que nem mesmo os antigos podiam sequer sonhar. Valentine mandara construir para si próprio aquele dirigível especial, o *Elevador do 13.º Andar*, utilizando parte do dinheiro que Crome lhe pagara pelo exemplar de Tecnologia Antiga que ele encontrara na sua viagem à América, havia vinte anos. Dizia que aquele era o melhor dirigível alguma vez construído, e Katherine não tinha nenhuma razão para duvidar dele. É claro que não o guardava lá em baixo, na doca aérea da Quinta Plataforma, como os simples mercadores, mas num pequeno aeródromo particular, a uma centena de metros da Casa de Clio.

Katherine e o pai dirigiram-se até lá através do parque banhado

pelo sol. O hangar e a placa de manobras metálica diante deste encontravam-se cheios de pessoas e carruagens, enquanto Pewsey e Gench se ocupavam da tarefa de abastecer o *Elevador* com provisões para o voo que teriam de fazer. O *Cão* foi a correr à frente para cheirar as pilhas de caixotes e bidões: carne enlatada, gás flutuante, medicamentos, estojos de reparação de furos em dirigíveis, protector solar, máscaras de protecção, fatos à prova de fogo, armas, capas para a chuva, casacos para proteger do frio, equipamento para criação de mapas, fogões portáteis, uma reserva suplente de peúgas, copos de plástico, três barcos insufláveis e um desenho onde se podia ler: «Sapatos para a Lama do Terreno Exterior Pink Patenteados — *Ninguém Se Afunda com os Pink!*»

Na sombra do hangar encontrava-se o dirigível, com o seu negro e lustroso balão blindado protegido por impermeáveis. Como era hábito, Katherine começou a sentir uma excitação crescente ao pensar naquele enorme dirigível a erguer o Pai para o céu e também uma grande tristeza por ele ir deixá-la, e o medo de que ele não voltasse. — Oh, queria tanto poder ir contigo! — disse ela.

— Desta vez não, Kate — disse-lhe o pai. — Talvez um dia.

— É por eu ser rapariga? — perguntou. — Mas isso não interessa, nos tempos Antigos as mulheres podiam fazer tudo aquilo que os homens faziam, e seja como for, o comércio aéreo está cheio de mulheres-pilotos. Tu também tiveste uma, na viagem à América, lembro-me de ver fotografias dela...

— Não é isso, Kate — disse, abraçando-a. — É só porque pode ser perigoso. Seja como for, não quero que te comeces a tornar uma aventureira vagabunda como eu; quero que fiques aqui, acabes a escola e te tornes uma bela e elegante senhora da Londres Superior. E mais do que tudo, quero que não deixes o *Cão* urinar para cima de todos os meus caixotes de sopa...

Quando o *Cão* foi arrastado para longe e repreendido, eles sentaram-se à sombra do hangar e Katherine disse: — Então, dizes-me aonde vais, o que é assim tão importante e perigoso?

— Não posso dizer — respondeu Valentine, olhando de relance para ela pelo canto do olho.

— Oh, vá lá! — insistiu ela, rindo-se. — Somos os melhores amigos um do outro, não somos? Sabes que nunca diria a mais ninguém. E estou ansiosa por saber para onde é que Londres vai! Toda a gente na escola está sempre a perguntar isso. Há dias e dias que viajamos para leste à velocidade máxima. Nem parámos quando comemos Salthook...

— Bem, Kate — admitiu ele —, a verdade é que Crome me pediu para ir dar uma vista de olhos a Shan Guo.

Shan Guo era a nação que liderava o movimento da Liga Antitracção, a aliança bárbara que controlava o antigo continente indiano e aquilo que restava da China e encontrava-se protegida das metrópoles esfomeadas por uma grande cadeia de montanhas e pântanos que demarcavam o limite oriental do Terreno de Caça. Katherine estudara-a em Geografia. Só havia uma passagem através dessas montanhas, e estava protegida pela terrível metrópole-fortaleza de Batmunkh Gompa, a Muralha Escudo, sob as armas da qual centenas de cidades tinham encontrado o seu fim nos primeiros séculos de Tracção. — Mas porquê aí? — perguntou ela. — Londres não pode estar a ir para aí!

— Eu não disse que estava — retorquiu Valentine. — Mas qualquer dia talvez *tenhamos* de ir a Shan Guo e furar as defesas da Liga. Sabes como as presas escasseiam. As metrópoles começam a passar fome, e viram-se umas contra as outras.

Katherine estremeceu. — Mas deve haver outra solução qualquer — protestou. — Não podemos conversar com os Presidentes das Câmaras de outras metrópoles e chegar a uma conclusão qualquer?

Ele riu-se com um ar carinhoso. — Lamento dizer que o Darwinismo Municipal não funciona assim, Kate. É cada cidade por si, e vive-se para comer outras cidades. Mas não te preocupes. Crome é um grande homem, e ele encontrará uma solução.

Ela assentiu com um ar infeliz. Os olhos do seu pai apresentavam outra vez aquela expressão assombrada e perseguida. Ainda não se abrira com ela acerca da rapariga assassina, e ela apercebia-se de que naquele momento ele lhe estava a esconder mais qualquer coisa, qualquer coisa acerca desta expedição e dos planos que o Presidente da Câmara tinha para Londres. Estaria tudo aquilo ligado de alguma forma? Ela não podia perguntar-lhe nada directamente acerca das coisas que escutara no átrio sem admitir que tinha andado a espia-lo, mas só para ver a sua reacção, indagou: — Isto tem alguma coisa a ver com aquela rapariga horrível? *Ela* era de Shan Guo?

— Não — disse Valentine rapidamente, e ela conseguiu ver a cor a fugir-lhe da face. — Ela está morta, Kate, e já não há qualquer razão para te preocupares mais com ela. Vá lá — acrescentou, levantando-se muito depressa. — Temos mais alguns dias para estar juntos antes da minha partida; por isso vamos aproveitá-los ao máximo. Vamos sentar-nos à lareira, comer torradas com manteiga e falar dos bons velhos tempos, sem pensarmos naquela... naquela pobre rapariga desfigurada.

Enquanto regressavam de mão dada pelo jardim, uma sombra deslizou sobre eles: um Goshawk 90 partindo do Engenhório. — Vês? — disse Katherine. — O Grémio dos Engenheiros tem dirigíveis deles. Acho que é horrível da parte do Magnus Crome mandar-te para longe de mim.

Mas o pai limitou-se a pôr a mão em pala sobre os olhos para tentar ver o dirigível branco a circundar a Plataforma Superior e a voar rapidamente para ocidente.

Capítulo 8

A Aglomeração Mercantil

Tom estava a sonhar com Katherine. Andavam de braço dado pelas salas do Museu que lhe eram tão familiares. Mas desta vez não havia lá nenhum conservador, nem nenhum membro do Grémio, ninguém que dissesse: «Enverniza o chão, Natsworthy» ou «limpa o pó dos objectos de vidro do século XLIII». Ele estava a mostrar-lhe o sítio como se fosse o dono daquilo, e ela sorria-lhe enquanto ele explicava os detalhes das réplicas dos dirigíveis e da enorme maquete que representava Londres. Entretanto ouvia-se uma música estranha, como um lamento, e só quando chegaram à galeria de História Natural, perceberam que era a baleia azul a cantar para eles.

O sonho desvaneceu-se, mas as notas estranhas da música da baleia perduraram. Estava deitado num convés de madeira, onde tudo parecia estremecer. Paredes também de madeira erguiam-se de cada lado, com os raios de luz matinais a passarem por entre as tábuas, e sobre a cabeça dele, uma louca confusão de canos e tubos espalhava-se pelo tecto. Era a canalização de Speedwell, e ele confundira aquele borbulhar e os seus gorgolejos com a canção da baleia.

Virou-se para o lado e olhou em seu redor, para o quarto minúsculo onde se encontrava. Hester estava sentada, encostada à parede do fundo. Abanou a cabeça quando se apercebeu de que ele estava acordado.

— Onde estou eu? — gemeu ele.

— Não sabia que essas coisas se diziam na realidade — comentou a rapariga. — Pensei que só nos livros é que as pessoas diziam coisas dessas. «Onde estou eu?» Muito interessante!

— Não, a sério — protestou Tom, olhando em volta para as paredes ásperas e para a estreita porta de metal. — Ainda estamos em Speedwell? Que aconteceu?

— A comida, claro — retorquiu ela.

— Estás a dizer-me que o Wreyland nos drogou? Mas porquê? — Ele levantou-se e atravessou o convés até à porta.

— Não te esforces — avisou-o Hester —, está trancada. — Ele tentou na mesma.

Ela tinha razão. Depois avançou aos tropeções para espreitar por uma fenda na parede. Do outro lado conseguia vislumbrar um estreito corredor de madeira que parecia ondular, como a imagem de um Ecrã

de Observação, quando era varrido pela sombra de uma das rodas de Speedwell. O Terreno Exterior passava a grande velocidade, parecendo muito mais rochoso e inclinado do que da última vez que o vira.

— Temo-nos dirigido para sudeste desde manhã — explicou Hester com um ar cansado, mesmo antes que ele tivesse tempo para perguntar. — Talvez há mais tempo ainda, mas eu também estava a dormir.

— Para onde é que nos levam?

— Como é que eu hei-de saber isso?

Tom sentou-se com as costas contra a parede vibrante. — Então acabou-se! — disse. — Londres deve estar a centenas de quilómetros de distância! Agora é que nunca chegarei a casa!

Hester não disse nada. Tinha a cara muito branca, o que fazia sobressair ainda mais a cicatriz, e o sangue até já ensopara as tábuas que serviam de talas à perna ferida.

Uma hora passou-se lentamente, depois outra. Por vezes passavam pessoas caminhando rapidamente pelo corredor exterior, as sombras tapando os ténues raios de luz. Só as canalizações podiam ouvir os seus próprios gorgolejos. Por fim, Tom ouviu o som de um cadeado a ser aberto. A parte inferior da porta bipartida abriu-se, e uma cara espreitou lá para dentro. — Estão todos bem? — perguntou.

— Bem? — gritou Tom. — É claro que não estamos bem! — E arrastou-se até à porta. Wreyland estava do lado de fora, apoiado sobre as mãos e os joelhos, agachado para poder ver pela portinhola (que Tom suspeitava ser na realidade uma abertura para gatos). Atrás dele viam-se as botas de alguns dos seus homens, de guarda. — Porque é que fez isto? — perguntou Tom. — Não lhe fizemos mal nenhum!

O velho Presidente da Câmara pareceu atrapalhado. — É verdade, meu querido rapaz, mas os tempos que vivemos são duros, sabes, muito duros e cruéis. Não é nada divertido governar uma cidade de tracção. Temos de apanhar aquilo que podemos. Por isso apanhámos-vos a vocês. Vamos vendê-los como escravos, sabes. Assim é a vida. Na aglomeração estarão com certeza algumas cidades escravagistas e vamos vender-vos. Tem de ser. Precisamos de peças suplentes para os nossos motores, para nos conseguirmos manter à distância das cidades maiores...

— Vender-nos? — Tom ouvira falar de metrópoles que usavam escravos para trabalhar nas salas das máquinas, mas sempre lhe parecera uma coisa distante e exótica que nunca o afectaria. — Tenho de apanhar Londres! Não me podem vender!

— Oh, tenho a certeza de que vais valer bom dinheiro — disse Wreyland, como se Tom se devesse orgulhar daquilo. — Um rapaz bonito e saudável como tu. Vamos tratar de te arranjar um bom dono. Em relação à tua amiga, já não posso dizer nada, claro, ela parece meio morta, e também não é propriamente uma beldade. Mas talvez vos possamos vender juntos, com um daqueles argumentos «compre um, leve o outro grátis», uma coisa assim. — Ele empurrou duas tigelas de comida pela portinhola, tigelas redondas de metal como as dos cães. Uma tinha água e a outra mais um bocado das algas azuladas. — Comam! — disse alegremente. — Queremos-vos com bom aspecto e bem alimentados para o leilão. Chegaremos à aglomeração ao pôr do Sol, e vendemos-vos de manhã.

— Mas... — protestou Tom.

— Sim, eu sei, e tenho muita pena, mas que posso fazer? — disse Wreyland com tristeza. — São tempos duros estes, sabem.

A portinhola fechou-se com estrondo. — E o meu compacto? — gritou Tom. Não houve resposta. Ouviu a voz de Wreyland na passagem exterior, a falar com o guarda, e depois, nada. Tom juntou as mãos em concha e bebeu alguma água, depois levou a tigela até Hester. — Temos de fugir! — disse-lhe.

— Como?

Tom olhou em volta, analisando a cela. A porta não servia de nada, trancada e guardada como estava. Olhou para cima, para a canalização, até arranjar uma câibra no pescoço, mas embora alguns dos canos parecessem suficientemente grandes para uma pessoa caber lá dentro, ele não via forma de os alcançar, quanto mais de entrar para dentro deles. De qualquer modo, não lhe agradava a perspectiva de rastejar por entre aquele líquido grosso que ouvia gorgolejar no seu interior. Focou a atenção na parede, apalpando todas as tábuas. Por fim encontrou uma que parecia estar ligeiramente mais solta, e aos poucos, à medida que a puxava, ia ficando ainda mais solta.

Era um trabalho lento, difícil e doloroso. Os dedos de Tom enchiam-se de lascas, o suor escorria-lhe pelo rosto e tinha de parar sempre que alguém passava lá fora, no corredor. Hester observava em silêncio, até ele se começar a sentir irritado com ela por não ajudar. Mas no fim da tarde, quando o céu se tornava cada vez mais vermelho e a cidadela começava a abrandar, já alargara a fenda de modo a poder enfiar lá a cabeça.

Esperou até ter a certeza de que não estava ninguém por perto, depois espreitou. Speedwell estava a passar pela sombra de umas rochas altas, restos de antigas montanhas de uma cidade arrasada. À frente encontrava-se um anfiteatro natural, um semicírculo pouco

profundo rodeado por outras rochas altas, que estava cheio de cidades. Tom nunca vira tantos subúrbios mercantis e aldeias de tracção juntos num só sítio.

— Chegámos! — anunciou a Hester. — É a aglomeração mercantil!

Speedwell foi abrandando cada vez mais e manobrando para entrar num espaço entre uma pequena e deteriorada aldeia, com velas como meio de locomoção, e uma cidade mercantil maior. Tom conseguia ouvir as pessoas daquelas cidades cumprimentarem Speedwell, perguntando de onde viera e o que tinha para trocar. — Sucata — foi a resposta que ouviu a Sr^a Wreyland gritar —, alguma madeira, um belo compacto e dois escravos jovens, bons, frescos e saudáveis!

— Oh, Quirke! — murmurou Tom, entregando-se à tarefa de aumentar ainda mais o buraco que fizera.

— Nunca será suficientemente grande — disse Hester, que esperava sempre o pior e costumava ter razão.

— Podias tentar ajudar em vez de ficares para aí sentada! — vociferou Tom, mas arrependeu-se logo, pois via bem que ela estava muito doente. Perguntou a si mesmo o que aconteceria se ela estivesse demasiado fraca para fugir. Não podia partir para o Terreno Exterior sozinho e deixá-la aqui. Mas se ficasse, acabaria como escravo numa daquelas cidadezinhas imundas!

Tentou não pensar nisso e concentrar-se em aumentar o buraco, enquanto o céu lá fora escurecia cada vez mais e a Lua começava a aparecer. Consequia ouvir música e risos que se espalhavam pela aglomeração mercantil, e também o som de pranchas de desembarque a serem colocadas e o pessoal dos Wreyland que saía para se divertir a bordo das outras cidades. Ele arranhava e batia na madeira, tentando agarrar as tábuas, raspando-as com um prego ferrugento, mas não servia de nada. Por fim, desesperado, voltou-se para Hester e sibilou:

— Por favor! Ajuda-me!

A rapariga levantou-se, cambaleante, e caminhou até onde ele estava agachado. Parecia enjoada, mas não tão mal como ele temera. Talvez se tivesse estado a poupar, reservando as suas últimas forças até estar bastante escuro, para poderem fugir. Ela apalpou as bordas do buraco que ele fizera e fez um aceno de aprovação. Depois, apoiando todo o seu peso no ombro de Tom, bateu com o pé que não estava magoado com toda a força na parede. Foi dando pontapés, uma vez e outra, a madeira em volta do buraco começou a despedaçar-se e a ceder, e ao terceiro pontapé uma secção inteira das tábuas caiu lá

para fora, espalhando-se pelo corredor.

— Eu podia ter feito isso! — disse Tom, olhando fixamente para o buraco irregular e perguntando a si mesmo por que é que não pensara naquilo.

— Mas não fizeste, pois não? — retorquiu Hester, tentando sorrir. Era a primeira vez que ele via o seu sorriso; uma coisa feia e distorcida, mas muito bem-vinda; fê-lo sentir que ela começava a gostar dele e não o via apenas como um aborrecimento. — Vamos lá, então — disse ela —, se quiseres vir.

A centenas de quilómetros de distância, sobre a lama iluminada pelo luar, Shrike vislumbra qualquer coisa. Faz sinal aos pilotos Engenheiros, que assentem, mas resmungam enquanto conduzem o Goshawk 90 para terra. — Que foi agora? Quantas vezes mais vamos ter de andar a voar para trás e para a frente sobre estas marcas de tractores para ele admitir que os miúdos morreram? — Mas resmungam baixo, porque têm um medo terrível de Shrike.

A portinhola abre-se, e Shrike salta para fora. Os seus olhos verdes passam de um lado para o outro até encontrar aquilo que procura. Um farrapo de tecido branco de uma camisa rasgada, ensopado pela chuva, semienterrado na lama.

— HESTER SHAW ESTEVE AQUI — diz, voltado para o Terreno Exterior, e começa a tentar detectar o cheiro dela.

Capítulo 9

O Jenny Haniver

No início parecia que a sorte deles se ia aguentar. Arrastaram-se depressa pelo corredor pouco iluminado, e depois desceram para a sombra de uma das rodas de Speedwell. Conseguiram vislumbrar os contornos escuros das outras cidades, com luzes a arder nas janelas e uma grande fogueira no convés superior de uma delas, uma cidadela mineira no lado oposto da aglomeração, onde se dava uma festa barulhenta.

Avançaram furtivamente pela borda exterior de Speedwell até um local onde uma das pranchas de desembarque se estendia para a cidade mercantil que estava estacionada ali ao lado. Não estava guardada, mas estava muito iluminada e, quando chegaram ao extremo oposto e saíram para o convés da cidade mercantil, uma voz vinda de algures atrás deles gritou: — Ei! — E depois ainda mais alto: — Ei! Eei! Tio Wreyland! Os *'cravos* vão a *fugirem!*

Eles correram, ou melhor, Tom correu e arrastou Hester consigo, ouvindo-a gemer de dor a cada passo dado. Subiram uma escadaria, percorreram um corredor, passaram por um altar a Peripatetia, deusa das cidades vagabundas, e encontraram-se numa praça de mercado rodeada por enormes jaulas de ferro, algumas das quais tinham no seu interior escravos magros e miseráveis que esperavam para ser vendidos. Tom esforçou-se por abrandar e tentou dar o menos nas vistas que lhe fosse possível, sempre atento a qualquer som que lhe indicasse que vinham em perseguição deles. Não se ouvia nada. Talvez os Wreyland tivessem desistido da busca, ou talvez não fossem autorizados a perseguir pessoas noutras cidades... Tom não sabia quais eram as regras numa aglomeração mercantil.

— Vai para a proa — disse Hester largando o braço dele e puxando o colarinho do casaco para cima de forma a esconder a face. — Se tivermos sorte, há uma doca aérea na proa.

Estavam com sorte. Na frente do convés superior da cidade havia uma parte elevada onde meia dúzia de pequenos dirigíveis estavam presos, os balões escuros e cheios de gás fazendo lembrar baleias adormecidas. — Vamos roubar um? — murmurou Tom.

— Não, a não ser que saibas conduzir um dirigível — disse Hester sem forças. — Há ali um café de aviadores; vamos ter de tentar reservar passagens como pessoas normais.

O café não passava de uma barquinha de dirigível antiga e

enferrujada que fora presa ao convés. Algumas mesas de metal estavam colocadas à frente, sob um toldo de riscas. Era iluminado por lanternas de convés, e ali estava um avião velho que ressonava, afundado numa cadeira. O único outro cliente era uma mulher oriental de aspecto sinistro, que envergava um longo casaco de cabedal vermelho e estava sentada na sombra, perto do bar. Apesar de estar escuro, usava óculos de sol, cujas lentes negras e minúsculas pareciam as asas de uma barata. Ela virou-se e olhou para Tom quando este se aproximou do balcão.

Um homem pequeno com um bigode enorme e descaído estava a limpar copos. Olhou para cima sem grande interesse quando Tom lhe disse: — Preciso de um dirigível.

— Para onde?

— Londres — respondeu Tom. — Eu e a minha amiga temos de regressar a Londres e temos de partir ainda esta noite.

— Londres, hum? — As pontas do bigode do homem retorceram-se como se fossem caudas de dois esquilos que lhe tivessem sido enfiados pelo nariz acima e comesçassem a ficar desassossegados. — Só dirigíveis com uma licença do Grémio dos Mercadores de Londres podem lá ancorar. Não temos nada disso por aqui. Stayns não é uma cidade dessas.

— Talvez eu possa ajudar? — sugeriu uma voz suave e estrangeira ao ouvido de Tom. A mulher do casaco vermelho aproximara-se silenciosamente dele; uma mulher elegante e bonita com pequenas madeixas brancas no cabelo negro e curto. Os reflexos das luzes de convés dançavam nos seus óculos de sol e, quando ela sorriu, Tom reparou que os seus dentes estavam manchados de vermelho. — Não tenho licença para Londres, mas vou para Airhaven. Lá podem encontrar um dirigível para o resto do caminho. Têm algum dinheiro?

Tom não pensara nessa parte. Vasculhou na túnica e pescou duas notas amarrotadas com a cara de Quirke na frente e Magnus Crome, com o seu olhar severo, na parte de trás. Tinha-as posto no bolso na noite em que caíra de Londres, esperando poder gastá-las na festa da captura em Kensington Gardens. Aqui, sob as crepitantes luzes de convés da doca aérea, pareciam totalmente deslocadas, como se fossem dinheiro de brincar.

A mulher deve ter pensado isso mesmo. — Ah — disse ela. — Vinte Quirkes. Mas notas dessas só podem ser gastas em Londres. Não são muito úteis para uma pobre vagabunda do céu como eu. Não têm ouro? Ou Tecnologia Antiga?

Tom encolheu os ombros e murmurou qualquer coisa. Pelo canto do olho viu uns recém-chegados a abrir caminho por entre as mesas. — Veja, tio Wreyland! — ouviu um deles a gritar. — Ali estão eles! Já os apanhámos!

Tom olhou e viu Wreyland e dois dos seus rapazes aproximarem-se, de cacetes nas mãos. Agarrou em Hester, que estava encostada ao balcão, quase inconsciente. Um dos homens de Speedwell adiantou-se para lhes cortar a retirada, mas a mulher do casaco vermelho barrou-lhes a passagem e Tom ouviu-a dizer: — Eles são meus passageiros. Estava só a combinar o preço.

— Eles são nossos escravos! — gritou Wreyland, afastando-a do caminho. — Tom Nitsworthy e a sua amiga. Na verdade, encontrámo-los no Terreno Exterior, e aquilo que achamos pertence-nos...

Tom apressou Hester através do convés de metal, passando por um lanço de escadas que levava até ao local onde estavam ancorados os dirigíveis. Conseguiu ouvir os homens de Wreyland separarem-se, gritando uns com os outros enquanto procuravam, depois ouviu um grunhido e um forte impacte, como se um tivesse caído. *Boa*, pensou, mas sabia que os outros depressa o encontrariam.

Arrastou Hester por um pequeno lanço de escadas de ferro acima, até aos desembarcadiros. Viam-se luzes em alguns dos dirigíveis que ali se encontravam ancorados, e apeteceu-lhe forçar a entrada num deles e obrigar o piloto a levá-los até Londres. Mas não tinha nada que pudesse utilizar como arma e, antes que pudesse procurar uma, ouviram-se passos na escada por trás dele e a voz de Wreyland dizer: — Por favor, tente ser razoável, Senhor Nitsworthy! Não quero ver-me obrigado a magoá-lo. Fred! — acrescentou. — Tenho os malandros encurralados. Fred?

Tom sentiu que a esperança estava perdida. Agora não havia para onde fugir. Ficou ali de pé, sem forças, enquanto Wreyland avançava para a luz, vindo da vigia de um dos dirigíveis próximos dali, balançando o seu cacete. Hester deixou-se cair contra o muro da doca, estremeceu e gemeu.

— É uma questão de justiça — disse Wreyland, como se pensasse que ela se estava a queixar. — Não gosto desta escumalha da escravatura mais do que vocês, mas os tempos são duros, e nós apanhámos-vos, quanto a isso não restam dúvidas...

De repente, Hester moveu-se mais depressa do que Tom alguma vez julgara possível. Arrancou uma alavanca de metal do guincho e atirou-a na direcção de Wreyland. O cacete que ele trazia saltou-lhe da mão e bateu no convés com um som semelhante ao de um xilofone e a barra de metal atingiu-o de lado, com violência, na cabeça.

— Au! — gemeu ele, caindo no chão. Hester atirou-se para a frente e voltou a erguer a barra, mas antes que ela a espetasse no crânio do velho, Tom agarrou-lhe o braço. — Pára! Vais matá-lo!

— E então? — Ela virou-se para Tom, rangendo os dentes de boca aberta, parecendo um macaco enlouquecido. — E então?

— Ele tem razão, minha querida — disse uma voz amigável. — Não vale a pena acabar com ele.

Das sombras saiu a mulher do bar, com o casaco vermelho rodopiando em volta dos tornozelos enquanto avançava para eles. — Acho que devíamos entrar a bordo do meu dirigível antes que o resto do pessoal dele venha à vossa procura.

— Mas disse-nos que não tínhamos dinheiro suficiente — lembrou-lhe Tom.

— E não têm, Senhor Nitsworthy — disse a aviadora. — Mas eu não posso propriamente ficar a olhar enquanto vocês são levados e vendidos como escravos, pois não? Eu já fui escrava, e não é coisa que recomende. — Ela tirara os óculos. Tinha os olhos escuros e em forma de amêndoa, com finas teias de rugas nos cantos, quando sorria. — Além disso — acrescentou —, vocês intrigam-me. Que faz um londrino a vaguear no Terreno de Caça, a arranjar problemas? — Ela esticou a mão em direcção a Tom, uma mão longa e morena com os tendões e ossos claramente visíveis, deslizando sobre uma pele muito fina.

— Como sabemos que não nos vai trair, como fez o Wreyland? — perguntou.

— Não sabem, claro! — disse ela, com uma risada. — Vão ter de confiar em mim.

Depois de Valentine e dos Wreyland, Tom pensava que nunca mais poderia voltar a confiar em alguém, mas aquela peculiar estrangeira representava a sua única esperança. — Está bem — acedeu. — Mas o Wreyland enganou-se no meu nome, é *Natsworthy*.

— E o meu é Fang — disse a mulher. — Menina Anna Fang. — Ela ainda tinha a mão esticada, como se ele fosse um animal assustado que precisasse de ser domado, e mantinha o seu assustador sorriso vermelho. — O meu dirigível está na doca aérea seis.

Assim, eles foram com ela, e algures nas sombras oleosas sob os desembarcadouros passaram por cima dos companheiros de Wreyland, que jaziam encostados a um pilar com as cabeças pendendo como bêbedos. — Eles estão...? — murmurou Tom.

— Desmaiados — disse a Menina Fang. — Tenho de admitir que não conheço a minha própria força.

Tom queria parar e verificar se os homens estavam bem, mas ela afastou-o dali rapidamente, subindo depois uma escada que dava acesso ao Cais Seis. O dirigível que ali estava ancorado não era propriamente o dirigível rápido e elegante que Tom esperava. De facto, era pouco mais do que um remendado saco de gás escarlate e uma mistela de peças de motor ferrugentas atarraxadas a uma barquinha de madeira.

— É feito de lixo! — exclamou.

— Lixo? — disse a Menina Fang, rindo-se. — Então, o *Jenny Haniver* é feito com peças dos melhores dirigíveis que alguma vez voaram! Um balão de seda de silicone de um rápido de Shan Guo, motores aéreos gémeos Jeunet-Carot de um dirigível bombardeiro de Paris, células de gás reforçadas de um balão de guerra de Spitzbergen... é fantástico o que se encontra nas sucatas...

Ela conduziu-os pela prancha de embarque acima, para o interior da minúscula barquinha, onde pairava o cheiro a especiarias. Não passava de um estreito tubo de madeira com uma cabina de voo na frente, os aposentos da Menina Fang na popa, e uma confusão de outras pequenas cabinas pelo meio. Tom tinha de estar sempre a baixar-se para não bater com a cabeça nos cacifos de cima, nem nos perigosos feixes de cabos que pendiam de painéis de instrumentos presos ao tecto, mas a aviadora passeava-se por ali com um desembaraço conquistado pela prática, murmurando para si mesma numa estranha língua estrangeira enquanto carregava em botões, puxava alavancas e acendia umas fracas luzes eléctricas verdes que faziam a cabina parecer-se com um aquário. Ela riu-se quando reparou no ar preocupado de Tom. — Isto é esperanto aéreo, a língua que se fala no céu. Esta vida nas estradas dos pássaros acaba por ser solitária, e eu ganhei o hábito de falar sozinha...

Ela puxou uma última alavanca, e os ruídos característicos das válvulas de gás ecoaram pela barquinha. Ouviu-se o barulho seco dos ganchos magnéticos de atracação a soltarem-se e o rádio ganhou vida, com um som estridente, dizendo logo: — *Jenny Haniver*, nós somos da Direcção da Doca de Stayns. A sua partida não foi autorizada!

Mas isso não impediu o *Jenny Haniver* de dar início à partida. Tom sentiu o estômago às voltas, quando saíram para o céu nocturno. Avançou aos tropeções até uma vigia e viu a cidade mercante afastar-se cada vez mais, lá em baixo. Depois Speedwell tornou-se visível e passado pouco tempo, já toda a aglomeração se estendia debaixo dele como uma exposição de maquetas de cidades no Museu.

— *Jenny Haniver* — insistia o altifalante —, regresse imediatamente ao seu local de aterragem! Temos um pedido do

conselho da cidade de Speedwell para entregar os seus passageiros, senão eles serão obrigados a...

— Chatos! — exclamou a Menina Fang, desligando o rádio. Uma bateria de mísseis artesanal, colocada no telhado da Câmara Municipal de Speedwell, cuspiu uma série de mísseis atrás deles. Três passaram sem causar qualquer perigo, um quarto explodiu perto da zona de estibordo, fazendo com que a barquinha balouçasse como um pêndulo, e o quinto acertou ainda mais perto. (Anna Fang franziu o sobrolho quando esse rebentou, enquanto Tom e Hester se atiravam para o chão em busca de abrigo, como coelhos assustados.) Depois ficaram fora de alcance; o *Jenny Haniver* subia para os espaços frios e livres da noite, e a aglomeração mercantil não passava de uma distante mancha de luz por baixo das nuvens.

Capítulo 10

O Elevador Do 13.º Andar

Nessa noite choveu em Londres, mas quando o Sol começou a fazer a sua aparição, o céu encontrava-se limpo e claro como as águas calmas de um lago, e o fumo dos motores da metrópole subia directamente pelo céu sem vento. Os conveses molhados tinham um brilho prateado reflectindo a luz do sol e todos os estandartes da Primeira Plataforma pendiam imóveis e sem vida nos seus mastros. Era uma bela manhã de Primavera, a manhã que Valentine desejara e Katherine temia. Estava um tempo perfeito para voar.

Embora fosse ainda tão cedo, já se viam multidões reunidas ao longo das bermas da Primeira Plataforma, para assistir à partida do *Elevador do 13.º Andar*. Enquanto Gench conduzia Katherine e o seu pai até à doca aérea, ela reparou que o Circle Park também se encontrava cheio de gente. Parecia que toda a Londres Superior viera aplaudir a partida de Valentine. Claro está que ninguém sabia para onde ele ia, mas à medida que Londres se dirigia para oriente a alta velocidade, a teia dos rumores citadinos não parara de alastrar, noite e dia: todos pareciam saber que a expedição de Valentine estava relacionada com alguma grande presa que o Presidente da Câmara esperava alcançar no centro do Terreno de Caça.

Tinham-se instalado bancadas provisórias para o Conselho e para os Grémios e, depois de ela e o *Cão* terem desejado boa viagem ao Pai no interior da confusão do hangar, Katherine foi tomar o seu lugar junto dos Historiadores, apertada entre Chudleigh Pomeroy e o Doutor Arkengarth. À volta dela encontravam-se todos os grandes e poderosos de Londres: as sóbrias togas negras do Grémio do Pai e o roxo do Grémio dos Mercadores, os melancólicos Navegadores, com as suas belas túnicas verdes e uma fila de Engenheiros vestidos e encapuzados de borracha branca, parecendo borrachas de apagar novas em folha. Até Magnus Crome se tinha preparado para a ocasião, e a corrente da antiga insígnia do ofício de Presidente da Câmara pendia, resplandecente, do seu pescoço magro.

Katherine desejava que todos eles tivessem ficado em casa. Era difícil dizer adeus a alguém quando se fazia parte de uma enorme multidão entusiasta, com toda a gente a agitar bandeiras e a mandar beijos para o ar. Ela fez festas na cabeça nodosa do *Cão* e disse-lhe: — Olha, ali está o Pai, a subir a prancha de embarque agora mesmo. Devem estar quase a ligar os motores.

— Só espero que nada corra mal — murmurou o Dr. Arkengarth.

— Uma pessoa ouve histórias sobre como estes dirigíveis explodem de repente, sem qualquer razão aparente.

— Talvez nos devêssemos chegar um pouco mais para trás? — sugeriu, trocista, a Menina Plym, conservadora da mobília do Museu.

— Que disparate — disse-lhes Katherine com um ar zangado.

— Vai correr tudo bem.

— Sim, cale-se, Arkengarth, seu velho tolo e pateta — concordou Chudleigh Pomeroy, para surpresa dela. — Não tenha medo, Menina Valentine. O seu pai tem o melhor dirigível e os melhores pilotos do mundo, nada pode correr mal.

Katherine sorriu-lhe, agradecida, mas continuou com os dedos cruzados, e o Cão percebeu que ela não estava a sentir-se muito bem e começou a ganir baixo.

Do interior do hangar começaram a ouvir-se os sons de portinholas a serem fechadas e o ruído das escadas de embarque a serem afastadas. Um silêncio expectante caiu sobre as bancadas. Ao longo das bordas da plataforma, a Londres Superior susteve a respiração. Depois, ao som da banda a tocar o «Rule Londinium», a equipa de terra de Valentine começou a arrastar para o exterior o *Elevador do 13.^o Andar*, que parecia uma flecha negra e lustrosa, cujo balão blindado brilhava como seda. Valentine encontrava-se de pé na plataforma aberta da popa da barquinha de controlo a acenar. Saudou a tripulação de terra e as bancadas coroadas de bandeiras e depois sorriu directamente para Katherine, encontrando sem hesitar o seu rosto no meio de todos os outros.

Ela acenou com entusiasmo em resposta, e a multidão gritou também até ficar rouca, enquanto os motores do *Elevador do 13.^o Andar* se colocavam em posição de largada. A tripulação de terra retirou as âncoras, os propulsores começaram a rodar e uma chuva de papelinhos caiu em turbilhão enquanto a máquina gigantesca se erguia no ar. Alguns Historiadores Aprendizes exibiram um cartaz onde se lia *Feliz Dia de S. Valentine!* e os gritos de apoio não paravam, como se as multidões julgassem que era apenas o seu amor que mantinha o explorador no ar. — Val-en-tine! Val-en-tine!

Mas Valentine não reparou no barulho, nem nas bandeiras. Ficou a observar Katherine com uma mão erguida em sinal de despedida até que o dirigível subiu e se afastou tanto que ela já não o conseguia distinguir.

Por fim, quando o *Elevador* já não passava de um pontinho no horizonte e as bancadas já se encontravam quase vazias, ela limpou as lágrimas, pegou na trela do Cão e dirigiu-se para casa. Já sentia

saudades do pai, mas agora tinha um plano. Enquanto ele estivesse fora, ela faria as suas próprias explorações e descobriria quem fora aquela rapariga misteriosa e porque ela o assustava tanto.

Capítulo 11

Airhaven

Depois de se ter lavado, de ter dormido e de ter comido qualquer coisa, Tom começou a chegar à conclusão de que afinal a vida de aventura podia até nem ser assim tão má. Quando o Sol começou a nascer, ele já começara a esquecer a miséria da sua travessia na lama e da prisão em Speedwell. A vista que tinha das grandes janelas frontais do *Jenny Haniver* à medida que o dirigível voava por entre montanhas douradas e nuvens iluminadas pelos primeiros raios de sol era o suficiente para até a dor da traição de Valentine se atenuar um pouco. Ao pequeno-almoço, enquanto bebia chocolate quente com a Menina Fang no convés de voo, começou a sentir-se bem.

Assim que o *Jenny Haniver* se encontrou em segurança, fora do alcance dos mísseis de Speedwell, a aviadora tornou-se toda sorrisos e simpatia. Colocou o dirigível na rota certa, tratou de lhe encontrar um casaco quente forrado de lã e fez-lhe uma cama no porão, um espaço lá no alto, dentro do balão do dirigível, atulhado com uma carga de peles de foca vindas de Spitzbergen. Depois transportou Hester para a enfermaria e começou a tratar da sua perna ferida. Quando naquela manhã, depois do pequeno-almoço, Tom foi ver como ela estava, a rapariga dormia profundamente debaixo de um cobertor branco. — Dei-lhe um medicamento para as dores — explicou a Menina Fang. — Vai dormir durante horas, mas não precisas de te preocupar com ela.

Tom olhou para a cara adormecida de Hester. De certa forma, ele esperara que ela tivesse melhor aspecto, agora que fora lavada, alimentada e tratada, mas claro está que continuava tão hedionda como sempre.

— Ele fez-lhe um lindo serviço, o vosso malvado Senhor Valentine — disse a aviadora, conduzindo-o de volta ao convés de voo, onde ela desligou o piloto automático.

— Como é que sabe do Valentine? — perguntou Tom.

— Oh, toda a gente ouviu falar do Thaddeus Valentine — respondeu, rindo-se. — Sei que ele é o mais famoso historiador de Londres, e sei também que isso não passa de uma fachada para o seu verdadeiro trabalho como agente secreto de Crome.

— Isso não é verdade! — começou Tom a dizer, ainda defendendo instintivamente o seu antigo herói. Mas sempre houvera rumores de que as expedições de Valentine envolviam aspectos mais obscuros do que a mera arqueologia, e agora que ele próprio tivera a experiência

da crueldade do grande homem, começava a acreditar nesses rumores. Tom corou, envergonhado por Valentine e envergonhado por si mesmo, que o adorara durante todo aquele tempo.

A Menina Fang observou-o com um breve sorriso de compreensão.

— A Hester contou-me muito mais coisas ontem à noite, enquanto lhe tratava da ferida — disse ela carinhosamente. — Têm os dois muita sorte em ainda estar vivos.

— Eu sei — concordou Tom, mas não conseguiu deixar de se sentir incomodado por Hester ter partilhado a história deles com aquela desconhecida.

Sentou-se no lugar do co-piloto e observou os comandos do dirigível: uma confusão de botões, interruptores e alavancas, tudo etiquetado numa mistura de esperanto aéreo, anglo e chinês. Preso à antepara, sobre as suas cabeças, havia um pequeno altar de madeira lacada, enfeitado com fitas vermelhas e fotografias dos antepassados da Menina Fang. Aquele sorridente mercador aéreo de Manchu devia ser o seu pai, supôs Tom. E será que aquela senhora ruiva dos Desertos Gelados fora a sua mãe?

— Então, diz-me, Tom — inquiriu a Menina Fang, mudando a rota do dirigível —, para onde *é* que vai Londres?

A pergunta foi inesperada.

— Não sei! — respondeu Tom.

— Oh, de certeza que sabes *qualquer* coisa! — insistiu, rindo-se. — A tua metrópole abandonou o buraco no Oeste onde se escondia, atravessou a ponte terrestre e vai agora a alta velocidade em direcção ao centro do Terreno de Caça «com fogo nas guelras» como se costuma dizer. Deves ter ouvido pelo menos um boato. Não?

Os seus longos olhos deslizaram sobre Tom, que lambeu os lábios, nervoso, perguntando a si mesmo o que dizer. Nunca prestara grande atenção às histórias estúpidas que os aprendizes contavam uns aos outros acerca do sítio para onde Londres se dirigia; na verdade, não fazia a menor ideia. E mesmo que fizesse, sabia que seria errado revelar os planos da sua metrópole a misteriosas aviadoras orientais. E se a Menina Fang, em troca de uma recompensa, voasse para longe e fosse contar a uma metrópole maior onde devia ficar à espera de Londres? Mas se ele não lhe dissesse *qualquer coisa*, ela podia pô-lo fora do seu dirigível, talvez até sem se dar ao trabalho de o aterrar primeiro!

— Presas! — disse ele de repente. — O Grémio dos Navegadores afirma que há imensas presas no centro do Terreno de Caça.

O sorriso vermelho ficou ainda maior. — A sério?

— Ouvi-o da boca do Presidente dos Navegadores em pessoa — afirmou Tom, tornando-se mais audaz.

A Menina Fang assentiu, radiante. Depois puxou uma grande alavanca de bronze. Válvulas de gás grunhiram no interior do balão e os ouvidos de Tom estalaram enquanto o *Jenny Haniver* começava a descer, mergulhando numa grossa camada de nuvens brancas. — Deixa-me mostrar-te o centro do Terreno de Caça — disse ainda rindo-se, e verificando os mapas que estavam presos à antepara, ao lado do altar.

Foram descendo cada vez mais, até que a nuvem se tornou menos espessa e desapareceu, e Tom viu a vastidão do Terreno Exterior espalhada debaixo dele como uma folha de papel castanho-acinzentado toda amarrotada, marcada por longas formas azuis que eram os sulcos, cheios de água, deixados pelos tractores de inúmeras cidades. Pela primeira vez desde que o dirigível levantara voo de Stayns, ele sentiu medo, mas a Menina Fang murmurou: — Não tens de ter medo, Tom.

Ele acalmou-se e observou aquela paisagem maravilhosa. Ao longe, para norte, conseguia ver o brilho frio dos Desertos Gelados e os cones escuros das montanhas de fogo de Tannhäuser. Procurou Londres, e acabou por lhe parecer ver a metrópole, um pontinho pequeno e acinzentado que levantava atrás de si uma nuvem de pó enquanto avançava, muito mais afastado do que ele esperara. Também se viam outras cidades e metrópoles, aqui e ali na planície, ou escondendo-se na sombra de cadeias montanhosas semicomidas, mas não eram de forma alguma tantas como ele esperava. Para sudeste não se via mesmo nenhuma, somente uma camada de nevoeiro carregado sobre uma porção de terreno pantanoso e, para lá disso, o brilho prateado da água.

— Aquele é o grande mar interior de Khazak — disse a aviadora, quando ele apontou para esse local. — Tenho a certeza de que já ouviste a velha cantilena terrestre. — E numa voz aguda e ritmada, começou a cantar: — *Cuidado, cuidado com o Mar de Khazak, pois a cidade que dele se aproximar nunca mais vai regressar...*

Mas Tom não estava a ouvir. Reparara em algo muito mais terrível do que qualquer mar interior.

Mesmo abaixo deles, com a sombra do *Jenny Haniver* que aparecia e desaparecia sobre as vigas mestras do seu esqueleto, jazia uma metrópole morta. Encontrava-se sobre um terreno marcado pelos tractores de centenas de cidades mais pequenas, inclinada num insólito plano angular e, à medida que o *Jenny Haniver* descia para ter

uma visão mais aproximada, Tom apercebeu-se de que os seus tractores e entranhas não estavam lá e que os seus conveses estavam a ser despedaçados por um enxame de pequenas cidades, que se encontravam à sombra dos seus níveis inferiores, arrancando com as mandíbulas enormes partes ferrugentas e desembarcando grupos de recuperadores, cujas tochas brilhavam e tremeluziam por entre os andares como as lâmpadas de uma árvore de Quirkatal.

Viu-se uma nuvem de fumo a sair de uma das cidades e um míssil veio na direcção do dirigível, explodindo uma centena de metros abaixo dele. As mãos da Menina Fang moveram-se rapidamente sobre os controlos, e Tom sentiu o dirigível voltar a subir. — Metade das cidades necrófagas do Terreno de Caça estão a tratar dos destroços de Motoropolis — disse ela —, e são muito zelosos das suas presas. Disparam sobre qualquer pessoa que se aproxime, e quando ninguém o faz, disparam uns contra os outros.

— Mas como é que ficou assim? — perguntou Tom, olhando para trás, para o enorme esqueleto, enquanto o *Jenny Haniver* se afastava, subindo no ar.

— Morreu de fome — explicou a aviadora. — Ficou sem combustível e, como teve de ficar ali parada, um grupo de cidades mais pequenas veio e começou a desfazê-la. A loucura alimentícia dura há meses, e deduzo que uma outra metrópole apareça a qualquer momento e acabe o trabalho. Vês, Tom, não há presas suficientes no centro do Terreno de Caça para toda a gente, portanto não pode ter sido isso que fez com que Londres saísse do seu esconderijo.

Tom voltou-se para ver a metrópole morta a ficar para trás. Um grupo de pequenos subúrbios predadores estava a atacar as cidades necrófagas no lado noroeste, separando a mais fraca e lenta e perseguindo-a, mas antes que a apanhassem, o *Jenny Haniver* voltou a subir para o mundo limpo e puro acima das nuvens, e a carcaça de Motoropolis ficou escondida da vista.

Quando a Menina Fang voltou a olhar para ele, ainda estava a sorrir, mas tinha um brilho estranho nos olhos. — Então, se não é de presas que o Magnus Crome anda atrás — disse ela —, do que poderá ser?

Tom abanou a cabeça.

— Não passo de um Historiador Aprendiz — confessou. — De Terceira Classe. Na *verdade*, não conheço o Presidente dos Navegadores.

— A Hester mencionou uma coisa — continuou a aviadora. — Aquilo que o Senhor Valentine roubou aos pobres dos pais dela.

MEDUSA. Um nome estranho. Já ouviste falar disso? Sabes aquilo que significa?

Tom abanou a cabeça e ela olhou para ele com atenção, observou-lhe os olhos até ele se sentir como se ela lhe estivesse a olhar directamente para a alma. Depois riu-se. — Bem, não interessa. Tenho de vos levar para Airhaven, e encontrar um dirigível para irem para casa.

Airhaven! Era uma das mais famosas cidades de toda a Era da Tracção, e quando ao fim da tarde se ouviu no rádio o sinal da sua aproximação, Tom foi a correr para o convés de voo. Encontrou Hester no corredor de espera, junto da enfermaria, desgredada, sonolenta e coxa. Anna Fang fizera o melhor que conseguira à perna ferida, mas não melhorara em nada as maneiras da rapariga; escondeu o rosto quando viu Tom e limitou-se a resmungar qualquer coisa e a olhar de lado para ele quando lhe perguntou como ela se sentia.

No convés de voo, a aviadora virou-se para os saudar com um sorriso radioso. — Vejam meus queridos! — disse, apontando para a frente pelas janelas enormes. — Airhaven!

Eles aproximaram-se, ficaram de pé atrás dela, olharam e, à distância, para lá do mar de nuvens, viram o Sol do ocidente reflectido numa única plataforma constituída por uma liga de metal leve e uma auréola de balões de gás muito coloridos.

Havia muito tempo, a cidade de Airhaven decidira escapar das metrópoles esfomeadas, partindo para o céu. Agora era um local de negócios e ponto de encontro para os aviadores, flutuando acima do Terreno de Caça durante todo o Verão, e viajando depois para sul, no Inverno, em busca de céus mais quentes. Tom lembrava-se de como uma vez ancorara sobre Londres durante uma semana inteira; como os balões de turismo tinham subido e descido em Kensington Gardens e

Circle Park, e a inveja que ele tinha sentido de pessoas como Melliphant, que eram suficientemente ricas para viajarem num deles e regressarem cheias de histórias acerca da cidade flutuante. Agora ele ia lá em pessoa e, ainda por cima, não apenas como turista! Que história ele teria para contar aos outros aprendizes quando regressasse a casa!

Lentamente o dirigível subiu em direcção à cidade, e enquanto o Sol mergulhava definitivamente por trás dos blocos de nuvens a ocidente, a Menina Fang desligou os motores e deixou-o flutuar em direcção a um atracadouro, enquanto os funcionários da doca vestidos com roupas azul-celeste agitavam bandeiras multicoloridas para guiarem o dirigível em segurança até ao local de atracação. Atrás

deles, a doca estava repleta de turistas e aviadores, e até mesmo um pequeno grupo de observadores de dirigíveis que anotaram cuidadosamente o número do *Jenny Haniver* nos seus blocos de notas no momento em que os ganchos de atracação se fechavam.

Alguns segundos mais tarde, Tom saía para o ar livre, frio e rarefeito do anoitecer, observando os dirigíveis que partiam e chegavam; elegantes aeronaves de carreira e barcas ferrugentas, pequenos e ágeis dirigíveis rápidos com balões transparentes e cargueiros de especiarias, às riscas, como tigres vindos das Cem Ilhas. — Olhem! — disse, apontando para os telhados. — Ali está o Mercado Flutuante e aquela igreja é a de São Miguel do Céu, há uma fotografia dela no Museu de Londres! — Mas a Menina Fang já vira tudo aquilo muitas vezes e Hester escondia-se das multidões no extremo da doca, com o rosto oculto.

A aviadora trancou as escotilhas do *Jenny* com uma chave que estava pendurada num fio em volta do seu pescoço, mas quando um rapazinho descalço correu para ela e a puxou pelo casaco, dizendo: — Posso ficar a guardar o seu dirigível, Senhora? — ela riu-se e deixou cair três moedas quadradas de bronze na palma da sua mão. — Não vou deixar ninguém entrar a bordo às escondidas! — prometeu ele, ocupando o seu posto junto à prancha de embarque. Trabalhadores da doca envergando uniformes surgiram, sorrindo para a Menina Fang, mas olhando com desconfiança para os seus novos amigos. Certificaram-se de que os recém-chegados não tinham revestimentos de metal nas biqueiras das botas, nem traziam cigarros acesos, e depois guiaram-nos até ao escritório da doca onde enormes cartazes ostentavam letreiros que repetiam informações bem claras: PROIBIDO FUMAR, DESLIGAR TODOS OS INSTRUMENTOS ELECTRÓNICOS e NÃO FAZER FAÍSCAS. As faíscas representavam o terror do negócio aéreo, devido ao perigo de poderem pegar fogo ao gás nos balões dos dirigíveis. Em Airhaven até pentear-se com demasiado vigor era considerado um crime grave, e todos os recém-chegados tinham de assinar rigorosos acordos de segurança e de convencer os mestres da doca de que não havia grande probabilidade de pegarem fogo de repente.

Por fim, foi-lhes permitido avançar por uma escadaria de metal até High Street. A única avenida de Airhaven era formada por um círculo de placas de convés, constituídas por uma liga de metal leve, rodeadas por lojas, bancas, mercearias, cafés e hotéis para aviadores. Tom virava-se de um lado para o outro, tentando absorver tudo e certificar-se de que recordaria aquilo tudo para sempre. Viu turbinas que rodavam em todos os telhados, filtrando o vento para abastecer a central eléctrica principal, e mecânicos que trepavam como aranhas

pelos enormes motores. O ar estava carregado dos cheiros exóticos de comida estrangeira e para onde quer que olhasse, via aviadores, que andavam por ali, com a tranquilidade despreocupada de quem passara a vida no ar, os longos casacos a esvoaçarem atrás deles como asas de cabedal.

A Menina Fang apontou para o extremo oposto da curva de High Street, para um edifício com uma tabuleta em forma de dirigível.

— Ali é o Balão e Barquinha — disse aos seus companheiros. — Convido-vos para jantar, e depois procuramos um capitão simpático para vos levar para Londres.

Dirigiram-se para lá, com a aviadora à frente, Hester escondendo-se do mundo por trás da sua mão erguida e Tom ainda a olhar em volta, maravilhado, e a pensar que era uma pena as suas aventuras irem chegar ao fim dentro de tão pouco tempo. Não reparou num Goshawk 90 a voar em círculos no meio de uma série de dirigíveis maiores, esperando por um espaço para aterrar. Mesmo que tivesse reparado, não seria capaz de ler os seus números de registo àquela distância, nem ver que a insígnia no seu balão era a roda vermelha do Grémio dos Engenheiros.

Capítulo 12

O Balão E Barquinha

A estalagem era grande, escura, e estava cheia de gente. As paredes encontravam-se decoradas com dirigíveis colocados dentro de garrafas e com as hélices de famosas aeronaves de grande velocidade que tinham os nomes cuidadosamente pintados nas lâminas: *Nadhezna*, *Aerymouse* e *Minhoca Invisível*. Havia muitos aviadores reunidos em volta das mesas de metal, conversando acerca de carregamentos e dos preços de gás. Viam-se jainas, tibetanos, xhosas, inuítes, tuaregues-aéreos e gigantes vestidos com peles, vindos dos Desertos Gelados. Uma rapariga uigur tocava a «Serenata Aérea» na sua guitarra de quarenta cordas e de vez em quando ouvia-se um altifalante a anunciar: — Chegada no desembarcadouro três; o *Vento Idiota* acabado de chegar dos Palatinatos dos Novos Maias com um carregamento de chocolate e baunilha. — Ou: — Agora a atracar no desembarcadouro sete; *My Shirona* que vai a caminho de Arcanjo...

Anna Fang parou num pequeno altar mesmo à entrada e deu graças aos deuses do céu por uma viagem segura. O Deus dos Aviadores tinha um aspecto simpático; a estátua gorda e vermelha que se encontrava no altar lembrava Tom de Chudleigh Pomeroy; mas a sua mulher, a Senhora dos Altos Céus, era cruel e manhosa, quando se sentia ofendida, podia germinar furacões ou rebentar com células de gás. Anna fez-lhe uma oferta de bolos de arroz e dinheiro para dar sorte, e Tom e Hester fizeram um sinal de agradecimento, só para jogar pelo seguro.

Quando olharam para cima, a aviadora já se afastava deles a grande velocidade, dirigindo-se a um grupo de aviadores que se encontravam numa mesa de canto. — Khora! — gritou, e quando eles finalmente a apanharam já ela estava a andar às voltas nos braços de um belo jovem africano e a falar muito depressa em esperanto aéreo. Tom tinha quase a certeza de a ter ouvido dizer «MEDUSA» ao olhar para si e para Hester, mas quando eles se aproximaram mais, já a conversa tinha mudado para anglo e o africano dizia: — Viajámos sempre nos ventos altos, desde Zagwa! — disse, sacudindo areia vermelha do Sara do seu capacete de voo para o provar.

Ele era o Capitão Khora, do dirigível de guerra *Mokele Mbembe* e vinha de um enclave estático nas Montanhas da Lua, um aliado da Liga Antitracção. Agora dirigia-se a Shan Guo, para começar um turno de serviço na grande fortaleza da Liga, Batmunkh Gompa. No início Tom ficou chocado por ter de partilhar a mesa com um soldado da

Liga, mas Khora parecia ser um homem bom, tão afável e acolhedor como a própria Menina Fang. Enquanto ela pedia a comida, ele apresentou os seus amigos: o homem alto com aspecto melancólico era Nils Lindstrom do *Garden Aeroplane Trap*, e a bonita e sorridente senhora árabe era Yasmina Rashid do corsário Palmirenense *Zainab*. Passado pouco tempo todos os aviadores se riam uns com os outros, recordando batalhas sobre as Cem Ilhas e bebedeiras em festas no quartel dos aviadores em Panzerstadt-Linz e, por entre histórias, Anna Fang empurrou uns pratos para o outro lado da mesa para os seus convidados. — Mais arganaz batido, Tom? Hester, prova um bocadinho deste delicioso morcego infernal!

Enquanto Tom empurrava a esquisita comida estrangeira com o par de pauzinhos que lhe deram em vez de faca e garfo, Khora aproximou-se e disse suavemente: — Então, tu e a tua namorada estão a fazer parte da tripulação do *Jenny*, agora?

— Não, não! — assegurou Tom de imediato. — Quero dizer, não, ela não é minha namorada, e não, nós somos só passageiros... — Depois apanhou um bocadinho de gafanhoto esmagado e perguntou: — Conhece bem a Menina Fang?

— Oh, sim! — disse Khora rindo-se. — Todos os comerciantes aéreos conhecem a Anna. E toda a Liga também, claro. Em Shan Guo chamam-lhe «Feng Hua», a Flor do Vento.

Tom perguntou a si mesmo porque é que a Menina Fang teria um nome especial em Shan Guo, mas antes que pudesse perguntar isso em voz alta, Khora continuou:

— Sabes que foi ela quem construiu o *Jenny Haniver* com as suas próprias mãos? Quando era pequena, ela e os pais tiveram o azar de estar a bordo de uma cidade que foi comida por Arcanjo. Foram colocados a fazer trabalho de escravo nos estaleiros dos dirigíveis da metrópole, e ao longo dos anos ela conseguiu tirar um motor aqui, um volante ali, até que construiu o *Jenny* e escapou.

Tom estava impressionado.

— Ela não *contou* isso — murmurou, olhando para a aviadora com outros olhos.

— Ela não fala muito disso — disse Khora. — Sabes, é que os pais dela não sobreviveram o tempo suficiente para escapar com ela; viu-os morrer nos fossos dos escravos.

Tom sentiu uma onda de simpatia pela pobre Menina Fang, uma sua colega órfã. Era por isso que ela estava sempre a sorrir, para esconder a sua dor? E teria sido por isso que os salvara, a ele e a Hester, para não os deixar ter o mesmo destino dos seus pais? Sorriu-

lhe com toda a simpatia, e ela reparou no seu olhar e sorriu-lhe também, passando-lhe um prato com umas pernas pretas muito tortas. — Aqui tens, Tom, experimenta um bocadinho de tarântula salteada...

— Chegada no Cais Catorze! — berrou o altifalante sobre as suas cabeças. — Dirigível GE47 de Londres, transportando somente passageiros.

Tom saltou, e a sua cadeira caiu para trás com estrondo. Lembrava-se dos rápidos dirigíveis de reconhecimento que os Engenheiros usavam para vigiar os tractores e a superestrutura de Londres, e lembrava-se de como não tinham nomes, somente códigos de registo, e de como todos os códigos começavam por GE. — Mandaram alguém atrás de nós! — exclamou, ofegante. A Menina Fang também se levantara.

— Pode não passar de uma coincidência — disse ela. — Deve haver imensos dirigíveis de Londres... e mesmo que Valentine tenha mandado alguém atrás de vocês, estão entre amigos. Somos mais do que suficientes para aguentar com os vossos horríveis *Beefhurgers*.

— *Beefeaters* — corrigiu logo Tom, embora soubesse que ela se tinha enganado de propósito, só para tentar aliviar a tensão. Viu Hester sorrir e sentiu-se feliz por ela estar ali, e ferozmente determinado a defendê-la.

Depois apagaram-se todas as luzes.

Ouviram-se gritos, apupos, um estrondo de coisas a cair na cozinha. As janelas destacavam-se da escuridão geral como formas vagamente coloridas por uma luz fraca. — Não há electricidade em toda Airhaven! — disse a voz melancólica de Lindstrom. — A central eléctrica deve ter ido abaixo!

— Não — disse Hester rapidamente. — Conheço este truque. O objectivo é criar o caos e impedir-nos de fugir. Alguém veio aqui à nossa procura...

Havia um tom de pânico na sua voz, que Tom nunca escutara antes, nem mesmo durante a perseguição em Stayns. De repente sentiu-se muito assustado.

E então ouviu-se um grito, vindo do lado oposto da sala, onde a multidão de clientes começava a tentar sair para a High Street, que a Lua ainda iluminava. Depois ouviu-se outro, e um prolongado ruído de vidros que se partiam, seguido de mais gritos, imprecações e o estrondo de cadeiras e mesas a caírem. Duas luzes verdes brilhavam acima da multidão, como uma espécie de fogo-fátuo.

— Aquilo não é nenhum *Beefeater*! — exclamou Hester.

Tom não conseguia perceber se ela estava assustada ou aliviada.

— HESTER SHAW! — gritou uma voz, que parecia uma serra a cortar metal. Junto da entrada apareceu uma súbita nuvem de vapor e dela surgiu um Caçador.

Tinha mais de dois metros de altura e sob o seu casaco via-se uma armadura de metal. O rosto era longo, de compleição clara, coberto por uma película brilhante de muco semelhante ao de uma lesma, e aqui e ali via-se uma ponta azulada de osso a espreitar para fora da pele. A boca era uma fenda cheia de dentes de metal. O nariz e o alto da cabeça estavam cobertos por uma longa peça craniana de metal com tubos e fios eléctricos pendendo como uma cabeleira de caracóis compridos, as extremidades ligadas a fichas colocadas no peito. Os olhos de vidro redondos davam-lhe um ar assustado, como se nunca tivesse superado a horrível surpresa daquilo que lhe acontecera.

Porque isso era o que de pior tinham os Caçadores: tinham outrora sido humanos, e algures sob aquele monte de ferro havia um cérebro humano preso.

— É impossível! — queixou-se Tom. — Não *há* nenhum Caçador! Foram todos destruídos há séculos! — Mas o Caçador continuava ali, horripelantemente real. Tom tentou recuar, mas não se conseguia mexer. Escorria-lhe pelas pernas abaixo um líquido quente como chá entornado, e ele apercebeu-se de que tinha urinado nos calções.

O Caçador avançou lentamente, afastando com violência as cadeiras e mesas vazias que se encontravam no caminho. Copos caídos estilhaçavam-se sob os seus pés. Vindo das sombras por trás do Caçador, um avião atacou-o com uma espada, mas a lâmina fez ricochete na sua armadura e ele atirou o homem pelos ares com um movimento do punho, sem sequer se dar ao trabalho de olhar para trás.

— HESTER SHAW — disse. — THOMAS NATSWORTHY.

Ele sabe o meu nome! — pensou Tom.

— Eu... — começou a Menina Fang, mas até ela parecia não saber o que dizer. Puxou Tom para trás enquanto Khora e os outros sacavam das espadas e se metiam entre a criatura e as suas presas. Mas Hester passou para a frente deles.

— Não há problema — disse, numa voz estranha e delicada —, eu conheço-o. Deixem-me falar com ele.

O Caçador virou a sua face de homem morto de Tom para Hester, as lentes rodando no interior dos seus olhos mecânicos. — HESTER SHAW — disse, acariciando o nome dela com aquela voz que parecia o silvo do gás a escapar-se.

— Olá, Shrike — disse Hester.

A enorme cabeça inclinou-se para olhar para ela. Uma mão de metal ergueu-se, hesitante, e depois tocou-lhe a face, deixando marcas de óleo.

— Desculpa não ter tido oportunidade de te dizer adeus...

— EU AGORA TRABALHO PARA O PRESIDENTE DA CÂMARA DE LONDRES — disse Shrike. — ELE ENVIOU-ME PARA VOS MATAR.

Tom voltou a choramingar. Hester deu uma pequena gargalhada. — Mas... tu não vais fazer isso, pois não, Shrike? Tu não serias capaz de me matar?

— SIM — disse Shrike sem vacilar, ainda a olhar para ela.

— Não, Shrike! — sussurrou Hester, e a Menina Fang aproveitou a oportunidade. Tirou uma pequena lasca de metal em forma de leque de um bolso na manga do casaco e atirou-o a rodopiar à garganta do Caçador. Enquanto voava, o objecto fez um estranho som semelhante a um gemido, desdobrando-se até se tornar num brilhante disco cortante.

— Um *frisbee* de combate dos Novos Maias! — disse Tom, ofegante, pois já tinha visto armas iguais protegidas por vitrinas na secção de Armas e Instrumentos de Guerra do Museu. Sabia que podiam decepar a cabeça de um homem a cem metros de distância e ficou tenso, à espera de que o crânio do Caçador lhe caísse dos ombros... Mas o *frisbee* limitou-se a chocar com um som estridente contra o pescoço blindado de Shrike, onde se alojou ainda a estremecer.

A fenda que fazia de boca alongou-se para formar um sorriso, e o Caçador precipitou-se para a frente, rápido como um lagarto.

A Menina Fang deu um passo para o lado, ultrapassou-o com um salto e desferiu um pontapé alto, mas ele era demasiado veloz para ela.

— Corram! — gritou ela à Hester e ao Tom. — Voltem para o Jenny! Eu sigo-vos!

Que mais podiam eles fazer? Correram. A coisa tentou agarrá-los quando se esquivavam, mas Khora estava lá para lhe prender o braço, e Nils Lindstrom desferiu-lhe um golpe com a espada na cara. O Caçador lançou Khora pelo ar e ergueu a mão; houve faíscas e um ruído estridente de metal contra metal, e Lindstrom largou a espada partida, gemeu e agarrou-se ao braço. O Caçador atirou-o para o lado e levantou Anna do chão assim que esta o voltou a atacar, lançando-a com força na direcção de Khora e Yasmina quando eles avançaram em

seu auxílio.

— Menina Fang! — gritou Tom. Por um momento pensou em voltar para trás, mas sabia o suficiente acerca dos Caçadores para ter consciência de que não havia nada que pudesse fazer. Correu atrás de Hester por cima da pilha de corpos à entrada e saiu para o meio das sombras do crepúsculo e da multidão agitada e assustada. Ouvia-se o lamento lúgubre de uma sirene. Sentia-se o cheiro acre de fumo na aragem e pareceu-lhe ver, por cima da central eléctrica, o movimento vacilante daquilo que todos os aviadores mais temiam, o fogo!

— Não percebo — arquejava Hester, falando sozinha e não para Tom. — Ele não me iria matar, não *iria!* — Mas continuou a correr, e juntos precipitaram-se para o Cais Sete, onde o *Jenny Haniver* os esperava.

Mas Shrike já se tinha assegurado de que o pequeno dirigível não iria a lado nenhum nessa noite. O balão tinha sido rasgado, a capota do motor de estibordo fora arrancada como a tampa de uma lata velha, e um molho de fios despedaçados tinha sido espalhado no cais. Entre eles jazia o corpo do rapaz a quem a Menina Fang pagara para lhe guardar o dirigível.

Tom ficou a olhar para os destroços. Atrás dele, passos débeis, cada vez mais perto, pisavam o convés metálico: *pum, pum, pum, pum*. Procurou Hester em redor e viu que ela desaparecera; percebeu que fora coxeando ao longo do círculo de entrada na doca, ou seja, em descida, pois a cidade aérea danificada começava a inclinar-se de modo preocupante. Gritou o seu nome e correu atrás dela, seguindo-a até um desembarcadouro próximo. Um balão com um ar miserável acabara de ali chegar, e dele desembarcou uma família de turistas com ar assustado, sem terem bem a certeza se a escuridão e os gritos significavam uma emergência ou uma festa. Hester abriu caminho à força por entre eles e pegou no condutor do balão pelos óculos de protecção, tirando-o de dentro do cesto. O balão começou a afastar-se da doca enquanto ela saltava lá para dentro. — Parem! Ladrões! Piratas do ar! Ajudem! — gritava o condutor do balão, mas a única coisa que Tom conseguia ouvir era aquele vago, horrível *pum-pum-pum* que se aproximava cada vez mais depressa, ao longo da High Street.

— Tom! Anda!

Ele reuniu toda a sua coragem e saltou atrás de Hester. Ela puxava as cordas de atracação quando ele aterrou no fundo do cesto. — Deita tudo lá para fora — gritou-lhe a rapariga.

Tom obedeceu, e o balão ergueu-se, ficando à altura das janelas de primeiro andar, depois à altura dos telhados e depois dos pináculos de S. Miguel. Passado pouco tempo, Airhaven não passava de um

círculo de escuridão que se afastava para trás, lá em baixo, e Shrike parecia apenas um ponto, com os olhos verdes que brilhavam, enquanto ele avançava ao longo da doca para os ver partir.

Capítulo 13

O Homem Ressuscitado

Nos tempos negros antes do início da Era da Tracção, impérios nómadas haviam batalhado uns com os outros no labirinto vulcânico que era a Europa. Tinham sido eles os construtores dos Caçadores, arrastando guerreiros mortos para fora dos terrenos de combate e trazendo-os de volta a uma espécie de vida através da ligação de umas estranhas máquinas de Tecnologia Antiga aos seus sistemas nervosos.

Os impérios tinham caído no esquecimento havia muito, mas os terríveis Homens Ressuscitados, não. Tom lembrava-se de brincar no Orfanato do Grémio, quando era pequeno, andando de um lado para o outro a bater os pés no chão com força, e com os braços esticados, gritando: — EU-SOU-UM-CA-ÇA-DOR! EX-TER-MI-NAR! — até a Menina Plym chegar e lhe dizer para fazer menos barulho.

Mas nunca esperara *encontrar* um.

Enquanto o balão roubado navegava para leste, levado pelo vento nocturno, ele sentou-se a tremer no cesto balouçante, todo de lado, para Hester não ver as marcas molhadas nos seus calções, e disse: — Pensei que tinham morrido todos há centenas de anos! Pensei que tinham sido todos destruídos em batalhas, ou então enlouquecido e desfeito o seu próprio corpo...

— O Shrike não — disse Hester.

— E ele *conhecia-te!*

— É claro que conhecia — disse ela. — Somos velhos amigos, eu e o Shrike.

Ela conhecera-o na manhã a seguir à morte dos seus pais, na manhã em que acordara na margem do Terreno de Caça, debaixo de chuva. Não fazia ideia de como ali chegara e a dor que tinha na cabeça era tão forte que mal se conseguia mexer ou pensar.

Perto dali estava a cidade mais pequena e imunda que ela alguma vez vira. Pessoas carregando enormes cestos de verga às costas desciam da cidade através de escadas e pranchas de desembarque e esquadrihavam os destroços que se encontravam à beira da água antes de regressarem com os cestos cheios de sucata e madeira encharcada. Alguns levavam o barco a remos que fora do pai dela e não levou muito tempo até que outros descobrissem Hester. Dois homens aproximaram-se e olharam para ela. Um era um vasculhador

típico, pequeno e imundo, transportando no seu cesto pedaços de uma carruagem velha. Depois de ter passado algum tempo a olhar para ela, deu um passo atrás e disse ao companheiro: — Desculpe, Senhor Shrike, pensei que pudesse ser uma para a sua colecção, mas é mesmo de carne e osso...

Ele virou-se e afastou-se num passo pesado, passando por cima do lixo, perdendo todo o interesse em Hester. Só queria coisas que pudesse vender, e não havia qualquer valor numa criança meio morta. As rodas velhas das carruagens, isso sim, valia alguma coisa...

O outro homem ficou onde estava, olhando para baixo, para Hester. Só quando ele se esticou, lhe tocou na cara e ela sentiu o toque frio e duro do ferro por trás das luvas percebeu que na verdade ele não era um homem. Quando falou, a sua voz parecia uma escova de metal a ser raspada sobre um quadro negro.

— NÃO PODES FICAR AQUI, MENINA — disse, e depois pegou nela, atirou-a para cima do ombro e levou-a para dentro da cidade.

A cidade chamava-se Strole, e abrigava cinquenta vasculhadores, fortalecidos pelas poeiras dos lixos, que roubavam locais de Tecnologia Antiga, quando os encontravam, e vasculhavam os restos deixados pelas cidades maiores, quando não os encontravam. Shrike vivia com eles, mas não era um vasculhador. Quando criminosos de uma das grandes Metrópoles de Tracção escapavam para o Terreno Exterior, Shrike perseguia-os e cortava-lhes a cabeça, que depois conservava com todo o cuidado. Quando voltava a atravessar o caminho dessa metrópole, levava a cabeça às autoridades e recebia a recompensa.

Hester nunca chegara a descobrir por que razão ele a tinha salvo. Não podia ter sido por pena, pois ele não tinha esse sentimento. O único sinal de ternura que ela alguma vez identificara nele fora quando o Caçador se ocupava da sua colecção. Ele ficava fascinado com autómatos velhos e brinquedos mecânicos e comprava todos aqueles que os vasculhadores lhe traziam. Os seus aposentos decrépitos em Strole estavam cheios deles, animais, cavaleiros com armadura, soldadinhos de corda com as chaves nas costas, e até um Anjo da Morte em tamanho real retirado de um qualquer relógio trabalhado. Mas os seus favoritos eram todos mulheres e crianças: lindas damas em vestidos de cerimónia carcomidos pelas traças e lindas meninas e meninos com rostos de porcelana. Shrike ficava pela noite fora a desmontá-los e arranjá-los, explorando os maquinismos intrincados dos seus corações como se procurasse alguma pista sobre o funcionamento do seu próprio coração.

Por vezes, parecia a Hester que também ela fazia parte da sua

colecção. Lembrar-lhe-ia ela as feridas que sofrera nos campos de batalha de guerras longínquas, quando ainda era humano?

Ela partilhara a casa dele durante cinco longos anos, enquanto a sua cara cicatrizava, tomando o aspecto permanente de uma carranca destruída, e as memórias foram-lhe voltando aos poucos. Algumas eram assustadoramente nítidas, como as ondas nas costas da Ilha de Oak, a voz da mãe, o vento do paul com os seus cheiros de erva molhada e excremento de animais. Outras eram confusas e difíceis de perceber; surgiam-lhe na mente quando começava a adormecer, ou apanhavam-na de surpresa quando vagueava por entre as silenciosas figuras mecânicas da casa de Shrike. Sangue em mapas estelares. *Um som metálico. Uma cara de homem comprida e bonita com olhos verde-marinho.* Eram fragmentos da memória e tinham de ser cuidadosamente recolhidos e encaixados, como os bocados de maquinaria que os vasculhadores desenterravam.

Foi só quando escutou uns homens a contar histórias sobre o grande Thaddeus Valentine que tudo começou a fazer sentido para ela. Chegou à conclusão de que reconhecia o nome: era o nome do homem que lhe tinha morto a mãe e o pai e a tornara num monstro. Ela sabia o que tinha a fazer mesmo sem ter de pensar. Chegou ao pé de Shrike e disse-lhe que queria ir atrás de Valentine.

— NÃO DEVES IR — foi tudo o ele lhe respondeu. — VÃO MATAR-TE.

— Então vem comigo! — pediu-lhe ela, mas ele não o fez. Já tinha ouvido falar acerca de Londres e do amor de Magnus Crome por tecnologia. Achava que se lá fosse, o Grémio dos Engenheiros o subjugaria e desmantelaria para estudar nos seus laboratórios secretos. — NÃO DEVES IR — fora tudo o que dissera.

Por isso, ela esperou por uma altura em que ele estivesse entretido com os seus autómatos para se ir embora, escapando-se por uma janela, depois saindo de Strole, e tomando o seu caminho através do invernosso Terreno Exterior, com uma faca roubada no bolso, em busca de Londres e de vingança.

— Nunca mais o vi desde essa altura — disse ela a Tom, estremecendo no cesto do balão roubado. — Strole ficava nas margens do Mar Anglo quando me vim embora, mas o Shrike está aqui, a trabalhar para o Magnus Crome e a querer matar-me. Não faz sentido!

— Talvez o tenhas magoado ao partires! — sugeriu Tom.

— O Shrike não tem sentimentos — disse Hester. — Eles apagaram todos os sentimentos e memórias *dele*, quando o

transformaram num Caçador.

Parece que ela o inveja — pensou Tom. Mas pelo menos o som da voz dela ajudara-o a acalmar-se, e parara de tremer. Ele sentou-se e ouviu o vento suspirar através do cordame do balão. Nas nuvens a ocidente havia uma mancha negra que lhe pareceu ser o fumo vindo de Airhaven. Teriam os aviadores conseguido manter os fogos sob controlo, ou teria a cidade deles sido destruída? E Anna Fang? Ele apercebeu-se de que talvez Shrike a tivesse matado, bem como a todos os amigos dela. Aquela amável e sorridente aviadora estava morta, tão morta como os pais dele. Era como se ele tivesse uma maldição que destruíra todos os que eram bons para ele. Se ao menos nunca tivesse conhecido Valentine! Se ao menos tivesse ficado a salvo no Museu onde era o seu lugar!

— Pode ser que ela esteja bem — disse Hester de repente, como se tivesse adivinhado os pensamentos dele. — Acho que o Shrike estava só a brincar com ela; ele não tinha as garras de fora nem nada.

— Ele tem *garras*?!

— Desde que ela não o aborrecesse demasiado, ele provavelmente não perderia tempo a matá-la.

— E Airhaven?

— Suponho que se está realmente muito danificada, pousará algures para fazer reparações.

Tom assentiu. Depois ocorreu-lhe uma ideia agradável. — Achas que a Menina Fang virá atrás de nós?

— Não sei — disse Hester. — Mas o Shrike sim.

Tom voltou a olhar para trás, aterrorizado.

— Seja como for — continuou ela, — ao menos estamos a seguir na direcção certa para chegar a Londres.

Ele espreitou cautelosamente pela borda do cesto. As nuvens estendiam-se debaixo deles como um edredão branco cobrindo a terra, escondendo tudo o que lhes poderia dar alguma pista acerca do local onde se encontravam, ou para onde se dirigiam.

— Como é que sabes? — perguntou.

— Pelas estrelas, claro — respondeu Hester. — A Mãe ensinou-me. Ela também era aviadora, lembra-te? Tinha andado por todo lado. Até foi à América, uma vez. Tem de se usar as estrelas para se saber o caminho em sítios desses, onde não há mapas nem pontos de referência. Vê, aquela é a Estrela Polar, e aquela constelação é a que os Antigos chamavam Ursa Maior, mas actualmente, a maior parte das pessoas chama-lhe a Cidade. E se mantivermos *aquela* a estibordo,

sabemos que nos estamos a dirigir para nordeste...

— Há tantas! — disse ele, tentando descobrir o sítio para onde o dedo dela apontava. Aqui, acima das nuvens, sem os véus de fumo da metrópole nem o pó do Terreno Exterior para o esconder, o céu nocturno reluzia com um milhão de impassíveis pontos de luz. — Não fazia ideia de que existissem tantas estrelas!

— São todas sóis, ardendo algures lá no espaço, a milhares e milhares de quilómetros de distância — explicou Hester, e Tom teve a sensação de que ela se sentia orgulhosa por lhe mostrar aquilo que sabia. — Excepto aquelas que nem sequer são estrelas. Algumas das mais brilhantes são luas mecânicas que os Antigos puseram em órbita há milhares de anos e que ainda rodeiam esta pobre e velha Terra.

Tom olhou para a escuridão pontilhada de brilho.

— E o que é aquela? — perguntou, apontando para uma estrela brilhante que se encontrava em baixo, a ocidente.

Hester olhou para ela, e o seu sorriso desvaneceu-se. Ele viu as mãos dela a fecharem-se em punhos. — Aquilo? — disse. — Aquilo é um dirigível, e vem atrás de nós.

— Talvez a Menina Fang nos tenha vindo salvar? — disse Tom, esperançado.

Mas o dirigível perseguidor aproximava-se rapidamente, e passados poucos minutos, puderam ver que se tratava de um dirigível de reconhecimento pequeno, feito em Londres, um Spudbury Sunbeam ou um Goshawk 90. Quase conseguiam sentir os olhos verdes de Shrike a observarem-nos através dos desertos celestes.

Hester começou a mexer nas rodas e manivelas ferrugentas que controlavam a pressão de gás do balão. Após alguns segundos, encontrou aquilo que queria e um feroz sibilo fez-se ouvir vindo de algures acima deles.

— O que é que estás a fazer? — guinchou Tom. — Vais deixar sair o ar todo! Vamos despenhar-nos!

— Estou a esconder-nos do Shrike — disse a rapariga, e abriu a válvula ainda mais. Olhando para cima, Tom viu o saco de gás a começar a encolher. Olhou para trás, para ver o dirigível que os seguia. Estava a ganhar terreno, mas ainda se encontrava a alguns quilómetros de distância. Com um bocado de sorte, àquela distância, pareceria que o balão sofrera uma espécie de acidente qualquer. Com um bocado de sorte, Shrike não adivinharia o plano de Hester. Com um bocado de sorte, o seu pequeno dirigível não estava armado com lança-mísseis...

E depois eles afundaram-se nas nuvens e não conseguiam ver nada a não ser ondas escuras a rodopiarem e de vez em quando um breve lampejo da lua a brilhar sem grande intensidade por cima deles. O cesto estalava, o balão batia ao vento, e a válvula de gás sibilava como uma cobra irritada.

— Quando tocarmos no solo, sai do cesto o mais depressa que conseguires — disse Hester.

— Sim — respondeu e depois —, mas... queres dizer que vamos abandonar o balão?

— Não temos a mínima hipótese contra o Shrike no ar — explicou ela. — Com um bocado de sorte, no chão posso despistá-lo.

— No chão? — gritou Tom. — Oh, o Terreno Exterior outra vez, não!

O balão caía a grande velocidade. Viram a paisagem negra aparecer lá em baixo, as manchas escuras da vegetação e uns vagos raios de luar. Sobre as suas cabeças, nuvens espessas deslocavam-se para leste. Não havia sinais do dirigível de Shrike. Tom preparou-se. O chão estava a trinta metros de distância, depois quinze, depois cinco. Os ramos enfiaram-se pela barcaça, e o cesto estremeceu e mergulhou, enfiando-se na terra lamacenta e voltando a subir para o céu e depois para baixo e para cima outra vez.

— Salta! — gritou Hester, na vez seguinte em que ele voltou a tocar o chão. Ele saltou, caindo por entre ramos que o arranhavam até tombar sobre um macio colchão de lama. O balão voltou a saltar para cima e por um momento ele temeu que Hester o tivesse abandonado para morrer na terra firme. — Hester! — gritou, tão alto que a garganta lhe doeu. — Hester! — E depois ouviu-se um restolhar no arbusto à sua esquerda e viu-a coxear na sua direcção. — Oh, graças a Quirke! — murmurou ele.

Estava à espera de que ela parasse e se sentasse junto dele para descansarem um bocadinho e darem graças aos deuses por os terem feito cair na terra suave e molhada e não na rocha dura. Em vez disso, ela passou por ele, coxeando em direcção a nordeste.

— Pára! — gritou Tom, ainda demasiado ofegante e a tremer para sequer se levantar. — Espera! Aonde é que vais?

Ela olhou para trás, para ele, como se o rapaz tivesse enlouquecido.

— Londres — disse.

Tom rebolou para ficar deitado de costas e resmungou, reunindo forças para mais uma jornada extenuante.

Sobre ele, liberto do peso deles, o balão regressava ao céu, uma lágrima escura que foi rapidamente engolida pela barriga de nuvens. Momentos mais tarde ouviu o ruído de motores enquanto o dirigível de Shrike acelerava para o seguir. Depois ficaram apenas a noite, e o vento frio, e farrapos de luar vagueando pelas montanhas cheias de brechas.

Capítulo 14

A Assembleia Dos Grémios

Katherine decidiu começar por cima. No dia seguinte à partida de Londres do seu pai, ela enviou uma mensagem do terminal do escritório dele, pelo sistema de tubos pneumáticos, para o gabinete do Presidente da Câmara, e meia hora mais tarde chegou a resposta da secretária de Crome: o Presidente da Câmara receberia a Menina Valentine ao meio-dia.

Katherine foi ao seu quarto de vestir e pôs a roupa que tinha mais semelhante à de uma mulher de negócios: as calças negras justas e o casaco cinzento com chumaços nos ombros. Apanhou o cabelo atrás com um gancho feito a partir dos faróis traseiros de um carro antigo e foi buscar um chapéu elegante, com abas para as orelhas, que ela comprara havia seis semanas, mas ainda não tivera oportunidade de usar. Pintou os lábios, colocou uns suaves losangos de *rouge* bem no alto das maçãs do rosto e desenhou um pequeno triângulo azul entre as sobrancelhas, uma imitação de tatuagem de Grémio como usavam as senhoras que estavam na moda. Encontrou um bloco de notas e um lápis e colocou as duas coisas dentro de uma das pastas negras do Pai, que lhe daria um aspecto formal e importante, juntamente com o passe que ele lhe dera no seu décimo quinto aniversário, o passe dourado que lhe dava acesso a quase todos os locais de Londres. Depois observou o seu aspecto ao espelho, imaginando-se a receber a expedição no seu regresso daí a algumas semanas. Poderia dizer ao Pai: *Agora já não há problema, compreendo tudo; já não precisas de ter medo...*

Quando faltavam quinze minutos para o meio-dia, dirigiu-se com o Cão à estação de elevador de Quirke Circus, apreciando os olhares que as pessoas lhe lançavam quando passava. *Ali vai a Menina Katherine Valentine*, imaginava-os a dizer. *A caminho de se encontrar com o Presidente da Câmara...*

O pessoal do elevador conhecia-a e sorriram-lhe, dizendo: — Bom dia, Menina Katherine — e faziam festas ao Cão, nem sequer se dando ao trabalho de olhar para o passe dela enquanto ela entrava a bordo do elevador das 11h52 para a Plataforma Superior.

O elevador zumbia à medida que ia subindo. Ela atravessou Paternoster Square alegremente, enquanto o Cão olhava com atenção para os pombos que deambulavam por ali, levantando as orelhas ao ouvir os ruídos das reparações que se desenrolavam no interior da Catedral de S. Paulo. Passado pouco tempo, ela subia os degraus da

Assembleia dos Grêmios. Entretanto foi-lhe indicado o caminho até um pequeno elevador interno e precisamente quando faltava um minuto para o meio-dia, guiaram-na pela porta de bronze circular que dava entrada no gabinete particular do Presidente da Câmara. — Ah, Menina Valentine. Está um minuto adiantada. — Crome levantou os olhos do outro lado da sua enorme secretaria para olhar para ela, retomando depois o relatório que estava a ler. Atrás da sua cabeça encontrava-se uma janela redonda que dava para a catedral, que parecia ondulante e irreal vista através daquele vidro grosso, como um templo afundado visto através da água límpida. A luz do sol reflectia-se vagamente nos painéis de bronze baço das paredes do gabinete. Não havia fotografias, quadros ou decorações de qualquer tipo, e o chão era de metal simples. Katherine estremeceu, sentindo o frio a subir pelas solas dos sapatos.

O Presidente da Câmara fê-la esperar durante uns silenciosos cinquenta e nove segundos que pareceram prolongar-se por uma eternidade. Ela sentia-se francamente incomodada, quando ele por fim pousou o relatório. Ele fez um vago sorriso, como alguém que nunca tivesse visto um sorriso, mas tivesse aprendido num livro como fazê-lo.

— Ficarei feliz por saber que acabei de receber um sinal de rádio codificado enviado pela expedição do seu pai pouco tempo antes de voar para fora de alcance — disse ele. — Tudo corre bem a bordo do *Elevador do 13.º Andar*.

— Ainda bem! — disse Katherine, sabendo que aquela seria a última notícia que teria do Pai até este estar de regresso a casa; nem mesmo os Engenheiros tinham jamais conseguido enviar sinais de rádio para além de algumas centenas de quilómetros.

— Deseja mais alguma coisa? — perguntou Crome.

— Sim... — disse Katherine, e hesitou, temendo parecer infantil. Diante do gabinete frio de Crome e do seu sorriso ainda mais frio, ela desejou não ter colocado tanta maquilhagem, nem ter vestido aquelas incômodas roupas formais. Mas afinal fora para isto que ali viera. Por isso, lá disse:

— Quero informar-me acerca daquela rapariga e porque é que ela tentou matar o meu pai.

O sorriso do Presidente da Câmara desvaneceu-se. — O seu pai nunca achou conveniente dizer-me quem ela era. Não faço ideia porque tem ela tanta vontade de o matar.

— Acha que tem alguma coisa a ver com a MEDUSA?

O olhar de Crome tornou-se alguns graus ainda mais frio. — Esse

assunto não lhe diz respeito! — disse bruscamente. — Que lhe andou o Valentine a contar?

— Nada! — respondeu Katherine, enervando-se. — Mas vejo que ele está assustado e preciso de saber a razão, porque...

— Ouça-me, criança — disse Crome, levantando-se e dando a volta à secretária para ir até junto dela. Umas mãos finas agarraram-na pelos ombros. — Se Valentine tem segredos para si, as razões dele serão com certeza boas. Há aspectos do trabalho dele que não seria capaz de compreender. Lembre-se, ele começou sem nada, não passava de um mero vasculhador do Terreno Exterior antes de eu me interessar por ele. Quer vê-lo reduzido a isso outra vez? Ou pior?

Katherine sentiu-se como se ele a tivesse esbofeteado. Ficou com o rosto vermelho de raiva, mas controlou-se.

— Vá para casa e aguarde o regresso do seu pai — ordenou Crome —, e deixe os assuntos dos adultos para quem os percebe. Não fale a ninguém da rapariga, nem da MEDUSA.

Assuntos de adultos! — pensou Katherine zangada. *Que idade é que ele pensa que eu tenho!* — Mas limitou-se a baixar a cabeça e a dizer com humildade: — Sim, Senhor Presidente. — E depois: — Anda, Cão.

— E não volte a trazer esse animal até à Plataforma Superior — gritou Crome, e aquela voz seguiu-a até ao gabinete exterior, onde as secretárias se viraram para ver a sua cara enraivecida e cheia de lágrimas.

No elevador de regresso a Quirke Circus, ela murmurou ao ouvido do lobo: — Nós vamos mostrar-lhe quem somos, Cão!

Em vez de regressar logo a casa, ela foi visitar o Templo de Clio, no fundo de Circle Park. Ali, na escuridão perfumada, acalmou-se e tentou decidir aquilo que iria fazer.

Desde que Nikolas Quirke fora proclamado um deus, a maior parte dos londrinos tinham deixado de prestar grande atenção aos deuses e deusas mais antigos, e por isso Katherine tinha o templo só para si. Ela gostava de Clio, que fora a deusa da sua mãe lá em Puerto Angeles, e cuja estátua também se assemelhava um pouco à Mãe, com os seus bondosos olhos negros e o sorriso paciente. Recordou aquilo que a Mãe lhe ensinara sobre como a pobre deusa era constantemente atirada de costas voltadas para o futuro pela tempestade do progresso, mas como por vezes conseguia recuperar o seu lugar e inspirar as pessoas para mudarem todo o curso da história. Agora, olhando para cima, para o rosto amável da estátua, ela disse: — Que devo eu fazer, Clio? Como é que posso ajudar o Pai se o Presidente da Câmara não

me diz nada?

Na verdade, ela não esperava por uma resposta e ela não veio, por isso ela rezou uma rápida oração pelo Pai e outra pelo pobre Thomas Natsworthy, fez as suas oferendas e foi-se embora.

Só quando já ia a meio caminho da Casa de Clio é que a ideia lhe surgiu, um pensamento tão inesperado que podia ter sido enviado pela própria deusa. Lembrou-se de como, ao correr em direcção às calhas de escoamento na noite em que Tom caiu, passara por alguém que corria na direcção oposta; um jovem Engenheiro Aprendiz, que estava tão pálido e chocado que ela *tinha a certeza* de que ele presenciara o que acontecera.

Correu para casa através do parque iluminado pelo sol. Aquele jovem Engenheiro teria a resposta! Regressaria à Entranha e encontrá-lo-ia! Descobriria aquilo que se estava a passar sem a ajuda do velho e malvado Magnus Crome!

Capítulo 15

Os Pântanos Da Água Ferrugenta

Tom e Hester tinham caminhado toda a noite e quando o Sol começou a surgir, pálido e raso, por trás dos restos de nevoeiro matinal, eles continuaram a andar, parando apenas aqui e ali para recuperar o fôlego. Esta paisagem era muito diferente das planícies lamacentas que eles tinham atravessado havia alguns dias. Aqui estavam sempre a fazer desvios à volta de lamaçais e poças de água suja e, embora por vezes se lhes deparassem trilhos antigos de cidades que por ali tinham passado, profundos e cobertos de ervas, era óbvio que havia muitos anos nenhuma cidade percorria aqueles caminhos.

— Vê como a folhagem cresceu — disse Hester, apontando para os trilhos cobertos de silvas e para as encostas verdejantes das montanhas, cheias de árvores jovens. — Até uma pequena cidade semiestática teria arrancado aqueles rebentos para ter combustível.

— Talvez a terra aqui seja demasiado mole — sugeriu Tom, enterrando-se até à cintura em lama grossa pela vigésima vez. — Estava a lembrar-se do enorme mapa do Terreno de Caça pendurado no átrio do Museu de Londres e do grande pedaço de terreno pantanoso que se estendia desde as montanhas centrais até às margens do Mar de Khazak, quilómetros e quilómetros de canaviais e estreitos ribeiros azuis, todo ele marcado com as palavras: *Impróprio para Cidade ou Metrópole*. E disse: — Acho que isto deve ser a extremidade dos Pântanos de Água Ferrugenta. Chamam-lhes assim, porque a água costuma estar manchada de vermelho que se pensa ser da ferrugem das cidades que se perderam e acabaram por se afundar neles. Só um Presidente de Câmara muito imprudente e louco traria a sua cidade para aqui.

— Então o Wreyland e a Anna Fang trouxeram-nos muito mais para sul do que eu imaginara — murmurou Hester para si mesma. — Londres deve estar agora a quase mil e quinhentos quilómetros de distância. Vou levar meses até voltar a apanhá-la, e o Shrike vai andar sempre atrás de mim.

— Mas tu enganaste-o! — lembrou Tom. — Escapámos!

— Ele não se vai deixar enganar durante muito tempo — disse ela. — Dentro em breve vai voltar a descobrir a nossa pista. Porque achas que lhe chamam Caçador?

Seguiram sempre andando, com Hester à frente, arrastando-o

sobre colinas, através de atoleiros e por vales abaixo, o ar cheio de moscas com os seus zumbidos e os seus ferrões. Os dois iam ficando cada vez mais cansados e irritadiços. Numa vez em que Tom sugeriu que se sentassem e descansassem por um bocadinho, Hester respondeu-lhe bruscamente: — Faz o que quiseres. Que me interessa isso a mim?

Depois disso ele seguira-a em silêncio, zangado com ela. Que rapariga horrível, feia, maldosa e ressentida era Hester! Depois de tudo por que tinham passado e de ele tanto a ter ajudado no Terreno Exterior, ela ainda era capaz de o abandonar. Desejou que Shrike a tivesse apanhado e que tivesse sido a Menina Fang ou Khora a escaparem com ele. *Eles* deixá-lo-iam descansar os seus pés doridos...

Mas ficou bastante satisfeito com a companhia de Hester ao cair da noite, quando profundos mantos de nevoeiro se ergueram dos pântanos, como se fossem fantasmas de mamutes, e qualquer ruído vindo do chão parecia o som dos passos de um Caçador. Ela encontrou um local para passarem a noite, ao abrigo de algumas árvores atrofiadas, e mais tarde, quando o grito de caça repentino de uma coruja a caçar o despertou, em sobressalto, do seu sono pouco profundo, encontrou-a sentada de vigia, junto dele, como uma carranca amistosa que espreitasse de uma gárgula. — Está tudo bem — disse-lhe ela. E passado alguns segundos, num daqueles súbitos rasgos de ternura que ele já antes vislumbrara, ela disse: — Sinto a falta deles, Tom. Da minha mãe e do meu pai.

— Eu sei — respondeu o rapaz. — Eu também sinto falta dos meus.

— Não tens família nenhuma em Londres?

— Não.

— Nem amigos?

Ele pensou um bocado antes de responder. — Na verdade, não.

— Quem era aquela rapariga? — perguntou ela, passado um bocado.

— O quê? Onde?

— Na Entranha, naquela noite, contigo e com o Valentine.

— Essa era a Katherine — disse ele. — Ela... bem, ela é filha do Valentine.

Hester assentiu. — É bonita — opinou ela.

Depois disso ele dormiu melhor, sonhando que Katherine os vinha salvar num dirigível, voltando a levá-los para a luz cristalina acima das nuvens. Quando voltou a abrir os olhos estava a amanhecer e

Hester abanava-o.

— Escuta!

Ele escutou, e ouviu um som que não era o som dos bosques, nem da água.

— Será uma cidade? — perguntou, esperançado.

— Não... — disse Hester, inclinando a cabeça para o lado, tentando analisar o ruído. — É um motor aéreo Rotwang...

O som vindo do céu aumentou de volume, e as suas vibrações foram-se aproximando do solo. Sobre um turbilhão de nevoeiro, eles vislumbraram um dirigível de reconhecimento londrino. Ficaram imóveis, esperando que o tecto negro formado pelos ramos húmidos, sobre as suas cabeças, os escondesse. O rugido do dirigível enfraqueceu e depois voltou a aumentar. Estava a andar às voltas. — O Shrike está a ver-nos — sussurrou Hester, olhando para cima, para o nevoeiro branco que impedia a visibilidade. — Consigo senti-lo a observar-nos...

— Não, não — insistiu Tom. — Se nós não conseguimos ver o dirigível, como é que ele nos consegue ver a nós? É uma questão de lógica...

Mas lá bem no alto, o Homem Ressuscitado coloca os seus olhos em infravermelhos e liga os seus sensores de calor e vê duas formas humanas brilhantes por entre a suave estática cinzenta das árvores.

— **LEVEM-ME PARA MAIS PERTO** — ordena.

— *Se agora os vê tão claramente — resmunga o piloto do dirigível —, é uma pena que não tenha sido capaz de perceber que aquele raio de balão estava vazio antes de o termos perseguido ao longo de quase metade do Terreno de Caça.*

Shrike não respondeu. Por que havia ele de dar explicações àquele lamuriento Nascido Apenas Uma Vez? Percebera que o balão estava vazio assim que este voltara a surgir acima das nuvens, mas decidira não o dizer a mais ninguém. Apreciara o raciocínio rápido de Hester Shaw e decidira deixá-la viver mais algumas horas, como recompensa, enquanto aquele inepto Engenheiro aviador seguia o balão vazio.

Volta a colocar os olhos na visão normal. Vai caçar Hester da maneira mais difícil, através do cheiro, da audição e da visão normal. Evoca uma memória da face dela e insere-a na mente enquanto o dirigível abre caminho para baixo, através do nevoeiro.

— Corre! — disse Hester.

O dirigível saiu do manto branco a alguns metros de distância e desceu em direcção ao solo com os rotores a baterem o nevoeiro como se batessem claras em castelo. Ela arrancou Tom daquele esconderijo inútil e arrastou-o pelo terreno encharcado e repleto de raízes de árvores. A água saltava em volta dos pés deles, a cada passo que davam, e os limos negros deslizavam-lhes para dentro das botas. Correram às cegas até que Hester parou tão de repente que Tom, vindo de trás, chocou contra ela e acabaram ambos por se estatelar.

Tinham feito um círculo completo. O dirigível pairava no ar mesmo diante deles e uma forma gigantesca barrava-lhes o caminho. Dois raios fracos de luz verde apontavam para eles, cobertos de gotas de água. — HESTER — saudou a voz de metal.

Hester tentou encontrar alguma coisa que pudesse servir de arma e aquilo que encontrou foi um pedaço de madeira velha. — Não te aproximes mais, Shrike! — avisou. — Esmago-te esses teus bonitos olhos verdes! Rebento-te com o cérebro!

— Vamos embora! — guinchou Tom, puxando-a pelo casaco, tentando arrastá-la para longe dali.

— Para onde? — perguntou Hester, arriscando voltar a cabeça para lhe lançar um olhar. Depois mudou a posição da mão no taco improvisado e manteve-se firme enquanto Shrike avançava para mais perto.

— PORTASTE-TE BEM, HESTER, MAS A CAÇADA CHEGOU AO FIM. — O caçador movia-se com cuidado pelo chão molhado, levantando uma espiral de vapor, sempre que um dos seus pés de metal pousava no solo. Ergueu as mãos e mostrou as suas garras, que pareciam lâminas.

— Por que mudaste de opinião sobre Londres, Shrike? — gritou Hester, zangada. — Como te transformaste no homem que faz os trabalhos sujos para Crome?

— FOSTE TU QUE ME LEVASTE A IR PARA LONDRES, HESTER. — Depois, Shrike fez uma pausa e a sua cara de metal abriu-se num sorriso de aço. — SABIA QUE IAS PARA LÁ. VENDI A MINHA COLECÇÃO E ALUGUEI UM DIRIGÍVEL PARA PODER LÁ CHEGAR ANTES DE TI.

— Vendeste as tuas pessoas mecânicas? — Hester parecia surpreendida. — Shrike, se me querias assim tanto de volta, por que é que não me descobriste?

— DECIDI DEIXAR-TE ATRAVESSAR O TERRENO DE CAÇA SOZINHA — disse Shrike. — ERA UM TESTE.

— E eu passei?

Shrike ignorou-a. — QUANDO CHEGUEI A LONDRES FUI LEVADO DIRECTAMENTE PARA O ENGENHÓRIO, TAL COMO ESPERAVA. PASSEI DEZOITO MESES LÁ, À ESPERA DE QUE CHEGASSE. OS ENGENHEIROS DESFIZERAM-ME E RECONSTRUÍRAM-ME DEZENAS DE VEZES. MAS VALEU A PENA. CHEGUEI A UM ACORDO COM O MAGNUS CROME. ELE PROMETEU DAR-ME AQUILO QUE EU MAIS DESEJO.

— Oh, ainda bem — disse Hester sem forças, perguntando a si mesma do que raio estaria ele a falar.

— MAS PRIMEIRO TENS DE MORRER.

— Mas, Shrike, porquê?

A resposta foi engolida por um zumbido abafado que fez com que Tom pensasse se o dirigível do Caçador não estaria a preparar-se para partir sem ele. Ele olhou para a máquina. Ainda mantinha a posição anterior, mas o trabalhar constante das hélices fora absorvido por um novo ruído, um rugido contínuo e retumbante que aumentava de volume a cada segundo que passava. Até Shrike parecia perturbado: os seus olhos piscavam e ele inclinou a cabeça para o lado, tentando escutar. Debaixo dos pés deles, o chão começou a tremer.

Do nevoeiro atrás do Caçador irrompeu uma parede de lama e água, que se enrolava na extremidade e vinha coroada de espuma branca. Atrás dela vinha uma cidade, uma cidade muito pequena e antiquada, que se deslocava a alta velocidade sobre oito rodas. Hester recuou, cambaleante, e Shrike viu a expressão da cara dela e virou-se para tentar perceber aquilo que a causara. Tom mergulhou para o lado, agarrando a rapariga pela parte de trás do pescoço e puxando-a para ele com firmeza. O dirigível tentou desviar-se para fora do caminho, mas as rodas da cidade em aceleração apanharam-no e rebentaram com ele, enterrando os destroços ardentes na lama. Pouco depois, ouviram o Caçador gritar «HESTER!», enquanto a enorme roda da frente descia sobre ele.

Eles agarraram-se bem um ao outro, e continuaram a rebolar para o lado, enquanto a cidade passava rapidamente, deixando-lhes um vislumbre de raios e pistões, faíscas reflectidas no metal e pequenas figuras a olhar para baixo nos conveses de observação, para além do queixume prolongado de um apito que ecoava no nevoeiro. Depois, tão subitamente como aparecera, desapareceu. O ar cheirava a fumo e a metal quente.

Eles sentaram-se. Viam-se pedaços do dirigível a cair dos céus, ardendo alegremente. No local onde o Caçador se erguera havia agora uma profunda marca de roda que se enchia rapidamente de lama escura e brilhante. Uma coisa que já podia ter sido uma mão de ferro

saía da lama e acima dela ergueu-se uma ténue nuvem de vapor, que lentamente se foi desvanecendo no ar.

— Está... *morto*? — perguntou Tom, numa voz que ainda tremia de susto.

— Acaba de lhe passar por cima uma cidade — disse Hester. — Não me parece que esteja lá muito bem...

Tom pensou vagamente no que queria Shrike dizer com «aquilo que ele mais desejava». Porque teria ele vendido a sua preciosa coleção para vir atrás de Hester se só a queria matar? Agora não havia maneira de descobrir.

— E aqueles pobres homens do dirigível... — murmurou.

— Eles foram enviados para o ajudarem a matar-nos, Natsworthy — disse a rapariga. — Não desperdices a tua piedade neles.

Ficaram em silêncio por alguns segundos, olhando para o nevoeiro. Depois Tom disse: — Gostava de saber do que é que estava a fugir.

— Que queres dizer com isso?

— Aquela cidade — disse Tom. — Estava a andar tão depressa... deve ir qualquer coisa a persegui-la...

Hester olhou para ele e lentamente foi-se apercebendo do que o rapaz queria dizer.

— Oh, *raios*! — exclamou.

A segunda cidade chegou junto deles quase de imediato. Era maior do que a primeira, com rodas grandes em forma de barris. Nas suas mandíbulas abertas algum engraçadinho tinha desenhado um sorriso cheio de dentes e as palavras: «O COMILÃO FELIZ.»

Não havia tempo para fugir do caminho. Desta vez foi Hester quem agarrou em Tom e ele viu-a gritar qualquer coisa, mas o estrondo dos motores em funcionamento fez com que demorasse algum tempo até ele perceber o que lhe fora dito.

— *Podemos saltar-lhe para cima! Faz como eu!*

A cidade passou por cima deles, as rodas passaram-lhes dos lados, de forma que eles foram levantados entre elas como duas formigas apanhadas no caminho de um arado, erguendo-se numa onda de lama que quase os esmagou contra a barulhenta barriga de metal que pendia sobre as suas cabeças. Hester agachou-se na crista da onda, como uma surfista e Tom seguiu-a, com alguma hesitação, esperando a qualquer momento ser esmagado até à morte por um dos guindastes que passavam, ou ser atirado para debaixo de uma das rodas. Hester

estava outra vez a gritar-lhe e a apontar. Um tubo de escape passava rapidamente por eles, como uma cobra monstruosa e, graças ao brilho da luz das fornalhas na parte inferior da cidade, ele conseguiu distinguir a grade de uma plataforma de manutenção. Hester agarrou-se a ela e saltou lá para cima, e Tom saltou atrás dela. Por um instante as suas mãos tentaram desesperadamente agarrar o vácuo, mas depois sentiu o ferro ferrugento sob os dedos e o braço quase arrancado do resto do corpo. Hester esticou-se, agarrou-o firmemente pelo cinto e puxou-o para cima, para a segurança da plataforma.

Passou muito tempo até conseguirem pôr-se de pé. Ambos pareciam ter sido grosseiramente moldados na lama do Terreno Exterior, que lhes cobria a roupa, colava-se nos cabelos deles e escondia-lhes a cara. Tom não conseguia deixar de rir pela abrupta surpresa que era para ele estar vivo, depois de terem estado tão perto da morte, e Hester ria-se com ele. Ele nunca a ouvira rir antes e nunca se sentira tão próximo de alguém como se sentiu dela naquele momento.

— Vamos ficar bem! — disse ela. — Agora vamos ficar bem! Vamos subir e descobrir de quem é que apanhámos boleia!

Fosse qual fosse a cidade, era pequena, na realidade não passava de um subúrbio. Tom divertiu-se a tentar perceber qual seria enquanto Hester abria a fechadura de uma escotilha e o levava a subir uma longa escadaria de metal, com umas paredes ferrugentas que libertavam vapor devido ao calor dos motores. Achou que era relativamente parecido com Crawley, ou Purley Spokes, os subúrbios que Londres construíra nos bons velhos tempos em que havia tantas presas que as metrópoles se podiam dar ao luxo de construir pequenas cidades-satélite. Se assim fosse, talvez tivesse os seus próprios dirigíveis de mercadorias, autorizados a negociar com Londres.

Mas, no seu íntimo, uma coisa continuava a perturbá-lo. *Só um Presidente de Câmara muito imprudente e louco traria a sua cidade para aqui...*

Porque raio é que Crawley ou Purley Spokes perseguiriam uma cidadela até aos temidos Pântanos de Água Ferrugenta?

Subiram a escadaria até chegarem a uma segunda escotilha. Não estava trancada e abriu-se completamente para lhes dar acesso ao convés superior. Um vento frio empurrava o nevoeiro por entre os edifícios de metal, e as placas do chão tremiam e balançavam, enquanto o subúrbio corria para a frente. As ruas pareciam desertas, mas Tom sabia que as cidades mais pequenas muitas vezes tinham apenas umas poucas centenas de habitantes. Talvez estivessem todos

ocupados nas casas das máquinas, ou aguardando em segurança, nas suas casas, até a perseguição chegar ao fim.

Mas havia qualquer coisa naquele sítio que não lhe agradava; não era de forma alguma o pequeno subúrbio bem cuidado que ele esperara. As placas do chão estavam ferrugentas e corroídas, e as casas miseráveis pareciam minúsculas ao lado dos enormes motores auxiliares que tinham sido arrancados de outras cidades e colocados meio ao acaso por ali, ligados aos motores principais do convés inferior por um berço de enormes condutas que envolvia os edifícios e se enterrava por buracos feitos no chão do convés. Por trás deles, onde Tom esperava ver parques e plataformas de observação, via-se um cercado de paliçadas de madeira, que rodeava o subúrbio, repleto de espaços para armamento.

Hester fez-lhe sinal para ele permanecer em silêncio e guiou-o através do nevoeiro para a popa, onde ele conseguiu vislumbrar um edifício alto que devia ser a Câmara Municipal. À medida que se aproximavam, começaram a distinguir um cartaz sobre a entrada onde se podia ler:

Bem-Vindos a
TUNBRIDGE WHEELS
População: 500 467 212
e sempre a aumentar!

Sobre este esvoaçava uma bandeira preta e branca, com uma caveira sorridente e dois ossos cruzados.

— Por Quirke! — exclamou Tom. — Isto é um subúrbio pirata!

E de repente, vindos de ruas secundárias cobertas pela neblina a toda a volta, surgiram homens e mulheres de aspecto tão pouco cuidado como a cidade, de olhar duro, feroz e ameaçador, que carregavam as maiores armas que ele alguma vez vira.

À medida que o subúrbio pirata segue o seu caminho a grande velocidade, o silêncio regressa a Água Ferrugenta, quebrado somente pelo som de pequenas criaturas a moverem-se sobre as camadas de junco. Depois, a lama dentro de uma das profundas marcas de roda borbulha, eleva-se e vomita os destroços vibrantes de Shrike.

Ele foi enterrado na lama a grande profundidade como uma estaca de tenda, enterrado, esmagado e torcido. O seu braço esquerdo pende, preso apenas por alguns fios soltos; a perna direita não se consegue mexer. Um dos olhos está escuro e cego, e a visão do outro é nublada, e por isso ele

tem de estar constantemente a abanar a cabeça, para poder ver alguma coisa.. Pedacos da sua memória desapareceram, mas outros permanecem intactos. Enquanto se afasta cambaleante das marcas de rodas do subúrbio, ele recorda as antigas guerras, para as quais foi concebido. Na Montanha 20 as Armas Tesla explodiram como relâmpagos gelados, envolvendo-o em chamas até lhe parecer que a sua carne estava a ser frita nos seus ossos metálicos. Mas sobreviveu. Ele é o último da Brigada Lázaro e sobrevive sempre. Vai ser preciso muito mais do que um atropelamento por um par de cidades para acabar com Shrike.

Lentamente, muito lentamente, consegue atingir uma zona de terreno mais duro e cheira, procura e verifica tudo, até ter a certeza de que Hester está viva. Sente-se muito orgulhoso dela. O desejo do seu coração! Dentro em breve voltará a encontrá-la, e a solidão da sua vida eterna chegará ao fim.

O subúrbio deixou marcas profundas ao longo da paisagem. Será fácil de seguir, mesmo com a sua perna a arrastar-se inutilmente, mesmo sem um olho e com o mecanismo do cérebro avariado. O Caçador atira a cabeça para trás e entoa o seu grito de caça para os pântanos vazios o escutarem.

Capítulo 16

Os Tanques De Excrementos

Londres continuou a avançar, dia após dia, abrindo caminho através do continente antigamente conhecido por Europa, como se houvesse alguma presa fantástica à espera lá à frente... mas a única coisa que os vigias tinham descoberto desde que a metrópole comera Salthook fora algumas minúsculas cidades necrófagas, e Magnus Crome nem sequer se dava ao trabalho de mudar de rota por causa delas. As pessoas começavam a ficar inquietas, perguntando umas às outras, entre dentes, o que é que o Presidente da Câmara julgava que andava a fazer. Nunca se pensara que Londres pudesse ir tão longe e tão depressa. Falava-se de escassez de alimentos e o calor vindo dos motores espalhava-se para cima, pelas placas do convés, até se dizer que se conseguia fritar um ovo no chão da Sexta Plataforma.

Na Entranha o calor era insuportável, e quando Katherine saiu do elevador em Tartarus Row, sentiu que tinha acabado de entrar num forno. Nunca estivera tão no interior da Entranha, e durante alguns segundos ficou de pé a pestanejar à saída do terminal do elevador, entontecida pelo barulho e pela escuridão. Na Primeira Plataforma, entrara para o elevador com o sol a brilhar sobre Circle Park e uma brisa fresca a agitar as roseiras. Ali em baixo, bandos de homens corriam de um lado para o outro, ouviam-se os apitos das buzinas, e enormes cargas de combustível passavam por ela a caminho das fornalhas.

Por um momento, teve vontade de voltar para casa, mas sabia que tinha de fazer aquilo que ali fora fazer, para bem do Pai. Respirou fundo e saiu para a rua.

Não era nada como em Londres Superior. Aqui ninguém a conhecia; as pessoas que passavam pareciam irritadas quando ela lhes pedia alguma informação, e os trabalhadores, que estavam fora do horário de serviço e se encontravam por ali, sentados no chão, assobiavam quando ela passava e diziam: — Olá, querida! — E: — Onde é que arranjaste esse chapéu? — Um capataz malcriado empurrou-a para fora do caminho para ela dar passagem a um grupo de prisioneiros algemados que estavam a cargo dele. Nos altares sob as condutas de combustível espreitavam estátuas do Sooty Pete, o deus corcunda das casas das máquinas e das chaminés. Katherine levantou o queixo e manteve um pulso firme na trela do *Cão*, feliz por tê-lo ali para a proteger.

Mas ela sabia que aquele era o único sítio onde podia esperar

descobrir a verdade. Com o Pai fora e Tom perdido ou morto, e Magnus Crome recusando-se a falar, só havia mais uma pessoa em Londres que podia saber o segredo da rapariga da cicatriz.

Tinha dado muito trabalho descobri-lo, mas felizmente o pessoal dos registos no Grémio dos Recuperadores, Carregadores, Batedores de Rodas e Operadores Associados da Entranha ficara encantado com a possibilidade de ajudar a filha de Thaddeus Valentine. Se havia um Engenheiro Aprendiz perto das calhas de escoamento naquela noite, disseram eles, devia estar a supervisionar os trabalhadores condenados, e se estava a supervisionar os trabalhadores condenados devia ter vindo da prisão experimental dos Engenheiros na Entranha Profunda. Mais algumas perguntas e um suborno a um capataz da Entranha e ela arranhou um nome: Engenheiro Aprendiz Pod.

Agora, quase uma semana depois do seu encontro com o Presidente da Câmara, pusera-se a caminho para ir falar com ele.

A Prisão da Entranha Profunda era um complexo de edifícios do tamanho de uma pequena cidade que se aglomerava em redor de um pilar de apoio gigante. Katherine seguiu as tabuletas de sinalização até ao bloco administrativo, um edifício esférico de metal erguido sobre torres ferrugentas e que rodava lentamente para que os supervisores pudessem olhar para baixo pelas janelas e ver os blocos prisionais, os pátios de exercício e as quintas de algas a rodopiarem eternamente em seu redor. No átrio de entrada, uma luz de néon reflectia-se em grandes extensões de metal branco. Um engenheiro dirigiu-se a Katherine quando ela entrou.

— Não são permitidos cães no interior do edifício — disse ele.

— Não é um cão, é um lobo — retorquiu Katherine, com o seu sorriso mais amável, e o homem deu um pulo para trás enquanto o Cão lhe cheirava o casaco de borracha. Ele tinha um aspecto muito afectado, com uma boca fina e enrugada e manchas de eczemas na cabeça careca. O distintivo que tinha no casaco dizia *Supervisor da Entranha Nimmo*. Katherine sorriu-lhe, e antes que o homem pudesse levantar mais objecções, ela mostrou-lhe o passe dourado e disse:

— Estou aqui para fazer um recado ao meu pai, o Presidente dos Historiadores. Tenho de ver um dos vossos aprendizes, um rapaz chamado Pod.

O Supervisor Nimmo pestanejou e disse:

— Mas... mas...

— Vim directamente do gabinete de Magnus Crome — mentiu Katherine. — Telefone à secretária dele se quiser confirmar...

— Não, tenho a certeza de que não há problema... — resmungou Nimmo. Nunca ninguém que não pertencesse ao Grémio quisera falar com um aprendiz, e ele não gostava da ideia. Provavelmente até havia uma regra contra isso. Mas não queria discutir com alguém que conhecia o Presidente da Câmara. Pediu a Katherine para esperar e afastou-se rapidamente, desaparecendo num gabinete de paredes envidraçadas do outro lado do átrio.

Katherine esperou, fazendo festas na cabeça do Cão e sorrindo amavelmente aos carecas de casaco branco que passavam. Nimmo regressou passado pouco tempo. — Localizei o Aprendiz Pod — anunciou.

— Foi transferido para a Secção 60.

— Oh, muito bem, Senhor Nimmo! — disse Katherine radiante.

— Pode dizer para ele vir cá acima?

— É claro que não — retorquiu o Engenheiro, que não tinha bem a certeza se gostava muito de cumprir ordens da filha de um simples Historiador. Mas se ela queria ver a Secção 60, ele levá-la-ia até lá.

— Siga-me — disse, indicando o caminho até um pequeno elevador. — A Secção 60 é nos conveses inferiores.

Os conveses inferiores era onde Londres tinha as suas canalizações. Katherine lera acerca deles nos seus livros escolares, por isso estava preparada para a longa descida, mas nada a podia ter preparado para o cheiro. Sentiu-o assim que o elevador chegou lá abaixo e a porta se abriu. Era como ir de encontro a uma parede de imundice húmida.

— Esta é a Secção 60, uma das nossas unidades de trabalho experimentais mais interessantes — afirmou Nimmo, que parecia nem reparar no cheiro. — Os prisioneiros destacados para este sector estão a ajudar a desenvolver uns novos métodos, muito interessantes, de reciclagem dos produtos desperdiçados da metrópole.

Katherine saiu do elevador, agarrando o seu lenço com toda a força contra o nariz. Encontrou-se num vastíssimo espaço mal iluminado. Diante dela estavam três tanques, todos maiores do que a Casa de Clio e todos os seus jardins. Uma porcaria amarelo-acastanhada muito malcheirosa escorria para os tanques vinda de um labirinto de canos que pendiam dos tectos baixos e via-se pessoas dentro deles a moverem-se envergando as fardas cinzentas da prisão, enterradas até ao peito naquela mistela, varrendo a superfície com ancinhos de pega comprida.

— O que é que eles estão a fazer? — perguntou Katherine. — *Que é aquela coisa?*

— Dejectos, Menina Valentine — disse Nimmo, parecendo orgulhoso. — Excrementos. Derivados nutricionais humanos.

— Quer dizer... fezes? — indagou Katherine, chocada.

— Obrigado, Menina Valentine; talvez fosse essa a palavra que procurava — disse Nimmo olhando para ela. — Não há nada de nojento nisso, garanto-lhe. Todos nós... ah... usamos a casa de banho de vez em quando. Bem, agora já sabe onde é que as suas... hum... fezes vêm parar. «Não desperdices que não te faltará», é esse o lema dos Engenheiros, Menina. Dejectos humanos devidamente processados servem como um útil combustível para os motores da nossa metrópole. E estamos a fazer experiências para tentar descobrir uma forma de os transformar numa deliciosa e nutritiva fonte de alimento. Não damos outra coisa de comer aos nossos prisioneiros. Infelizmente eles estão sempre a morrer. Mas isso não passa de um revés temporário, estou certo.

Katherine caminhou até à borda do tanque mais próximo. *Desci ao País sem Sol!*, pensou. *Oh, Clio! Isto é a terra dos mortos!*

Mas nem mesmo o País sem Sol podia ser tão terrível como aquele lugar. A porcaria ondulava e saltava, batendo nas bordas do tanque, enquanto Londres passava por cima de uma cadeia de montanhas irregulares. Nuvens gigantescas de moscas zumbiam sob o tecto arqueado e pousavam sobre as caras e os corpos dos trabalhadores. As suas cabeças rapadas brilhavam na penumbra, nas suas caras observava-se um olhar fixo, vazio, enquanto pegavam na grossa camada exterior e a depositavam em funis de carga que outros prisioneiros empurravam sobre os carris, que ladeavam os tanques. Engenheiros Aprendizes com caras fechadas observavam, abanando bastões longos e negros. Só o *Cão* parecia contente; puxava pela trela, com a cauda a abanar e de vez em quando olhava para Katherine, entusiasmado, como se lhe agradecesse por o ter trazido a um sítio com tantos cheiros interessantes.

Ela forçou-se a voltar a engolir o almoço que começava a subir-lhe à garganta e virou-se para Nimmo. — Estas pobres pessoas! Quem são eles?

— Oh, não se preocupe com *eles* — disse o supervisor. — São prisioneiros. Criminosos. Eles merecem-no.

— Que fizeram eles?

— Oh, diversas coisas. Roubos menores. Evasão fiscal. Críticas ao nosso Presidente da Câmara. Tendo em conta tudo isso, são até muito bem tratados. Agora vamos ver se conseguimos encontrar o Aprendiz Pod...

Enquanto ele falava, Katherine estivera de olhos postos no tanque mais próximo. Um dos homens que lá trabalhava deixara de se mexer e largara o ancinho, agarrando a cabeça como se estivesse com tonturas. Por esta altura, já uma rapariga aprendiz reparara nele e, aproximando-se da borda do tanque, batera no homem com o seu bastão. Faíscas azuis saltaram no local onde este lhe tocou e ele tremeu, gritou e afundou-se, acabando por desaparecer sob a superfície borbulhante. Outros prisioneiros começaram a deslocar-se lentamente para o local onde ele se afundara, demasiado assustados para irem ajudar.

— Faça alguma coisa! — exclamou Katherine, virando-se para Nimmo que parecia não ter reparado em nada.

Outro aprendiz surgiu a correr ao longo da borda do tanque, gritando aos prisioneiros que se encontravam lá em baixo para ajudarem o seu camarada. Dois ou três prisioneiros puxaram-no para cima, e o novo aprendiz esticou-se para o tanque e puxou-o para cima, ficando todo salpicado com aquela mistela ao fazê-lo. Usava uma pequena máscara de gaze, assim como muitos dos guardas, mas Katherine teve a certeza de o reconhecer e junto dela, ouviu Nimmo gritar: — *Pod!*

Eles apressaram-se a chegar junto dele. O Aprendiz Pod arrastara o prisioneiro semiafogado para a passagem de metal entre os tanques e estava a tentar lavar a porcaria que o outro tinha na cara com água que tirava de um cano ali perto. A outra aprendiz, aquela que começara por bater no pobre homem, observava a cena com uma expressão de nojo. — Estás a desperdiçar água, Pod! — disse ela, enquanto Katherine e Nimmo corriam para junto deles.

— Que se passa aqui, Aprendizes? — perguntou Nimmo, zangado.

— Este homem estava a mandriar — disse a rapariga. — Só estava a tentar pô-lo a trabalhar um bocado mais depressa.

— Ele tem febre! — disse o Aprendiz Pod, olhando para cima com um ar infeliz, coberto de porcaria peganhenta. — Não admira que não conseguisse trabalhar.

Katherine ajoelhou-se ao lado dele e só então é que o rapaz reparou nela, os seus olhos abrindo-se de estupefacção. Tinha conseguido lavar a maior parte da porcaria da cara do homem, e ela esticou-se e colocou a palma da mão sobre a testa húmida. Mesmo tendo em conta os padrões da Entranha Profunda, estava muito quente. — Ele está muito mal — disse ela, olhando para Nimmo. — Está a arder. Devia estar num hospital...

— Hospital? — retorquiu Nimmo. — Aqui em baixo não temos

hospital nenhum. Eles são prisioneiros, Menina Valentine. Criminosos. Não precisam de cuidados médicos.

— Dentro de pouco tempo ele vai ser mais um caso para a Divisão K — observou a rapariga aprendiz.

— Cale-se! — sibilou Nimmo.

— Que quer ela dizer com isso, Divisão K? — perguntou Katherine.

Nimmo não respondeu. O Aprendiz Pod olhava-a fixamente e pareceu-lhe ver lágrimas a caírem-lhe pela face, embora também pudesse tratar-se de transpiração. Ela olhou para baixo, para o prisioneiro, que parecia ter caído numa espécie de sono. O chão de metal parecia horrivelmente duro e, num súbito impulso, ela tirou o chapéu, dobrou-o e meteu-o debaixo da cabeça dele, a fazer de almofada. — Ele não devia estar aqui! — disse, zangada. — Está demasiado fraco para trabalhar nos vossos horríveis tanques!

— É horrível — concordou Nimmo. — O tipo de prisioneiros que nos enviam actualmente é pura e simplesmente demasiado fraco. Se o Grémio dos Mercadores se esforçasse mais para resolver a escassez de alimentos, talvez fossem um bocadinho mais saudáveis, ou se os Navegadores fizessem alguma coisa e descobrissem uma presa decente por uma vez... mas eu acho que já viu o suficiente, Menina Valentine. Por favor, pergunte ao Aprendiz Pod aquilo que o seu pai quer saber e eu volto a levá-la até aos elevadores.

Katherine olhou para Pod. Ele baixara a sua máscara, e ela reparou com surpresa que ele era muito bonito, com uns grandes olhos escuros e uma boca pequena e perfeita. Ela olhou fixamente para ele durante uns segundos, sentindo-se estúpida. Ali estava ele, cheio de coragem, a tentar ajudar aquele pobre homem, e ela vinha incomodá-lo com uma coisa que de repente lhe parecia muito banal.

— É a Menina Valentine, não é, Menina? — disse ele, nervoso, enquanto o Cão passava por ele para cheirar as mãos do homem doente.

Katherine assentiu. — Vi-o na Entranha, no outro dia, quando comemos Salthook — disse ela. — Nas calhas de escoamento. Eu penso que terá visto a rapariga que tentou matar o meu pai. Pode contar-me tudo o que se lembra acerca desse momento?

O rapaz olhou para ela, fascinado pelas longas madeixas de cabelo escuro que lhe caíam pelo rosto, agora que não tinha chapéu. Depois o seu olhar mudou de direcção, fixando-se em Nimmo. — Eu não vi nada, Menina — disse. — Quer dizer, ouvi gritos e corri para ajudar, mas com todo aquele fumo e tudo isso... não vi ninguém.

— Tem a certeza? — insistiu Katherine. — Pode ser muito importante.

O Aprendiz Pod abanou a cabeça, sem a olhar de frente.

— Lamento imenso...

O homem deitado no convés teve uma súbita convulsão e deu um grande suspiro, e todos olharam para ele. Katherine levou um momento a perceber que ele estava morto.

— Vê? — disse a rapariga aprendiz presunçosamente. — Eu disse que ele ia para a Divisão K.

Nimmo bateu com a ponta do pé no corpo do homem.

— Leve-o daqui, Aprendiz.

Katherine estava a tremer. Queria chorar, mas não conseguia. Se ao menos pudesse fazer qualquer coisa para ajudar aquelas pobres pessoas» — Vou dizer tudo acerca disto ao meu pai, quando ele chegar a casa — prometeu. — E quando ele descobrir aquilo que se passa neste sítio horrível... — Ela desejou nunca ali ter ido. Ao seu lado, ouviu Pod a dizer: — Sinto muito, Menina Valentine. — E ela não teve a certeza se ele estava a pedir desculpa por não a poder ajudar ou se sentia muito o facto de ela ter descoberto a verdade acerca do que era a vida debaixo de Londres.

Nimmo começava a ficar enervado. — Menina Valentine, tenho de insistir que se vá embora agora. Não devia estar aqui. O seu pai devia ter enviado um membro oficial do seu Grémio se tinha assuntos a tratar com este aprendiz. Que esperava ele que o rapaz lhe dissesse?

— Já vou — disse Katherine, e fez a única coisa que podia fazer pelo prisioneiro morto: inclinou-se para ele e fechou-lhe os olhos, com toda a delicadeza.

— Sinto muito — murmurou o Aprendiz Pod, enquanto a levavam embora.

Capítulo 17

O Subúrbio Pirata

Ainda nessa noite, e em plenos Pântanos da Água Ferrugenta, Tunbridge Wheels acabou mesmo por apanhar a sua presa. A cidadela exausta tinha tropeçado numa cova de escoamento de esgotos, e o subúrbio embateu-lhe de lado sem se dar ao trabalho de reduzir a sua velocidade tempestuosa. O impacte despedaçou a cidadela, e começaram a chover estilhaços nas ruas do subúrbio enquanto este se voltava e acelerava para engolir os destroços. — Refeições rolantes — berravam os piratas.

Da sua jaula nas entranhas do subúrbio, Tom e Hester viram, aterrorizados, as máquinas de desmantelamento a trabalhar, desfazendo a cidadela em pilhas de sucata sem nenhuma preocupação em deixar sair os sobreviventes. Os poucos que conseguiram, ainda assim, sair foram apanhados pelos piratas que os esperavam. Se fossem novos e estivessem em boa forma, eram arrastados para outras jaulas minúsculas iguais àquela onde Hester e Tom haviam sido encarcerados. Senão, eram mortos e os seus corpos acrescentados à pilha de entulho na orla dos estaleiros de digestão.

— Oh, por Quirke! — sussurrou Tom. — Isto é terrível! Estão a infringir todas as regras do Darwinismo Municipal...

— É um subúrbio pirata, Natsworthy — disse Hester. — De que estavas à espera? Eles desmantelam a presa o mais depressa possível e fazem dos prisioneiros escravos para as casas das máquinas. Não desperdiçam comida nem espaço com pessoas fracas de mais para trabalhar. No fundo, não é muito diferente do que a tua preciosa Londres faz. Ao menos estes têm a honestidade de se chamarem a eles próprios piratas.

A visão de um manto carmesim nos estaleiros de digestão suscitou o interesse de Tom. O Presidente da Câmara do subúrbio pirata tinha ido lá abaixo inspeccionar a última captura e pavoneava-se ao longo do caminho fora das celas, rodeado pelos seus guarda-costas. Era um homenzinho minúsculo, curvado e com ombros de corcunda, careca e com um pescoço magricela a sair da gola da capa de pele de gato. Tinha cara de poucos amigos. — Mais parece um abutre roído pela traça do que um Presidente da Câmara! — sussurrou Tom, puxando a manga de Hester e apontando. — Que achas que ele vai fazer connosco? — Ela encolheu os ombros ao deitar um olhar ao grupo que se aproximava. — Vamos ser atirados para as casas das máquinas, suponho... — Então, parou repentinamente a olhar para o Presidente

da Câmara como se ele fosse a coisa mais espantosa que ela jamais vira. Empurrando Tom para o lado com o ombro, encostou a cara contra as barras da jaula e começou a gritar. — Peavey! — berrou ela, esforçando-se por se fazer ouvir por cima do rugido da entranha — Peavey! Aqui!

— Conhece-lo? — perguntou Tom, confuso. — É um amigo? É boa pessoa?

— Eu não tenho amigos — disparou Hester. — E ele não é boa pessoa; é um animal implacável e assassino, e já o vi matar pessoas só por o olharem de modo esquisito. Por isso, esperemos que a captura o tenha deixado bem-disposto. Peavey! Aqui! Sou eu! É a Hester Shaw!

O animal implacável e assassino virou-se para a jaula e franziu o sobrolho.

— O nome dele é Chrysler Peavey — explicou Hester com voz rouca. — Parou em Strole algumas vezes para fazer negócios quando eu morava lá com o Shrike. Era Presidente da Câmara de outra cidade necrófaga. Só os deuses sabem como é que ele conseguiu um subúrbio vistoso como este... agora, silêncio; deixa-me ser eu a falar!

Tom prestou atenção a Chrysler Peavey quando este se aproximou com um andar imponente para examinar os prisioneiros. Não era propriamente uma visão muito agradável. O seu couro cabeludo rugoso reflectia o brilho das fornalhas, e o suor que dele escorria desenhava-lhe riscas claras na sujidade da cara. Como para compensar o facto de ser careca, tinha cabelo em quase todo o corpo; pêlos brancos e ásperos a sair do queixo, cinzentos tufos grossos surgiam-lhe das orelhas e narinas e um par de sobranceiras enormes, espessas e retorcidas. Uma corrente, já muito baça, com a insígnia do cargo da Câmara pendia-lhe do pescoço e num dos ombros erguia-se um macaco esquelético.

— Quem são eles? — perguntou.

— Um par de penduras, patrão... quer dizer, Vossa Senhoria... — disse um dos guardas, uma mulher cujo cabelo fora entrançado e coberto de laca, de modo a formar dois longos cornos curvilíneos.

— Entraram a bordo a meio da perseguição, Vossa Senhoria — acrescentou um outro, o homem que tinha supervisionado a captura dos recém-chegados. Mostrou a Peavey o casaco que estava a usar; o casaco de aviador forrado de algodão que ele roubara a Tom. — Roubei isto a um deles...

Peavey grunhiu. Parecia preparar-se para voltar para trás, mas Hester continuou a exhibir o seu sorriso distorcido e a dizer: — Peavey! Sou eu! — até conseguir acender uma faísca de memória nos seus

cobiçosos olhos negros.

— Santo Hull! — grunhiu. — É a miúda do homem de lata!

— Estás com bom aspecto, Peavey — comentou Hester, e Tom reparou que ela não tentava esconder a cara dos piratas, como se soubesse que não lhes devia mostrar qualquer sinal de fraqueza.

— Incrível! — disse Peavey, olhando-a de alto a baixo. — Incrível! És mesmo tu! A ajudantezinha do Caçador, toda crescida e mais feia do que nunca! Então onde é que anda o velho Shrike?

— Morto — respondeu Hester.

— Morto? Que é que lhe aconteceu, fadiga metálica? — disse dando uma enorme gargalhada que todos os guarda-costas obedientemente imitaram, até que o próprio macaco começou a guinchar e a abanar a sua corrente. — Fadiga metálica! Percebem?

— Então, como é que acabaste a governar Tunbridge Wheels? — perguntou Hester, enquanto ele ainda limpava as lágrimas dos olhos e se ria. — Da última vez que ouvi falar deste sítio ainda era um subúrbio respeitável. Costumava andar a caçar lá para norte, nas extremidades do gelo.

Peavey riu-se, encostando-se às grades.

— Bonita, né? — disse. — Este sítio comeu a minha antiga cidade há uns anos. Um dia chegou a correr e engoliu-a de uma vez. Mas eles eram moles: não repararam em mim e nos meus rapazes. Saltámos para fora da entranha e apoderámo-nos disto tudo; pusemos o Presidente da Câmara e o Conselho a trabalharem nos seus próprios motores, assentámos arraiais nas suas casas confortáveis e na sua Câmara Municipal toda elegante. Acabaram-se os meus dias de vasculhar! Agora sou um Presidente da Câmara respeitável. Sua Excelência Chrysler Peavey, ao vosso serviço!

Tom estremeceu, imaginando as coisas horrorosas que deviam ter acontecido aqui quando os durões de Peavey se apoderaram... mas Hester limitou-se a assentir com a cabeça, como se estivesse impressionada. — Parabéns — disse ela. — É uma boa cidade. Rápida, quero eu dizer. Bem construída. Mas estás a correr um risco. Se a tua presa não tivesse parado no momento certo, terias mergulhado de cabeça no centro da Água Ferrugenta e afundavas-te como uma pedra.

Peavey rejeitou o aviso. — Não Tunbridge Wheels, minha querida. Este subúrbio é especializado. Lamaçais e pântanos não nos preocupam. Há cidades bem gorduchas escondidas nestes pântanos, e presas ainda mais gordas que eu pretendo apanhar.

Hester assentiu. — Então e que tal deixar-nos sair? — perguntou

ela de forma despreocupada. — Com tanta presa para apanhar, deves precisar de um par de ajudantes fortes e duros lá em cima.

— Ha, ha! — soltou Peavey. — Boa tentativa, Hettie, mas não estás com sorte nenhuma. Não tem havido muitas presas nestes últimos anos. Preciso de todo o saque e alimento que consiga encontrar só para manter a rapaziada feliz, e eles não vão ficar nada felizes se começar a trazer caras novas para cima. Principalmente caras tão horríveis como a tua — disse, voltando a desfazer-se em gargalhadas, olhando em volta para os seus guarda-costas para se certificar de que eles o acompanhavam. O macaco correu por cima da sua cabeça e sentou-se lá, falando.

— Mas tu precisas de mim, Peavey! — disse-lhe Hester, esquecendo-se completamente de Tom no seu desespero. — Eu não sou mole. Provavelmente sou mais dura do que metade dos teus melhores homens. Eu luto com quem quiseses para obter um lugar lá em cima, se é isso que é preciso...

— Oh, tu podes ser-me útil, sem dúvida — concordou Peavey. — Mas não lá em cima. É na casa das máquinas que eu preciso de ajuda. Desculpa Hettie! — disse, virando-se depois para trás e dirigindo-se à mulher dos cornos. — Acorrenta-os, Maggs, e leva-os para os buracos dos escravos.

Hester deixou-se cair no chão da jaula, desesperada. Tom tocou-lhe no ombro, mas ela afastou-o com um gesto de irritação. Ele olhou para além dela, para Peavey que avançava através dos seus estaleiros manchados de sangue e para os piratas que avançavam para a jaula com armas e algemas. Para sua surpresa, sentia-se mais zangado do que com medo. Depois de tudo por que tinham passado, afinal sempre se iam tornar escravos! Não era *justo*! Antes de saber aquilo que ia fazer, pôs-se em pé, bateu nas grades oleosas e, numa voz estranha e aguda, ouviu-se gritar: — NÃO!

Peavey virou-se para trás. As sobrancelhas ergueram-se-lhe na testa íngreme, como alpinistas que escalassem uma montanha.

— NÃO — voltou a gritar Tom. — Você conhece-a, e ela pediu-lhe ajuda e você devia ajudá-la! Não passa de um cobarde, que come pequenas cidades que não são capazes de fugir, assassina pessoas e enfia pessoas nos buracos dos escravos, porque tem demasiado medo dos seus próprios homens para as salvar!

Maggs e os outros guardas levantaram as armas e olharam para Peavey na expectativa de que ele lhes desse ordem para rebentar com o impertinente prisioneiro. Mas ele limitou-se a ficar ali e a olhar, dirigindo-se depois lentamente para a jaula.

— Que disseste tu? — perguntou.

Tom deu um passo atrás. Quando voltou a tentar falar, não lhe saiu qualquer palavra da boca.

— És de Londres, não és? — perguntou Peavey. — Reconheceria essa pronúncia em qualquer lado! E também não és dos Bairros Inferiores. De que plataforma vens?

— Da se-segunda — gaguejou Tom.

— Da Segunda Plataforma? — disse Peavey, olhando depois em volta para os seus companheiros. — Ouviram isto? Isso é quase Londres Superior, é sim! Este rapaz é um cavalheiro da Londres Superior. Porque queria enfiar um cavalheiro como este nas catacumbas, Maggs?

— Mas o senhor disse... — protestou Maggs.

— Não interessa o que EU *DISSE* — gritou Peavey. — Tira-o para FORA dali!

A mulher dos cornos tacteou desajeitadamente a tranca da porta até ela se abrir e um outro pirata agarrar em Tom e tirá-lo da jaula. Peavey afastou-os do caminho e começou a limpá-lo com uma espécie de rude bondade, murmurando:

— Isso não é maneira de tratar um cavalheiro! Spanner, devolve-lhe o casaco!

— O quê? — gritou o pirata que envergava o casaco de Tom. — Nem pensar!

Peavey sacou de uma pistola e matou-o com um tiro.

— Eu disse para devolveres ao cavalheiro o seu CASACO! — gritou ao cadáver que apresentava uma expressão assustada, e os outros apressaram-se a tirar-lhe o casaco e a voltar a vesti-lo a Tom. Peavey deu umas palmadinhas no buraco feito pela bala na zona do peito. — Peço desculpa pelo sangue — disse com seriedade. — Estes rapazes, não têm maneiras nenhuma. Por favor, permita-me que lhe peça humildemente desculpas por este mal-entendido e que me deixe dar-lhe as boas-vindas a bordo da minha humilde cidade. E uma honra ter um verdadeiro cavalheiro a bordo, meu senhor. Espero sinceramente que se junte a mim na Câmara Municipal para tomar o chá da tarde...

Tom ficou a olhar para ele de boca aberta. Só agora percebera que não ia ser morto. Chá da tarde era a última coisa que ele esperava. Mas quando o presidente pirata lhe começou a indicar o caminho, ele lembrou-se de Hester, ainda cheia de medo no interior da jaula.

— Não a posso deixar aqui em baixo! — disse.

— Quem, a *Hettie*? — Peavey parecia verdadeiramente estupefacto.

— Estamos a viajar juntos — explicou Tom. — Ela é minha amiga...

— Há muitas outras raparigas em Tunbridge Wells — disse Peavey. — Raparigas muito melhores, com narizes e tudo o mais. Ora, a minha própria querida filha ficaria muito feliz por o conhecer...

— Não posso deixar Hester para trás — insistiu Tom, o mais firmemente que se atreveu, e o Presidente da Câmara limitou-se a fazer uma vénia e a indicar com um gesto a um homem para abrir a jaula outra vez.

De início, Tom pensou que Peavey estaria interessado na mesma coisa que a Menina Fang: informações acerca do local para onde Londres se dirigia e o que a trouxera de volta para o centro do Campo de Caça. Mas embora o presidente pirata tivesse muitas perguntas para fazer a Tom acerca da sua vida na metrópole, não parecia ter grande interesse nas suas movimentações; estava apenas feliz por ter o que ele apelidava de um «cavalheiro da Londres Superior» a bordo da sua cidade.

Levou Tom e Hester numa visita guiada à Câmara Municipal e apresentou-os aos seus «conselheiros», um bando de homens com ar grosseiro e nomes condizentes: Janny Maggs, Thick Mungo, Stadtsfesser Zeb, Pogo Nadgers, Zip Risky e Traktiongrad Kid. Depois chegou a hora do chá da tarde nos seus aposentos privados, uma sala no alto da Câmara Municipal carregada de tesouros saqueados, onde o seu monte de filhos chorosos e ranhosos estavam sempre a meter-se debaixo dos pés de toda a gente. A sua filha mais velha, Cortina, trouxe o chá em delicadas chávenas de porcelana e sanduíches de pepino num tabuleiro de vidro. Era uma rapariga sombria e assustada com olhos azul-água, e quando o pai viu que ela não tinha tirado as côdeas do pão das sanduíches, atirou-a de costas, para cima do pufe.

— Aqui o Thomas é de LONDRES! — gritou, atirando as sanduíches à cara da rapariga. — Ele espera coisas FINAS! E devias tê-las cortado em pequenos TRIÂNGULOS!

«Que se há-de fazer? — continuou, dirigindo-se a Tom, em tom lamentoso. — Tentei criá-la como uma senhora, mas ela não aprende. Mas é uma boa rapariga. Às vezes olho para ela e quase desejo que eu não tivesse dado um tiro na mãe... — Ele fungou e esfregou os olhos com um enorme lenço preto e branco com uma caveira e os ossos

cruzados, e Cortina regressou a tremer com sanduíches novas.

— A questão é — explicou Peavey, com a boca cheia de pão e pepino —, a questão é, Tom, que eu não quero ser pirata toda a minha vida.

— Hum, não? — disse Tom.

— Não — disse Peavey. — Sabes, Tommy, meu rapaz, eu, quando era miúdo, não tive as vantagens que tu tens. Não tive nenhuma educação nem nada, e sempre fui feio como tudo...

— Oh, isso não é bem verdade — murmurou Tom educadamente.

— Tive de olhar por mim mesmo, nos montes de entulho e nas fossas. Mas sempre soube que um dia chegaria ao topo. Uma vez vi Londres, sabes. Assim, à distância. Durante uma das suas viagens. Achei que era o sítio mais bonito que alguma vez vira, todos aqueles andares, e as vivendas brancas lá em cima, a brilhar ao sol. E depois soube das pessoas ricas que viviam lá em cima e decidi que era assim que queria viver; todas aquelas roupas elegantes e festas nos jardins e viagens ao teatro e tudo. Por isso tornei-me um vasculhador, e depois arranjei uma cidadezinha para mim, e agora tenho uma ainda maior. Mas aquilo que eu quero mesmo... — ele inclinou-se, aproximando-se de Tom —, aquilo que eu quero mesmo é ser *respeitável*.

— Sim, sim, claro — concordou Tom, olhando de soslaio para Hester.

— Sabes, aquilo que eu estou a pensar é isto — continuou Peavey. — Se esta viagem de caça resultar como eu espero, Tunbridge Wheels vai ser rica dentro em breve. Mesmo muito rica. Adoro este subúrbio, Tom. Quero vê-lo crescer. Quero ter um andar superior como deve ser, com parques e mansões elegantes, onde os brutamontes não sejam autorizados a entrar, e com elevadores a subir e a descer. Quero que Tunbridge Wheels se transforme numa metrópole, uma grande cidade respeitável, comigo como Presidente da Câmara, uma coisa que possa deixar aos meus rebentos. E tu, Tommy, quero que tu me digas como é que uma metrópole deve ser, e que me ensines a ter maneiras. Etiqueta. Para poder conversar com outros Presidentes de Câmara, sem eles se porem a rir de mim nas minhas costas. E aos meus rapazes todos também, eles vivem como porcos neste momento. Então, o que é que me dizes? Transformas-nos em cavalheiros?

Tom pestanejou, lembrando-se das caras rudes do bando de Peavey e interrogando-se sobre aquilo que fariam se ele lhes começasse a dizer para abrirem as portas uns aos outros e para não mastigarem com a boca aberta. Não sabia o que dizer, mas Hester acabou por dizer por ele.

— Foi um dia de sorte para ti, o dia em que o Tom entrou a bordo — dirigiu-se ela ao Presidente da Câmara. — Ele é um perito em etiqueta. É a pessoa mais bem-educada que conheço. Ele ensina-te tudo o que quiseses saber, Peavey.

— Mas... — disse Tom, e encolheu-se quando ela lhe deu um pontapé na canela.

— Maravilhoso! — cacarejou Peavey, borrifando-os aos dois com sanduíche semimastigada. — Tu ficas com o velho Chrysler, Tommy, meu rapaz, e não te arrependerás. Assim que apanharmos a nossa grande presa, podes começar a trabalhar. Está à nossa espera do outro lado destes pântanos. Devemos lá chegar no fim da semana...

Tom bebeu o seu chá. Na sua mente voltou a ver o grande mapa do Terreno de Caça; a grande extensão da Água Ferrugenta, e para lá disso... — Para lá dos pântanos? — admirou-se. — Mas para lá dos pântanos não há nada senão o Mar de Khazak!

— Descontraí-te, Tommy, meu rapaz! — disse Chrysler Peavey com uma risada. — Eu não te disse? Tunbridge Wheels é uma cidade *especializada*! Espera e verás para lá do mar. Espera e verás para lá *do* mar, percebes? Espera e verás... ha ha ha ha! — Bateu nas costas de Tom e bebeu o seu chá, com o dedo mindinho delicadamente levantado.

Capítulo 18

Bevis

Alguns dias mais tarde, Londres voltou a avistar uma presa; um grupo de pequenas vilas de tracção de língua eslava que se tinham tentado esconder entre as rochas escarpadas de umas velhas montanhas de pedra calcária. A metrópole andou para a frente e para trás, engolindo-as, com metade da população de Londres reunida nos palanques de observação da frente a observar e a aplaudir. As planícies da zona ocidental do Terreno de Caça estavam agora para trás deles, e o descontentamento de ontem fora esquecido. Quem é que se importava com o facto de haver pessoas a morrer de calor lá em baixo, nos Bairros Inferiores? Boa velha Londres! Bom velho Crome! Esta era a melhor série de capturas desde há muitos anos!

A metrópole perseguiu e comeu as cidades mais rápidas e depois voltou para trás para apanhar as mais lentas. Passou quase uma semana até a última ser apanhada, um local grande, outrora orgulhoso, que parecia coxear sobre os seus tractores de lagarta, ou as que restavam, pois muitas tinham sido arrancadas depois de um ataque por subúrbios predadores. Na noite em que foi finalmente comida, deram-se festas de captura por todos os parques de Londres e as celebrações tornaram-se verdadeiramente frenéticas quando um aglomerado de luzes foi avistado ao longe, para norte. Um boato começou a circular: que as luzes pertenciam a uma metrópole enorme, mas mutilada; que fora para procurar aquilo que Valentine tinha sido enviado, e que sinais rádio enviados pelo *Elevador do 13.º Andar* guiariam Londres para norte, para a sua maior refeição de sempre. Fogos-de-artifício rebentaram e brilharam até às duas da manhã, e Chudleigh Pomeroy, o substituto do Presidente dos Historiadores, rebaixou Herbert Melliphant a Aprendiz de Terceira Classe depois de ele ter soltado uma bombinha no Salão Principal do Museu.

Mas ao nascer do Sol a alegria e os boatos morreram. As luzes a norte pertenciam realmente a uma enorme metrópole, mas não estava nada mutilada; dirigia-se para sul a alta velocidade e tinha um ar esfomeado. O Grémio dos Navegadores identificou-a rapidamente como sendo Panzerstadt-Baviera, uma aglomeração de distritos urbanos formada pela junção de quatro enormes *Traktionstads*, mas mais ninguém estava muito interessado em saber *como* se chamava; só queriam fugir dela.

Londres colocou os motores na potência máxima e acelerou para este, até a aglomeração urbana desaparecer no horizonte. Mas na

manhã seguinte, lá estava ela outra vez, os andares superiores brilhando com a luz do sol, ainda mais próxima do que antes.

Katherine Valentine não se juntara às festividades e celebrações, nem à onda de pânico que invadiu a metrópole.

Desde que regressara da Entranha Profunda, tinha-se restringido ao seu quarto, lavando-se compulsivamente para se ver livre do horrível fedor dos fossos de porcaria da Secção 60. Mal comia, e mandou os criados atirar para os contentores de reciclagem a roupa que havia usado naquele dia. Deixou de ir à escola. Como poderia encarar as amigas, com as suas conversas tolas sobre roupa e rapazes, sabendo o que sabia? Lá fora, a luz do sol manchava os relvados, as flores desabrochavam e as árvores ostentavam nova folhagem verde, mas como poderia ela voltar a desfrutar da beleza da Londres Superior? Só conseguia pensar nos milhares de londrinos que labutavam e morriam em sofrimento para que algumas pessoas afortunadas e ricas, como ela, pudessem viver com conforto.

Escreveu uma carta sobre isso às pessoas dos Ecrãs de Observação, e outra à polícia, mas rasgou as duas. De que lhe adiantava enviá-las quando toda a gente sabia que Magnus Crome controlava a polícia e os Ecrãs de Observação? Até o Sumo Sacerdote de Clío tinha sido nomeado por Crome. Ela teria de esperar pelo regresso do pai antes de tratar do assunto da Entranha Profunda, se Londres já não tivesse sido comida quando ele voltasse.

Quanto à sua busca da verdade acerca da rapariga da cicatriz, tinha chegado a um impasse. O Aprendiz Pod não sabia de nada, ou fingia não saber, e ela não tinha mais a quem recorrer.

Então, no terceiro dia em que Londres tentava fugir de Panzerstadt-Baviera, chegou uma carta para ela. Katherine não fazia ideia de quem lhe poderia ter escrito e revirou o envelope várias vezes, olhando para o selo da Sexta Plataforma e sentindo-se estranhamente amedrontada.

Quando finalmente abriu a carta, caiu-lhe um pedaço de papel nos cereais de algas; papel de carta normal de Londres, reciclado já tantas vezes que era suave e macio como feltro, com uma marca de água que dizia: «Não desperdices que não te faltarão».

Cara Menina Valentine,

por favor, ajude-me, tenho uma coisa para lhe dizer. Estarei no Pete's Eats

em Belsize Park, Quinta Plataforma, hoje às 11 da manhã.

Assinado

Uma pessoa amiga

Algumas semanas antes, Katherine teria ficado entusiasmada, mas agora já não estava com disposição para mistérios. Talvez fosse uma brincadeira de mau gosto, pensou. Também não estava com disposição para brincadeiras. Como poderia estar, quando Londres fugia para salvar a vida e os andares inferiores se encontravam cheios de sofrimento e miséria? Atirou o bilhete para o contentor de reciclagem e empurrou para longe o pequeno-almoço por comer, indo depois lavar-se novamente.

Mas sentia curiosidade, apesar de tudo. Quando chegaram as nove horas, disse:

— Não vou.

Às nove e meia, disse ao *Cão*:

— Não iria servir de nada, não vai lá estar ninguém.

Às dez, murmurou:

— Petes Eats... que raio de nome será esse? Deve ser inventado. Meia hora mais tarde, estava à espera de um elevador descendente no Terminal de Central Shaft.

Apeou-se em Low Holborn e caminhou até à orla do andar, passando por apartamentos descuidados de metal gasto. Tinha vestido as suas roupas mais velhas e caminhava depressa, com a cabeça baixa e o *Cão* junto dela. Já não se sentia orgulhosa quando as pessoas a fitavam. Imaginava-as a dizer:

— *Aquela é a Katherine Valentine, uma menininha emproada da Primeira Plataforma. Essa gente da Londres Superior nem sabe como nasceu.*

Belsize Park estava quase deserto, o ar denso com o fumo espesso dos motores de Londres. Os relvados e canteiros de flores haviam sido cedidos para agricultura anos e anos antes, e as únicas pessoas que ela via eram alguns trabalhadores do Parques e Jardins que se deslocavam ao longo das filas de couves, pulverizando-as com insecticida. Junto dali erguia-se um miserável edifício cónico, com um letreiro no telhado que dizia «Petes Eats» e, por baixo em letras mais pequenas, «Café». No pavimento em frente viam-se mesas de metal debaixo de toldos, e havia mais mesas lá dentro. As pessoas estavam sentadas a conversar e a fumar à ténue luz vacilante de um globo de árgon de meia potência. Um rapaz sentado sozinho numa mesa perto da porta

levantou-se e acenou. O Cão abanou a cauda. Katherine levou algum tempo a reconhecer o Aprendiz Pod.

— Eu chamo-me Bevis — disse ele, sorrindo nervosamente enquanto Katherine se sentava à sua frente. — Bevis Pod.

— Eu lembro-me.

— Estou contente por ter vindo, Menina. Tenho querido falar consigo desde que foi lá abaixo à Secção 60, mas não queria que o Grémio soubesse que eu a tinha contactado. Eles não gostam que falemos com gente de fora. Mas hoje estou de folga, porque eles estão a preparar uma grande reunião, por isso vim cá acima. Não se vê muitos Engenheiros a comer aqui.

— Não me espanta — disse Katherine para si mesma, olhando para a ementa. Havia uma grande fotografia colorida de algo chamado *Happy Meal*, um disco de carne demasiado cor-de-rosa para ser verdadeira, dentro de dois pães de algas redondos. Ela pediu um chá de hortelã. Veio num copo de glástico e sabia a químicos. — Os restaurantes da Quinta Plataforma são todos assim?

— Oh, não — disse Bevis Pod. — Este é muito mais agradável do que os outros.

Ele não conseguia parar de olhar para o cabelo dela. Passara toda a sua vida nos dormitórios dos Engenheiros na Entranha e nunca tinha visto ninguém com um cabelo como o dela, tão comprido, brilhante e cheio de vida. Os Engenheiros diziam que o cabelo era desnecessário; um vestígio do passado preso ao chão, mas quando olhava para o de Katherine, ficava a pensar...

— Dizia que precisava da minha ajuda... — avançou Katherine.

— Sim — disse Bevis. Olhou por cima do ombro como que verificando se não estava ninguém a vigiá-los. — É acerca daquilo que me perguntou. Não lhe podia contar lá em baixo, nos Tanques de Excremento. Não com o Nimmo a observar. Já me tinha metido em sarilhos suficientes por tentar ajudar aquele pobre homem...

Os seus olhos escuros estavam outra vez cheios de lágrimas e Katherine achou estranho que um Engenheiro chorasse com tanta facilidade.

— Bevis, a culpa não foi tua — disse. — Mas agora, e quanto à rapariga? Viste-a?

Bevis assentiu, relembrando a noite em que Londres comeu Salthook. — Vi-a passar a correr, com aquele Historiador Aprendiz a correr atrás dela. Ele pediu ajuda, por isso eu corri atrás dele. Vi a rapariga virar para as calhas de escoamento. Havia qualquer coisa de

errado com a cara dela...

Katherine assentiu.

— Continua.

— Ouvi-a gritar com ele. Não percebi tudo, por causa do barulho dos motores e dos Estaleiros de Desmantelamento. Mas ela disse qualquer coisa acerca do seu pai, Menina. E depois apontou para si mesma e disse: «Qualquer coisa, qualquer coisa, qualquer coisa, Hester Shaw.» E depois saltou.

— E arrastou o pobre Tom com ela.

— Não, Menina. Ele ficou ali, a olhar com um ar um bocado parvo. Depois o fumo desceu sobre ele, e eu não consegui ver nada, e quando me apercebi, havia polícia a toda a volta, por isso fiz por desaparecer dali. Sabe, é que eu não devia abandonar o meu posto, por isso não podia dizer a ninguém o que tinha visto.

— Mas estás a dizer-me a mim — retorquiu Katherine.

— Sim, Menina — disse o aprendiz, corando.

— Hester Shaw? — Katherine dava voltas e voltas à cabeça, pensando no nome dela, mas ele não lhe dizia nada. Nem compreendia a descrição que ele fazia dos acontecimentos, que não parecia conjugar-se com a que o Pai lhe fizera. Decidiu que Bevis devia ter-se enganado.

Ele voltou a olhar em seu redor, muito nervoso, depois baixou a voz e sussurrou:

— Estava a dizer a verdade, Menina, sobre o seu pai? Ele pode mesmo fazer qualquer coisa para ajudar os prisioneiros?

— Ele fará, assim que eu lhe contar aquilo que se está a passar — prometeu Katherine. — Tenho a certeza de que não sabe. Mas não há razão para me chamar Menina; o meu nome é Katherine. Kate.

— Certo — disse Bevis solenemente. — Kate. — Ele voltou a sorrir, mas continuava nervoso. — Eu sou leal ao Grémio — explicou. — Nunca quis ser outra coisa senão um Engenheiro. Mas nunca pensei ser destacado para a prisão experimental. Manter pessoas fechadas em jaulas e fazê-las trabalhar na Entranha e chafurdar naqueles tanques de excrementos... isso não é Engenharia. É apenas maldade. Faço o que posso para os ajudar, mas não posso fazer muito, e os supervisores só querem forçá-los a trabalhar até à morte, para depois os enviarem para a Divisão K em sacos de plástico, para que mesmo depois de mortos, nunca tenham descanso.

— O que é isso da Divisão K? — perguntou Katherine, lembrando-se de como Nimmo silenciara a outra aprendiz quando ela a referiu. —

Faz parte da prisão?

— Oh, não. É lá em cima. No Engenhório. É uma espécie qualquer de departamento experimental, dirigido pela Doutora Twix.

— Para que é que ela usa cadáveres? — perguntou Katherine, nervosa, sem ter muita certeza de querer saber a resposta.

Bevis Pod ficou um pouco mais pálido.

— São só boatos, Menina, mas algumas pessoas do Grémio dizem que ela está a construir Caçadores. Homens Ressuscitados.

— Pela Grande Clio! — Katherine pensou no que aprendera acerca dos Caçadores. Sabia que o pai desenterrara alguns esqueletos ferrugentos para os Engenheiros estudarem, mas disse-lhe que eles só estavam interessados nos cérebros electrónicos. Estariam realmente a tentar fazer novos?

— Porquê? — perguntou ela. — Quero dizer, eles eram soldados, não eram? Umas espécies de tanques humanos, construídos para uma antiga guerra qualquer...

— Trabalhadores perfeitos, Menina — disse Bevis de olhos muito abertos. — Não precisam de ser alimentados, nem vestidos, nem alojados e, quando não houver trabalho para ser feito, pode-se desligá-los e enfiá-los num armazém, por isso são muito mais fáceis de armazenar. O Grémio pensa que no futuro, toda a gente que morrer nos andares inferiores será ressuscitada e não precisaremos de pessoas vivas, salvo os supervisores.

— Mas isso é horrível! — protestou Katherine. — Londres seria uma cidade dos mortos!

Bevis Pod encolheu os ombros.

— Lá em baixo, na Entranha Profunda já é isso que se sente. Só lhe estou a contar aquilo que ouvi dizer. Crome quer Caçadores construídos, e é isso que a Doutora Twix faz com os cadáveres da nossa secção.

— Tenho a certeza de que se as pessoas soubessem deste horrível plano... — começou Katherine a dizer. Depois ocorreu-lhe uma ideia. — Isso tem um nome de código? Chamam-lhe MEDUSA?

— Caramba! Como é que sabe da MEDUSA? — O rosto de Bevis ficara mais pálido do que nunca. — Ninguém deve saber disso!

— Porquê? — perguntou Katherine. — De que se trata? Se não tem nada a ver com estes novos Caçadores...

— É um grande segredo do Grémio — murmurou Bevis. — Os aprendizes nem sequer devem saber o nome. Mas ouve-se os

supervisores a falar disso. Sempre que alguma coisa corre mal, ou a metrópole está em apuros, eles falam de como tudo vai correr bem quando despertarem a MEDUSA. Como esta semana, com esta aglomeração urbana a perseguir-nos. Toda a gente anda a correr de um lado para o outro, em pânico, a pensar que vai ser o fim de Londres, mas os membros superiores do Grémio limitam-se a dizer uns aos outros: «A MEDUSA vai resolver o assunto.» É por isso que hoje à noite vão ter uma grande reunião no Engenhório. Magnus Crome vai fazer uma declaração sobre isso.

Katherine estremeceu, pensando no Engenhório e nas coisas misteriosas que se passavam por trás das suas janelas negras. Era lá que conseguiria encontrar a pista para os problemas do pai. MEDUSA. Tudo tinha a ver com a MEDUSA.

Ela aproximou-se mais do rapaz e sussurrou:

— Bevis, ouve; vais a esta reunião? Podes contar-me aquilo que Crome disser?

— Oh, não, Menina... quer dizer, Kate. Não! É apenas para membros do Grémio. Nada de aprendizes...

— Não te podes fazer passar por membro do Grémio ou qualquer coisa do género? — insistiu Katherine. — Tenho um pressentimento de que se passa alguma coisa má, e acho que esta história da MEDUSA está no fundo da questão.

— Desculpe, Menina — disse Bevis, abanando a cabeça. — Não me atreveria. Não quero ser assassinado e enviado para a Plataforma Superior e transformado em Caçador.

— Então ajuda-me a *mim* a entrar! — disse Katherine, com fervor. Esticou-se até ao outro lado da mesa para lhe dar a mão, e ele tremeu ao sentir o toque da sua pele e afastou-se para trás, olhando espantado para os dedos, como se nunca lhe tivesse passado pela cabeça que alguém lhes quisesse tocar. Katherine insistiu, fechando nas dela as mãos dele, que tremiam, e olhando-o nos olhos.

— Tenho de descobrir que anda o Crome a planear realmente — explicou —, pelo meu Pai. Por favor, Bevis. Tenho de entrar no Engenhório!

Capítulo 19

O Mar De Khazak

Algumas horas mais tarde, enquanto as neblinas do fim de tarde se aproximaram vindas dos Pântanos de Água Ferrugenta, Tunbridge Wheels chegou junto do mar. Ficou ali parada durante algum tempo, olhando para o horizonte coberto de ilhas que se erguiam como pontos escuros e irregulares na água prateada. Os pássaros voavam sobre eles em grandes bandos, vindos do mar, e quando o subúrbio desligou os motores, o bater das suas asas ecoou sobre os lamaçais. Pequenas ondas batiam em intervalos regulares na margem e um vento de leste soprava sobre a relva de feno das areias, fina e acinzentada. Nem nos pântanos, nem no mar se ouvia nenhum outro som, nenhum outro movimento, não havia luz, nem rastros do fumo de alguma cidade que se deslocasse.

— Natswurvy! — gritou Peavey, olhando pelo telescópio, da janela da sua ponte de observação, bem no topo da Câmara Municipal. — Onde é que está o rapaz? Passem palavra para chamar o Natswurvy! — Quando dois dos seus piratas acompanharam a entrada de Tom e Hester, ele virou-se com um grande sorriso e estendeu-lhes o telescópio, dizendo: — Dá uma vista de olhos Tommy, meu rapaz! Eu disse-te que te trazia até aqui, não disse? Eu disse-te que te trazia até ao outro lado destes pântanos em segurança, não disse? Agora dá uma vista de olhos ao sítio para onde vamos!

Tom pegou no telescópio e pô-lo no olho, pestanejando por causa do círculo de imagem tremido e enevoado que lhe surgiu, até que a visão se foi tornando mais clara. Viam-se dezenas de pequenas ilhas a pontilhar o mar diante deles, e uma ilha maior que se erguia a oriente como as costas de um enorme monstro pré-histórico que saltava para fora das águas.

Ele baixou o telescópio e tremeu.

— Mas não há nada ali... — disse

Levara mais do que uma semana para Tunbridge Wheels atravessar cautelosa e lentamente os pântanos, e embora Chrysler Peavey estivesse encantado com Tom, ainda não lhe explicara aquilo que esperava encontrar do outro lado. Os seus homens também não tinham sido informados, mas agradava-lhes capturar as pequenas cidadelas que se tinham abrigado nos labirintos da Água Ferrugenta, lugares semiestáticos com rodas cobertas de musgo e belíssimas e delicadas esculturas de madeira nos conveses superiores. Eram tão

pequenas que quase nem valia a pena comê-las, mas mesmo assim Tunbridge Wheels comeu-as, assassinou ou escravizou os seus povos e alimentou as suas fornalhas com as belas esculturas.

Foi uma época terrível e confusa para Tom. Fora educado a acreditar que o Darwinismo Municipal era um sistema nobre e bonito, mas ele não conseguia ver nada de nobre nem de bonito em Tunbridge Wheels.

Continuava a ser um convidado de honra na Câmara Municipal, assim como Hester, embora Peavey claramente não conseguisse perceber a ligação dele com a rapariga silenciosa, mal-humorada e com aquela cicatriz na cara.

— *Porqu'ê* que não convidas a minha Cortina para sair? — atirou ele certa noite, quando se encontrava sentado ao lado de Tom na velha sala do Conselho que era agora a sua sala de jantar. — Ou porque não uma das raparigas que apanhamos na última captura? Tinham óptimo aspecto, e não falam nem uma palavra de Anglo, por isso não podem resmungar...

— A Hester não é minha namorada! — começou Tom a explicar, mas ele não queria ter de sair com a filha do Presidente da Câmara e sabia que Peavey nunca entenderia a verdade; que ele estava apaixonado pela imagem de Katherine Valentine, cuja cara permanecera na sua mente como uma lanterna através de todos aqueles quilómetros de aventuras. Por isso disse: — A Hester e eu passamos por muita coisa juntos, Senhor Peavey. Prometi-lhe que a ajudaria a apanhar Londres.

— Mas isso era dantes — argumentou o Presidente da Câmara. — Agora és um Tunbridge-Wheelsiano. Vais ficar aqui comigo, como o filho que nunca tive, e só estou a tentar fazer-te entender que os rapazes te aceitariam melhor se tivesses uma rapariga com melhor aspecto; sabes, com mais aspecto de senhora.

Tom olhou para o outro lado da aglomeração de mesas e viu os outros piratas a olharem para ele, brincando com as suas facas. Sabia que eles nunca o aceitariam. Odiavam-no por ser um mole habitante de uma metrópole, e por ser o preferido de Peavey, e ele não podia censurá-los por isso.

Mais tarde, no pequeno quarto que partilhava com Hester, disse:

— Temos de sair desta cidade. Os piratas não gostam de nós, e começam a ficar fartos de o Peavey querer obrigá-los a aprender boas maneiras e tudo o mais. Não quero nem pensar no que nos poderá acontecer se eles se amotinarem.

— Vamos esperar e ver — murmurou a rapariga, enrolada no

canto do lado oposto. — O Peavey é forte e vai conseguir manter os rapazes na linha desde que lhes encontre a tal grande presa que anda a prometer. Mas só Quirke sabe o que será.

— Vamos descobrir amanhã — disse Tom, deixando-se cair num sono agitado. — Amanhã, por esta altura, já teremos posto estes horríveis pântanos para trás...

E na manhã seguinte, por aquela altura, aqueles horríveis pântanos *tinham* ficado para trás. Enquanto o navegador de Peavey estendia os seus mapas sobre a ponte de observação, um estranho sibilo ecoou no cimo da escadaria da Câmara Municipal. Tom ergueu o olhar, observando os rostos dos rapazes de Peavey, que estavam reunidos em volta da mesa do mapa, mas salvo Hester, ninguém parecia ter ouvido. Ela olhou para ele, nervosa, e encolheu os ombros.

O navegador era um homem magro, que usava óculos, o Senhor Ames. Fora o professor do subúrbio até Peavey se ter apoderado dele. Agora estava a habituar-se facilmente a esta nova vida como pirata: era muito mais divertida, os horários eram melhores e os rufiões de Peavey comportavam-se melhor do que a maioria dos seus antigos alunos. Alisando os mapas com as suas longas e magras mãos, disse: — Dantes isto era o terreno de caça de centenas de pequenas cidades aquáticas, mas comeram-se todas umas às outras e agora os ocupantes Antitraccionistas começaram a descer das montanhas e a instalarem-se em ilhas, como esta...

Tom aproximou-se mais. O grande mar interior de Khazak estava pontilhado de dezenas de ilhas, mas aquela para onde Ames apontava era a maior, que parecia um diamante de corte irregular e devia ter uns trinta quilómetros de comprimento. Não conseguia imaginar o que poderia haver ali que fosse interessante e quase todos os outros piratas também pareciam confusos, mas Peavey ria por entre dentes e esfregava as mãos de contentamento.

— A Ilha Negra — disse. — Não é uma imagem lá muito bonita, pois não? Mas vai fazer-nos ricos, rapaziada, ricos. A partir desta noite, a velha Tunbridge Wheels vai poder tornar-se uma verdadeira cidade.

— Como? — indagou Mungo, o pirata que menos confiava em Chrysler Peavey e pior aceitava a presença de Tom. — Não há lá nada, Peavey. Só algumas árvores velhas e uns inúteis Musgientos.

— Que são Musgientos? — sussurrou Tom a Hester.

— Ele quer dizer pessoas que vivem em colónias estáticas — soprou ela de volta. — Sabes, como naquele velho ditado: «Cidade em

movimento não cria musgo...»

— A questão é, minhas senhoras e meus senhores — anunciou Peavey —, que *há* algo na Ilha Negra. Há uns dias, mesmo antes de teres subido a bordo, Tom, abatemos um dirigível que andava a vaguear sobre os pântanos. A tripulação contou-me uma coisa muito interessante antes de os matarmos. Parece que houve uma grande batalha em Airhaven; incêndios, danos nos motores, fugas de gás, tudo em tão mau estado que tiveram de pousar para reparações. E onde é que acham que foram aterrar?

— Na Ilha Negra? — sugeriu Tom, a julgar pelo sorriso ganancioso de Peavey.

— Assim é que é, Tommy, meu rapaz! Há lá um caravancha aéreo onde os contingentes voadores se reabastecem quando vêm das terras da Liga a Sul das montanhas. Foi aí que Airhaven pousou. Acham que estão a salvo, com mar a toda a volta e os amigos Musguentos para os ajudar. Mas não estão a salvo de Tunbridge Wheels!

Uma onda de entusiasmo percorreu o grupo de piratas. Tom virou-se para Hester, mas esta tinha o olhar fixo na ilha distante. Em parte, sentia-se apavorado ao imaginar a linda cidade voadora jazendo mutilada, à espera de ser comida; por outro lado, não podia deixar de pensar como raio Peavey planeava chegar lá.

— Aos vossos lugares, meus camaradas! — bradou o presidente pirata. — Liguem os motores! Carreguem as armas! Pela madrugada de amanhã, seremos todos ricos!

Os piratas apressaram-se a cumprir as ordens e Tom correu para a janela. Lá fora já estava quase escuro, embora um último raio de sol manchasse, como um sinal de agouro, o céu sobre os pântanos. Mas as ruas de Tunbridge Wheels estavam cheias de luz e, a toda a volta da borda do subúrbio, desdobravam-se enormes formas cor de laranja que cresciam como fungos numa película acelerada. Agora o silvo do convés inferior fazia sentido; enquanto Peavey falava, a sua cidade tinha estado ocupada a encher de ar câmaras de flutuação e aquelas abas de borracha insufláveis.

— Vamos ao banho! — gritou o presidente pirata, sentado na sua cadeira giratória e apontando para as casas das máquinas. Os enormes motores ressoaram, ganhando vida, uma nuvem de gases de exaustores flutuou pelo ar, e Tunbridge Wheels avançou pela areia e para dentro do mar.

No início tudo correu bem; nada se movia nas águas escuras

enquanto Tunbridge Wheels avançava ruidosamente para leste e em frente deles, a Ilha Negra ia ficando cada vez maior. Tom abriu uma pequena janela lateral da ponte e ficou ali de pé, sentindo o ar salgado da noite a encher-lhe os pulmões, sentindo uma estranha excitação. Conseguia ver os piratas reunirem-se na velha praça do mercado na parte da frente do subúrbio, aprontando os ganchos de atracação e as pranchas de abordagem, porque Airhaven seria demasiado grande para encaixar nas mandíbulas, portanto teriam de a tomar pela força para a desfazerem como quisessem. Não gostava da ideia, especialmente quando se lembrava de que os seus amigos aviadores ainda poderiam estar em Airhaven, mas afinal de contas era um mundo em que as cidades se comiam umas às outras, e *havia* algo de excitante no atrevimento arrojado do plano de Peavey.

E de repente uma coisa caiu do céu e explodiu na praça do mercado, deixando um buraco negro no convés e os homens que ele tinha estado a observar, já não estavam lá. Outros surgiram a correr, com baldes e extintores.

— Dirigível! Dirigível! Dirigível! — gritava alguém, e depois caíram mais coisas e os edifícios explodiam por todo o subúrbio, com pessoas a serem atiradas pelos ares e voando como acrobatas loucos.

— Pela saúde de Sooty Pete! — gritou Peavey, correndo em direcção à janela de observação estilhaçada e olhando para as ruas cheias de fumo. O seu macaco saltava para cima e para baixo nos ombros, falando. — Estes Musguentos estão mais bem organizados do que aquilo que pensávamos — disse. — Luzes de busca, depressa!

Dois tremeluzentes raios de luz ergueram-se sobre a cidade, rasgando caminho por entre o fumo que enchia o céu. No ponto onde eles se uniram, Tom viu por um instante o brilho vermelho emitido por uma forma gorda ascendente. As armas do subúrbio apontaram para cima e dispararam uma salva, atacando as nuvens esvoaçantes com as suas chamas.

— Falharam! — sibilo Peavey, olhando pelo seu telescópio. — Maldição, devia ter adivinhado que Airhaven enviaria dirigíveis espiões. E se não me engano, era o velho balde ferrugento daquela bruxa da Fang.

— O *Jenny Haniver*! — exclamou Tom.

— Não vale a pena ficar com esse ar tão satisfeito — rosnou Peavey. — Ela é um perigo. Nunca ouviste falar da Flor do Vento?

Tom não contara ao presidente pirata acerca das suas aventuras a bordo de Airhaven. Tentou esconder a sua felicidade ao pensar que a Menina Fang ainda estava viva, e disse:

— Ouvi falar dela. É uma comerciante aérea...

— Oh, sim? — Peavey cuspiu para o convés. — Pensas que uma comerciante se passeia com aquele tipo de armas de fogo? Ela é uma das principais agentes da Liga Antitracção. Nada nem ninguém a consegue travar quando toca a fazer-nos mal a nós, as pobres cidades de tracção. Foi ela que colocou a bomba que afundou Marselhas, e ela quem estrangulou a pobre Sultana de Palau Pinang. As suas mãos estão manchadas pelo sangue de milhares de cidadãos! Mas nós vamos mostrar-lhe como é, não vamos, Tommy, meu rapaz? Hei-de comer-lhe as entranhas guisadas! Hei-de pendurar o seu cadáver para servir de alimento aos abutres! Mungo! Pogo! Maggs! Vai uma percentagem maior dos despojos para quem deitar abaixo aquele dirigível vermelho!

Ninguém conseguiu deitar abaixo aquele dirigível vermelho; já estava bem longe do alcance das armas, regressando rapidamente à Ilha Negra para avisar Airhaven do perigo que se aproximava. Mas Tom não poderia estar mais cheio de desgosto e raiva se o tivesse visto a cair em chamas. Então fora por isso que a Menina Fang o salvara e fora tão simpática! Tudo aquilo que realmente queria era informação para a Liga; e o seu amigo, o Capitão Khora, estava metido na tramóia, contando-lhe aquela história só para conquistar a simpatia de Tom. Graças a Quirke, ele não lhe tinha conseguido dizer nada!

Tunbridge Wheels estava amolgada e em chamas, mas os foguetes do *Jenny Haniver* eram demasiado pequenos para provocar danos sérios, e agora que o factor surpresa se perdera, a Menina Fang não arriscava outro ataque. O subúrbio continuou a avançar para este, empurrando diante de si um grosso tubo de água ardente. Tom conseguia agora vislumbrar as luzes da Ilha Negra, lanternas que piscavam junto da costa. Mais perto, entre a ilha e o subúrbio, brilhava outro grupo de luzes.

— Barcos! — grifou Mungo, espreitando pela mira da sua arma.

Peavey foi colocar-se à janela, a toga esvoaçando sob influência da brisa cada vez mais forte. — Uma frota de pesca! — grunhiu, parecendo satisfeito. — A primeira refeição da noite; vamos comê-los como entrada. Isso é «aperitivos» para vocês, seus brancos.

Os barcos de pesca começaram a espalhar-se enquanto Tunbridge Wheels se aproximava, fugindo cheios de medo para o abrigo da costa, mas um, maior e mais lento que os outros, arrastou-se para barlavento. — Vamos comê-lo a ele — resmungou Peavey, e Maggs passou a sua ordem pelo intercomunicador. O subúrbio mudou ligeiramente de rumo, com um queixume dos motores. Os penhascos íngremes da Ilha Negra enchiam o céu diante deles, tapando a vista

das estrela do oriente. *E se eles têm armas lá nas alturas?*, pensou Tom. Mas se algumas havia, permaneceram em silêncio. Conseguiu ver a esteira branca do navio diante deles e à frente deste uma ténue linha pálida de ondas a rebentarem na costa...

E depois outras ondas a rebentarem, mais perto, mesmo em frente deles, e Hester que gritava: — Peavey! É uma armadilha!

Nesse momento todos o viram, mas era tarde de mais. O barco de pesca, com a sua quilha rasa passou pelo recife, mas a enorme massa profunda de Tunbridge Wheels embateu a toda a velocidade e as rochas afiadas abriram-lhe a barriga de ponta a ponta. O subúrbio deu um solavanco e estagnou, desequilibrando Tom e atirando-o com força contra as pernas da mesa do mapa. Os motores falharam e no terrível silêncio que se seguiu começou a ecoar uma buzina que parecia um touro assustado.

Tom arrastou-se de volta para a janela. Lá em baixo, viu as ruas escurecerem enquanto uma enorme vaga de água entrava pelas paliçadas. Jactos de espuma branca irrompiam para o céu, vindos do convés inferior completamente inundado e, misturados com a espuma, viu pedaços negros de destroços e pequenas figuras que lutavam contra a força da água. O barco ia já longe, e virava-se ao contrário para admirar a sua obra. Cento e cinquenta metros de mar separavam o subúrbio condenado das margens escarpadas da ilha.

Uma mão agarrou-o pelo ombro, empurrando-o para a saída.

— Tu vens comigo, Tommy, meu rapaz — rosnou Peavey, retirando uma arma enorme de um espaço na parede e colocando-a sobre o ombro. — Tu também, Amesy, Mungo, Maggs, vocês vêm comigo...

Eles iam com ele, os piratas formando um apertado círculo de protecção em redor do Presidente da Câmara enquanto este apressava Tom pelas escadas abaixo. Hester vinha a coxear atrás deles. Lá em baixo ouviam-se gritos, e caras assustadas olhavam do terceiro andar para cima, onde eles estavam, porque aquelas pessoas ali em baixo já tinham água pelos joelhos.

— Abandonar cidade! — gritou Peavey. — Mulheres e Presidentes da Câmara primeiro!

Entraram de rompante nos seus aposentos privados, onde a sua filha se encontrava agarrada aos seus assustados irmãos e irmãs. Peavey ignorou-a e dirigiu-se até um baú que estava num canto, franzindo o sobrolho enquanto se concentrava, girando o manipulo do código de abertura do baú de um lado para o outro. Este abriu-se, ele tirou de lá de dentro um pequeno embrulho laranja e lá partiram eles

outra vez, saindo para a varanda, onde o mar já passava por cima das grades. Tom voltou para trás, para entrar na divisão, tentando ajudar Cortina e as crianças, mas Peavey tinha-os esquecido por completo. Atirou o embrulho para as ondas e este desdobrou-se soltando um complicado sibilo, enchendo-se até se transformar num pequeno salva-vidas redondo. — Entrem lá para dentro — ordenou, agarrando em Tom e atirando-o para junto do barquinho.

— Mas...

— Entra lá para dentro! — Uma bota no rabo atirou-o pelo ar, sobre a grade e para o chão de borracha do salva-vidas. Mungo veio a seguir, depois os outros empilharam-se tão depressa que o barco balouçou demasiado e entrou água lá para dentro. — Oh! Oh! Oh! — choramingou Cortina Peavey algures à esquerda deles, mas quando Tom finalmente saiu de baixo do Sr. Ames, já o subúrbio estava bem longe; a sua popa submersa e a proa erguida bem alto, em direcção ao céu nocturno. Procurou Hester e viu-a agachada ao seu lado. O macaco de Peavey palrava de medo, saltando para cima e para baixo sobre a sua cabeça. — Oh! Oh! Oh! — voltaram a ouvir-se os gritos distantes e viram-se salpicos de espuma branca a saltar, dezenas deles, enquanto as pessoas mergulhavam das paliçadas e dos restos inúteis de câmaras de ar para dentro de água. Algumas mãos agarraram-se à borda do barquinho, mas Mungo e Peavey bateram-lhes até largarem. Figuras completamente frenéticas vieram a nadar nas ondas até ao salva-vidas, e Janny Maggs pôs-se de pé e disparou a sua metralhadora, tingindo de vermelho a água em volta deles. O subúrbio inclinava-se cada vez mais; subiu uma repentina nuvem de vapor enquanto o mar entrava nas suas caldeiras e depois afundou-se com uma súbita e chocante rapidez. A água fervilhava e remexia-se. Durante algum tempo ouviram-se gritos, gritos distantes que pediam ajuda, uma breve salva de disparos de pistolas no momento em que um pedaço de detrito flutuante mudou de mãos, uma salva um pouco mais longa enquanto alguns piratas tentavam abrir caminho até à praia.

Depois fez-se silêncio, e o salva-vidas foi executando curvas muito lentas, enquanto a corrente o aproximava da costa.

Capítulo 20

A Ilha Negra

Quando o Sol começa a nascer, Shrike chega à beira do mar. A maré esta a mudar e as profundas marcas de rodas que indicam o percurso até à água começam a desaparecer. Para leste, ergue-se fumo vindo de colónias estáticas junto às margens da Ilha Negra. O Caçador transforma a sua face morta num sorriso, sentindo-se muito satisfeito com Hester Shaw e com o rasto de destruição que ela deixou para trás de si.

A imagem de Hester foi a única coisa que o arrastou por entre os pântanos. Fê-lo avançar sempre em frente, através da lama que se colava à sua perna danificada e de charcos cujas águas frias por vezes o cobriam por completo. Mas ao menos as marcas deixadas pelo subúrbio eram fáceis de seguir. Agora segue-as de novo, avançando pela praia e para o interior das ondas, como um nadador decidido a dar um mergulho matinal. A água salgada embate nas lentes dos seus olhos e penetra pelas aberturas da sua armadura. Os sons das gaivotas e do vento desvanecem-se, sendo substituídos pelo sibilo ténue do fundo do mar. Água ou ar, não faz diferença para os Homens Ressuscitados. Os peixes olham estupefactos para ele e fogem, refugiando-se nas florestas marinhas de algas. Caranguejos desviam-se do seu caminho, recuando e agitando as suas pinças na direcção dele, como se prestassem homenagem a um deus caranguejo, coberto de armaduras, invencível. Ele continua a avançar, seguindo o cheiro de óleo e gordura do eixo das rodas deixado na água, que o guiará até Tunbridge Wheels.

A alguns quilómetros da baía onde tinham atracado, Chrysler Peavey fez uma pausa no alto de uma subida íngreme e esperou que os outros o apanhassem. Chegaram lentamente, primeiro Tom e Hester, depois Ames com o seu mapa, por fim Maggs e Mungo, curvados pelo peso das suas armas. Olhando para trás, podiam ver os escarpados flancos rochosos da ilha a caírem sobre o mar, e uma aglomeração de barcos reunidos sobre o destroço de Tunbridge Wheels, onde já tinha ancorado uma jangada equipada com um gancho. Os habitantes da ilha não perdiam tempo para começarem a pilhar o subúrbio afundado.

— Escumalha musguenta — rosnou Peavey.

Tom mal falara com o Presidente da Câmara desde que tinham alcançado a costa. Agora estava surpreendido por ver lágrimas brilhando nos olhos do homenzinho. Por isso, disse: — Tenho imensa pena pela sua família, Senhor Peavey. Tentei alcançá-los, mas...

— Aqueles patetas! — grunhiu Peavey. — Não estava a fungar por *eles*. É o meu querido subúrbio! Olha para ele! Malditos Musguentos...

Nesse preciso instante, vindo de algures a sul, ouviram um ténue clamor de disparos.

A face de Peavey iluminou-se. Virou-se para os outros. — Ouçam aquilo! Alguns dos nossos rapazes devem ter conseguido chegar à costa! Vão ser adversários que cheguem para aqueles Musguentos! Vamos chegar até eles! Ainda vamos capturar Airhaven, mantemos algumas das suas pessoas vivas para a repararem, matamos o resto e voamos para o continente, ricos. Caímos do céu sobre algumas cidades gorduchas antes que se espalhe a palavra de que Airhaven se tornou pirata! Talvez até capturemos uma metrópole!

Voltou a arrancar, saltando de pedra em pedra com o macaco empoleirado no seu ombro de corcunda. Os outros seguiram-no. Maggs e Mungo pareciam abalados pela perda de Tunbridge Wheels e não estavam muito convencidos com o último plano de Peavey. Estavam sempre a trocar olhares entre si e murmurando coisas um ao outro quando o Presidente da Câmara se encontrava demasiado longe para ouvir... mas estavam num território que lhes era estranho, e Tom não achava que eles tivessem a coragem de se virar contra o Peavey, pelo menos não para já. Quanto ao Sr. Ames, nunca tinha posto o pé em terra firme antes.

— É horrível! — resmungou. — Tão difícil de caminhar sobre ela... toda esta relva! Talvez existam animais selvagens, ou cobras... compreendo perfeitamente porque é que os nossos antepassados decidiram deixar de viver no chão!

Tom sabia exactamente como ele se sentia. Para o Norte e para o Sul do local onde eles se encontravam, estendiam-se os lados escarpados da Ilha Negra e a encosta subia quase na vertical até uns penhascos escuros que gemiam com vozes fantasmagóricas ao sabor do sopro do vento. Alguns dos picos mais altos de rocha tinham sido esculpidos em formas tão selvagens que da praia pareciam fortalezas, e Peavey guiara o seu bando através de um grande desvio para as evitar, antes de perceber que não passavam de pedras.

— É lindo — suspirou Hester, coxeando ao lado de Tom. Sorria para si mesma, uma coisa que ele nunca a vira fazer, e assobiava uma melodia entre dentes.

— Porque estás tão feliz? — perguntou ele.

— Estamos a caminhar para Airhaven, não estamos? — respondeu num sussurro. — Está escondida algures ali à frente, e o pequeno

bando de Peavey nunca a tomará, não com os Musguntos e os habitantes de Airhaven unidos contra eles. Vão ser mortos, e nós encontraremos um dirigível para nos levar para norte, até Londres. A Anna Fang está lá, lembrás-te. Talvez nos volte a ajudar.

— Oh, ela! — disse Tom zangado. — Não ouviste o que o Peavey disse? Ela é uma espia da Liga.

— Eu pensei logo isso — admitiu Hester. — Quer dizer, todas aquelas perguntas que ela nos estava sempre a fazer, acerca de Londres e do Valentine.

— Devias ter-me dito! — protestou ele. — Podia ter revelado algum segredo importante!

— Porque devia eu preocupar-me? — perguntou Hester. — E desde quando é que Historiadores Aprendizes sabem de segredos importantes? Seja como for, pensei que tinhas percebido que ela era espia.

— Ela não parecia uma espia.

— Bem, normalmente os espões não o parecem ser. Não podes estar à espera de que andem com um grande letreiro preso a eles, dizendo «ESPIÃO», ou que usem um chapéu especial só de espões. — Ela estava com um humor estranho, parecia divertida, e Tom pensou se não seria porque estas encostas sombrias a recordavam da sua infância naquela outra ilha. De repente ela tocou-lhe no braço e disse: — Pobre Tom. Estás a aprender aquilo que o Valentine me ensinou já há muitos anos; não podemos confiar em ninguém.

— Hum — disse Tom.

— Oh, eu não estava a falar de *ti* — acrescentou ela rapidamente. — Acho que quase confio em ti. E aquilo que fizeste por mim em Tunbridge Wheels, obrigando o Peavey a tirar-me dos calabouços daquela maneira... muitas pessoas não se teriam preocupado. Não por alguém como eu.

Tom olhou para ela e viu, mais claramente que nunca, a Hester carinhosa e tímida a espreitar por trás da expressão carrancuda. Sorriu-lhe com tal ternura que ela corou (pelo menos, a sua estranha cara ficou com manchas vermelha e a cicatriz ficou roxa) e Peavey olhou para trás e gritou: — Vamos lá, pombinhos! Parem de murmurar ternurinhas inúteis e *marchem!*

É de tarde, as nuvens afastam-se para leste e a luz do sol penetra na cristã das ondas e reflecte-se tenuemente nos telhados de Tunbridge Wheels. Shrike avança pelas ruas do subúrbio virando lentamente a cabeça

de um lado para o outro. *Corpos flutuam nas salas inundadas como sacos de chã frios abandonados no bule. Alguns peixes entram e saem da boca de um pirata. O cabelo de uma rapariga serpenteia ao sabor da corrente. As quilhas escuras dos barcos de recuperação de objectos movem-se sobre a sua cabeça. Ele aguarda escondido nas sombras enquanto três rapazes nus mergulham para baixo, passando rapidamente por ele com rápidos movimentos de braços e pernas, deixando atrás de si um rasto de bolhas prateadas. Voltam a impulsionar-se para a superfície carregando armas, garrafas e o cinto de couro.*

Hester não está ali. Shrike afasta-se do subúrbio afundado, seguindo a sombra de pedaços de óleo flutuantes ao longo dos sedimentos transportados pela corrente. Os destroços espalham-se pelo leito do mar, e os cadáveres flutuantes conduzem-no até às raízes da Ilha Negra.

É no fim da tarde que ele sai de dentro do mar, trazendo atrás de si um rasto de algas marinhas e com água a escorrer do interior da sua armadura meio destruída. Abana a cabeça para limpar a visão e olha em seu redor para uma praia de areia negra sob uns penhascos escuros. Leva cerca de mais uma hora a encontrar o salva-vidas, escondido por entre um amontoado de calhaus do tamanho de casas. Pondo de fora as suas garras de metal, arranca o fundo do barco, para que ela não possa fugir. Agora Hester é dele outra vez. Quando estiver morta, ele vai transportá-la de volta, com toda a delicadeza, através da luz do sol filtrada pelo mar e pelas florestas marinhas de algas, através dos pântanos e pela extensão de léguas que separa o Terreno de Caça do local onde Crome se encontra. Vai levá-la para Londres nos seus braços, como um pai que transportasse a sua filha adormecida.

Põe-se de gatas na areia e começa a cheirar, procurando o odor dela.

Já quase ao pôr do Sol, eles alcançam por fim o cimo da encosta, e encontram-se a olhar para baixo, para o centro da Ilha Negra.

Tom não se apercebera até então de que a ilha era um vulcão extinto, mas dali era óbvio: as escarpas íngremes e negras rodeavam um pedaço de terra quase circular, verde e pontilhado de campos de cultivo. Quase mesmo abaixo do local onde os piratas se escondiam, uma pequena colónia estática erguia-se junto de um lago azul. Viam-se hangares de dirigíveis e mastros de atracação ao lado dos edifícios de pedra e, no solo plano para além deles, dominando todo o local, encontrava-se Airhaven, pousada sobre centenas de pequenas patas de aterragem, parecendo tão indefesa como um pássaro sem asas.

— O caravançaré aéreo! — disse Peavey com uma risada. Sacou do seu telescópio e colocou-o sobre o olho. — Vejam-nos a trabalhar! Estão a voltar a encher os seus balões, desesperados por voltar ao

céu... — Virou o telescópio rapidamente para dar uma vista de olhos às encostas em seu redor. — Não há sinal de nenhum dos nossos rapazes. Oh, se ao menos tivéssemos um canhão de sobra! Mas nós cá nos arranjaremos, não é rapazes? Um bando de fadas do ar não é problema para nós! Vamos lá, aproximemo-nos...

Havia alguma coisa estranha na voz do Presidente da Câmara. *Ele está assustado*, percebeu Tom. — *Mas não o pode admitir, não vão o Mungo, a Maggs e o Ames perder a confiança nele.* Nunca pensou vir a sentir pena do presidente pirata, mas sentia. Peavey fora simpático para ele, à sua maneira, e era triste vê-lo reduzido a isto, arrastando-se pelo chão molhado, com os seus companheiros a murmurar e a praguejar contra ele nas suas costas.

Mas apesar de tudo eles continuaram a segui-lo, descendo pelo entulho até à cratera da velha montanha de fogo. Uma vez viram a silhueta de cavaleiros movendo-se num penhasco distante; uma patrulha de ilhéus procurando sobreviventes da cidade pirata afundada. Outra vez, um dirigível voou bem baixo sobre as suas cabeças e Peavey ordenou a todos que se deitassem no chão e ficassem quietos, envolvendo o macaco na sua toga, para abafar os seus guinchos agudos. O dirigível deu uma volta, mas por essa altura já o Sol desaparecera, e o piloto não viu as figuras que se escondiam no lusco-fusco, debaixo dele, como ratos escondidos de uma coruja. Desapareceu para ir aterrar no caravançarâ enquanto a Lua cheia subia sobre os penhascos orientais.

Tom teve um repentino soluço de alívio e pôs-se de pé. A sua volta também os outros se começavam a mexer, resmungando e dando pontapés em pequenas pedras, que rolavam com estrépito pela encosta abaixo. Consequia ver pessoas a correr, com lanternas e tochas nas mãos, pelas ruas do caravançarâ aéreo, e janelas iluminadas por luzes de candeeiros que lhe fizeram pensar como seria maravilhoso estar no calor e segurança do interior de uma casa. Airhaven brilhava com as suas luzes eléctricas, e o vento trouxe os sons distantes de ordens gritadas, de música e aplausos.

— Por amor de Pete! — sibilou Mungo. — Chegámos tarde de mais! Está a levantar voo!

— Nunca — zombou Peavey.

Mas agora todos podiam ver que os balões de Airhaven estavam quase cheios. Alguns minutos mais tarde, o grunhido dos seus motores fez-se ouvir por toda a encosta, vacilando entre o mais alto e o mais baixo conforme a força do vento. A cidade voadora começava a subir, recolhendo as pernas de caranguejo que a apoiavam no solo.

— Não! — gritou Peavey.

Depois pôs-se a correr pela encosta abaixo, tropeçando e atirando enormes quantidades de entulho em direcção ao terreno plano e pantanoso do chão da cratera, e enquanto corria, ouviam-no gritar:

— Volta! És a minha *presa*! Afundei a minha cidade por tua causa!

Mungo, Maggs e Ames correram atrás dele, com Tom e Hester logo atrás. No sopé da encosta o chão tornava-se mole e pegajoso e poças de água reflectiam o luar e as luzes da cidade que subia no ar.

— Volta! — ouviam Peavey gritar, algures à frente deles. — Volta! — e depois — Ah! Oh! Socorro!

Correram para o local de onde provinha a sua voz e os gritos estridentes do macaco e todos pararam junto de uma profunda extensão de pântano. Peavey já estava enterrado nela até à cintura. O macaco encontrava-se sobre a sua cabeça como um marinheiro no alto de um navio a afundar-se, fazendo esgares de medo. — Dêem-me uma mão, rapazes! — implorou o Presidente da Câmara. — Ajudem-me! Ainda a podemos apanhar! Só está a testar os motores de subida! Vai voltar a descer!

Os piratas observaram-no em silêncio. Sabiam que não tinham hipóteses de tomar a cidade voadora, e que os gritos dele talvez tivessem alertado os ilhéus para a presença deles.

— Temos de o ajudar! — murmurou Tom, avançando, mas Hester seguiu-o.

— Tarde de mais — disse a rapariga.

Peavey estava a afundar-se cada vez mais, o peso da corrente com a insígnia do cargo puxando-o cada vez mais para baixo. Cuspiu a lama negra que começou a entrar-lhe pela boca.

— Vá lá, rapazes! Maggs? Mungo? Sou o vosso Presidente da Câmara! Fiz tudo isto por vocês! — Procurou Tom, com um olhar assustado e selvagem. — Diz-lhes, Tommy, meu rapaz! — choramingou. — Diz-lhes que eu queria tornar Tunbridge Wheels uma cidade grandiosa! Queria ser respeitável! Diz-lhes...

O primeiro tiro de Mungo acertou no macaco, atirando-o para fora da cabeça de Peavey numa nuvem de pêlo esturricado. O segundo e o terceiro acertaram-lhe no peito. Ele baixou a cabeça e a lama engoliu-o com suaves ruídos de gases.

Os piratas viraram-se, olhando para Tom.

— Talvez não estivéssemos aqui se não fosses tu — resmungou Mungo.

— Se não tivesses enchido a cabeça do Chefe com ideias sobre maneiras e metrópoles e coisas dessas — concordou Maggs.

— Garfos diferentes para cada prato, e nada de falar com a boca cheia! — escarneceu Ames.

Tom começou a recuar. Para sua surpresa, Hester colocou-se rapidamente entre ele e os piratas. — A culpa não é do Tom! — disse ela.

— E tu também não nos serves para nada — grunhiu Mungo. — Nenhum de vocês serve. Somos piratas. Não precisamos de lições de etiqueta e não precisamos de uma rapariga coxa e com uma cicatriz na cara para nos atrasar. — Ele apontou a arma e Maggs imitou-o. Até o Sr. Ames sacou de um pequeno revólver.

Então uma voz vinda da escuridão, disse: — ELES SÃO MEUS.

Capítulo 21

No Engenhório

Londres estava a subir para uma plataforma elevada, onde a terra destruída pela passagem de cidades se encontrava coberta por leves camadas de neve. Cento e cinquenta quilómetros atrás de si vinha Panzerstadt-Baviera, já não apenas uma mancha ameaçadora no horizonte, mas um amontoado de plataformas e tractores, os entalhes de filigrana dourada do seu convés superior claramente visíveis sobre o fumo das fábricas e motores. Os londrinos aglomeravam-se nos palanques de observação da popa e observavam em silêncio enquanto o espaço entre as metrópoles diminuía lentamente. Nessa tarde, o Presidente da Câmara anunciou que não havia motivos para pânico e que o Grémio dos Engenheiros faria com que a metrópole ultrapassasse esta crise em segurança, mas já tinha havido motins e pilhagens nos andares inferiores e batalhões de *Beefeaters* tinham sido enviados lá para baixo, para manter a ordem na Entranha.

— O velho Crome não sabe aquilo que diz — resmungou um dos homens de serviço na Estação de Elevador de Quirke Circus no final da tarde. — Nunca pensei ouvir-me dizer isto, mas ele é um pateta. Trazer a pobre e velha Londres para este desta maneira, dias consecutivos de viagem, semanas consecutivas, só para ser engolida por uma grande e velha aglomeração de bairros urbanos. Quem me dera que Valentine cá estivesse. Ele saberia o que fazer...

— Cala-te, Bert — sibilou o seu companheiro —, ali vêm mais uns deles.

Os dois homens fizeram uma vénia educada enquanto dois Engenheiros se aproximaram das passagens giratórias, dois jovens, um rapaz e uma rapariga, vestidos de forma igual, com óculos de protecção verdes e capuzes e casacos brancos de borracha. A rapariga exibiu um passe dourado. Depois de ela e o seu companheiro terem subido para o elevador de espera, Bert virou-se para o amigo e murmurou: — Deve ser importante, esta coisa lá no Engenhório. Têm vindo em enxames, lá dos seus ninhos na Entranha Profunda, como um carregamento de larvas brancas. Imagine-se, ter uma reunião de Grémio numa altura destas!

No interior do elevador, Katherine sentou-se ao lado de Bevis Pod, sentindo-se logo com calor e constrangida dentro do casaco que ele lhe emprestara. Lançou um olhar para ele e depois verificou a sua imagem na janela, certificando-se de que as rodas vermelhas que eles

tinham pintado tão cuidadosamente nas testas um do outro não estavam borradas. Ela achava que estavam os dois com um ar ridículo, com aqueles capuzes e óculos, mas Bevis assegurara-lhe que muitos Engenheiros costumavam usá-los, e o outro ocupante do elevador, um Navegador gordo, nem sequer se atrevia a olhar para eles enquanto o transporte subia em direcção ao Andar Superior.

Katherine passara todo o dia inquieta, à espera de que Bevis chegasse com o seu disfarce. Para passar o tempo, foi procurar o nome HESTER SHAW nos índices de todos os livros do seu pai, mas não o encontrou. *Um Catálogo Completo do Museu de Londres* continha uma breve referência a uma *Pandora Shaw*, mas só dizia que era uma vasculhadora do Terreno Exterior que tinha providenciado alguns fósseis de pouca importância e pedaços de Tecnologia Antiga ao Grémio dos Historiadores, dando a data da sua morte, sete anos antes. Depois disso tentou procurar MEDUSA, só para descobrir que era uma espécie qualquer de monstro numa história antiga. Não lhe parecia que Magnus Crome e os seus Engenheiros acreditassem em monstros.

Ninguém olhou uma segunda vez para eles enquanto ela e Bevis caminharam pelo Andar Superior até à entrada principal do Engenhório. Grupos de Engenheiros subiam já apressadamente os degraus. Katherine juntou-se a eles, agarrando firmemente no seu passe dourado e mantendo-se junto do aprendiz, aterrorizada com a possibilidade de se perder dele naquela multidão de casacos brancos iguais. *Isto nunca irá resultar!*, continuava ela a pensar, mas o membro do Grémio que estava de serviço à porta nem se dava ao trabalho de olhar para os passes. Ela lançou um último olhar ao pôr do Sol por trás da Catedral de S. Paulo e depois entrou.

Era maior do que ela esperara, e mais claro, iluminado por centenas de candeieiros de árgon que pendiam do enorme poço de ventilação aberto no centro do edifício, como planetas pendurados no espaço. Ela olhou em volta, procurando escadas, mas Bevis deu-lhe uma cotovelada suave e disse: — Nós subimos por monocarril. Olha...

Os Engenheiros estavam a entrar em pequenos monocarris. Katherine e Bevis juntaram-se à fila, escutando as conversas sussurradas dos Engenheiros e o ruído dos casacos ao roçarem uns nos outros. Os olhos de Bevis estavam esbugalhados e assustados por trás dos seus óculos. Katherine tivera esperança de que tivessem um monocarril só para eles, de forma que pudessem conversar, mas estavam sempre a chegar mais Engenheiros e ela acabou por ficar sentada do lado oposto ao dele, num veículo cheio de gente, apertada contra a parede por um grupo da Divisão de Pesquisa Mag-Lev.

— De onde é que é, Pessoa do Grémio? — perguntou o homem que

estava de pé ao lado dela.

— Hum... — Katherine olhou com ansiedade para Bevis, mas ele estava longe de mais para poder sussurrar uma resposta. Ela atirou a primeira coisa de que se lembrou. — Divisão K.

— A velha Twixie, hem? — disse o homem. — Ouvi dizer que ela estava a obter resultados espantosos com os seus novos modelos.

— Oh, sim, excepcionais — retorquiu ela. Depois o monocarril avançou com um solavanco e o seu vizinho virou-se para a janela, fascinado pela vista que passava ao seu lado.

Katherine pensara que o monocarril daria a mesma sensação do que andar de elevador, mas a velocidade e o movimento em espiral fazia com que fosse bastante diferente e por um momento teve de se concentrar com todo o empenho para não ficar maldisposta. Os outros Engenheiros pareciam não reparar. — Do que é que achas que o Presidente da Câmara vai falar? — perguntou um deles.

— Deve ser da MEDUSA — alvitrou outro. — Ouvi dizer que se estava a preparar um teste.

— Esperemos que resulte — disse a mulher sentada mesmo à frente de Katherine. — Afinal de contas, foi o Valentine que descobriu a máquina, e ele não passa de um Historiador. Não se pode confiar neles.

— Oh, o Valentine é o homem de confiança do Presidente da Câmara — disse outro ainda. — Não se deixe enganar por aquela tatuagem de Historiador. É leal como um cão, desde que nós lhe continuemos a dar muito dinheiro e ele consiga fingir que aquela filha estrangeira dele é uma senhora da Londres Superior.

E lá foram eles às voltas, sempre a subir, passando por escritórios e salas de trabalho cheias de Engenheiros ocupados, como uma enorme colmeia de insectos. O veículo parou no quinto piso e Katherine saiu, ainda vermelha de raiva pelo que os outros tinham dito. Voltou a juntar-se a Bevis e todos avançaram juntos ao longo de corredores brancos e frios, passando por cortinas de plástico transparentes que pendiam do tecto. Conseguia ouvir a confusão de vozes lá à frente, e depois de algumas curvas e contracurvas, chegaram a um enorme auditório. Bevis guiou-a até um lugar junto de uma das saídas. Ela olhou em volta, tentando vislumbrar o Supervisor Nimmo, mas era impossível distingui-lo. O auditório constituía um mar de casacos brancos e cabeças calvas ou encapuzadas, e estavam sempre a entrar mais.

— Olha! — exclamou Bevis em voz baixa, chamando-lhe a atenção. — Ali está a Doutora Twix, aquela de quem te falei! — E

apontava para uma mulher pequena, que parecia um barril e estava a sentar-se na fila da frente, conversando animadamente com os seus vizinhos — Estão aqui todos as pessoas importantes do Grémio! Twix, Chubb, Garstang... e aquele é o Doutor Vambrace, o chefe da segurança!

Katherine começou a sentir-se assustada. Se tivesse sido desmascarada à entrada, talvez aquilo passasse por uma brincadeira parva, mas agora estava bem no interior do santuário interno dos Engenheiros e percebia que se ia passar alguma coisa importante. Pensou que mesmo que a descobrissem, os Engenheiros nunca se atreveriam a fazer mal à filha de Thaddeus Valentine. Tentou não pensar no que podiam fazer ao Bevis.

Por fim, as portas fecharam-se e as luzes baixaram. Um silêncio de expectativa apoderou-se do auditório, quebrado apenas pelo murmúrio sibilante de quinhentos Engenheiros a levantarem-se.

Katherine e Bevis juntaram-se a eles com um salto, espreitando para o palco sobre os ombros das pessoas diante deles. Magnus Crome encontrava-se de pé, num púlpito de metal, varrendo a audiência com os seus olhos frios. Por um segundo ele pareceu olhar directamente para Katherine, e ela teve de se convencer que ele não a poderia reconhecer, com aquele capuz, os óculos e o colarinho alto do casaco puxado para cima.

— Podem sentar-se — disse Crome, e esperou até que todos tivessem tomado os seus lugares, antes de continuar. — Este é um dia glorioso para o nosso Grémio, meus amigos.

Um arrepio de excitação percorreu o auditório e também Katherine. Crome fez um sinal, pedindo silêncio.

No cimo do auditório, um projector de diapositivos ganhou vida e uma fotografia apareceu num ecrã por trás da sua cabeça. Era um diagrama de uma máquina enorme e complexa.

— A MEDUSA — anunciou Crome, e ouviu-se uma espécie de eco enquanto todos os Engenheiros suspiravam: — *MEDUSA!*

— Como alguns de vós já sabeis — continuou ele —, a MEDUSA é uma arma de energia experimental da Guerra dos Sessenta Minutos. Já sabemos da sua existência há algum tempo, na realidade, desde que Valentine descobriu estes documentos na sua viagem à América, há vinte anos.

O ecrã de projecção piscava com diagramas esbatidos e uns escritos que formavam teias. *O Pai nunca me contou isso!*, pensou Katherine.

— Claro, estes planos fragmentários não eram suficientes para nos

ajudar a reconstruir a MEDUSA — dizia Crome. — Mas há sete anos, graças ao Valentine, adquirimos um extraordinário pedaço de Tecnologia Antiga, retirado de um local militar no deserto americano, há muito esquecido. Representa talvez o núcleo de computador antigo mais bem conservado alguma vez descoberto e, mais do que isso, constitui o cérebro da MEDUSA, a inteligência artificial que outrora deu energia a esta extraordinária máquina. Graças ao afincado trabalho do Doutor Splay e dos seus camaradas na Divisão B, conseguimos finalmente restaurá-la e pô-la em funcionamento. Pessoas do Grémio, os dias em que Londres tinha de fugir e de se esconder de outras metrópoles esfomeadas estão a chegar ao fim! Com a MEDUSA sob o nosso comando, poderemos reduzir qualquer uma delas a cinzas num piscar de olhos!

Os Engenheiros aplaudiram selvaticamente, e Bevis Pod fez sinal a Katherine para se juntar a eles, mas as mãos dela pareciam coladas aos descansos de braços em metal da sua cadeira. Sentia-se tonta de choque. Lembrou-se de tudo aquilo que aprendera acerca da Guerra dos Sessenta Minutos e de como as terríveis armas de guerra dos Antigos tinham explodido com as suas metrópoles estáticas e envenenado a terra e o céu. O Pai nunca ajudaria os Engenheiros a recriar uma coisa tão terrível!

— Nem voltaremos a ter de perseguir pedaços de sucata como Salthook — continuou Crome. — Dentro de mais uma semana, Batmunkh Gompa, a Muralha Escudo, estará dentro do raio de alcance de Londres. Durante milhares de anos a Liga Antitracção escondeu-se cobardemente atrás dela, resistindo ao progresso da história. A MEDUSA vai destruí-la de um só golpe. As terras para além dela, com todas as suas enormes metrópoles estáticas, os seus campos de cultivo e florestas, a sua riqueza mineral intacta, vão transformar-se no novo Terreno de Caça de Londres!

Agora já mal se conseguia ouvir a sua voz; os aplausos e gritos de incentivo dos Engenheiros embatiam como ondas marítimas na parede atrás do Presidente da Câmara e esta abriu-se de par em par, revelando uma enorme janela com vista para a Catedral de S. Paulo e para as torres da Assembleia dos Grémios.

— Mas primeiro — gritou ele —, temos assuntos mais urgentes para tratar. Embora eu tivesse querido manter a MEDUSA oculta até chegarmos à Muralha Escudo, vejo que se tornou necessário fazer uma demonstração do seu poder. Neste preciso momento, a equipa do Doutor Splay está a preparar um teste de funcionamento da nova arma.

Mesmo que Katherine tivesse querido ouvir mais, em breve isso se

tornaria impossível, pois a audiência de Crome falava excitadamente entre si. Alguns Engenheiros, presumivelmente aqueles ligados ao projecto MEDUSA, dirigiam-se apressadamente para as saídas. Levantando-se, Katherine começou a abrir caminho até à porta. Um momento mais tarde encontrava-se lá fora, no corredor anti-séptico, pensando no que deveria fazer a seguir.

— Kate? — Bevis Pod apareceu atrás dela. — Aonde é que vais? As pessoas repararam na tua saída! Vi algumas pessoas da segurança do Grémio olharem para nós...

— Temos de sair daqui — sussurrou Katherine. — Por onde é a saída?

— Não sei — admitiu o rapaz. — Nunca tinha estado neste andar. Suponho que teremos de reencontrar o caminho até ao monocarril... — Ele afastou Katherine quando esta lhe tentou dar a mão. — Não! Alguém pode ver. Os Engenheiros não devem tocar uns nos outros...

Avançaram rapidamente pelos corredores tubulares, e Katherine disse: — Crome estava a mentir! O meu pai não foi à América há sete anos. Limitou-se a ir numa pequena viagem às ilhas do Oceano Ocidental. E nunca me disse que tinha encontrado alguma coisa importante. Ter-me-ia dito, se tivesse mesmo descoberto a MEDUSA. Ele não queria ter nada a ver com armas do mundo antigo, e seja como for...

— Mas porque mentiria o Presidente da Câmara? — perguntou Bevis, que secretamente estava até bastante satisfeito por o Grémio ter encontrado a chave para mais um segredo Antigo. — Seja como for, ele nunca disse que o teu pai foi à América por causa daquela máquina, só disse que ele a adquiriu. Talvez a tenha comprado a um vasculhador ou qualquer coisa assim. Gostava de saber aquilo que queria dizer o Crome quando falou numa demonstração...

Ele parou. Tinham chegado ao final do corredor e não se via nenhum monocarril. Diante deles encontravam-se três portas. Duas estavam trancadas, a terceira conduzia somente a uma estreita varanda que saía do flanco do Engenhório, muito acima de Paternoster Square.

— E agora? — perguntou Katherine, ouvindo a sua própria voz a soar demasiado alta e trémula, devido ao medo, e Bevis, também enervado, respondeu: — Não sei.

Ela saiu para a varanda para recuperar o fôlego. A Lua estava muito alta, mas encoberta por um véu de nuvens finas, e caía uma chuva fina e fria. Ela tirou os óculos e deixou a chuva escorrer-lhe pela face, feliz por se encontrar livre do calor e do mau cheiro dos

químicos. Pensou no Pai. Teria ele descoberto realmente a MEDUSA? Bevis tinha razão; Crome não tinha motivos para mentir. Pobre Pai! Por aquela altura devia estar a voar, algures sobre os picos nevados de Shan Guo. Se ela tivesse ao menos uma forma qualquer de o avisar daquilo que planeavam fazer com a sua descoberta!

Um zumbido mecânico e baixo ecoou pela praça iluminada pelo luar. Ela olhou para baixo, para as placas do chão encharcadas, mas não conseguia ver aquilo que estava a fazer o barulho. Depois, houve qualquer coisa que a fez erguer os olhos para a Catedral de S. Paulo. E exclamou: — Bevis! Olha!

Lentamente, como um enorme botão a florescer, a cúpula da antiga catedral estava a abrir-se.

Capítulo 22

Shrike

Teria o Caçador acabado de chegar, ou teria ele permanecido ali, a observar a briga deles, escuro e imóvel, confundindo-se com as pedras que se espalhavam pela encosta? Deu um passo em frente, e a relva húmida tornou-se fumegante no sítio onde ele pôs o pé. — ELES SÃO MEUS.

Os piratas voltaram-se para trás, a metralhadora de Maggs disparando rajadas de balas sobre o homem de ferro, enquanto o canhão manual de Mungo fazia buracos negros na sua armadura e Ames lhe atirava com todo o conteúdo do seu revólver. Apanhado na teia de disparos, Shrike ficou ali, balouçando por um momento. Depois, lentamente, como um homem caminhando de encontro a um vento forte, começou a avançar. As balas faziam faiscar a sua armadura, e o seu casaco ficou rasgado em pedacinhos. Dos buracos feitos pelo canhão escorria qualquer coisa que podia ser sangue ou óleo. Esticou os braços e uma garra de ferro saiu, e depois outra. Então ele alcançou Maggs, e ela soltou um ruído de sufoco, recuou sobre os fetos e caiu. Ames atirou a arma ao chão e voltou-se para fugir a correr, mas Shrike surgiu de repente por trás dele, e de súbito ele parou, estupefacto com os pregos vermelhos que lhe saíam do peito.

A arma de Mungo estava vazia. Ele atirou-a para o lado e sacou da sua espada, mas antes que a conseguisse manejar, Shrike agarrou-o pelo cabelo, puxou-lhe a cabeça para trás e arrancou-lha do pescoço com um só golpe.

— Tom — disse Hester. — *Foge!*

Shrike atirou a cabeça para o lado e avançou, e Tom fugiu. Não queria fazer isso; sabia que não valia a pena, e sabia que devia ficar junto de Hester, mas as suas pernas tinham outras ideias; todo o seu corpo queria apenas uma coisa: estar bem longe daquela coisa morta e horrível que vinha atrás dele pela encosta abaixo. Depois o chão cedeu debaixo dele; ele mergulhou na lama fria e caiu, rebolou e acabou por parar finalmente ao embater numa pedra que se encontrava na borda do mesmo pantanal que engolira Chrysler Peavey.

Olhou para trás. O Caçador estava de pé entre os corpos mutilados. Airhaven encontrava-se sobre a sua cabeça, testando os motores um a um e as suas luzes deixavam uns reflexos frios no seu crânio iluminado pelo luar.

Hester olhava para ele, corajosamente enfrentando o adversário. Tom pensou: *Ela está a tentar salvar-me! Está a ganhar tempo para que eu possa fugir! Mas eu não posso deixá-lo matá-la, não posso!*

Ignorando as inúmeras vozes do seu corpo que continuavam a gritar para fugir, ele começou a subir outra vez a colina, rastejando.

— HESTER SHAW — ouviu Shrike a dizer, e a voz arrastava-se e repetia-se como uma gravação defeituosa. O vapor silvava nos buracos do peito do Caçador e um líquido negro pingava de dentro dele e borbulhava nos cantos da sua boca.

— Vais matar-me? — perguntou a rapariga.

Shrike assentiu com a cabeça, fazendo apenas um movimento afirmativo. — DURANTE UM BOCADINHO.

— Que queres dizer com isso?

A boca comprida arrastou-se para os lados, formando um sorriso.

— NÓS SOMOS SERES DA MESMA FORNADA, TU E EU. SOUBE-O ASSIM QUE TE ENCONTREI NA COSTA, NAQUELE DIA. DEPOIS DE ME TERES DEIXADO, A SOLIDÃO...

— Eu tinha de ir, Shrike — sussurrou ela. — Não fazia parte da tua colecção.

— EU GOSTAVA MUITO DE TI.

Passa-se algo de errado com ele, pensou Tom, subindo um pouco mais a encosta. Em princípio, os caçadores não tinham *sentimentos*. Lembrou-se daquilo que aprendera sobre como os Homens Ressuscitados tinham enlouquecido todos. Aquilo que pendia dos tubos da cabeça do Shrike eram algas marinhas? Teria o seu cérebro ficado enferrujado? Viam-se faíscas no interior do seu peito, por trás dos buracos das balas...

— HESTER — rangeu Shrike, caindo pesadamente de joelhos para que a sua face ficasse à mesma altura que a dela. — O CROME FEZ-ME UMA PROMESSA. OS SEUS SERVOS APRENDERAM O SEGREDO DA MINHA CONSTRUÇÃO.

O medo fez com que os pêlos do pescoço de Tom se eriçassem.

— VOU LEVAR O TEU CORPO PARA LONDRES — disse Shrike à rapariga. — CROME RESSUSCITAR-TE-Á COMO UMA MULHER DE FERRO. A TUA CARNE SERÁ SUBSTITUÍDA POR AÇO, OS TEUS NERVOS POR FIOS, OS TEUS PENSAMENTOS POR ELECTRICIDADE. SERÁS BONITA! SERÁS A MINHA COMPANHEIRA, PARA A ETERNIDADE.

— Shrike — escarneceu Hester —, o Crome não me vai querer

Ressuscitada...

— PORQUE NÃO? NINGUÉM TE RECONHECERÁ NO TEU NOVO CORPO; TU NÃO TERÁS MEMÓRIAS, NEM SENTIMENTOS, NÃO SERÁS UMA AMEAÇA PARA ELE. MAS *EU* LEMBRAR-ME-EI DAS COISAS POR TI, MINHA FILHA. CAÇAREMOS O VALENTINE JUNTOS.

Hester riu-se, um som estranho, louco e terrível que encheu Tom de irritação, precisamente no momento em que passava pelo local onde jazia o cadáver de Mungo. A pesada espada estava ainda presa no punho do pirata, Tom alcançou-a e começou a soltá-la. Olhando para cima, viu que Hester tinha dado um passo em frente, aproximando-se do Caçador. Ela inclinou a cabeça para trás, exibindo a garganta, preparando-se para as suas garras.

— Está bem — disse ela. — Mas deixa o Tom fugir.

— ELE TEM DE MORRER — insistiu Shrike. — FAZ PARTE DO MEU ACORDO COM O CROME. NÃO TE LEMBRARÁS DELE QUANDO ESTIVERES NO TEU NOVO CORPO.

— Por favor, Shrike, não — implorou Hester. — Diz ao Crome que ele fugiu, ou que se afogou ou qualquer coisa assim, que morreu algures no Terreno Exterior e não o conseguiste levar de volta. Por favor.

Tom agarrou a espada, que tinha o cabo ainda pegajoso do suor de Mungo. Agora que chegara a ocasião, ele estava tão assustado que mal conseguia respirar, quanto mais pôr-se de pé e combater o Caçador. *Não consigo fazer isto!*, pensou. *Sou um Historiador, não um guerreiro!* Mas não podia abandonar Hester, sobretudo enquanto ela negociava a sua vida pela dele. Estava suficientemente perto para ver o medo estampado no olho dela, e o brilho afiado das garras de Shrike, enquanto ele as apontava para ela.

— MUITO BEM — disse o Caçador. E, com toda a delicadeza, fez uma festa na cara de Hester com as pontas das lâminas. — O RAPAZ PODE VIVER. — Então, lançou a mão para trás, ganhando balanço para atacar. Hester fechou o olho.

— Shrike! — gritou Tom, saltando para cima e para a frente com a espada esticada diante de si, sentindo a luz verde espalhar-se-lhe pelo rosto, enquanto Shrike rodopiava, silvando, para ir ao seu encontro. Um braço de ferro adiantou-se, atirando-o para trás. Ele sentiu uma dor ardente no peito e por um segundo teve a certeza de ter sido partido em dois, mas fora o antebraço do Caçador que lhe acertara, não a mão com as lâminas, e ele aterrou inteiro e rebolou, gritando de dor, esperando ver Shrike saltar sobre ele e depois nada,

para sempre.

Mas Shrike estava no chão, Hester inclinava-se sobre ele, e Tom viu que o olho do Caçador estava a piscar e alguma coisa explodiu no seu interior, soltando uma luz forte, um ruído de qualquer coisa que se quebrava, e uma nuvem de fumo. O cabo da espada saía das feridas do seu peito, lançando crepitantes faíscas azuis.

— Oh, Shrike! — murmurou Hester.

Shrike recolheu cuidadosamente as suas garras de forma que ela lhe pudesse dar a mão. Recordações inesperadas confundiam-se na sua mente em desintegração e de repente lembrou-se de quem era, antes de o terem arrastado para a Mesa de Ressuscitação para fazerem dele um Caçador. Queria contar a Hester e ergueu a sua enorme cabeça de ferro em direcção a ela, mas antes que pudesse fazer as palavras saírem, a morte tomou conta dele, e não foi mais fácil daquela vez do que da outra.

O enorme cadáver de ferro permaneceu imóvel e o fumo afastou-se levado pelo vento. No vale ouvia-se o toque de cornetas, e Tom conseguia ver um grupo de cavaleiros começando a subir a encosta vindos do caravançar, alertados pelo som de disparos. Carregavam lanças e archotes, e não lhe pareceu que fossem tratá-los como amigos. Tentou levantar-se e pôr-se direito, mas as dores no peito quase o fizeram desmaiar.

Hester ouviu-o queixar-se e virou-se bruscamente para ele. — Porque é que fizeste isso? — gritou.

Tom não teria ficado mais surpreendido se ela o tivesse esbofeteado. — Ele ia matar-te! — protestou.

— Ele ia fazer-me ficar igual a *ele*! — gritou Hester, abraçando Shrike. — Não ouviste o que ele disse? Ia fazer com que eu fosse tudo aquilo que eu sempre quis; nada de memórias, nem de sentimentos. Imagina a cara de Valentine quando o apanhasse! Oh, *porque é* tens de *interferir* sempre?

— Ele ia transformar-te num monstro! — Tom ouviu a sua voz erguer-se num berro, enquanto toda sua a dor e o seu medo se transformavam em raiva.

— Eu já sou um monstro! — gritou ela.

— Não, não és! — Tom conseguiu erguer-se até se colocar de joelhos. — És minha amiga! — gritou.

— Odeio-te! Odeio-te! — gritava Hester.

— Pois bem, eu preocupo-me contigo, quer tu gostes disso ou não! — gritou Tom. — Achas que és a única pessoa que perdeu os

pais? Sinto-me tão zangado e sozinho como tu, mas não me vês a andar por aí a querer matar pessoas e a tentar transformar-me num Caçador! Não passas de uma miúda mal-educada, ressentida...

Mas o resto daquilo que ele pretendia dizer-lhe morreu num soluço de surpresa, porque de repente ele conseguia ver a cidade abaixo dele, Airhaven e os cavaleiros que se aproximavam, com uma clareza que só seria normal sob o sol do meio-dia. Viu as estrelas desvanecerem-se; viu a cara de Hester que parecia ter sido congelada no momento em que ela abria a boca para gritar, com saliva a escorrer-lhe do canto da boca; viu a sua própria sombra vacilante, dançando sobre a relva coberta de sangue.

Sobre os penhascos, o céu nocturno enchia-se com uma luz extraterrestre, como se um novo Sol tivesse nascido no Terreno Exterior, algures ao longe, para norte.

Capítulo 23

Medusa

Katherine observou, transtornada, enquanto a cúpula da Catedral de S. Paulo se separava sobre traves negras e as secções se desdobravam para fora como pétalas. No interior, alguma coisa se erguia lentamente sobre uma torre central, abrindo-se enquanto subia, como uma orquídea de metal branco e frio. O murmúrio de enormes sistemas hidráulicos soou na praça, espalhando as suas vibrações pelas paredes do Engenhório.

— MEDUSA! — murmurou Bevis Pod, que se encontrava de pé atrás dela, junto da porta aberta. — Na verdade, eles não têm estado a arranjar a catedral! Construíram a MEDUSA no interior da Catedral de São Paulo!

— Pessoas do Grémio?

Eles viraram-se. Um Engenheiro encontrava-se atrás deles.

— Que estão a fazer? — disse bruscamente. — Esta varanda é proibida a qualquer pessoa que não faça parte da Divisão L...

Ele parou, olhando fixamente para Katherine, e ela reparou que Bevis também estava a olhar, com os olhos escuros muito abertos e horrorizados. Por um instante, não conseguiu perceber aquilo que se passava com ele. Mas depois percebeu. A chuva! Tinha-se esquecido da tatuagem do Grémio que ele pintara com tanto cuidado entre as suas sobranceiras, e que agora lhe escorria pela cara abaixo, em finas gotas vermelhas.

— Mas que raio se passa, em nome de Quirke? — exclamou o Engenheiro.

— Kate, corre! — gritou Bevis, empurrando o Engenheiro, e Katherine correu, ouvindo o grito furioso do homem ao lado dela, que tinha caído. Depois ali estava Bevis, agarrando-a pela mão, virando à esquerda e à direita por corredores vazios até finalmente encontrar uma escadaria aberta diante deles. Desceram um lanço de escadas, depois outro, e atrás deles ouviram mais gritos e o gemido súbito de um alarme a soar. De repente viram-se no fundo das escadas, num pequeno átrio, algures na parte de trás do Engenhório. Havia grandes portas de vidro que davam acesso à Plataforma Superior, e dois membros do Grémio estavam de guarda.

— Há um intruso! — vociferou Bevis, apontando para trás, pelo caminho por onde tinham vindo. — No terceiro andar! Acho que está armado!

Os homens do Grémio já estavam assustados pelo súbito toque do alarme. Trocaram uns olhares chocados, depois um correu escadas acima, tirando uma pistola de gás do cinto.

Bevis e Katherine aproveitaram a oportunidade e apressaram-se a avançar. — A minha colega foi ferida — explicou Bevis, apontando para a face de Katherine, coberta pelo líquido vermelho. — Vou levá-la até à enfermaria! — A porta abriu-se de rompante e eles saíram para uma bem-vinda escuridão.

Correram o mais depressa que puderam até às sombras da Catedral de S. Paulo, depois pararam e escutaram. Katherine conseguia ouvir o pulsar forte da maquinaria, e um pulsar mais próximo e mais forte, que era o do seu coração. Uma voz de homem gritava ordens algures, e ouviu-se a pancada de pés protegidos por armaduras embater no chão, cada vez mais perto.

— *Beefeaters!* — choramingou ela. — Vão querer ver os nossos documentos! Vão tirar-me o capuz! Oh, Bevis, nunca te devia ter pedido para me meteres ali dentro! Corre! Deixa-me!

Bevis olhou para ela e abanou a cabeça. Desafiara o seu Grémio e arriscara tudo para a ajudar, não fazia tenções de a abandonar agora.

— *Oh, Clio ajuda-nos!* — desabafou Katherine, e de repente olhou para Paternoster Square. Lá estava o velho Chudleigh Pomeroy, parado nos degraus da Assembleia dos Grémios, com os seus braços cheios de envelopes e pastas, olhando para cima. Nunca na sua vida ela ficara tão feliz por ver alguém, e correu para ele, arrastando Bevis Pod atrás de si, e chamando baixo: — Senhor Pomeroy!

Ele olhou para eles de forma inexpressiva, e depois exclamou, espantado, quando Katherine puxou aquele estúpido capuz para baixo e ele lhe viu a cara, assim como o cabelo coberto de suor. — Menina Valentine! Que se está a passar, em nome de Quirke? Veja o que aqueles malditos Engenheiros metediços fizeram à Catedral de São Paulo!

Ela olhou para cima. A orquídea de metal encontrava-se agora aberta na sua capacidade máxima, lançando a sua enorme sombra para a praça, lá em baixo. Só que não era uma orquídea. Era uma coisa arredondada e brilhante, como o capuz de uma enorme cobra, e rodava de modo a apontar para Panzerstadt-Baviera.

— MEDUSA! — disse ela.

— Quem? — perguntou Chudleigh Pomeroy.

A sirene de uma carruagem soou.

— Oh, por favor! — gritou ela, virando-se para o gordo

Historiador. — Eles andam atrás de nós! Se apanham o Bevis, não sei o que lhe acontecerá...

Abençoadado homem: não perguntou «porquê?», nem «que fizeram de mal?», limitou-se a pegar em Katherine por um braço e Bevis Pod pelo outro, e levou-os rapidamente para a garagem da Assembleia dos Grémios, onde o aguardava uma grande carruagem. Enquanto o motorista os ajudava a entrar lá para dentro, um batalhão de *Beefeaters* passou diante deles, mas não prestou a mínima atenção a Pomeroy e aos seus companheiros. Ele escondeu o casaco e o capuz de Katherine atrás do seu lugar e obrigou Bevis Pod a agachar-se no chão da carruagem. Depois enfiou-se ao lado de Katherine no banco de trás e disse: — Deixem-me ser eu a falar — enquanto a carruagem avançava para Paternoster Square.

Estava um amontoado de pessoas do lado de fora da estação de elevador, olhando estupefactas para a coisa que brotara da Catedral de S. Paulo. Os *Beefeaters* mandaram parar a carruagem enquanto um jovem Engenheiro espreitava lá para dentro. Pomeroy abriu uma fresta na tampa de glástico e perguntou: — Há algum problema, membro do Grémio?

— Uma intrusão no Engenhório. Terroristas Antitracção...

— Bem, não olhe para nós — riu-se Pomeroy. — Estive a trabalhar no meu escritório na Assembleia dos Grémios toda a noite, e a Menina Valentine esteve amavelmente a ajudar-me a organizar alguma papelada...

— Seja como for, senhor. Vou ter de revistar a sua carruagem.

— Oh, francamente! — gritou Pomeroy. — Nós parecemos-lhe terroristas? Não tem nada de melhor para fazer, na última noite de Londres, com uma maldita e enorme aglomeração urbana a aproximar-se cada vez mais de nós? Vou queixar-me ao Conselho nos termos mais drásticos possíveis! É escandaloso!

O homem pareceu embaraçado, depois assentiu e afastou-se, para deixar o motorista de Pomeroy conduzir a carruagem até ao elevador de carga que a aguardava. Quando as portas deste se fecharam, Pomeroy soltou um suspiro de alívio.

— Estes malditos Engenheiros. Sem ofensa, Aprendiz Pod...

— Não se preocupe — disse Bevis numa voz abafada, algures lá de baixo.

— Obrigada! — sussurrou Katherine. — Oh, muito obrigada por nos ter ajudado!

— Não me agradeça — disse Pomeroy com uma risada. — Estou

sempre pronto para fazer qualquer coisa que possa aborrecer o Crome e os seus lacaios. Aquela catedral tem milhares de anos de idade, e eles aparecem e transformam-na numa... seja lá no que for que a transformaram, sem sequer pedir licença... — Ele olhou com nervosismo para Katherine e viu que ela não estava a ouvi-lo. Então perguntou, amável: — Mas o que é que fez para os excitar daquela maneira, Menina Valentine? Não tem de me dizer se não quiser, mas se a menina e o seu amigo estão em sarilhos, e se houver alguma coisa que um velhote como eu possa fazer...

Katherine sentiu algumas lágrimas incontidas caírem-lhe dos olhos. — Por favor — murmurou —, podia só levar-nos para casa?

— Claro.

Ficaram sentados, num silêncio embaraçoso, enquanto a carruagem os transportava pelas ruas da Primeira Plataforma, pelo meio do parque. No meio da escuridão viam-se muitas pessoas que corriam e gritavam, apontando para a catedral. Mas também se viam outros corredores: seguranças Engenheiros liderando batalhões de *Beefeaters*. Quando a carruagem parou à entrada da Casa de Clio, Pomeroy saiu para acompanhar Katherine até à porta. Ela sussurrou um sentido adeus a Bevis e seguiu-o. — Podia levar o Aprendiz Pod até uma estação de elevador? — perguntou. — Ele precisa de voltar para a Entranha.

Pomeroy parecia preocupado. — Não sei, Menina Valentine — suspirou. — Viu como os Engenheiros estão irritados. Se bem os conheço, por esta altura já terão todas as suas fábricas e os dormitórios bem trancados, e já estão a fazer vistorias de segurança. Talvez até já se tenham apercebido da falta dele, bem como de dois casacos e capuzes...

— Quer dizer que ele não pode regressar? — Katherine sentia-se tonta só de pensar naquilo que fizera ao pobre Pod. — Nunca mais?

Pomeroy assentiu.

— Então ele fica comigo na Casa de Clio! — decidiu Katherine.

— Ele não é um gato perdido, minha querida.

— Mas quando o Pai voltar para casa, ele conseguirá esclarecer tudo, não é? Explicar ao Presidente da Câmara que não teve nada a ver com o Bevis...

— É possível — concordou Pomeroy. — O seu pai está muito próximo do Grémio dos Engenheiros. Talvez próximo *de mais*. segundo algumas pessoas. Mas não me parece que a Casa de Clio seja o melhor lugar para manter o seu amigo. Eu levo-o para o Museu. Há imenso espaço para ele lá, e os Engenheiros não o poderão procurar sem

primeiro nos informar.

— Faria mesmo isso? — perguntou Katherine, temendo que estivesse a arrastar mais uma pessoa inocente para o problema que criara. Mas afinal, seria só por alguns dias, até que o Pai voltasse para casa. Então tudo se resolveria. — Oh, obrigada! — disse alegremente, pondo-se em bicos de pés para beijar a bochecha de Pomeroy. — Obrigada!

Pomeroy corou, sorriu-lhe, e começou a dizer mais qualquer coisa, mas embora ela visse a boca dele mover-se, não conseguia ouvir as palavras que dizia. A sua cabeça enchia-se com um som estranho, um rugido queixoso que ia aumentando de volume cada vez mais, até que ela percebeu que o ruído não estava dentro da sua cabeça, mas vinha de algum lado acima das cabeças deles.

— Olhe! — gritou o Historiador, apontando para cima.

O medo fizera-a esquecer da catedral. Agora, olhando para a Plataforma Superior, viu o capuz de cobra da MEDUSA começar a estalar com um relâmpago violeta. Os pêlos dos seus braços e da nuca arrepiaram-se, e quando ela tocou na mão de Pomeroy faíscas pálidas saltaram entre as pontas dos seus dedos e a toga dele.

— Senhor Pomeroy! — gritou. — Que está a acontecer?

— Grande Quirke! — gritou o Historiador. — Que inventaram agora estes idiotas?

Esferas de luz fantasmagóricas saíram da máquina brilhante e afastaram-se por cima de Circle Park como balões de fogo. Relâmpagos dançavam em volta dos pináculos da Assembleia dos Grémios. O rugido queixoso e crescente aumentava cada vez mais de volume, e mais, e mais, até que mesmo tapando os ouvidos com as mãos, Katherine sentia que não o podia suportar nem por mais um instante. Depois, muito repentinamente, uma corrente de energia incandescente partiu do capuz de cobra e estendeu-se para norte, como um ameaçador chicote de nove tiras que se abrisse para lançar as suas chamas sobre Panzerstadt-Baviera. A noite desfez-se e fugiu para se esconder nos cantos do céu. Durante um segundo, Katherine viu os andares da distante aglomeração urbana serem tocados pelo fogo e depois a cidade desapareceu. Uma onda de brilho ergueu-se da terra, primeiro de uma brancura ofuscante, e depois vermelha, um pilar de fogo subindo em silêncio para o céu, e sobre a neve ardente a onda de som chegou até eles, o ruído baixo e prolongado de uma explosão, como se uma porta gigante tivesse sido fechada com violência algures nas profundezas da terra.

O raio desapareceu, mergulhando Circle Park numa súbita

escuridão, e no silêncio que se seguiu, ouviu o *Cão* uivar como doido no interior da casa.

— Grande Quirke! — murmurou Pomeroy. — Todas aquelas pobres pessoas...!

— Não! — ouviu-se Katherine dizer. — Oh não, não, não!

Começou a correr pelo jardim, olhando fixamente para a nuvem rasgada por relâmpagos que cobriam os destroços da aglomeração urbana. De Circle Park e de todas as outras plataformas de observação, chegou até ela o som de vozes sem sentido, e primeiro pensou que elas gritavam de terror, como ela queria fazer... mas não; elas aplaudiam e gritavam: — Viva! Viva! Viva!

Segunda Parte

Capítulo 24

Uma Agente Da Liga

A estranha luz do Norte desaparecera e o longo trovão acabou por se desgastar, ecoando e voltando a ecoar nas paredes do velho vulcão. Acalmando os seus cavalos em pânico, os homens da Ilha Negra aproximaram-se pelas margens do pântano por entre um ribombar de cascos galopantes e o rasgar de seda das tochas a arder ao vento.

Tom ergueu as mãos e gritou: — Somos amigos! Não piratas! Viajantes! De Londres!

Mas os cavaleiros não estavam com disposição para ouvir, nem mesmo os poucos que os entendiam. Tinham andado a caçar sobreviventes do subúrbio afundado durante todo o dia, sabiam aquilo que os piratas de Peavey tinham feito nas aldeias piscatórias ao longo da costa ocidental, e agora gritavam uns aos outros na sua língua e galopavam para mais perto, erguendo os seus arcos. Uma flecha com penas cinzentas enterrou-se no chão aos pés de Tom, fazendo-o tropeçar para trás. — Somos amigos! — voltou ele a gritar.

O homem que os chefiava sacou de uma espada, mas um outro cavaleiro avançou para a frente dele, gritando qualquer coisa na língua da ilha e depois em anglo: — Quero-os vivos!

Era Anna Fang. Ela parou o seu cavalo, saltou da sela e correu para Tom e Hester, o casaco esvoaçando ao vento contra as luzes dos archotes como uma bandeira vermelha. Tinha uma espada colocada numa longa bainha, às costas, e no peito Tom viu um escudo de bronze com a forma de uma roda quebrada: o símbolo da Liga Antitracção.

— Tom! Hester! — Ela abraçou-os, primeiro um, depois o outro, exibindo o mais ternurento dos seus sorrisos. — Pensei que estavam mortos! Enviei o Lindstrom e a Yasmina para vos procurar, na manhã seguinte ao combate em Airhaven. Encontraram o vosso balão destruído naqueles horríveis pântanos e disseram que vocês deviam estar mortos, mortos. Queria ir à procura dos vossos pobres cadáveres, mas o *Jenny* tinha sido danificado, e estava tão ocupada a guiar a cidade até ao estaleiro de reparações daqui... mas rezámos por vocês, e fizemos sacrifícios funerários aos deuses do céu. Achem que lhes podemos pedir um reembolso?

Tom permaneceu em silêncio e quieto. O seu peito doía-lhe tanto que mal conseguia respirar, quanto mais falar. De qualquer maneira, o escudo no peito da aviadora disse-lhe que a história de Peavey era

verdadeira: ela era uma agente da Liga. Já não ficava encantado com a sua simpatia e o seu riso contagioso.

Ela gritou qualquer coisa por cima do ombro para os cavaleiros que aguardavam, e dois deles saltaram dos seus cavalos e trouxeram-nos para a frente, olhando admirados para o cadáver de Shrike. — Tenho de vos deixar por um bocado — explicou. — Vou levar o *Jenny* para norte para ver que coisa infernal iluminou o céu. Os ilhéus olharão por vocês. Sabem montar?

Tom nunca tinha visto um cavalo antes, quanto mais sentar-se em cima dele, mas estava tão desorientado por causa da dor e do choque que não protestou enquanto o ajudavam a subir para a sela de um cavalito pequeno e mal cuidado e o conduziram encosta abaixo. Ele olhou para trás procurando Hester e viu-a olhá-lo com ar zangado, agachada na sela de um segundo cavalo. Depois o grupo de cavaleiros rodeou-a, e ele perdeu-a de vista nas ruas estreitas e cheias de gente do caravançarâ, onde famílias inteiras se encontravam fora das suas casas para ver o céu a norte, no meio do pó e do lixo que rodopiava por entre os edifícios, enquanto Airhaven se inclinava sobre as suas cabeças, testando os seus rotores um a um.

Numa pequena casa de pedra, alguém arranjou um lugar para ele se sentar, e um homem envergando uma toga negra e um enorme turbante branco examinou o seu peito dorido.

— Partido! — disse ele, num tom muito jovial. — Eu sou Ibrahim Nazghul, médico. Quatro das suas costelas estão bastante destruídas !

Tom assentiu, tonto de dor e surpresa, mas começando a sentir-se cheio de sorte por ainda estar vivo, e feliz por aquelas pessoas não serem os selvagens antitraccionistas que ele esperara encontrar. O Doutor Nazghul envolveu-lhe o peito com ligaduras, e a mulher dele trouxe uma tigela de guisado de carneiro muito quente e ajudou Tom a comê-lo, levando-lhe a colher à boca. A sala era iluminada por luzes de lanternas dispostas nos cantos da divisão e os filhos do médico ficaram parados na entrada a olhar muito para Tom com os seus enormes olhos escuros.

— É um herói! — explicou o médico. — Dizem que lutou contra um *djinn* de ferro que nos teria morto a todos.

Tom pestanejou, olhando para o médico com um ar sonolento. Quase que se esquecera daquela miserável batalha à beira do pântano. *Matei o Shrike*, pensou. *Está bem, tecnicamente ele já estava morto, mas ainda era uma pessoa. Tinha esperanças, e planos, e sonhos, e eu pus fim a tudo isso.* Não se sentia um herói, sentia-se um assassino, e o sentimento de vergonha e culpa permaneceu com ele, manchando os seus sonhos, enquanto a cabeça lhe caía sobre a tigela de guisado e ele

mergulhava num sono profundo.

Depois encontrou-se noutra divisão, numa cama macia, e podia ver um céu azul e branco para lá da janela, e um raio de sol que aparecia e desaparecia na parede caiada.

— Como é que te sentes, matador de Caçadores? — perguntou-lhe uma voz. A Menina Fang encontrava-se de pé junto dele, olhando-o com o sorriso delicado dos anjos pintados nos quadros antigos.

Tom disse:

— Dói-me tudo.

— Achas que podes viajar? O *Jenny Haniver* está à espera e eu gostava de partir antes do pôr do Sol. Podes comer quando estivermos no ar; fiz pastel de carne assada, com carne verdadeira.

— Onde é que está a Hester? — perguntou Tom, meio estonteado.

— Oh, ela também vem.

Ele sentou-se, fazendo uma careta ao sentir a dor aguda no peito e a recordação de tudo aquilo que se passara.

— Eu não vou a lado nenhum *consigo* — disse.

A aviadora riu-se, como se pensasse que ele estava a brincar, depois percebeu que não estava e sentou-se na cama, com um ar preocupado. — Tom? Fiz alguma coisa que te deixasse zangado?

— Trabalha para a Liga! — disse zangado. — É uma espia, tão má como o Valentine! Só nos ajudou porque teve esperanças de saber qualquer coisa sobre Londres!

O sorriso da Menina Fang desapareceu por completo. — Tom — disse carinhosamente —, ajudei-vos porque gosto de vocês. E se tivesses visto a tua família ser escravizada até à morte a bordo de uma metrópole impiedosa, não terias talvez decidido ajudar a Liga na sua luta contra o Darwinismo Municipal?

Ela esticou-se para afastar o cabelo revoltado da testa dele, e Tom lembrou-se de uma coisa que já esquecera, de uma altura quando era pequeno e estava muito doente, uma vez em que a sua mãe se sentara com ele exactamente assim. Mas o escudo da Liga estava ainda no peito da Menina Fang, e a ferida da traição de Valentine por sarar: não se deixaria enganar outra vez por sorrisos e bondade. — Você mata pessoas! — disse, afastando a mão dela. — Afundou Marselhas...

— Se não o tivesse feito, eles teriam atacado as Cem Ilhas, matando ou escravizando centenas de pessoas mais do que as que eu afoguei com a minha pequena bomba.

— E estrangulou a... a Rainha de Uma Coisa Qualquer!

— A Sultana de Palau Pinang? — O sorriso voltou ao rosto da mulher. — Não a estrangulei! Que coisa horrível de dizer! Limitei-me a partir-lhe o pescoço. Ela deixava metrópoles jangadas anfíbias reabastecerem-se na sua ilha, por isso teve de ser liquidada.

Tom não via que houvesse razão para sorrir. Lembrou-se dos homens de Wreyland caídos nas sombras da doca aérea em Stayns e da Menina Fang a dizer-lhe que só estavam inconscientes.

— Posso ser tão má como Valentine — continuou —, mas há uma diferença entre nós. Valentine tentou matar-te e eu quero manter-te vivo. Por isso, vens comigo?

— Para onde? — perguntou Tom, desconfiado.

— Para Shan Guo — retorquiu ela. — Aposto que aquilo que iluminou o céu a noite passada tem alguma coisa a ver com a coisa que Valentine roubou à mãe da Hester. E eu soube que Londres se dirige directamente para a Muralha Escudo.

Tom estava espantado. Teria o Presidente da Câmara descoberto realmente uma forma de furar as fronteiras da Liga? Se assim fosse, era a melhor notícia desde há anos! Quanto a ir até Shan Guo, esse era o coração da Liga Antitracção, o último lugar no mundo onde um londrino respeitável gostaria de ir. — Não farei nada para a ajudar a fazer mal a Londres — disse-lhe ele. — Ainda é a minha casa.

— Claro — retorquiu. — Mas se a Muralha está prestes a ser atacada, não te parece que as pessoas que vivem atrás dela tenham o direito de fugir? Vou avisá-los do perigo que correm e quero que a Hester venha comigo e conte a sua versão dos acontecimentos. E a Hester só vai se tu também fores.

Tom riu-se e descobriu que aquilo lhe provocava dor. — Não me parece! — disse ele. — A Hester odeia-me!

— Disparate — ripostou a Menina Fang também rindo. — Ela gosta muito de ti. Não passou ela metade da noite a contar-me como tens sido carinhoso e como foste incrivelmente corajoso, ao matar aquele homem máquina?

— Passou? — Tom corou, sentindo-se subitamente orgulhoso. Não lhe parecia que alguma vez se fosse conseguir habituar a Hester Shaw e às suas mudanças de humor. Mas ela era aquilo que de mais próximo tinha de uma amiga naquele enorme e confuso mundo, e ele ainda se lembrava de como ela implorara pela sua vida a Shrike. Para onde ela fosse, ele também tinha de ir: mesmo para o selvagem centro da Liga, mesmo para Shan Guo.

— Está bem — acedeu ele. — Eu vou.

Capítulo 25

Os Historiadores

Está a chover em Londres, uma chuva constante caindo do céu baixo e ferido, uma chuva suficientemente forte para desfazer a neve e alagar a lama sob os tractores da cidade transformando-a numa porcaria amarelada, mas não suficientemente forte para apagar os fogos em Panzerstadt-Baviera, que continuam a arder para noroeste como uma pira de Titã.

Magnus Crome encontra-se de pé no telhado varrido pelo vento do Engenhório e observa o fumo a subir. Uma aprendiz segura um guarda-chuva sobre a cabeça dele e atrás dela aguardam seis figuras altas e imóveis envergando versões negras dos casacos de borracha do Grémio. Os terroristas que invadiram o Engenhório na noite anterior ainda não foram apanhados, e a segurança foi aumentada: a partir de agora o Presidente da Câmara não vai a lado nenhum sem a sua nova guarda pessoal; a primeira fornada de Caçadores da Doutora Twix.

Um dirigível de reconhecimento do Grémio paira sobre as suas cabeças e depois pousa. O Doutor Vambrace, chefe de segurança dos Engenheiros, sai do seu interior e dirige-se apressadamente até para o local onde o Presidente da Câmara aguarda, com o casaco de borracha a esvoaçar ao vento com violência.

— Bem, Doutor? — pergunta Crome com ansiedade. — Que é que viu? Conseguiu aterrar?

Vambrace abana a cabeça.

— Os fogos ainda ardem por entre os destroços. Mas voámos o mais baixo que nos atrevemos e tirámos fotografias. As plataformas superiores derreteram e caíram sobre as inferiores, e parece que todas as caldeiras e armazéns de combustível explodiram assim que o nosso raio de energia lhes tocou.

Crome assente com a cabeça. — Houve sobreviventes?

— Alguns sinais de vida, entre as plataformas, mas de resto... — Os olhos do segurança abrem-se por trás dos seus óculos grossos, parecendo um par de alforrecas dentro de um aquário. O departamento dele está sempre ansioso por descobrir formas novas e inovadoras de matar pessoas, e ele ainda se encontra entusiasmado ao pensar nas formas secas e carbonizadas que viu enchendo as ruas e praças de Panzerstadt-Baviera, muitas delas ainda de pé, transformadas em estátuas de carvão pelo olhar de MEDUSA.

— Pretende voltar para trás e devorar os destroços, Senhor

Presidente? — perguntou ele passado um momento. — Os incêndios acabarão por se extinguir por si próprios dentro de um dia ou dois.

— Nem pensar — diz Crome bruscamente. — Temos de acelerar em direcção à Muralha Escudo.

— As pessoas não vão gostar disso — avisa Vambrace. — Já tiveram a sua vitória, agora querem os despojos. A sucata de metal e as peças suplentes daquela aglomeração urbana...

— Não trouxe Londres até aqui por causa de sucata de metal e peças suplentes — interrompe Crome. Ele coloca-se de pé, junto à grade da borda do telhado e olha para leste. Já consegue vislumbrar os cumes brancos das montanhas altas no horizonte, como uma fila de dentes branquinhos. — Temos de avançar. Mais alguns dias e teremos ao alcance a Muralha Escudo. Anunciei um feriado municipal, e uma recepção na Assembleia dos Grémios para assinalar o grande acontecimento. Pense nisso, Vambrace! Todo um Terreno de Caça por estrear!

— Mas agora a Liga sabe que vamos a caminho — avisa Vambrace. — Eles vão tentar parar-nos.

Os olhos de Crome estão brilhantes e frios, olhando o futuro. Ele diz: — Valentine tem as suas ordens. Ele tratará da Liga.

E assim, Londres continuou a avançar, arrastando-se para este enquanto o fumo da aglomeração urbana morta subia para o céu atrás deles, e Katherine caminhava até às estações de elevador pelo lixo molhado das celebrações do dia anterior. Lanternas chinesas partidas espalhavam-se pelas placas do chão, que não paravam de vibrar, e homens envergando os fatos vermelhos do Departamento de Reciclagem empurravam contentores sobre rodas, recolhendo chapéus festivos abandonados e cartazes ensopados onde ainda se viam as mensagens: *Nós Magnus Crome e Longa Vida a Londres*. O Cão jogava à apanhada com um longo enfeite de papel que esvoaçava pelo chão, mas Katherine disse-lhe com rispidez para parar. Aquela não era altura para brincadeiras.

Ao menos no Museu não havia quaisquer cartazes ou enfeites. O Grémio dos Historiadores nunca fora tão rápido como o resto de Londres a dar as boas-vindas a novas invenções dos Engenheiros, e não abriram excepções para a MEDUSA. Nas sombras poeirentas das galerias de exposições reinava um silêncio respeitoso, como convinha na manhã seguinte à extinção de toda uma metrópole. Os sons das ruas lá fora pareciam abafados, como se as cortinas espessas e macias do tempo estivessem penduradas na penumbra entre as vitrinas. O silêncio ajudou Katherine a organizar os pensamentos, e quando

chegou junto do gabinete de Chudleigh Pomeroy tinha bastante certeza acerca daquilo que queria dizer.

Ainda não contara ao Sr. Pomeroy aquilo que soubera no Engenhório, mas ele vira como ela estava abalada quando a deixara na Casa de Clio na noite anterior. Não pareceu surpreendido ao vê-la com o Cão à sua porta.

— Senhor Pomeroy — disse ela num murmúrio —, tenho de falar consigo. O Bevis está aqui? Ele está bem?

— Claro — retorquiu o homem de imediato. — Entre!

Bevis Pod estava à espera dela no pequeno gabinete de paredes de teca, envergando a toga de Historiador que lhe tinha sido emprestada, o crânio pálido parecendo tão frágil como uma casca de ovo sob o brilho fraco e amarelado das luzes do Museu. Ela teve vontade de correr para ele e abraçá-lo e pedir-lhe desculpa por aquilo para que o tinha arrastado, mas em volta dele estavam reunidos dezenas de Historiadores, alguns empoleirados nos braços das cadeiras e nas esquinas da secretária de Pomeroy. Todos olharam para Katherine com um ar culpado, e ela olhou para eles com um súbito e terrível medo de que Pomeroy a tivesse traído.

— Não se preocupe — disse Pomeroy, com bondade. — Se o Pod vai ser um convidado aqui no Museu, pensei que talvez fosse boa ideia apresentá-lo aos meus colegas Historiadores. Nenhum de nós se dá bem com o Presidente da Câmara. Concordámos que o Aprendiz Pod pode ficar aqui o tempo que for necessário.

Os Historiadores abriram um espaço para ela junto de Bevis. — Estás bem? — perguntou-lhe ela, e ficou muito aliviada ao vê-lo fazer um sorriso nervoso. — Não estou mal — sussurrou. — Isto aqui é estranho. Toda esta madeira por todo o lado, e coisas velhas. Mas os Historiadores são muito simpáticos...

Katherine olhou em seu redor para eles. Conhecia muitos de vista: o Dr. Arkengarth, a Dr.^a Karuna, a Professora Pewtertide, a jovem Menina Potts, Norman Nancarrow das Impressões e Pinturas e a Menina Plym, que fungava para o seu lencinho.

— Temos estado a falar acerca da destruição de Panzerstadt-Baviera — disse Pomeroy, colocando-lhe uma chávena de cacau quente nas mãos. — Daquele horrível engenho, a MEDUSA.

— Todos os outros parecem achar que é maravilhoso — disse Katherine, com tristeza. — Ouvi-os a rir e a gritar «Bom velho Crome», quase toda a noite. Compreendo que estejam aliviados por não termos sido comidos, mas... bem, não me parece que fazer explodir outra metrópole seja uma coisa pela qual devamos estar orgulhosos e felizes.

— É um desastre! — concordou o velho Dr. Arkengarth, contorcendo os dedos das suas mãos ossudas. — As vibrações daquela horrível máquina destruíram as minhas cerâmicas!

— Oh, deixe lá as suas cerâmicas, Arkengarth — disse Pomeroy bruscamente, pois percebia como Katherine estava preocupada.

— E Panzerstadt-Baviera? Totalmente queimada!

— Isso é o que acontece quando se tem uma obsessão pela Tecnologia Antiga como a dos Engenheiros! — afirmou a Professora Pewtertide. — Tantos séculos de história que podiam servir de fonte de conhecimento, e as únicas coisas que lhes interessam são algumas máquinas antigas!

— E, para além disso, que conseguiram os Antigos alcançar com aqueles engenhos? — queixou-se Arkengarth. — Só conseguiram transformar o seu mundo num caos e depois ainda o fizeram explodir!

Os outros assentiram lugubrememente.

— Havia um grande museu em Panzerstadt-Baviera — disse a Doutora Karuna.

— Parece que tinham pinturas extraordinárias — concordou Nancarrow.

— Exemplares únicos do fabrico de a-a-armários no século XXX! — lamentou a Menina Plym, enterrando a cara lavada em lágrimas no ombro magro de Arkengarth.

— Tem de desculpar a pobre Moira, Katherine — sussurrou Pomeroy. — Ela teve notícias terríveis esta manhã. Crome ordenou que a nossa colecção de mobiliário fosse desfeita e atirada às fornalhas. É por causa da escassez de combustível, está a ver, resultado desta louca viagem para leste.

Katherine não podia estar menos preocupada com mobiliário e cerâmica neste momento, mas sentia-se satisfeita por não ser a única em Londres chocada pelo que o Presidente da Câmara desencadeara. Respirou fundo, depois explicou rapidamente aquilo que Bevis e ela tinham ouvido no Engenhório; sobre a MEDUSA e o próximo passo no grande plano de Crome; o ataque à Muralha Escudo.

— Mas isso é terrível! — murmuraram eles quando ela chegou ao fim do relato.

— Shan Guo é uma grande e antiga cultura, Liga Antitracção ou não. Batmunkh Gompa não pode ser destruída...!

— Pensem em todos aqueles templos!

— Cerâmicas!

— Caixas oratórias dos budistas tibetanos!

— Pinturas em seda...

— Mo-mo-mobília!

— Pensem nas *peessoas*! — exclamou Katherine, zangada. — Temos de fazer qualquer coisa!

— Sim! Sim! — concordaram eles, e olharam para ela, desconcertados. Depois de vinte anos de governo de Crome, não faziam ideia de como enfrentar o Grémio dos Engenheiros.

— Mas o que é que *podemos* fazer? — perguntou Pomeroy por fim.

— Dizer às pessoas aquilo que se passa! — instou Katherine. — O senhor é o substituto do Presidente dos Historiadores. Convoque uma reunião do Conselho! Mostre-lhes como isto é errado! — Pomeroy abanou a cabeça.

— Eles não vão ouvir, Menina Valentine. Ouviu os festejos ontem à noite.

— Mas isso só aconteceu porque Panzerstadt-Baviera nos ia comer! Quando souberem que o Crome planeia virar a sua arma para mais uma metrópole...

— Vão limitar-se a festejar ainda mais — suspirou Pomeroy.

— De qualquer modo, ele encheu os outros Grémios de aliados dele — observou a Doutora Karuna. — Todos os antigos grandes homens dos Grémios desapareceram: mortos, reformados ou presos por ordem dele. Até os nossos próprios aprendizes se encontram tão obcecados por Tecnologia Antiga como os Engenheiros, principalmente desde que o Crome nos impingiu o seu homem, o Valentine, como Presidente dos Historiadores... oh, não pretendia ofendê-la, Menina Katherine...

— O Pai não é um homem de Crome — disse Katherine, zangada. — Tenho a certeza de que não é! Se ele soubesse aquilo que o Crome está a planear, nunca o teria ajudado. Talvez tivesse sido por isso que ele foi enviado nesta missão de reconhecimento, para o afastarem do caminho. Quando ele voltar para casa e descobrir, fará alguma coisa para o impedir. Sabem, é que foi ele quem começou por encontrar a MEDUSA. Ficaria horrorizado ao pensar naquilo a matar todas aquelas pessoas. Vai querer emendar o seu erro, tenho a certeza disso!

Ela falou de forma tão apaixonada que alguns historiadores acreditaram nela, mesmo pessoas como a Doutora Karuna, que não tinha sido promovida por Crome ter colocado Valentine na Presidência do Grémio deles. Quanto a Bevis Pod, observava-a com os olhos

brilhantes, assolado por um sentimento sobre o qual nunca lhe tinham ensinado nada nos Laboratórios de aprendizagem e que o fazia tremer por todo o lado.

Pomeroy foi o primeiro a falar.

— Espero que tenha razão, Menina Valentine — disse. — Porque ele é o único homem que pode pensar desafiar o Presidente da Câmara. Temos de aguardar pelo seu regresso.

— Mas...

— Entretanto, concordámos manter o Senhor Pod em segurança, aqui no Museu. Ele pode dormir lá em cima na velha Galeria dos Transportes, e ajudar o Doutor Nancarrow a catalogar a sua colecção de arte e, se os Engenheiros vierem à sua procura, encontraremos um esconderijo. Não é um grande golpe contra as aspirações do Crome, eu sei. Mas por favor, compreenda, Katherine; estamos velhos e assustados e não há realmente mais nada que possamos fazer.

Capítulo 26

Batmunkh Gompa

O mundo estava a mudar. Isso não era novidade nenhuma, claro; a primeira coisa que era ensinada a um Historiador Aprendiz era que o mundo estava em constante mudança, mas agora a mudança era tão rápida que até se conseguia vê-la acontecer. Olhando do *Jenny Haniver* para baixo, Tom viu as vastas planícies da parte oriental do Terreno de Caça pontilhada de cidades que se moviam velozmente, levadas a fugir por aquilo que ferira o céu a norte, dirigindo-se para longe dali o mais depressa que os seus tractores ou rodas permitiam, demasiado preocupadas para tentarem sequer apanhar-se umas às outras.

— MEDUSA — ouviu a Menina Fang murmurar para si mesma, olhando fixamente para o fumo e as chamas que surgiam no horizonte.

— O que é uma MEDUSA? — perguntou Hester. — Sabe alguma coisa, não sabe? Acerca da razão pela qual os meus pais foram mortos?

— Temo que não — retorquiu a aviadora. — Quem me dera saber. Mas ouvi o nome uma vez. Há seis anos outro agente da Liga conseguiu infiltrar-se em Londres, fazendo-se passar por um membro da tripulação de um dirigível autorizado a aterrar lá. Ouvira uma coisa que o intrigara, mas nunca percebeu do que se tratava. A Liga só recebeu uma mensagem dele, só duas palavras: *Cuidado MEDUSA*. Os Engenheiros apanharam-no e mataram-no.

— Como é que sabe? — perguntou Tom.

— Porque eles enviaram-nos a sua cabeça — disse a Menina Fang. — Envio à cobrança.

No fim da tarde ela pousou o *Jenny Haniver* numa das cidades em fuga, um local respeitável com quatro plataformas chamado Peripatetiapolis que se dirigia para sul para se esconder nas montanhas para lá do Mar de Khazak. Na doca aérea dali souberam mais notícias acerca do que acontecera a Panzerstadt-Baviera.

— Eu vi! — anunciou um aviador. — Estava a uns cento e cinquenta quilómetros de distância, mas mesmo assim vi. Uma língua de fogo, estendendo-se desde a Plataforma Superior de Londres, matando tudo aquilo em que tocava!

— Londres descobriu uma coisa qualquer da Guerra dos Sessenta Minutos — disse-lhes um arqueólogo, trabalhador independente. — O velho Império Americano estava já bastante enlouquecido, perto do

fim; ouvi histórias acerca de armas terríveis: raios de energia quântica que sugavam o seu poder de locais fora do universo real...

— Quem é que se atreve a desafiá-los agora, quando o Magnus Crome tem o poder de incendiar qualquer metrópole que lhe desobedeça? — perguntou um mercador peripatetiapoliano em pânico. — «Venham cá e deixem-nos comer-vos», há-de dizer-nos Londres, e nós teremos de ir. É o fim da civilização como a conhecemos! Outra vez!

Mas uma coisa boa acontecera como resultado de tudo aquilo; as pessoas de Peripatetiapolis aceitavam agora sem qualquer problema o dinheiro de Londres que Tom tinha. Num impulso, ele comprou um xaile vermelho de seda para substituir o lenço que Hester perdera naquela noite, há muito tempo, quando ele a perseguira pela Entranha.

— Para *mim!* — perguntou ela, incrédula, quando ele lho deu. Não se lembrava de alguma vez ter recebido um presente de alguém. Ela não lhe falara muito desde que abandonaram a Ilha Negra, envergonhada pela sua reacção da noite anterior, mas agora disse: — Obrigada. E acho que também te devo agradecer por me teres salvo a vida. Embora não perceba porque é que ainda te dás a esse trabalho.

— Eu sabia que tu não podias querer acabar como uma Caçadora — disse-lhe Tom.

— Oh, queria sim — contrapôs a rapariga. — Tornaria tudo muito mais fácil. Mas tomaste a atitude correcta. — Ela desviou o olhar, envergonhada, olhando para baixo, para o xaile que tinha nas mãos. — Eu tento ser simpática — acrescentou ela. — Nunca ninguém me fez sentir que *gostava* realmente de mim, assim como tu fazes. Por isso tento ser simpática e sorridente, como tu queres que eu seja, mas depois vejo o meu reflexo ou penso *nele* e grito contigo e tento magoar-te, desculpa.

— Não faz mal — disse Tom, um pouco embaraçado. — Eu sei. Está tudo bem. — Ele pegou no xaile e enrolou-o com delicadeza em volta do pescoço dela, mas tal como esperara, ela puxou-o logo para cima, de forma a esconder a boca e o nariz. Ele sentiu-se estranhamente triste: habituara-se àquela cara e sentiria falta dos seus sorrisos tortos.

Voltaram a partir antes do nascer do Sol, atravessando uma cordilheira de colinas escarpadas que pareciam pedaços de papel castanho amachucado. Todo o dia a terra foi subindo e subindo, e passado pouco tempo Tom apercebeu-se de que estavam a deixar o Terreno de Caça por completo. Ao fim da tarde, o *Jenny Haniver* voava sobre paisagens demasiado acidentadas, por onde a maioria das

idades não conseguiria passar. Viu densas florestas de pinheiros e rododendros, com pequenas aldeias estáticas aqui e ali, escondidas nos seus abrigos de terras cultivadas, e uma vez viu uma aldeia branca, aninhada no cimo de uma montanha com estradas descendo dela como os raios de uma roda; estradas verdadeiras com carros que subiam e desciam e uma animada agitação de bandeiras nos cruzamentos. Ele ficou a observá-las até saírem do seu campo de visão. Ouvira falar de estradas nas suas aulas de história, mas nunca pensou alguma vez *ver* uma.

No dia seguinte, Anna Fang distribuiu uma bolas de uma pasta vermelha aos seus passageiros.

— Noz-de-areca em pó — explicou ela —, misturada com umas folhas secas dos Novos Maias. Ajudam nestas altitudes. Mas não ganhem o hábito de as mastigar, senão os vossos dentes vão ficar tão vermelhos como os meus.

A pasta arenosa fazia cócegas na boca de Tom, mas curou a ligeira sensação de náusea e febre que aumentava dentro dele à medida que o dirigível ia subindo cada vez mais alto, e também ajudou a diminuir as dores das suas costelas partidas.

Por aquela altura, a pequena sombra do *Jenny* parecia esvoaçar sobre os altos cumes cobertos de neve, e diante deles encontravam-se cumes ainda mais altos, pináculos brancos que pareciam pairar como uma miragem acima das nuvens. Para lá delas, encontrava-se uma cordilheira ainda mais alta, e depois outra, maior ainda. Tom semicerrou os olhos, espreitando para sul na esperança de vislumbrar o velho Chomolungme, o Evereste dos Antigos, mas crescia uma tempestade no cimo dos Himalaias e ele estava envolto em nuvens.

Voaram durante três dias por um mundo preto e branco, de neve e glaciares, e de rocha negra e íngreme de jovens montanhas, onde Tom e Hester tinham por vezes de assumir o controlo do dirigível enquanto Anna Fang dormia pequenas sestas no lugar ao lado deles, com medo de abandonar o seu convés de voo. E continuaram a subir, até que por fim flutuavam sobre os contrafortes mais baixos da grande Zhan Shan, a mais alta das novas montanhas terrestres, cuja caldeira coberta de neve sobressaía no meio daquele frio interminável, acima do céu. Depois disso, os picos eram mais baixos, brancos e lindos, por vezes com um vale verde entre eles, onde grandes rebanhos de animais se dispersavam e fugiam, ao ouvirem o som dos motores do dirigível. Aquelas eram as Montanhas do Céu, estendiam-se para norte e este, e afundavam-se lá bem ao longe, em estepes e pântanos intransitáveis.

— Isto é Shan Guo dos muitos cavalos — explicou Anna Fang a

Tom e a Hester. — Tinha esperanças de me retirar para aqui, quando terminasse o meu trabalho para a Liga. Agora, supponho que tudo isto poderá vir a ser comido por Londres; a nossa fortaleza, destruída pela MEDUSA e as nossas aldeias devoradas, as montanhas verdejantes abertas ao meio e obrigadas a entregar os seus minerais, e os cavalos extintos, tal como no resto do mundo.

Tom não achava que fosse uma ideia assim tão má, porque não havia nada mais natural do que as Metrópoles de Tracção acabarem por se espalhar por todo o globo terrestre. Mas não conseguia deixar de gostar da Menina Fang, mesmo que fosse uma espia e uma Antitraccionista, e para a confortar, disse:

— Por muito poderosa que seja a MEDUSA, serão precisos anos para que Londres abra caminho à dentada por estas enormes montanhas.

— Não precisa — retorquiu ela. — Vê.

Ele olhou para onde ela apontava e viu à sua frente uma falha na cadeia montanhosa, uma larga passagem por onde uma metrópole podia facilmente deslocar-se se não fosse o facto de, estendendo-se a toda a largura da passagem, tão grande que à primeira vista parecia apenas mais um bocado de montanha, se encontrar a Muralha Escudo.

Era como uma parede feita de noite, negra, negra, negra, construída com enormes pedaços de rocha vulcânica, coberta por uma armadura de placas de chão ferrugentas retiradas das metrópoles que se atreveram a enfrentá-la e tinham sido destruídas por centenas de baterias de projecteis do seu lado ocidental. No seu cume coberto de neve, mil e duzentos metros acima do chão do vale, a bandeira da roda partida esvoaçava ao sabor do vento, e a luz do sol reflectia-se nas plataformas onde se encontravam as armas, as armaduras e os capacetes dos soldados da Liga.

— Se ao menos fosse tão forte como parece — suspirou a aviadora, fazendo descer o *Jenny Haniver* em direcção à muralha, descrevendo uma longa e larga curva. Uma pequena máquina voadora, pouco maior do que um papagaio motorizado, veio rapidamente pelo ar até junto deles, e Anna Fang teve uma pequena conversa pelo rádio com o seu piloto. A máquina deu uma volta em torno do *Jenny* e depois partiu à sua frente, guiando o recém-chegado sobre o topo da Muralha Escudo. Tom olhou para baixo, para as largas ameias e para as faces dos soldados que olhavam para cima, amarelas, castanhas, negras, brancas, faces vindas de todo o mundo, onde as bárbaras cidades estáticas ainda resistiam ao Darwinismo Municipal. Depois eles desapareceram; o *Jenny* afundava-se no lado oriental da Muralha, e ele apercebeu-se de que esta era uma metrópole, uma

metrópole vertical com centenas de terraços, varandas e janelas, todas entalhadas na rocha negra, plataforma após plataforma de lojas, barracas e casas, com balões e papagaios coloridos, como pétalas de flores, andando para cima e para baixo entre eles.

— Batmunkh Gompa — anunciou a Menina Fang. — A Metrópole da Força Eterna. Embora as pessoas que lhe chamam assim nunca tenham ouvido falar da MEDUSA, claro.

Era linda. Tom, que sempre fora ensinado a pensar que as colónias estáticas eram locais porcos, miseráveis e retrógrados, foi à janela e ficou parado a olhar, enquanto Hester vinha para o seu lado e encostava a cara ao vidro, oculta em segurança por trás do seu véu e parecendo quase uma rapariguinha. — Oh! É mesmo como os penhascos da Ilha Oak onde as gaivotas fazem os ninhos! — gritou. — Olha! Olha! — Na base da Muralha via-se um lago que emanava um brilho azul-celeste, pontilhado pelas velas de barcos de recreio. — Tom, depois vamos nadar, eu ensino-te...

O *Jenny Haniver* aterrou entre outros dirigíveis mercantes num terraço de atracação a meio da Muralha, e a Menina Fang guiou Tom e Hester até um balão de espera que os levou outra vez para cima, passando por parques e lojas de chá até ao palácio do governador, o antigo mosteiro que dera o nome a Batmunkh Gompa, caiado e cheio de janelas, recortado no lado íngreme da montanha na extremidade da Muralha. Outros balões convergiam para o convés de aterragem por baixo dos jardins do palácio, os seus sacos de ar iluminados pela luz do sol da montanha e, num dos cestos bamboleantes, Tom viu o Capitão Khora acenar.

Encontraram-se no convés de aterragem, o jovem aviador tocando no solo mesmo antes deles e correndo para beijar a Menina Fang e ajudar os seus amigos a sair da barquinha balouçante. Tinha voado de Airhaven até ali, na manhã seguinte ao ataque de Shrike, e parecia surpreendido e feliz por encontrar Tom e Hester vivos. Virando-se para a aviadora, disse: — O Governador e os seus auxiliares estão ansiosos por ouvir o teu relatório, Feng Hua. Chegaram-nos horríveis boatos acerca de Londres...

Era bom ver uma cara conhecida nesta estranha e nova metrópole, e Tom acertou o passo pelo de Khora, enquanto ele guiava os recém-chegados pela escadaria de acesso ao palácio. Lembrou-se de ver um Achebe 2100, ainda em bom estado, preso numa das plataformas inferiores e perguntou:

— Aquela máquina que vimos no local de aterragem era sua, aquela com as forquilhas de coiro de boi?

Khora riu-se com vontade. — Aquela velha barça aérea? Não,

graças aos deuses! O meu *Mokele Nihemhe* é um dirigível de guerra, Tom. Todos os aliados da Liga fornecem um dirigível à Frota Aérea do Norte, e esses ficam todos guardados juntos, ali em cima. — Ele parou e apontou, e Tom viu o brilho de portas de bronze lá bem no alto, perto do cume da Muralha. — Nos Altos Ninhos das Águias.

— Um dia levamos-te lá acima, Tom — prometeu a Menina Fang, guiando-os para lá dos monges guerreiros que guardavam as portas, através de um labirinto de frios corredores de pedra. — Os grandes Destruidores Aéreos da Liga são uma das maravilhas dos céus! Mas primeiro o Governador Khan tem de ouvir a história de Hester.

O Governador Ermene Khan era um velhote simpático com um rosto longo e triste de ovelha mansa. Deu-lhes as boas-vindas nos seus aposentos privados e ofereceu-lhes chá e bolinhos de mel numa sala cujas janelas redondas davam para o lago de Batmunkh Nor, que brilhava por entre os campos de cultivo, à distância, lá em baixo. Durante milhares de anos a sua família ajudara a tratar da Muralha Escudo, e ele parecia confundido pelas notícias de que todas as suas armas e projecteis eram afinal inúteis. — Nenhuma metrópole consegue passar por Batmunkh Gompa — repetia ele, enquanto a sala se enchia de auxiliares ansiosos por ouvir os conselhos da aviadora. — Minha querida Feng Hua, se Londres se atrever a aproximar-se de nós, destruímo-la. Assim que estiver ao alcance das nossas armas: *bum!*

— Mas é isso que lhe estou a tentar dizer! — gritou a Menina Fang impacientemente. — Londres não tem de chegar a um local onde esteja ao alcance das nossas armas. O Crome estacionará a sua metrópole a cento e cinquenta quilómetros daqui e transformará a sua preciosa Muralha em cinzas! Ouviu a história de Hester. Penso que a máquina que o Valentine roubou à mãe dela era um fragmento de uma arma antiga; e o que aconteceu a Panzerstadt-Baviera prova que o Grémio dos Engenheiros conseguiu voltar a pô-la a funcionar.

— Sim, sim — disse um oficial de artilharia —, isso é o que você diz. Mas podemos realmente acreditar que o Crome descobriu uma forma de reactivar uma coisa que tem estado enterrada desde a Guerra dos Sessenta Minutos! Talvez Panzerstadt-Baviera tenha sido destruída por um acidente estranho qualquer.

— Sim! — disse o Governador Khan, confortado por aquela ideia. — Um meteorito, ou talvez uma fuga de gás qualquer... — Ele afagou a sua longa barba, fazendo Tom lembrar-se de um dos velhos Historiadores do Museu de Londres. — Talvez a metrópole de Crome nem sequer venha para aqui... talvez ele tenha outra presa em mente?

Mas os seus outros auxiliares estavam mais dispostos a acreditar

no relatório da Flor do Vento.

— Ele vem para aqui, podem ter a certeza — disse um deles, uma aviadora de Kerala, não muito mais velha que Tom. — Levei um dirigível de reconhecimento para oeste anteontem, Feng Hua — explicou ela, olhando para a Menina Fang com adoração. — A cidade bárbara estava a menos de oitocentos quilómetros daqui, e aproximava-se a grande velocidade. Amanhã à noite, podemos encontrar-nos no raio de acção da MEDUSA.

— E há relatos de quem tenha visto um dirigível negro nas montanhas — acrescentou o Capitão Khora. — Os dirigíveis enviados para o interceptar nunca regressaram. A minha aposta é que se tratava do *Elevador do 13.º Andar* do Valentine, enviado para espiar as nossas metrópoles, para que Londres as possa devorar.

Valentine! Tom sentiu uma estranha mistura de orgulho e medo ao pensar no Presidente dos Historiadores à solta aqui, no coração de Shan Guo. Ao seu lado, Hester pareceu tensa, ao ouvir o nome do explorador. Tom olhou para a rapariga, mas ela estava com os olhos fixos para além dele, pelas janelas abertas, observando as montanhas, como se estivesse à espera de ver o *Elevador do 13.º Andar* passar a voar diante dela.

— Nenhuma metrópole pode passar pela Muralha Escudo — disse o Governador Khan, leal aos seus antepassados, mas já não parecia tão convicto.

— Tem de lançar a Frota Aérea, Governador — insistiu a Menina Fang, inclinando-se para a frente no seu lugar. — Bombardeie Londres antes que eles possam trazer a MEDUSA até aqui. É a única maneira de ter a certeza.

— Não! — gritou Tom, pondo-se de pé num salto, de forma que a cadeira caiu para trás com estrondo. Não queria acreditar no que ela acabara de dizer. — Disse que vínhamos avisar as pessoas! Não podem atacar Londres! Vão ferir pessoas! Pessoas inocentes! — Ele estava a pensar em Katherine, imaginando os torpedos da Liga a embater na Casa de Clio e no Museu. — Você prometeu! — acrescentou sem grandes forças.

— Feng Hua não faz promessas a selvagens — retorquiu bruscamente a rapariga keralana, mas a Menina Fang fez sinal para ela se calar.

— Só queremos atingir a Entranha e os tractores, Tom — disse ela. — E depois a Plataforma Superior, onde está albergada a MEDUSA. Não queremos magoar pessoas inocentes, mas que mais podemos fazer, se uma metrópole bárbara decide ameaçar-nos?

— Londres não é uma metrópole bárbara! — gritou Tom. — Você é que são os bárbaros! Porque é que Londres não deve comer Batmunkh Gompa se precisa de o fazer? Se não gostam da ideia, deviam ter posto as vossas metrópoles sobre rodas há muito tempo, como as pessoas civilizadas!

Alguns oficiais da Liga gritavam-lhe, zangados, para ele se calar, e a rapariga keralana sacara da sua espada, mas a Menina Fang acalmou-os com algumas palavras e voltou o seu sorriso paciente para Tom. — Talvez seja melhor saíres daqui, Thomas — disse ela com firmeza. — Depois vou buscar-te.

Os olhos de Tom ardiam, cheios de lágrimas idiotas. Tinha pena daquelas pessoas, é claro que tinha. Ele via que não eram selvagens e já não acreditava que mereciam ser comidos, mas não podia ficar ali sentado a ouvi-los planear atacar a sua casa.

Voltou-se para Hester, na esperança de que ela o defendesse, mas ela estava perdida nos seus próprios pensamentos, os dedos tocando e voltando a tocar na cicatriz escondida por trás do véu vermelho. Sentia-se culpada e estúpida. Culpada, porque se sentira feliz no ar com Tom, e era errado estar feliz enquanto o Valentine andava por ali, incólume. Estúpida, porque, quando ele lhe deu o xaile, ela começara a ter esperanças de que o Tom gostasse realmente dela, e pensar no Valentine recordava-a que *ninguém* podia gostar dela, pelo menos não dessa forma... nunca. Quando o viu a olhar para ela, limitou-se a dizer: — Podem matar toda a gente de Londres, que eu não me importo, desde que guardem o Valentine para mim.

Tom virou-lhe as costas e saiu da Câmara Alta, e enquanto a porta se fechava atrás de si, ouviu a rapariga keralana sibilar: — Bárbaro!

Sozinho, ele deambulou até ao terraço onde os balões-táxi esperavam e sentou-se ali, num banco de pedra, sentindo-se zangado e traído e pensando em coisas que devia ter dito à Menina Fang, se ao menos tivesse pensado nelas a tempo. Por baixo dele, os telhados e terraços de Batmunkh Gompa estendiam-se até às sombras criadas pelas altas encostas brancas das montanhas, e pôs-se a tentar imaginar como seria viver ali e acordar todos os dias da sua vida olhando para a mesma paisagem. Os habitantes da Muralha Escudo não ansiavam por movimento, por uma mudança de cenário? Como é que eles sonhavam, sem as vibrações sonoras dos motores da metrópole para os embalar? Eles *amariam* aquele local? E de repente sentiu-se terrivelmente triste ao pensar que toda aquela metrópole antiga, colorida e cheia de vida podia dentro em breve não passar de lixo sob os tractores de Londres.

Queria ver mais. Dirigindo-se ao balão-táxi mais próximo, tentou

que o piloto percebesse que ele era convidado da Menina Fang e queria descer para a metrópole. O homem sorriu e começou a colocar no cesto pesos, que eram pedras que tirava de uma pilha colocada ali perto e, passado pouco tempo, Tom descia no ar, voltando a passar pelos muitos níveis da metrópole até chegar a uma espécie de praça central, onde dezenas de outros táxis subiam e desciam e de onde saíam lanços de escadas que se espalhavam pela parede da Muralha Escudo, subindo em direcção aos Altos Ninhos das Águias e descendo até às lojas e mercados dos níveis inferiores.

As notícias acerca da MEDUSA estavam a espalhar-se depressa por Batmunkh Gompa e já muitas das casas e lojas se encontravam trancadas e os seus donos fugidos para metrópoles mais a sul. Contudo, os níveis inferiores estavam ainda cheios de gente e enquanto o Sol se escondia cada vez mais por trás da Muralha, Tom vagueou pelos bazares lotados e pelas escadarias íngremes. Havia barraquinhas de videntes nas esquinas das ruas, e altares dedicados aos deuses do céu, cobertos pelo pó das cinzas dos paus de incenso. Acrobatas Uighur de ar feroz actuavam na praça central e, para onde quer que olhasse, via soldados e aviadores da Liga: gigantes louros de Spitzbergen, guerreiros azuis e negros das Montanhas da Lua, gente pequena e escura das colónias estáticas de Andean e gente da cor do fogo, das praças-fortes na selva do Laos e Annam.

Tentou esquecer que alguns daqueles jovens, homens e mulheres, podiam em qualquer momento vir a lançar bombas sobre Londres, e começou a apreciar a variedade de caras e a incompreensível mistura de línguas, e às vezes ouvia alguém dizer: «Tom!» ou «Thomasz!» ou «Tao-mah!», enquanto o apontavam para os amigos. A história da sua batalha com Shrike espalhara-se pelas montanhas, de posto de comércio em posto de comércio, e ele vinha aqui encontrá-la, em Batmunkh Gompa. Não se importava. Parecia que era um Thomas diferente, aquele de quem falavam, alguém corajoso e forte que percebera aquilo que tinha de ser feito e não sentira dúvidas.

Estava precisamente a perguntar-se se deveria voltar ao palácio do Governador e ir à procura de Hester, quando reparou numa figura alta que subia uma escadaria perto dele. O homem envergava um manto vermelho, esfarrapado, com o capuz puxado sobre o rosto, e trazia um bastão numa mão e uma mochila atirada sobre o ombro. Tom já vira dezenas destes peregrinos religiosos em Batmunkh Gompa; monges ao serviço dos deuses das montanhas que viajavam de metrópole em metrópole pelos desfiladeiros mais altos. (Lá em cima, no local de atracação, Anna Fang parara para beijar os pés de um deles e dera-lhe seis moedas de bronze para ele abençoar o *Jenny Haniver*.) Mas este homem era diferente; havia qualquer coisa nele que

atraiu o olhar de Tom e não mais o largou.

O rapaz começou a seguir o manto vermelho. Seguiu-o pelo mercado de especiarias com os seus milhares de odores espantosos, e por uma estreita Rua de Tecelões abaixo, onde centenas de cestos pendiam de postes baixos no exterior das lojas, como ninhos pendurados, que lhe tocavam no alto da cabeça quando lhes passava por baixo. Que tinha de especial a maneira daquele homem se mover, e aquela longa mão morena a agarrar o bastão?

E de repente, sob uma lanterna na praça central, o monge foi interceptado por uma rapariga da rua pedindo que a abençoasse, e Tom vislumbrou a cara barbuda que estava escondida no interior do capuz. Ele conhecia aquele nariz de falcão e aqueles olhos de marinheiro; ele sabia que o amuleto que pendia entre as sobrancelhas escondiam a familiar tatuagem do Grémio de um Historiador de Londres.

Era Valentine!

Capítulo 27

As Recordações

Do Doutor Arkengarth

Katherine passou muito tempo no Museu naqueles últimos dias, enquanto Londres avançava com estrépito para as montanhas. Abrigada naquele labirinto sombrio, não conseguia ouvir o som sibilante das serras que deitavam abaixo as últimas árvores de Circle Park para alimentar os motores, nem os aplausos das multidões barulhentas que se reuniam todos os dias em frente dos Ecrãs de Observação públicos onde os detalhes do grande plano de Crome iam sendo revelados aos poucos. Até conseguia esquecer o pessoal da segurança do Grémio dos Engenheiros que andava agora por todo o lado, não se constituindo apenas pelos habituais rufiões de casacos brancos, mas também por uma estranha nova raça que envergava casacos e capuzes negros, figuras silenciosas, de movimentos rígidos, com um vago brilho esverdeado por trás dos seus visores tingidos: os Homens Ressuscitados da Doutora Twix.

Mas se fosse honesta consigo mesma, não eram só a paz e o sossego que continuavam a atraí-la para o Museu. Bevis estava lá, com a sua cama emprestada estendida no chão da velha galeria de Transportes, sob as formas poeirentas de modelos de planadores e de máquinas voadoras, que pendiam do tecto. Precisava da sua companhia cada vez mais, à medida que a metrópole se deslocava para leste. Agradava-lhe o facto de ele ser o seu segredo. Gostava da sua voz suave, e do riso estranho que ele soltava sempre como se estivesse a fazer uma experiência de som, como se nunca tivesse tido ocasiões para se rir lá em baixo, na Entranha Profunda. Gostava da forma como ele olhava para ela, os olhos escuros demorando-se no rosto dela e sobretudo no seu cabelo. — Na verdade, nunca tinha conhecido alguém com cabelo até agora — disse-lhe ele uma vez. — No Grémio eles tratam-nos com químicos logo que somos aceites para aprendizagem, de maneira que o cabelo nunca volta a crescer.

Katherine pensou no escalpe pálido e macio dele. Ela também gostava disso. Ficava-lhe bem. Seria aquilo apaixonar-se? Nada de grande e espantoso que se percebesse logo, como numa história, mas uma coisa lenta que parecia ir tomando forma e conquistando-nos em pequenas ondas até que um dia acordávamos e descobríamos que alguém totalmente inesperado, como um Engenheiro Aprendiz, nos tinha dado a volta à cabeça?

Gostava que o Pai ali estivesse, para lhe poder perguntar.

Durante as tardes, Bevis envergava uma toga de Historiador, escondia a cabeça careca debaixo de um gorro e ia lá para baixo ajudar o Doutor Nancarrow, que estava ocupado a catalogar o enorme depósito de quadros e desenhos do Museu e a tirar-lhes fotografias, para o caso de o Presidente da Câmara decidir atirá-los também a eles para as fornalhas. Então, Katherine passeava pelo Museu com o Cão atrás dela, procurando coisas que o seu pai desenterrara. Máquinas de lavar, pedaços de computadores, a caixa torácica ferrugenta de um Caçador, todos esses objectos tinham etiquetas nas quais se lia: «*Descoberto pelo Sr. T. Valentine, Arqueólogo*». Imaginava-o a levantá-los cuidadosamente do solo que os guardara, a limpá-los, a embrulhá-los em tecido forte de algodão, para os transportar de volta para Londres. *Deve ter feito a mesma coisa com o fragmento da MEDUSA quando o descobriu*, pensou ela. Depois murmurou orações a Clio, certa de que a deusa devia estar presente nestas salas cheias de memórias do passado.

— *Londres precisa dele! Eu preciso dele! Por favor, trá-lo de volta em segurança, e depressa...*

Mas foi o Cão, e não Clio, que a guiou até à secção de História Natural naquela tarde. Ele vira, no lado oposto do corredor, uma vitrina cheia de animais empalhados e fora lá rondar, para os observar, um rosnido a vibrar-lhe na garganta. O velho Doutor Arkengarth, que passava pela galeria a caminho de casa, recuou, nervoso, mas Kate disse: — Está tudo bem, Doutor! Ele não faz mal nenhum! — E ajoelhou-se ao lado do Cão, olhando para cima para os tubarões e golfinhos que balouçavam sobre a sua cabeça e para a grande forma imponente da baleia, que fora retirada das suas cordas penduradas do tecto e presa contra a parede do lado oposto antes que as vibrações a atirassem para o chão.

— Impressionante, não é? — disse o Doutor Arkengarth, sempre pronto para iniciar uma conferência. — Uma baleia azul. Caçada até à extinção na primeira metade do século XXI. Ou possivelmente do século XX: os registos não são claros a esse respeito. Nem sequer saberíamos como ela era, se a Senhora Shaw não tivesse descoberto esses ossos fossilizados...

Katherine estivera a pensar noutra coisa, mas o nome «Shaw» fê-la olhar em seu redor. Na vitrina para a qual apontava Arkengarth havia uma prateleira onde se encontravam expostos uns ossos acastanhados e, encostada a uma vértebra, estava uma etiqueta que dizia: «*Ossos de Uma Baleia Azul, Descobertos pela Senhora P. Shaw, Arqueóloga por Conta Própria*».

Pandora Shaw, pensou Katherine, recordando o nome que vira no

catálogo do Museu. *Não Hester. É claro que não.* Mas só para tirar o Dr. Arkengarth da velocidade de lição, disse: — Conheceu-a? A Pandora Shaw?

— A Senhora Shaw, sim, sim — assentiu o velhote. — Uma senhora adorável. Era uma arqueóloga do Terreno Exterior, uma amiga do seu pai. Claro, nessa altura o seu nome era Rae...

— Pandora Rae? — Katherine conhecia esse nome. — Então ela era a assistente do Pai na viagem à América! Vi a fotografia dela no livro dele!

— Tem razão — disse Arkengarth, franzindo ligeiramente o sobrolho por causa da interrupção. — Uma arqueóloga, como eu disse. Especializou-se em Tecnologia Antiga, claro, mas também trazia outras coisas quando as encontrava... como estes ossos de baleia. Mais tarde casou-se com um tal Shaw e foi viver com ele numa ilhota qualquer no oceano ocidental. Pobre rapariga. Uma tragédia. Terrível. Terrível.

— Ela morreu, não foi? — disse Katherine.

— Ela foi assassinada! — disse Arkengarth erguendo as sobrancelhas com um ar dramático. — Há seis ou sete anos. Soubemos através de outro arqueólogo. Assassinada na sua própria casa, e o marido dela também. Um caso terrível. Mas, minha querida, você está bem? Parece que viu um fantasma!

Mas Katherine não estava bem. Na sua cabeça todas as peças do puzzle se encaixavam rapidamente. *Pandora Shaw foi assassinada, há sete anos, na mesma altura que o Pai encontrou a máquina... Pandora, a aviadora, a arqueóloga, a mulher que estivera com ele na América quando ele encontrou os planos da MEDUSA. E agora uma rapariga chamada Shaw que quer matar o Pai...*

Ela sentiu-se como se tivesse perdido a fala, mas por fim, lá perguntou:

— Ela teve uma filha?

— Penso que sim, penso que sim — ponderou o velhote. — Sim, lembro-me da Senhora Shaw me mostrar uma fotografia quando apareceu cá com umas cerâmicas para o meu departamento. Umas peças fantásticas. Um vaso decorado da Era dos Impérios Eléctricos, o melhor do seu género que tenho na minha colecção...

— Lembra-se do nome?

— Ah, sim, deixe-me ver... EE27190, se não me engano.

— Não é o nome do vaso! O nome do bebé!

O grito impaciente de Katherine ecoou pela galeria e pelos salões

para lá dela, e o Doutor Arkengarth pareceu primeiro assustado, depois ofendido. — Bem, sinceramente, Menina Valentine, não vale a pena zangar-se! Como havia eu de me lembrar do nome da criança? Foi há quinze ou dezasseis anos, e eu nunca gostei de bebês; criaturas horríveis, vertem por todos os lados e não têm o mínimo respeito pelas cerâmicas. Mas penso que esta em particular se chamava Hattie ou Holly ou...

— Hester! — soluçou Katherine e voltou-lhe as costas fugindo a correr, com o *Cão* atrás de si, correu e correu sem saber para onde nem porquê, pois não havia maneira de fugir da terrível verdade. Sabia como é que o Pai arranjava a chave para a MEDUSA e porque nunca tinha falado disso. E por fim sabia porque é que a pobre Hester Shaw o tinha querido matar.

Capítulo 28

Um Estranho Nas Montanhas Do Céu

A mão de Valentine traçou formas subtis e complicadas no ar, sobre a cabeça curvada da rapariga e a expressão facial dela era calma e sorridente, longe de suspeitar que estava a ser abençoada pelo pior inimigo da Liga.

Tom observou a cena escondido atrás de um altar à deusa do céu. Os seus olhos sempre souberam quem era o monge do manto vermelho, e agora o seu cérebro apercebia-se disso, no meio de uma confusão de informações sensoriais. O Capitão Khora dissera que o *Elevador do 13.º Andar* tinha andado a rondar as montanhas. Deve ter deixado Valentine nos penhascos junto a Batmunkh Gompa e ele fizera o resto do percurso a pé, penetrando na cidade como um ladrão. Mas porquê? Que missão secreta o podia ter trazido até aqui?

Tom não sabia o que sentir. Estava assustado, claro, por estar tão perto do homem que tinha tentado assassiná-lo, mas ao mesmo tempo sentia-se impressionado pela audácia de Valentine. Que coragem deve ter sido necessária para entrar furtivamente na grande praça-forte da Liga, debaixo dos narizes dos inimigos de Londres! Era o tipo de aventuras sobre as quais Valentine escrevia, nos livros que Tom lia e relia, aconchegado debaixo dos cobertores, no dormitório dos Aprendizes de Terceira Classe à luz de uma lanterna, muito depois de as luzes terem sido apagadas.

Valentine acabou a bênção e avançou. Por um momento, Tom perdeu-o de vista por entre a multidão da praça, mas depois descobriu o manto vermelho subindo a grande escadaria central. Seguiu-o a uma distância razoável, passando por pedintes, guardas e vendedores de comida quente, nenhum dos quais adivinharia que a figura sob os mantos vermelhos era muito mais do que um desses malucos homens sagrados. Valentine tinha agora a cabeça curvada e subia rapidamente, por isso Tom não se sentiu nada ameaçado e acelerou o ritmo, caminhando a vinte, trinta passos dele. Mas ainda não sabia o que fazer. Hester merecia saber que o assassino dos seus pais estava ali. Deveria ele ir à procura da rapariga? Contar-lhe? Mas Valentine devia estar numa missão importante para Londres, talvez recolhendo informações para que os Engenheiros soubessem exactamente para onde apontar a MEDUSA. Se Hester o matasse, Tom teria traído toda a sua metrópole...

Continuou a subir, ignorando a dor das suas costelas partidas. À sua volta, os terraços de Batmunkh Gompa encontravam-se cheios de

lanternas e candeeiros, e o interior dos sacos de ar dos balões-táxi brilhava enquanto estes subiam e desciam, como estranhas criaturas marítimas nadando em volta de um recife de coral. E lentamente foi-se apercebendo de que não queria que Valentine cumprisse a sua missão, fossem quais fossem os seus planos. Londres não era melhor do que Tunbridge Wheels, e este lugar era antigo e lindo. Não o deixaria ser destruído!

— É o Valentine! — gritou, desatando a correr pelas escadas acima, tentando avisar do perigo as pessoas que passavam. Mas elas limitavam-se a olhar para ele sem perceberem, e quando por fim ele alcançou o homem do manto vermelho e lhe puxou o capuz para baixo, deparou-se-lhe a cara redonda e assustada de um monge peregrino pestanejando para ele.

Olhou em volta como um louco e percebeu aquilo que acontecera. Valentine subira uma escadaria diferente ao sair da praça central, deixando Tom a seguir o manto vermelho errado. Voltou a descer a correr. Valentine mal se via, um ponto vermelho subindo à luz de lanternas até aos locais mais altos da metrópole... e aos ninhos das águias dos grandes destruidores aéreos. — É o Valentine! — gritou Tom, apontando, mas nenhuma das pessoas à sua volta sabia falar anglo; alguns achavam que ele estava doido, outros acharam que o que ele queria dizer era que a MEDUSA estava prestes a atacar. Uma onda de pânico espalhou-se pela praça, e passados poucos segundos ouviu gongos de aviso a ecoarem pelos terraços de lojas e estalagens cheios de gente, que se encontravam abaixo dele.

O seu primeiro pensamento foi encontrar Hester, mas não fazia ideia de onde procurar. Depois correu para um balão-táxi e disse à piloto: — Siga aquele monge! — Mas a mulher sorriu e abanou a cabeça, sem entender. — Feng Hua! — gritou Tom, lembrando-se do nome pelo qual Anna Fang era conhecida na Liga, e a motorista-piloto assentiu e sorriu, levantando voo. Ele tentou acalmar-se, enquanto o balão subia. Encontraria a Menina Fang. A Menina Fang saberia o que fazer. Lembrou-se de como ela lhe confiara o *Jenny* durante o voo sobre as montanhas, e sentiu-se envergonhado por se ter voltado contra ela na reunião do conselho.

Estava à espera de que o táxi o levasse para o palácio do governador, mas em vez disso, aterrou perto do terraço onde o *Jenny Haniver* se encontrava ancorado. A piloto apontou para uma estalagem que estava presa à parte de baixo do terraço como um ninho de andorinhão. — Feng Hua! — disse ela, para ajudar. — Feng Hua!

Por um segundo de puro pânico Tom pensou que ela o trouxera até uma estalagem com o mesmo nome da Menina Fang, mas depois,

numa das muitas varandas do estabelecimento, viu o casaco vermelho, cor de sangue, da aviadora. Atirou todo o dinheiro que tinha à piloto, gritando: — Fique com o troco! — e deixou-a a olhar estupefacta para as caras desconhecidas de Quirke e Crome enquanto ele se afastava a correr.

A Menina Fang encontrava-se sentada numa mesa da varanda com o Capitão Khora e a implacável jovem aviadora keralana que reagira tão mal à explosão de Tom. Estavam a beber chá e totalmente absorvidos pela conversa, mas todos deram um salto quando Tom entrou de rompante pela varanda.

— Onde é que está a Hester? — perguntou.

— Nas plataformas de atracação, com um dos seus acessos de mau humor — disse a Menina Fang. — Porquê?

— Valentine! — exclamou o rapaz. — Ele está aqui! Disfarçado de monge!

Os músicos da estalagem pararam de tocar, e o som dos gongos de alarme na parte inferior da cidade entrou pelas janelas abertas.

— Valentine, aqui? — escarneceu a rapariga keralana. — É mentira! O bárbaro pensa que nos pode assustar!

— Cala-te, Sathya! — A Menina Fang inclinou-se para a frente e agarrou no braço de Tom. — Ele está sozinho?

Tão depressa quanto pode, Tom contou-lhe o que vira. Ela soltou um assobio por entre os dentes cerrados.

— Ele vem atrás da nossa Frota Aérea! Pretende deixar-nos indefesos!

— Um homem só pode lá destruir a Frota Aérea! — protestou Khora, sorrindo perante aquela ideia.

— Nunca viste o Valentine em acção! — disse a aviadora. Ela já estava de pé, excitada pela perspectiva de cruzar espadas com o maior agente de Londres. — Sathya, vai avisar a guarda, diz-lhes que os Altos Ninhos das Águias se encontram em perigo. — Depois voltou-se para Tom. — Obrigada por nos teres avisado — disse, amável, como para mostrar que entendia a dificuldade da decisão que ele tivera de tomar.

— Tenho de contar à Hester! — protestou.

— É claro que não! — disse-lhe ela. — A única coisa que vai conseguir é acabar morta, ou matar o Valentine, e eu quero-o vivo para o interrogar. Fica aqui até tudo isto estar terminado.

Com um último sorriso impiedoso, ela partiu, descendo as escadas

e saindo da estalagem onde o pânico se instalara, com Khora atrás dela. Ela parecia cruel, perigosa e linda, e Tom sentiu-se tocado pelo mesmo sentimento de amor incondicional que sabia que Khora, a rapariga keralana e o resto da Liga sentiam por ela.

Mas depois pensou em Hester, e no que ela diria quando soubesse que ele vira Valentine e nem sequer lhe tinha dito. — Grande Quirke! — gritou, de repente. — Vou encontrá-la! — Sathya estava ali parada a olhar para ele e já não parecia implacável, mas apenas assustada e muito jovem, e ele, correndo para as escadas, gritou-lhe: — Ouviste o que a Menina Fang disse! Activa o alarme!

De volta às escadarias escuras, desceu para a plataforma de atracação onde estava ancorado o *Jenny Haniver*. — Hester! Hester! — gritou, e ali estava ela, dirigindo-se para ele através do brilho das luzes de aterragem, segurando o xaile vermelho para cima, para esconder o rosto. Ele contou-lhe tudo, e ela recebeu as notícias com o olhar frio e silencioso que ele esperara. Depois foi a vez de ela correr, e ele seguiu-a pela interminável escadaria acima.

A Muralha parecia criar o seu próprio clima. Enquanto Tom e Hester se aproximavam do cimo, o ar tornava-se mais rarefeito e frio, e grandes flocos de neve tocavam-lhes na cara, como asas de borboletas. Conseguiram ver a luz de uma lanterna numa extensa plataforma em frente, onde um grande dirigível de carga, a gás, descolava dos Altos Ninhos das Águias completamente vazio. Então uma incrível língua de chamas saiu disparada da parede da Muralha, e depois outra e outra, como se fossem dragões, e não dirigíveis, que ali estavam abrigados. Apanhado por aquele disparo, o balão do cargueiro explodiu, com pára-quadras a abrirem-se em volta dele enquanto começava a cair. Hester parou por um momento e olhou para trás, com as chamas brilhando-lhe no olho.

— Ele conseguiu! Já vamos tarde de mais! Ele incendiou a Frota Aérea deles!

Continuaram a correr. As costelas de Tom doíam-lhe cada vez que respirava, e o ar frio queimava-lhe a garganta, mas ele manteve-se o mais perto de Hester que conseguia, abrindo caminho por entre a neve ao longo de uma estreita passagem até à plataforma no exterior dos ninhos das águias. Os portões de bronze encontravam-se escancarados e uma multidão de homens saía em bloco, cobrindo as faces para as proteger do calor e das chamas que ardiam no interior. Alguns deles arrastavam camaradas feridos, e perto da porta principal Tom viu Khora, que estava a ser tratado por dois membros da tripulação terrestre.

O aviador olhou para cima quando Tom e Hester se chegaram

junto dele. — Valentine! — gemeu ele. — Conseguiu passar pelas sentinelas, enganando-as, dizendo que queria abençoar os nossos dirigíveis. Estava a colocar os seus explosivos quando a Anna e eu chegámos. Oh, Tom, nunca pensámos que mesmo um bárbaro tentasse uma coisa destas! Não estávamos preparados! Toda a nossa Frota Aérea... o meu pobre *Mokele Mbembe*... — Começou a tossir, cuspido sangue. A espada de Valentine trespassara-lhe o pulmão.

— E a Menina Fang? — perguntou Tom.

Khora abanou a cabeça. Não sabia. Hester avançava já para o interior infernal dos hangares, ignorando os homens que a chamavam para ela voltar para trás. Tom correu atrás dela.

Era como correr para dentro de um forno. Teve a impressão de estar dentro uma enorme caverna, com cavernas mais pequenas nascendo no seu interior, que constituíam os hangares onde os dirigíveis de guerra da Liga se abrigavam. Valentine devia ter ido rapidamente de um dirigível para o outro, colocando bombas de fósforo. Agora só os esqueletos deformados das aeronaves se viam no meio das labaredas incandescentes. — Hester! — gritou Tom, e a sua voz parecia perder-se no meio do rugido das chamas, mas podia distinguir Hester, um pouco à frente dele, descendo rapidamente por um túnel estreito que conduzia ainda mais para o interior da Muralha. *Não vou segui-la ali para dentro!*, pensou. *Se ela quer entrar naquela ratoeira e ficar assada, o problema é dela...*, mas ao virar-se para trás, para a segurança da plataforma, as munições presas às barquinhas dos dirigíveis em chamas começaram a incendiar-se, e de repente surgiram mísseis e balas a voar por todo o lado, explodindo contra as paredes de pedra e bramindo pelo ar à sua volta. O túnel estava mais perto do que a entrada principal, e ele enfiou-se lá dentro, murmurando orações a todos os deuses de que se conseguia lembrar.

De algum lado em frente dele chegava-lhe ar puro, e percebeu que a passagem devia abrir caminho pelo interior da Muralha, conduzindo a um dos espaços para armas na parede ocidental.

— Hester? — gritou.

A única resposta foram os ecos, misturados com os rugidos do fogo que ardia no hangar. Ele continuou a avançar. Numa bifurcação do túnel jazia uma forma encolhida no chão, um jovem aviador cortado pela espada de Valentine. Tom deu um suspiro de alívio ao perceber que não era Hester, nem a Menina Fang, e depois sentiu-se culpado, porque o pobre homem morrera.

Ele estudou o túnel que se dividia diante dele. Por que lado devia ir?

— Hester? — gritou com nervosismo. Ecos. Uma bala perdida vinda do hangar, passou a grande velocidade, fazendo faíscas na pedra mesmo junto da sua cabeça. Escolheu depressa o caminho e baixou-se, enfiando-se pela passagem do lado direito.

Agora ouvia-se outro som, mais próximo e agudo que o rugido monótono dos incêndios. Um som ténue, semelhante ao de pássaros, o som de metal a bater em metal. Tom desceu um escorregadio lança de escadas a correr, viu luz à sua frente e correu nessa direcção. Saiu para o frio e a neve numa larga plataforma onde uma bateria de mísseis apontava para ocidente. As chamas de um braseiro de ferro ardiam ao sabor do vento, iluminando as antigas ameias, os corpos mortos do pessoal da equipa dos mísseis, e o brilho selvagem das espadas, enquanto Valentine e a Menina Fang lutavam um contra o outro, saltando para a frente e para trás sobre a neve espezinhada.

Tom escondeu-se nas sombras da boca do túnel e, apertando as suas costelas doridas, ficou a observar. Valentine lutava de forma magnífica. Rasgara os seus mantos de monge, exibindo agora uma camisa branca, calções negros e grandes botas negras, defendia-se, atacava e desviava-se com elegância dos golpes da aviadora... mas era evidente para Tom que o homem encontrara um adversário à altura. Empunhando a sua longa espada, tanto com uma mão como com a outra, a Menina Fang fê-lo recuar em direcção à bateria de foguetes e aos corpos dos homens que ele matara, antecipando cada um dos seus golpes, fintando e balouçando, saltando para o ar de forma a evitar um golpe a baixa altura, de costas, até que por fim arrancou a espada das mãos dele. Valentine pôs-se de joelhos para a tentar alcançar, mas a lâmina dela encontrava-se já encostada à sua garganta, e Tom viu um escuro fio de sangue começar a cair, sujando o colarinho da camisa dele.

— Muito bem! — disse, fazendo o mesmo sorriso de que Tom se lembrava naquela noite na Entranha, um sorriso amável, divertido e absolutamente sincero. — Muito bem, Feng Hua!

— Cala-te! — disse ela bruscamente. — Isto não é um jogo...

Valentine riu-se.

— Pelo contrário, minha querida Flor do Vento, é o maior jogo de todos, e a minha equipa parece estar a ganhar. Não reparaste que a vossa Frota Aérea está a arder? Realmente, deviam ter aumentado os vossos processos de segurança. Suponho que, porque a Liga tem visto as coisas correrem-lhe de feição no último milénio, pensam que podem descansar sobre os louros. Mas o mundo está a mudar...

Ele está a tentar ganhar tempo, pensou Tom. Mas não conseguia perceber porquê. Encurralado nesta plataforma elevada, desarmado,

sem hipóteses de fuga, que esperava Valentine ganhar, escarnecendo da aviadora daquela maneira? Perguntou a si mesmo se deveria avançar, pegar na espada caída e ficar junto da Menina Fang até chegar ajuda, mas havia alguma coisa tão poderosa e perigosa em Valentine, mesmo na derrota, que ele não se atreveu a mostrar-se. Escutou, esperando poder ouvir os sons dos soldados a descerem o túnel, e interrogando-se sobre aquilo que teria acontecido a Hester. A única coisa que conseguia ouvir era o clamor dos gongos distantes e sinos de incêndio vindos do lado oposto da Muralha, e a voz insinuante e trocista de Valentine.

— Devia vir trabalhar para Londres, minha querida. Afinal de contas, amanhã, por esta altura, a Muralha Escudo não passará de um monte de lixo. Precisar-se-á de um novo patrão. A sua Liga está acabada...

E luzes caíram do céu. O raio feroz dos holofotes de um dirigível percorreu a neve. A aviadora recuou, ofuscada, e Valentine saltou para a frente, agarrando na sua espada, e puxando a mulher até ele com violência enquanto lhe espetava a espada no corpo. Por um instante, ficaram os dois agarrados um ao outro, como dançarinos bêbedos no final de uma festa, suficientemente perto do esconderijo de Tom para que ele conseguisse ver a lâmina brilhante a sair pela parte de trás do pescoço da Menina Fang e ouvir o murmúrio desesperado e abafado dela: — A Hester Shaw vai encontrar-te. Ela vai encontrar-te e... — Depois Valentine puxou a espada para trás, soltando-a, e deixou a aviadora cair, virando-se para trás e saltando para cima das ameias, enquanto o *Elevador do 13.º Andar* descia, saindo de trás dos ofuscantes holofotes.

Capítulo 29

Regresso A Casa

O dirigível negro estivera a flutuar em silêncio, cavalcando o vento até este encontro nas alturas, enquanto os defensores de Batmunkh Gompa se ocupavam dos incêndios e explosões. Agora os seus motores ganhavam vida, desfazendo os flocos de neve que pairavam pelo ar e abafando o grito de terror de Tom.

Valentine avançou sobre o cano de um lança-mísseis de forma tão ágil como um ginasta sobre uma barra e saltou, voando de braços abertos pelo ar até as suas mãos encontrarem a escada de corda que Pewsey e Gench tinham baixado para ele. Agarrando-a, balouçou-se para cima e entrou na barquinha.

Tom correu para a frente, e ficou imerso numa súbita escuridão no momento em que os holofotes se apagaram. Mísseis disparados pelas baterias dos níveis superiores explodiram contra a pele dura do *Elevador*. Um rebentou com alguns vidros da barquinha, mas o dirigível negro estava já a avançar para longe da Muralha. O ar atirado para trás pelos seus propulsores chocou com a cara de Tom enquanto este se ajoelhava ao lado de Anna Fang, abanando-a, ainda com alguma esperança de a conseguir despertar. — Não é justo! — soluçou. — Ele esperou até estar encandeada! Você ganhou-lhe! — A aviadora não disse nada. Olhava para além dele, com um ar de surpresa estupefacta, os olhos tão mortos como seixos secos.

Tom sentou-se ao seu lado sobre a neve vermelha e tentou pensar. Supunha que agora teria de abandonar Batmunkh Gompa, fugir depressa antes que Londres chegasse, mas só a ideia de retomar caminho deixava-o cansado. Estava farto de ser atirado pelo mundo inteiro, de um lado para o outro, por causa dos planos de outras pessoas. Uma raiva surda e ardente começou a apoderar-se dele ao pensar em Valentine, regressando a casa para ser recebido como um herói. Valentine era o culpado de tudo aquilo! Fora Valentine quem arruinara a sua vida, e a de Hester, e quem pusera fim a tantas outras. Fora Valentine quem dera ao Grémio dos Engenheiros a MEDUSA. Hester tinha razão; ele devia tê-la deixado matar o homem quando ela tivera oportunidade...

Ouviu-se um barulho no lado oposto da plataforma e ele olhou para cima e viu uma massa negra de braços, pernas e casaco que se soltava muito depressa, como uma enorme aranha caída do tecto. Era Hester, que virara para o lado errado quando corria atrás de Valentine e saíra num abrigo de observação lá no alto. Agora ali estava ela,

tendo descido dez metros de muralha coberta de neve com dificuldade e caído os restantes três metros. O seu olho focou por um momento a aviadora caída, depois virou-se e dirigiu-se às ameias, olhando lá para fora, para a escuridão e para a neve dançando ao vento. — Devia ter sido eu — Tom ouviu-a dizer. — Pelo menos eu havia de certificar-me de que o levava comigo.

Tom observou-a. Ele estava tenso, enjoado e a tremer, pela dor e pela raiva que sentia no íntimo e percebeu que talvez fosse assim que ela se sentia, que ela sempre se sentira, desde que Valentine matara os seus pais. Era uma sensação horrível e ele só imaginava uma forma de lhe pôr fim.

Procurou sob o colarinho do casaco de Anna, encontrou a chave presa ao seu fio e arrancou-a. Depois levantou-se, dirigiu-se até onde Hester se encontrava e envolveu-a nos seus braços. Era como abraçar uma estátua, tão rígida e tensa ela estava, mas ele precisava de se agarrar a qualquer coisa, por isso abraçou-a na mesma. Sobre eles, ainda se ouviam armas que disparavam, na esperança vã de acertar no *Elevador do 13º Andar*. Ele pôs a cara junto do ouvido de Hester e gritou mais alto que o barulho em volta. — Vamos para casa!

Ao ouvir aquilo ela virou-se para ele, intrigada e ligeiramente aborrecida. — Endoideceste?

— Não percebes? — gritou, rindo-se da ideia maluca que acabara de lhe passar pela cabeça. — Alguém tem de o fazer pagar! Tinhas razão; não te devia ter impedido daquela vez, mas estou feliz por tê-lo feito, porque a Polícia da Entranha matava-te e depois nós nunca nos teríamos conhecido. Agora posso ajudar-te a chegar até ele, e depois ajudar-te a fugir. Vamos regressar a Londres! Agora! Juntos!

— Tu endoideceste *mesmo* — disse Hester, mas apesar disso acompanhou-o, ajudando-o a encontrar um caminho de regresso à Muralha Escudo, enquanto soldados passavam a correr por eles, assustados, suados e já demasiado tarde, gritando de espanto ao verem os cadáveres na plataforma de lançamento de mísseis.

O céu nocturno sobre Batmunkh Gompa estava cheio de fumo e de pedaços queimados de tecido de balão. Ainda ardiam os fogos nos Altos Ninhos das Águias, mas as estradas no vale já se encontravam cobertas de constelações de pequenas luzes, as lanternas de refugiados que se espalhavam pelas montanhas como água abrindo caminho por uma barragem rebentada. Com a morte da sua Frota Aérea, a Muralha Escudo estava acabada, e os seus habitantes fugiam tão depressa quanto os seus pés, mulas, carros de bois ou balões de carga lhes permitiam.

Lá em baixo, na plataforma de atracação, os dirigíveis já estavam

a levantar voo para o céu fumarento, dirigindo-se para sul. A rapariga keralana, Sathya, estava a tentar reunir uns soldados em pânico, soluçando: — Fiquem e defendam a Muralha! A Frota Aérea do Sul virá reforçar-nos! Podem aqui chegar em menos de uma semana! — Mas toda a gente sabia que por essa altura já Batmunkh Gompa não existiria, e Londres estaria a avançar para sul por entre as terras do centro da Liga. — Fiquem e defendam a Muralha! — implorava ela, mas os dirigíveis continuavam a levantar voo sobre ela, a levantar voo sobre ela.

O *Jenny Haniver* continuava ancorado, silencioso, escuro. A chave que Tom tirara do corpo de Anna Fang entrou suavemente na fechadura da escotilha da frente, e segundos depois ele encontrava-se de pé no convés de voo, olhando para os controlos. Havia muitos mais do que aquilo de que ele se lembrava.

— Tens a certeza de que consegues fazer isto? — perguntou Hester calmamente.

— Claro — disse Tom. Tentou ligar alguns interruptores. A escotilha voltou a abrir-se, as luzes da cabina acenderam-se, a máquina de café começou a fazer um barulho que parecia um cão bem-educado a aclarar a voz e um pequeno barco salva-vidas insuflável caiu do tecto, atirando Tom ao chão.

— A certeza absoluta? — perguntou ela, ajudando-o a levantar-se. Tom assentiu. — Costumava construir pequenos dirigíveis em modelo quando era pequeno, por isso percebo os princípios básicos. E a Menina Fang mostrou-me os controlos quando estávamos nas montanhas... só gostava era que ela tivesse etiquetado isto tudo em anglo.

Parou para pensar um momento, depois puxou uma outra alavanca, e desta vez os motores ganharam vida. Lá fora, na plataforma de atracação, as pessoas começaram a olhar, e algumas fizeram o sinal contra o mal; tinham ouvido falar da morte de Feng Hua e pensavam se seria o seu fantasma que se encontrava a bordo do *Jenny Haniver*. Mas Sathya viu Tom e Hester aos comandos do dirigível e veio a correr até junto deles.

Temendo que ela os impedisse de levantar voo, Tom procurou à pressa a alavanca que mudava a posição dos motores. Os rolamentos rangeram enquanto se colocavam em posição de partida. Ele riu-se, deliciado pela forma como o dirigível respondia ao toque das suas mãos nos controlos, ouvindo os familiares estalidos e sopros das válvulas de gás, algures sobre as suas cabeças e o som dos ganchos de atracação a desprender-se. As pessoas agitavam os braços e gritavam, e Sathya sacou de uma pistola, mas no último momento o Capitão

Khora entrou aos tropeções na plataforma, apoiado por um dos membros da sua tripulação, e com delicadeza tirou-lhe a arma da mão. Ele olhou para Tom, erguendo uma mão para lhe desejar boa sorte, e o surpreendente tom cor-de-rosa da sua palma e dos dedos foi aquilo que ficou na memória de Tom enquanto o dirigível balouçava, instável, e subia para o céu, por entre o fumo dos Altos Ninhos das Águias. Ele lançou um último olhar para baixo, para Batmunkh Gompa, e depois conduziu o dirigível sobre a Muralha Escudo, apontando-lhe o nariz para oeste.

Ele ia regressar a casa.

Capítulo 30

Recebido Como Um Herói

As nuvens que tinham deixado cair a sua neve sobre Batmunkh Gompa foram empurradas pelo vento para oeste e levaram ainda mais chuva para Londres, de modo que ainda chovia quando o *Elevador do 13.º Andar* chegou a casa, no início da tarde do dia seguinte. Não havia multidões à espera para o receber. Os relvados ensopados de Circle Park estavam desertos, apenas se viam alguns trabalhadores do Departamento de Reciclagem que estavam a cortar as últimas árvores, mas o Grémio dos Engenheiros fora avisado do regresso de Valentine, e quando o grande dirigível desceu de frente para o brilho molhado das luzes de aterragem, eles correram para a placa, com a chuva caindo sobre as suas cabeças calvas e as luzes reflectindo-se nos seus casacos.

Katherine observou da janela do seu quarto enquanto a tripulação terrestre ajudava à descida do dirigível e os entusiasmados Engenheiros se aproximavam mais. Primeiro abriam-se as escotilhas da barquinha. Depois Magnus Crome avançava, com um criado que segurava um guarda-chuva branco de borracha sobre a cabeça dele e então, descendo a prancha de desembarque, vinha o Pai, e via-se logo que era ele, mesmo àquela distância, pela sua estatura, o andar confiante, e pela forma como a sua capa multiestações se levantava e esvoaçava soprada pela brisa crescente.

Quando o viu, Katherine ficou profundamente embaraçada, como se o seu coração estivesse quase a explodir de tristeza e raiva. Lembrava-se de como tinha querido ser a primeira pessoa a saudá-lo quando ele voltasse a pôr os pés a bordo da metrópole. *Agora* não tinha a certeza se conseguiria sequer falar com ele.

Através do vidro molhado, viu-o conversar com Crome, assentindo com a cabeça e rindo-se. Uma multidão de casacos brancos esconderam-no da vista dela por um instante, e quando o voltou a ver, ele afastara-se do Presidente da Câmara e dirigia-se a passos largos através dos relvados ensopados para a Casa de Clio, sem perceber porque não tinha estado ela na doca a recebê-lo.

Por um momento a rapariga entrou em pânico, e quis esconder-se, mas o Cão estava com ela, e deu-lhe a força de que ela precisava. Fechou as persianas de casca de tartaruga e esperou até ouvir os passos do Pai nas escadas, e depois o Pai a bater à porta.

— Kate? — E ela escutou a voz baixa dele. — Kate, estás aí? Quero contar-te as minhas aventuras! Acabei de chegar das neves de

Shan Guo, com muitas histórias maçadoras para te contar! Kate? Estás bem?

Ela abriu apenas uma fresta da porta. Ele ficou à entrada, pingando tudo por causa da chuvada que apanhara, perdendo o sorriso ao ver a sua cara chorosa e de quem não dormira.

— Kate, está tudo bem! Estou de volta!

— Eu sei — disse ela. — E não está tudo bem. Quem me dera que tivesses morrido nas montanhas.

— O quê?

— Sei tudo sobre ti — disse-lhe ela. — Percebi aquilo que fizeste à Hester Shaw.

Ela deixou-o entrar e fechou a porta, chamando o *Cão*, com voz áspera, quando ele correu para o receber. Estava escuro no quarto, com as persianas fechadas, mas ela viu o Pai olhar para o monte de livros colocados sobre a mesa do canto, e depois para ela. Havia uma ferida acabada de fazer no pescoço dele e sangue na camisa. Ela enrolou um dedo no cabelo emaranhado e fez tudo para tentar não voltar a chorar.

Valentine sentou-se na cama por fazer. Todo o percurso desde Batmunkh Gompa, a última promessa de Anna Fang estivera a ecoar num canto da sua mente: *A Hester Shaw vai encontrar-te*. Chegar aqui e ver o mesmo nome ser-lhe atirado à cara, por Katherine, era como espetar-lhe uma faca no coração.

— Oh, não precisas de te preocupar — disse Katherine, com azedume. — Mais ninguém sabe. Eu soube o nome da rapariga, percebes. E o Doutor Arkengarth contou-me como a Pandora Shaw foi assassinada, e eu já descobrira que ela tinha morrido há sete anos, mais ou menos quando regressaste daquela expedição e o Presidente da Câmara ficou tão contente contigo, por isso juntei tudo e...

Ela encolheu os ombros. O rasto fora fácil de seguir depois de ter todas as pistas. Pegou num livro que tinha estado a ler e mostrou-lhe. Era *Aventuras num Continente Morto*, relato feito por ele da sua viagem à América. Ela apontou para uma cara numa fotografia de grupo da expedição: uma aviadora que se encontrava ao lado dele, sorrindo.

— Primeiro não percebi — disse —, porque tinha ela mudado de nome. Foste tu que a mataste com as tuas próprias mãos? Ou disseste ao Pewsey e ao Gench para o fazerem?

Valentine deixou cair a cabeça, zangado, desesperado e envergonhado. Em parte Katherine esperara, mesmo que parecesse impossível, estar enganada, esperara que ele negasse tudo e

apresentasse provas de que não era o assassino dos Shaw, mas quando o viu baixar a cabeça assim, percebeu que ele não podia fazer isso, porque tudo aquilo era verdade.

Ele disse:

— Tens de compreender, Kate, eu fi-lo por ti...

— Por *mim*!

Ele olhou para cima, finalmente, mas não para ela. Ficou a olhar para a parede, ao nível do cotovelo dela, e acrescentou: — Queria que tivesses tudo. Queria que fosses educada como uma senhora, não como uma vasculhadora do Terreno Exterior como eu fora. Tinha de encontrar alguma coisa de que o Crome precisasse.

«A Pandora era uma velha camarada, da viagem à América, tal como disseste. E sim, ela estava comigo quando descobri os planos e códigos de acesso da MEDUSA. Nunca imaginámos que fosse possível reconstruir a coisa. Mais tarde, a Pandora e eu seguimos caminhos diferentes; ela era Antitraccionista e casou com um pateta de um agricultor e foi viver para um sítio chamado Ilha de Oak. Não sabia que ela ainda estava a pensar na MEDUSA. Deve ter feito outra viagem à América, desta vez sozinha, e conseguiu descobrir o caminho para outra parte do mesmo complexo subterrâneo, uma parte que nos escapara na primeira escavação. Foi aí que descobriu...

— Um cérebro de computador — disse Katherine com impaciência. — A chave da MEDUSA.

— Sim — murmurou Valentine, espantado pela quantidade de coisas que ela sabia. — Enviou-me uma carta, a dizer-me que a tinha. Sabia que não valia de nada sem os planos e códigos, percebes, e esses encontravam-se em Londres. Ela achou que podíamos vendê-los e dividir os lucros. E eu sabia que se pudesse dar ao Crome uma presa daquelas, garantiria a minha fortuna, e o teu futuro ficaria assegurado!

— E então mataste-a por aquilo — disse Katherine.

— Ela não aceitava vendê-la ao Crome — disse o pai. — Era Antitraccionista, como eu disse. Queria que a liga ficasse com ela. Eu *tive* de a matar, Kate.

— Mas e a Hester? — disse Katherine de forma inexpressiva. — Porque tiveste de lhe fazer mal?

— Eu não o queria fazer — retorquiu tristemente. — Ela deve ter acordado e ouvido qualquer coisa. Era uma rapariga bonita. Tinha mais ou menos a tua idade, e era tão parecida contigo que podia ser tua irmã. Talvez até *fosse* tua irmã. A certa altura eu e a Pandora

chegámos a ter uma relação muito próxima.

— Minha irmã? — exclamou Katherine. — A tua própria filha!

— Quando levantei os olhos do corpo da mãe dela e a vi a olhar para mim...! Tinha de a calar. Ataquei-a com a espada como um louco e fiz asneira. Pensei que estava morta, mas não me atrevi a certificarme. Ela fugiu, desapareceu de barco. Pensei que devia ter morrido afogada, até ela ter tentado esfaquear-me naquela noite na Entranha.

— E o Tom... — disse Katherine. — Ele soube o nome dela, e por isso também o tiveste de matar, porque se ele a tivesse mencionado aos Historiadores, a verdade talvez viesse ao de cima.

Valentine olhou para ela com um ar desesperado. — Não compreendes, Kate. Se as pessoas descobrissem quem ela é e aquilo que eu fiz, nem mesmo o Crome me poderia proteger. Estaria acabado, e tu serias arrastada para a lama comigo.

— Mas o Crome sabe, não sabe? — perguntou Katherine. — Por isso é que lhe és tão leal. Leal como um cão, desde que continues a receber o teu dinheiro e a poderes fingir que aquela tua filha estrangeira é uma senhora da Londres Superior.

Chuva, chuva nas janelas e todo o quarto a tremer, enquanto Londres se arrastava pela terra alagada. O *Cão* encontrava-se deitado com a cabeça nas patas, os olhos saltando de um lado para o outro, entre a dona e Valentine. Nunca os tinha visto discutir antes e odiava aquilo.

— Dantes pensava que eras maravilhoso — prosseguiu Katherine. — Dantes pensava que eras a melhor pessoa, mais corajosa e sensata do mundo. Mas não és. Nem sequer és muito esperto, pois não? Percebeste para que é que o Crome vai usar a tua coisa?

Valentine olhou, ríspido, para ela. — É claro que sim! Isto é um mundo onde cada cidade sabe de si, Kate. É uma pena que Panzerstadt-Baviera tenha tido de ser destruída, claro, mas a Muralha Escudo tem de ser aberta, se Londres quiser sobreviver. Precisamos de um novo terreno de caça.

— Mas vivem lá pessoas! — gritou Katherine.

— São só Antitraccionistas, Kate, e a maioria deve fugir.

— Eles vão impedir-nos. Têm dirigíveis...

— Não. — Apesar de tudo, Valentine sorriu, orgulhoso de si mesmo. — Porque é que achas que o Crome me mandou para leste? A Frota Aérea da Liga do Norte está reduzida a cinzas. Esta noite a MEDUSA vai abrir-nos uma passagem pela famosa Muralha deles. — Ele levantou-se e aproximou-se dela, sorrindo, como se aquela vitória

pudesse reparar todo o mal que fizera. — O Crome diz-me que o disparo está planeado para as nove horas. Vai haver uma recepção na Assembleia dos Grémios antes disso; vinho, uns petiscos e o nascer de uma nova era. Vens comigo, Kate? Eu gostaria que tu...

A última esperança dela era a de que ele não soubesse do plano louco de Crome. Agora até essa desaparecera.

— Seu louco! — gritou ela. — Não percebes que aquilo que ele está a fazer é *errado*? Tens de o impedir! Tens de te ver livre daquela horrível máquina!

— Mas isso deixaria Londres indefesa, no meio do Terreno de Caça — observou o pai.

— E então? Teremos de continuar como sempre, perseguindo e comendo e, se encontrarmos uma metrópole maior e acabarmos comidos... bem, até isso é melhor do que sermos assassinos!

Ela não suportava ficar naquele quarto com ele nem mais um segundo. Ela correu, e ele não a tentou impedir de sair, nem sequer a chamou, limitou-se a ficar ali, pálido e estupefacto. Ela saiu de casa e correu lavada em lágrimas pelo parque varrido pela chuva, com o Cão atrás, até toda a Londres Superior estar entre ela e o Pai. *Tenho de fazer qualquer coisa!*, era a única coisa que conseguia pensar. *Tenho de impedir que usem a MEDUSA...*

E correu na direcção da estação de elevador, enquanto os Ecrãs de Observação começavam a proclamar para toda a Londres as boas notícias que o regresso de Valentine trouxera.

Capítulo 31

O Bisbilhoteiro

Londres acelerava, correndo na direcção das montanhas. Cidades semiestáticas que viviam escondidas havia anos naquelas altas estepes saíram do seu torpor ao verem a chegada da metrópole e foram-se estabelecendo noutros locais, deixando para trás zonas verdes de campos de cultivo e, uma vez, todo um subúrbio estático. A metrópole não prestou atenção a nada daquilo. Por aquela altura, já toda a Londres sabia do plano do Presidente da Câmara. Apesar do frio, as pessoas reuniam-se nos conveses de observação da frente e espreitavam através de telescópios na direcção de Shan Guo, ansiosos pelo primeiro vislumbre da lendária Muralha.

— Brevemente! — diziam uns aos outros.

— Esta mesma noite!

— Todo um novo terreno de caça!

Por aquela altura, já a maior parte das pessoas do Museu se tinham habituado à presença de Katherine e do Cão. e ninguém prestou grande atenção enquanto ela passava rapidamente pelas galerias inferiores com o lobo branco atrás de si. Alguns repararam no seu olhar frenético e nas lágrimas que lhe corriam pela face, mas antes que lhe conseguissem perguntar o que se passava ou oferecer um lenço de bolso, já ela passara por eles, dirigindo-se ao gabinete do Sr. Nancarrow, ali perto.

Aí encontrou um cheiro de terebintina e o odor deixado no ar pelo tabaco de cachimbo do historiador de arte, mas não Nancarrow nem Bevis Pod. Voltou a sair a correr para o corredor, onde um gordo

Aprendiz de Terceira Classe lavava o chão. — O Senhor Nancarrow está nos armazéns, Menina — disse-lhe, com maus modos. — Aquele tipo novo, um bocado estranho, está lá com ele.

O tipo novo, um bocado estranho, estava a ajudar o Sr. Nancarrow a arrastar um quadro para fora das prateleiras de armazenamento quando Katherine entrou de rompante. Era um quadro enorme, com moldura dourada, chamado *Quirke coordena a reconstrução de Londres*, de Walmart Strange, e quando Bevis largou a extremidade em que segurava, ele fez um estrondo que ecoou e voltou a ecoar pelo armazém poeirento como se fosse uma pequena explosão. — Sinceramente, Pod! — queixou-se Nancarrow zangado, mas depois também ele viu a cara de Katherine e depressa se conteve. — Parece

que está a precisar de uma bela chávena de chá, Menina Valentine — murmurou, desaparecendo para o interior do labirinto de prateleiras.

— Kate? — disse Bevis Pod, dando alguns passos inseguros até ela. — Que aconteceu? — Não estava habituado a confortar pessoas; não era o tipo de coisa para que um Engenheiro Aprendiz era treinado. Estendeu os braços rígidos, para lhe tocar nos ombros, e pareceu chocado quando ela se atirou para os seus braços. — Hum... — disse —, pronto, pronto...

— Bevis — chorou ela —, agora depende de nós. Temos de fazer qualquer coisa. Hoje à noite...

— Hoje à noite? — Ele franziu o sobrolho, tentando acompanhar as suas explicações rápidas e proferidas por entre as lágrimas. — Mas queres dizer só nós, sozinhos? Pensei que o teu pai nos ia ajudar...

— Ele já não é meu pai — disse Katherine amargamente, e apercebeu-se de que era verdade. Abraçou Bevis com toda a força que pôde, como se ele fosse uma jangada que a pudesse levar em segurança através daquele lamaçal de infelicidade e culpa. — O Pai é um homem do Crome. É por isso que tenho de me livrar da MEDUSA, percebes? Tenho de corrigir os erros que ele cometeu...

Nancarrow regressou bamboleante com duas canecas de latão de chá. — Hum! Oh! Ah! — balbuciou, envergonhado por encontrar os seus dois jovens amigos nos braços um do outro. — Quero dizer... sim. Papelada. Tenho de ir. Volto daqui a uma ou duas horas. Pode continuar, Pod...

Ao sair, quase tropeçou no gordo Aprendiz de Terceira Classe, que tinha estado a lavar o chão da passagem mesmo à porta do armazém. — Por amor de Quirke, Melliphant! — ouviram-no gritar. — Não te consegues pôr fora do caminho?

Mas Herbert Melliphant não se conseguia pôr fora do caminho. Desde a sua despromoção que ele andava à procura de alguma coisa que o pudesse ajudar a voltar a subir para a Primeira Classe. Aquele Pod chamara-lhe a atenção há alguns dias. Aquele estranho que parecia tão amigo dos membros mais velhos do Grémio, que andava sempre por lá com a filha do Presidente dos Historiadores, que se vestia como um Aprendiz mas não dormia com os outros no dormitório, nem se juntava a eles nas aulas. Ouvira nos Ecrãs de Observação que o Grémio dos Engenheiros ainda andava à caça das pessoas que se tinham infiltrado na sua reunião secreta, e ele começava a suspeitar de que o Doutor Vambrace podia estar muito interessado no ajudantezinho de Nancarrow. Assim que o velhote saiu de vista, ele pousou o esfregão e o balde e voltou a colar-se à porta.

— ... a Liga Antitracção não se pode defender — dizia Katherine.
— Foi isso que o Pai andou a fazer, a espiar a cidade deles e a destruir a sua Frota Aérea. É por isso que depende de nós.

— E os Historiadores? — perguntou Bevis.

Katherine encolheu os ombros.

— Estão demasiado assustados para nos ajudar. Mas eu posso fazê-lo sozinha, eu sei que posso. O Pai convidou-me para a recepção do Presidente da Câmara. Eu vou. Vou encontrar o Pai e dizer-lhe que lhe perdoei, e iremos à festa do Crome como uma família feliz; mas enquanto os outros estiverem a dizer ao Crome como ele é inteligente e a comer espetadas de salsichas, eu escapo-me, encontro a MEDUSA e destruo-a. Achas que um martelo serve? Eu sei onde é que o Doutor Arkengarth guarda as chaves da sala do contínuo. De certeza há lá um martelo. Ou um pé-de-cabra. Será que um pé-de-cabra é melhor?

Ela riu-se e viu Bevis encolher-se ao ouvir aquele som louco e estridente. Por um momento teve medo de que ele fosse dizer qualquer coisa como «Tem calma», ou «Isso nunca poderá resultar...». Ela tocou-lhe na cara, nas suas orelhas coradas e sentiu a pulsação rápida a passar na garganta e os músculos a mexerem-se enquanto ele engolia em seco.

— Uma bomba — disse.

— O quê?

— A MEDUSA deve ser enorme: provavelmente enche metade da Catedral de São Paulo. Se queres mesmo destruí-la, precisas de explosivos. — Ele parecia entusiasmado e assustado. — O material de limpeza que os contínuos do Museu usam contém nitrogénio e se eu o misturar com alguns dos líquidos de restauração de quadros do Doutor Nancarrow, e fizer um temporizador...

— Como é que sabes isso tudo? — perguntou Katherine, chocada, porque nem mesmo ela tinha chegado ao ponto de pensar em bombas.

— Química básica — disse Bevis encolhendo os ombros. — Fiz um curso, nos Laboratórios de Aprendizagem...

— É só nisso que vocês pensam? — murmurou. — Em fazer bombas e rebentar com coisas?

— Não, não — retorquiu ele. — Mas a ciência é assim. Pode ser usada para se fazer aquilo que se quiser. Kate, se queres mesmo fazer isso, eu crio-te uma bomba que tu podes transportar numa sacola. Se conseguires chegar à MEDUSA, deixa-a perto do cérebro do computador, prepara o temporizador e foge. Meia hora mais tarde...

Lá fora, a orelha de Melliphant encostou-se contra a madeira da

porta como uma lesma.

Cada vez mais e mais e mais depressa. É como se a ansiedade do Presidente da Câmara tivesse contagiado a própria matéria da sua metrópole; os pistões nas casas das máquinas batem tão ansiosamente como o seu coração, as rodas e as lagartas dos tractores correm à mesma velocidade que os seus pensamentos, caminhando para a Muralha e para o próximo capítulo da grande história de Londres.

Valentine passou toda a tarde à procura de Katherine pelo parque, assustando os seus amigos, ao surgir-lhes repentinamente nas janelas, à hora do jantar, como uma aparição encharcada, com as roupas manchadas de sangue, perguntando-lhes: — *A minha filha está aqui? Viram-na?* — Agora anda de um lado para o outro da sala de visitas da Casa de Clio, as botas pingando água no tapete enlameado, tentando assim afastar dos ossos o frio do parque e extorquir do espírito o medo.

Finalmente, ouve passos na entrada de gravilha, passos no átrio da entrada e Pewsey entra de rompante, com um ar tão molhado e infeliz como o seu patrão. — Encontrei-a, Chefe! Está no Museu. Tem passado lá muito tempo, segundo o velho Creaber da portaria...

— Leva-me até lá! — grita Valentine.

— Tem a certeza, Chefe? — Pewsey analisa os seus próprios pés em vez de olhar para a cara febril e lacrimosa do seu patrão. — Acho que talvez seja melhor deixá-la sozinha por algum tempo. Ela está em segurança no Museu e parece-me que precisa de uma oportunidade para pensar bem nas coisas. Deixe-a regressar quando ela achar melhor.

Valentine deixa-se cair numa cadeira, e o velho aviador move-se em silêncio em volta da sala, acendendo os candeeiros. Lá fora, a luz do sol começa a desaparecer. — Poli a sua espada, e pus as suas melhores togas no quarto de vestir — diz Pewsey, amável. — É a recepção do Presidente da Câmara, senhor, lembra-se? Não será bom perdê-la.

Valentine assente, contemplando as mãos e os seus longos dedos. — Porque é que eu me deixei levar pelos seus esquemas, todos estes anos, Pewsey? Porque é que eu lhe dei a MEDUSA?

— Não lhe sei responder a isso, Senhor...

Ele levanta-se com um suspiro e dirige-se ao quarto de vestir. Desejava ter a inteligência de Kate, para perceber tão facilmente aquilo que está certo e aquilo que está errado. Desejava ter coragem para enfrentar Crome, como ela queria, mas é tarde de mais para isso,

tarde de mais... tarde de mais.

E também Crome levanta os olhos do seu jantar (um puré de vegetais e um substituto de carne, com a quantidade exacta de proteínas, hidratos de carbono, vitamina, etc.), olha para o Historiador Aprendiz que treme diante dele, e que Vambrace acaba de atirar para o interior do seu gabinete, e diz:

— Então, Aprendiz Melliphant, presumo que tenha alguma coisa para nos dizer?

Capítulo 32

Chudleigh Pomeroy Sai-se Bem

Ela descobriu que conseguia ultrapassar a situação. Há pouco tinha querido enroscar-se num canto e morrer de desgosto, mas agora estava bem. Pensou que se sentira assim quando a mãe morrera; arrasada pela desgraça, mas também surpreendida pela forma como a vida continuava. E pelo menos, daquela vez ela tinha o *Cão* para a ajudar, e o Bevis.

— Kate, preciso de outro parafuso, igual a este mas mais comprido...

Habituara-se a pensar em Bevis Pod como uma pessoa querida, trapalhona e bastante inútil, alguém que precisava dela para cuidar dele, e suspeitava de que era também assim que os Historiadores pensavam nele. Mas naquela tarde começara a aperceber-se de que ele era na realidade muito mais esperto que ela. Ela observava-o enquanto ele trabalhava, agachado sob um globo de árgon portátil num canto da galeria de Transportes, medindo cuidadosamente as quantidades certas de pó de lavagem e de líquido de limpeza de quadros. Agora estava a construir um mecanismo temporizador com pedaços de fio de cobre de tela e peças de um painel de instrumentos de uma carruagem com séculos de existência, encaixando tudo na sacola que ela encontrara.

— Um parafuso, Kate?

— Oh, sim... — Ela vasculhou rapidamente um monte de peças suplentes que estavam no chão ao lado dele, encontrou aquilo que queria e passou-lhe o parafuso. Olhou para o relógio. Eram oito horas da noite. Em breve teria de regressar à Casa de Clio, pôr um sorriso na cara e dizer ao pai: «Desculpa ter sido tão pateta há bocadinho. Bem-vindo a casa. Por favor, posso ir contigo à festa do Presidente da Câmara?»

— Pronto — disse Bevis, erguendo a sacola. — Já está.

— Não parece uma bomba.

— É essa a ideia, pateta! Olha. — Ele abriu a sacola e mostrou-lhe o embrulho que lá se encontrava arrumado, o botão vermelho que ela tinha de pressionar para a armar e o temporizador. — Não vai fazer um grande estrondo — admitiu. — Mas se conseguires colocá-la suficientemente perto do cérebro do computador...

— Eu arranjo maneira — prometeu, tirando-a das suas mãos. — Sou a filha do Valentine. Se alguém pode chegar junto da MEDUSA,

sou eu. — Parecia-lhe que o rapaz estava com um ar triste, e interrogou-se sobre se ele estaria a pensar em todo aquele maravilhoso poder computadorizado do velho mundo, o sonho de um Engenheiro, prestes a ser sacrificado. — Tenho de fazer isto — disse ela.

— Eu sei. Mas gostaria de poder ir contigo.

Ela abraçou-o, pressionando a cara contra a dele, a boca contra a dele, sentindo-o tremer enquanto as suas mãos subiam nervosamente para lhe acariciar o cabelo. O *Cão* rosnou ligeiramente, talvez com ciúmes, temendo estar a perder o amor de Katherine e vir a ser abandonado em breve, como os pobres peluches, nas prateleiras do quarto dela. — Oh, Bevis — murmurou, afastando-se a tremer. — Que vai ser de nós?

O som de gritos distantes chegou até eles, ecoando pela escadaria, vindo dos pisos inferiores. Era demasiado afastado para se compreender as palavras, mas ambos perceberam logo que alguma coisa estava errada; nunca ninguém gritava no Museu.

O rosnar do *Cão* aumentou de volume. Ele foi a correr para a porta, e os dois foram atrás dele, abrindo caminho silenciosamente até à escuridão do patamar. Uma brisa fresca tocou-lhes as faces enquanto espreitavam sobre o corrimão, lá para baixo, a longa espiral de escadas desaparecia na escuridão debaixo deles, com o corrimão de bronze a brilhar. Depois, mais gritos, seguidos do estrondo de uma coisa a cair. A luz dos archotes penetrou num patamar mais abaixo e eles ouviram a voz que berrava com grande clareza: era Chudleigh Pomeroy, dizendo: — Isto é um ultraje! Um ultraje! Estão a invadir a propriedade do Grémio dos Historiadores!

A equipa de segurança dos Engenheiros subiu as escadas com o barulho de botas com solas de borracha a baterem nos degraus, as luzes dos archotes deslizando sobre os seus casacos e sobre as suas armas reluzentes e complicadas. Abrandaram ao chegar ao cimo das escadas e viram o brilho dos olhos do *Cão* e as suas orelhas dobradas para trás enquanto ele rosnava e se colocava em posição de ataque. As armas foram apontadas para ele, e Katherine agarrou-o pela coleira, gritando: — Ele não vos faz mal, está só assustado. Não disparem...

Mas eles dispararam, as armas dando estalidos curtos e agudos, e o impacto das balas atirando o *Cão* para longe dela, contra a parede de trás, com um latido; depois, silêncio, e o som sussurrante do seu grande corpo a cair. Sob a luz tremeluzente dos archotes, o sangue parecia negro. Katherine tentou respirar. Os seus braços e pernas tremiam num movimento rápido e involuntário, que ela era incapaz de parar. Não se teria conseguido mexer mesmo que quisesse, mas só para ter a certeza, uma voz ríspida, disse: — Fique onde está Menina

Valentine.

— *Cão...* — conseguiu ela chorar.

— Fique onde está. O animal morreu.

O Dr. Vambrace subiu as escadas, atravessando o ténue véu de fumo. — Você também, Pod — acrescentou, vendo o rapaz fazendo um movimento na direcção do corpo inerte do animal. O homem ficou no último degrau e sorriu para eles. — Temos andado à sua procura por todo o lado, Aprendiz. Espero que esteja envergonhado consigo mesmo. Dê-me a sacola.

Bevis estendeu a mão com a sacola, e o Engenheiro alto arrancou-a da mão dele, e abriu-a. — Tal como Melliphant nos tinha avisado; uma bomba.

Dois dos seus homens deram um passo em frente e arrastaram os prisioneiros atrás dele quando ele se voltou e começou a descer as escadas. — Não! — gemeu Katherine, esforçando-se por manter a sua mão dada à de Bevis enquanto eram separados. — Não!

A voz dela bateu no tecto e regressou estridente, acabando por ecoar pelas escadas abaixo, e aquele som pareceu-lhe débil e inútil, como uma criança com um acesso de mau humor, uma criança apanhada a pregar uma partida parva e travessa que protestasse contra o seu castigo. Katherine deu um pontapé nas canelas do homem que a segurava, mas ele era grande e tinha botas, pelo que nem estremeceu. — Para onde nos está a levar?

— Você vem comigo para o Andar Superior, Menina Valentine — disse Vambrace. — Vai ser o alvo das conversas da festa do Presidente da Câmara. Quanto ao seu namorado aqui, vai ser levado para a Entranha Profunda. — Sorriu ao ouvir o ruído que Bevis fez, um guincho de medo retraído e desesperado. — Oh, sim, Aprendiz Pod, estão à sua espera na Entranha Profunda uma série de interessantíssimas experiências.

— A culpa não foi dele! — protestou Katherine. Sentia as coisas a desenrolarem-se, o seu plano idiota a fugir do seu controlo e fazendo ricochete, encurralando-a a ela, ao Bevis e ao pobre *Cão*. — Eu *obriguei-o* a ajudar-me! — gritou. — Isto não tem nada a ver com o Bevis! — Mas Vambrace já se tinha virado de costas, e o seu captor colocou uma mão com cheiro a químicos na boca dela para acabar com aquele barulho.

A carruagem de Valentine pára à porta da Assembleia dos Grémios, onde as carruagens da maior parte dos Presidentes dos Grémios já se encontram estacionadas. Gench sai e abre a tampa para

o seu patrão sair, depois anda em seu redor, arranjando-o, como uma mãe que levasse o filho à escola, afastando o cabelo da cara dele e endireitando o colarinho da sua melhor toga negra, limpando o cabo da sua espada.

Valentine olha para o céu, distraído. As nuvens altas e fofas são iluminadas pela luz de um sol cada vez mais baixo. O vento sopra ainda de leste, e traz um cheiro a neve que o dispersa por um momento dos seus pensamentos sobre Katherine, voltando a fazê-lo pensar em Shan Guo. *A Hester Shaw vai encontrar-te*, murmurara a Flor do Vento, enquanto morria. Mas como podia ela saber da Hester? Ela não podia ter conhecido a rapariga, pois não? Pois não? A Hester ainda está viva? Terá ela conseguido chegar, de alguma maneira, a Batmunkh Gompa? E estará ela agora nessas montanhas, preparada para voltar a subir a bordo de Londres e tentar matá-lo, ou, pior ainda, fazer mal à sua filha?

Afastando as mãos enormes de Gench, diz: — Se não se importam de perder a festa, rapazes, talvez valha a pena levar o *Elevador do 13.^o* Andar até lá acima, hoje à noite. Só para o caso de esses pobres corajosos da Liga tentarem alguma coisa.

— Tem razão, Chefe! — Os dois velhos aviadores não estão muito interessados na recepção do Presidente da Câmara, com toda aquela comida delicada e conversa elegante. Nada os podia alegrar mais do que a possibilidade de um bom combate. Gench entra para o lado de Pewsey e a carruagem parte, assustando Engenheiros e *Beefeaters* que fogem do seu caminho. Valentine endireita a sua gravata, sobe rapidamente os degraus e entra na Assembleia dos Grémios.

Os Engenheiros guiaram os seus prisioneiros através das galerias inferiores do Museu até ao Átrio Principal. Não se via ninguém por ali. Katherine nunca vira o Museu assim tão vazio. Onde estavam os Historiadores? Sabia que eles não a podiam ajudar, mas queria vê-los, queria ter a certeza de que alguém sabia aquilo que lhe acontecera. Estava sempre à espera de ouvir as patas do Cão a correr pelo corredor atrás dela, e ficava sempre surpreendida por não as ouvir, e depois lembrava-se. Bevis marchava ao seu lado, mas não olhava para ela, tinha os olhos fixos na linha do horizonte como se conseguisse ver as câmaras da Entranha Profunda e as coisas que ali lhe iriam acontecer.

Então, no cimo das escadas que desciam até à entrada principal, os Engenheiros pararam.

Lá em baixo, no vestíbulo, de costas para as grandes portas de vidro, aguardavam os Historiadores. Enquanto os homens de Vambrace estavam entretidos lá em cima, eles tinham assaltado as

vitruas na galeria de Armas e Instrumentos de Guerra, armando-se com antigas lanças e mosquetes, espadas ferrugentas e capacetes de latão. Alguns tinham prendido placas de proteção ao peito sobre os seus mantos negros e outros traziam escudos. Pareciam um coro de saltadores numa pantomina amadora.

— Que significa isto? — vociferou o Doutor Vambrace.

Chudleigh Pomeroy deu um passo em frente, empunhando um bacamarte com uma boca de latão tão larga como a de uma tuba. Katherine começou a perceber que havia outros Historiadores observando nas sombras, em volta do átrio, escondendo-se atrás de vitruas, apontando espingardas a vapor através das costelas articuladas dos dinossauros.

— Meus senhores — disse Pomeroy, nervoso —, estão dentro da propriedade do Grémio dos Historiadores. Sugiro que soltem esses jovens imediatamente.

— Imediatamente! — concordou a Doutora Karuna, apontando o seu mosquete poeirento à roda vermelha entre as sobranceiras de Vambrace.

O Engenheiro pôs-se a rir. — Seus velhos loucos! Pensam que nos podem desafiar? O vosso Grémio será desmantelado por causa daquilo que aqui fizeram hoje. As vossas porcarias e ninharias idiotas serão servidas às fomalhas, e os vossos corpos serão quebrados por máquinas de dor na Entralha Profunda. Vamos fazer de vocês história, já que é só pela história que se interessam! Nós somos o Grémio dos Engenheiros! Nós somos o futuro!

Há uma pausa de um segundo, quase silêncio, quebrado apenas pelo eco da voz de Vambrace que perdura no ar bolorento e pelo vago som de homens pegando nas suas armas e dedos velhos a apertar gatilhos antigos. Então, o vestibulo desaparece numa nuvem de fumo e penetrantes flechas de fogo, e o ruído vai de encontro ao tecto alto em cúpula e volta para baixo com violência, num som confuso de estalidos, disperso pelo estrondo profundo do bacamarte de Pomeroy e pelo rugido agudo de um velho canhão escondido num espaço na parede por trás da bilheteira, que dispara num grande jacto de chamas, quando o Doutor Nancarrow toca com o seu isqueiro no pavio. Katherine vê Vambrace e os dois homens que estavam ao lado dele serem atirados para o lado, vê o Doutor Arkengarth a cair para trás, de braços abertos, sente o homem que a segura tremer e vacilar e o ruído surdo de uma bala de mosquete a atravessar o seu casaco de borracha.

Ele cai para longe dela, e ela ajoelha-se, pensando onde se pode esconder. Não resta nada de Vambrace senão as suas botas

fumegantes, o que seria quase tão divertido como um desenho animado, não fosse o facto de os seus pés ainda estarem lá dentro. Metade dos seus homens estão mortos, mas a outra metade combate, e têm melhores armas do que os Historiadores. Varrem o vestíbulo com o fumo das suas armas, soltando faíscas do chão de mármore e atirando pelos ares lascas de ossos de dinossauro. Vitrinas desfazem-se em brilhantes cataratas de vidro em pó, e os Historiadores que se escondem atrás delas fogem aos tropeções em busca de outros esconderijos ou caem por entre as vitrinas caídas, e ali jazem quietos. Sobre a suas cabeças, globos de árgon rebentam e estalam, até que o átrio fica completamente às escuras, apenas iluminado aos soluços, como nas películas de filme antigas, pelo brilho tremeluzente dos disparos das armas, e os Engenheiros avançam através do átrio na direcção das portas.

Atrás deles, esquecido, Bevis Pod apanha uma arma abandonada e ergue-a, as suas longas mãos tacteiam o metal brilhante em busca do gatilho. Katherine observa-o. O ar que a rodeia está carregado de sons lamuriosos de tiros e *frisbees* de combate, bem como de pedaços de mármore voadores, mas ela não consegue afastar os olhos, nem o espírito, de Bevis o tempo suficiente para pensar em encontrar um esconderijo. Vê-o a desdobrar o apoio de braço da arma e encostá-lo à articulação do cotovelo, e também vê os pequenos buracos azuis que ela faz nas costas dos casacos dos Engenheiros. Os braços deles sobem para o ar e as armas caem ao chão, prontamente seguidas pelos corpos deles, e Bevis Pod observa a cena através da mira da arma com um ar calmo e sério, já não o seu carinhoso Bevis, mas alguém que é capaz de matar com grande frieza, como se o Engenheiro dentro dele não tivesse mesmo qualquer consideração pela vida humana, ou talvez ele tivesse visto já tantas mortes na Entranha Profunda que considere a morte uma coisa menor e não tenha problemas em distribuí-la pelos outros.

E quando ele pára de disparar tudo fica silencioso, ouvindo-se somente o raspar de borracha enquanto os corpos dão os seus últimos sinais de vida e um bater de ossos constante que Katherine acaba por perceber tratar-se dos seus próprios dentes a baterem.

Dos cantos do átrio, saem os Historiadores. Eram mais do que Katherine esperara. Na confusão da batalha pensara ter visto todos a serem atingidos, mas embora alguns estivessem feridos, os únicos que estavam mortos eram um homem chamado Weymouth, que ela nunca conhecera, e o Doutor Arkengarth. O velho conservador das cerâmicas jazia junto da porta, com um ar indignado, como se a morte fosse um tolo passatempo moderno, que ele não aprovava.

Bevis Pod ajoelhou-se, olhando para a arma que empunhava, as

suas mãos tremiam-lhe, enquanto um fumo azul saía da boca da arma e subia em formas ondulantes até ao tecto.

Pomeroy subiu as escadas a passos largos. A sua peruca fora-lhe arrancada da cabeça por um disparo e tinha uma ferida no braço, no local onde uma lasca de osso de dinossauro o cortara. — Olhem para isto! — disse. — Devo ser a primeira pessoa a ser ferida por um dinossauro em cerca de setenta milhões de anos! — Piscou os olhos para Bevis e Katherine, e depois para os Engenheiros caídos. Nem uns nem outros se riram da sua piada. — Bem! — continuou. — Bem, bem! Céus! Nós mostrámo-lhes como é! Assim que disse aos outros aquilo que se estava a passar, todos concordámos que não podia ser. Bem, a maior parte concordou. Os restantes estão trancados na cantina, juntamente com alguns aprendizes que pensámos que podiam apoiar os homens do Crome. Devia ter-nos visto, Kate! «Não os vamos deixar levar a Menina Valentine», dissemos todos, e não deixámos. Sabe, isto prova uma coisa. Um Engenheiro não é rival para um Historiador quando este está indignado!

— Ou quando *esta* está indignada, CP! — atirou Moira Plym, correndo pelos degraus acima para se colocar ao lado dele. — Oh, isto vai ensiná-los a não se meterem com a minha mobília, vai, vai! Isto vai mostrar-lhes o que acontece a... — A viseira do capacete que ela usava fechou-se, abafando o resto.

Katherine encontrou a sacola caída nas escadas, por entre a porcaria e o sangue. Parecia não estar danificada, excepção feita a algumas manchas desagradáveis. — Tenho de ir para o Andar Superior. Para a MEDUSA. É a única forma. Vou para a estação de elevador e...

— Não! — Clytie Potts tinha vindo a correr pelas escadas acima desde a entrada. — Dois Engenheiros que estavam de guarda lá fora fugiram — disse. — Já devem ter feito soar o alarme. Vão estar guardas no elevador e devem chegar aqui mais seguranças dentro de minutos. Talvez também Caçadores. — Ela viu o olhar preocupado de Pomeroy e baixou a cabeça como se a culpa fosse toda dela. — Lamento, CP.

— Não faz mal, Menina Potts. — Pomeroy deu-lhe uma pancadinha amigável no ombro, que quase a derrubava. — Não se preocupe, Katherine. Nós mantemos esses demónios entretidos aqui, e você pode escapar-se até ao Andar Superior pela Saída do Gato.

— Que é isso? — perguntou Katherine.

— É o tipo de coisa que os Historiadores conhecem e todos os outros já esqueceram — disse Pomeroy, com um sorriso. — Uma velha escadaria, que resistiu desde os primeiros tempos de Londres quando

nem sempre se podia confiar no sistema de elevadores. Sobe desde a Terceira Plataforma até à Plataforma Superior, passando pelo Museu no caminho. Está pronta para viajar?

Ela não estava, mas assentiu na mesma.

— Eu vou com ela — disse Bevis.

— Não!

— Está tudo bem, Kate. Eu quero ir. — Ele estava a virar corpos de Engenheiros ao contrário, procurando um casaco sem muitos buracos. Quando encontrou um, começou a lutar contra os botões de borracha. — Se os Engenheiros te vêem a andar lá por cima sozinha, adivinharão aquilo que aconteceu — explicou. — Mas se eu estiver contigo, vão pensar que és uma prisioneira.

— Ele tem razão, Kate — disse Pomeroy, assentindo, enquanto Clytie Potts ajudava o jovem Engenheiro a vestir o casaco e limpava a maior parte do sangue com a batinha da sua toga. Ele verificou o relógio. — Oito e meia. A MEDUSA dispara às nove, segundo os Ecrãs de Observação. Isso deve dar-vos tempo mais do que suficiente para fazer seja o que for que têm planeado. Mas o melhor é pormo-nos a caminho, antes que esses Engenheiros voltem com reforços.

Capítulo 33

Vinho, Uns Petiscos E O Nascer De Uma Nova Era

O *Jenny Haniver* estava cheio de lembranças de Anna Fang; a marca da sua boca numa caneca suja, a forma do seu corpo na cama por fazer, um livro meio lido no convés de voo, marcado com uma fita na página 205. Num dos cacifos, Hester encontrou uma arca cheia de dinheiro; não só moedas de bronze mas também Taeles de prata e Soberanos de ouro, mais dinheiro do que ela ou Tom alguma vez tinham visto na vida.

— Ela era rica! — murmurou a rapariga.

Tom virou-se para trás no lugar do piloto e olhou para o dinheiro. Durante todo o longo voo desde Shan Guo, ele não pensara duas vezes no facto de ter levado o dirigível; sentia que estavam só a pedi-lo emprestado para completar um serviço que a Menina Fang queria ver terminado. Agora, olhando para Hester a erguer mãos cheias de moedas, sentia-se como um ladrão.

— Bem — disse Hester fechando a arca do tesouro com violência —, não serve de nada no sítio para onde ela foi. Nem para nós, uma vez que deduzo que nos iremos juntar a ela dentro em breve. — E olhou para ele. — A não ser que tenhas mudado de ideias?

Ele abanou a cabeça, embora a verdade fosse que a raiva que sentira antes se tinha desvanecido durante o seu combate para controlar o dirigível e conduzi-lo para ocidente através do tempo instável das montanhas. Começava a sentir medo, e começava a lembrar-se de Katherine e interrogar-se sobre que seria dela quando o pai morresse. Mas continuava a querer fazer Valentine pagar por todo o sofrimento que provocara. Começou a procurar o farol sonoro de Londres nas frequências do rádio, enquanto Hester vasculhava os cacifos até encontrar o que precisava: um pesada pistola negra e uma faca longa, com uma lâmina muito fina.

Naquela noite, a grande sala do conselho de Londres fora invadida por luzes e cartazes e transformada num recinto de festa. Os Presidentes dos Grémios maiores e menores convivem alegremente por entre os grandes bancos de cabedal verdes e sentam-se no estrado dos oradores conversando entusiasticamente sobre o novo terreno de caça, olhando para os relógios de vez em quando à medida que a hora do disparo da MEDUSA se aproxima cada vez mais. Engenheiros Aprendiz andam de um lado para o outro, por entre os convivas,

distribuindo petiscos experimentais preparados pelo departamento do Supervisor Nimmo. Os petiscos são castanhos e têm um sabor bastante peculiar, mas pelo menos estão cortados em bonitas formas geométricas.

Valentine abre caminho por entre a multidão até encontrar Crome e os seus auxiliares, uma cunha de borracha branca rodeada pelas altas formas negras dos agentes de segurança Caçadores. Quer perguntar ao Presidente da Câmara o que aconteceu ao agente que ele mandou atrás de Hester Shaw. Avança até eles, afastando com os cotovelos Conselheiros muito bem ataviados e ouvindo pequenas frases soltas das suas conversas: — Olha, ali vai o Valentine, de regresso de Shan Guo!

— Rebentou com toda a Frota Aérea da Liga, segundo soube!

— Que petiscos deliciosos!

— Valentine! — grita o Presidente da Câmara quando o explorador chega finalmente junto dele. — Precisamente o homem de quem temos estado à espera!

Parece quase alegre. Ao seu lado encontram-se os génios que voltaram a pôr a MEDUSA a trabalhar: a Doutora Chandra, o Doutor Chubb e o Doutor Wismer Splay, juntamente com a Doutora Twix, que sorri com afectação e faz uma pequena vénia, congratulando Valentine pela sua viagem a Shan Guo. Atrás dela, os guardas de negro encontram-se quietos como estátuas, e Valentine faz um sinal com a cabeça na direcção deles. — Vejo que tens feito bom uso das velhas peças de Caçador que te encontrei, Crome...

— Realmente — concorda o Presidente da Câmara, com um sorriso gelado. — Toda uma nova raça de Homens Ressuscitados. Serão os nossos criados e soldados no novo mundo que estamos prestes a construir. Alguns estão em acção neste preciso momento, lá em baixo no Museu.

— No Museu?

— Sim. — Crome observa-o como um réptil, avaliando as suas reacções. — Alguns dos teus Historiadores são traidores, Valentine. Traidores armados.

— Quer dizer que há luta? Mas a Kate está lá! Tenho de ir até ela!

— Impossível — vocifera o Presidente da Câmara, agarrando-lhe no braço quando ele se volta para sair dali. — A Segunda Plataforma está encerrada. O Museu está cercado de Caçadores e equipas de segurança. Mas não te preocupes. Têm instruções precisas para não fazerem mal à tua filha. Ela vai ser trazida cá acima para se juntar a nós assim que for possível. Quero que ela em particular veja a

MEDUSA em acção. E também te quero aqui a ti, Valentine. Fica.

Valentine olha para ele, ignorando as faces imóveis dos outros convivas, rodeado de um súbito silêncio.

— Pergunto a mim mesmo onde se encontrará a tua verdadeira lealdade — provoca Crome. — Com Londres, ou com a tua filha? Fica.

«Fica.» Como se ele fosse um cão. A mão de Valentine enrola-se por um momento no cabo da sua espada mas ele sabe que não a desembainhará. A verdade é que ele tem medo, e todas as suas aventuras e expedições não passaram de tentativas para se esconder da verdade: ele é um covarde.

Abre um sorriso no rosto trémulo e faz uma vénia.

— O seu mais leal criado, Senhor Presidente.

Havia uma porta na parede, junto da secção de História Natural, uma porta pela qual Katherine devia ter passado centenas de vezes sem sequer a ver. Agora, enquanto Pomeroy a destrancava e abria, ouviram o queixume estranho e vibrante do vento a percorrer um longo ventilador, misturado com o ruído dos motores da metrópole. Pomeroy passou a chave e o archote a Bevis. — Boa sorte, Senhor Pod. Kate, boa sorte...

De algures atrás de si chegou o som de uma grande explosão que fez vibrar o vidro das vitrinas. — Chegaram — disse Pomeroy. — Sou preciso no meu posto...

— Venha connosco! — implorou Kate. — Estará mais seguro na Plataforma Superior, entre a multidão...

— Este é o meu Museu, Menina Valentine — recordou ele —, e aqui ficarei. Lá em cima só vos serviria para atrapalhar.

Ela abraçou-o, apertando a cara contra a toga dele, sentindo o cheiro de naftalina e do cachimbo. — O seu pobre Museu!

Pomeroy encolheu os ombros.

— Não me parece que os Engenheiros nos deixassem manter as nossas relíquias por muito mais tempo. Pelo menos assim, morremos a lutar.

— E talvez vençam...

— Oh, sim. — O velho Historiador deu uma risada triste. — Nós costumávamos dar-lhes grandes tarefas na taça de futebol inter-Grémios, sabe. Claro está que eles não tinham metralhadoras nem Caçadores para os ajudar... — Ele levantou a cara dela e olhou-a nos olhos, com um ar muito sério. — Impeça-os, Katherine. Ponha um pau

na engrenagem.

— Vou tentar — prometeu a rapariga.

— Vemo-nos em breve — disse Pomeroy com firmeza, erguendo o bacamarte enquanto se afastava. — Tem o dom do seu pai, Kate, as pessoas seguem-na. Veja como nos entusiasmou!

Ouviram novamente o rugido do canhão enquanto ele fechava a porta atrás deles, e depois o choque de armas pequenas, agora mais próximo e misturado com gritos fracos.

— Ali! — disse Tom.

Voavam muito alto, atravessando finos mantos de nuvens, e ele olhava para Londres, lá em baixo, muito à frente.

— Ali!

Era maior do que se lembrava, e muito mais feia. Era estranho como quando lá vivera, acreditara em tudo o que os Ecrãs de Observação lhe diziam sobre as linhas elegantes da metrópole, a sua beleza perfeita. Agora via como era feia; não era melhor do que qualquer outra cidade, apenas maior; um tornado de fumo e chaminés abertas, uma onda de escuridão que rolava em direcção às montanhas em actividade, com as vivendas brancas da Londres Superior flutuando na sua crista, como um barco delicado. Não parecia um lar.

— Ali... — repetiu.

— Estou a ver — disse Hester, ao seu lado. — Passa-se alguma coisa no Andar Superior. Está iluminado como uma feira. Tom, é ali que Valentine vai estar! Devem estar a preparar-se para utilizar a MEDUSA!

Tom assentiu, sentindo-se culpado ao ouvir mencionar a MEDUSA. Sabia que se a Menina Fang ali estivesse, teria um plano para impedir a acção daquela arma antiga, mas ele não conseguia ver o que podia fazer quanto a isso. Era uma coisa demasiado grande, demasiado terrível, demasiado difícil para resolver. Era melhor concentrar-se naquilo que lhe interessava a ele e a Hester, e deixar o resto do mundo cuidar de si.

— Ele está ali em baixo — murmurou a rapariga. — Eu sinto-o.

Tom não queria aproximar-se de mais, para o caso de o Presidente da Câmara ter enviado homens para vigiar os céus, ou uma barreira de dirigíveis de reconhecimento. Mexeu nos controlos e sentiu um movimento grande e lento, enquanto o dirigível reagia. Este ergueu-se, e Londres transformou-se num pequeno ponto de luz movendo-se a alta velocidade sob as nuvens enquanto ele guiava o dirigível para sul

e começava a dar a volta sobre a metrópole.

Subiam da escuridão para a escuridão. O archote de Bevis Pod reflectindo a sua luz em degraus de metal e mais degraus de metal iguais. As suas enormes sombras deslizavam pelas paredes da escadaria. Não falaram muito, mas cada um escutava a respiração regular do outro, sentindo-se felizes pela companhia um do outro. Katherine estava sempre a olhar para trás, esperando ver o *Cão* atrás dela.

— Quinhentos degraus — murmurou Bevis, parando num estreito patamar e erguendo o seu archote. As escadas continuavam a subir infinitamente. — Isto deve ser a Primeira Plataforma. Estamos a meio caminho.

Katherine assentiu, com demasiada falta de fôlego para conseguir falar, demasiado nervosa para descansar. Sobre as suas cabeças, a recepção do Presidente da Câmara devia estar a atingir o clímax. Ela continuou a subir, sentindo os joelhos cada vez mais rígidos, e uma dor forte e fria no fundo da garganta sempre que inspirava, enquanto a sacola demasiado pesada lhe batia na anca.

Pelas janelas do dirigível Hester conseguia ver o Terreno Exterior a passar rapidamente, a cerca de trinta metros apenas, marcado pelos mesmos sulcos de tractor, em linha recta, que ela e Tom tinham seguido nos dias após o seu primeiro encontro. E ali estava Londres, as luzes traseiras de presença vermelhas brilhando na escuridão, tornando-se menos intensas quando Tom fez subir o dirigível no meio do fumo venenoso dos tubos de escape da metrópole. Ela percebeu como ele era bom naquilo, e pensou que era uma pena que o plano dele não fosse resultar.

O rádio emitiu um estalido, dando sinais de vida. Era a Direcção dos Portos e Docas de Londres, que exigia os códigos de identificação deles.

Tom olhou para ela, assustado, mas a rapariga sabia como resolver aquilo. Dirigiu-se ao rádio, moveu o interruptor de «transmissão» para cima, e depois muito depressa para baixo, e então disse a mensagem, como se o sistema rádio deles estivesse com problemas.

— Dirigível de Londres GE47 — anunciou ela, lembrando-se do nome de código que tinham ouvido pelo altifalante de Airhaven umas semanas atrás. — Vamos levar o Shrike de volta para o Engenhório.

O rádio disse qualquer coisa, mas ela desligou-o. O fumo negro

cobria as janelas, e gotas de água vinham condensar-se no vidro, e depois afastavam-se para um lado ou para outro, deixando rastos irregulares.

— Ando em volta da metrópole durante vinte minutos e depois desço para te apanhar — dizia Tom. — Isso deve dar-te tempo para encontrares o Valentine e...

— Dentro de vinte minutos eu estarei morta, Tom — interrompeu-o ela. — Limita-te a fugir em segurança. Esquece-me.

— Eu volto para trás...

— Eu estarei morta.

— Eu volto para trás na mesma...

— Não vale a pena, Tom.

— Eu volto para trás e apanho-te.

Ela olhou para ele e viu lágrimas a brilharem nos seus olhos. Ele estava a chorar. Estava a chorar por ela, porque ela ia meter-se na boca do perigo e ele não voltaria a vê-la, e achou estranho e muito bonito que ele se preocupasse assim tanto com ela. Então disse:

— Tom, eu quero... — e — Tom, se eu... — e outros bocados de frases soltas que terminavam sempre em silêncio, porque nem ela mesma sabia o que dizer, só queria que ele soubesse que aquilo era a melhor coisa que alguma vez lhe acontecera.

Uma luz saiu repentinamente da escuridão, depois outra. Estavam a passar pela Terceira Plataforma, e muito perto. A Segunda Plataforma passou, com pessoas a olharem de um dos palanques de observação, e depois passou Circle Park, com lanternas presas entre as árvores. Tom mexeu nos controlos, e o *Jenny* avançou muito depressa, passando rente aos telhados de Knightsbridge e subindo em direcção ao extremo da popa da Plataforma Superior. Ele lançou um olhar a Hester. Ela queria abraçá-lo, beijá-lo, qualquer coisa, mas agora não havia tempo, e limitou-se a exclamar: — Tom, não deixes que te matem! — Depois colocou os controlos da escotilha bruscamente na posição de «abrir», correu para a abertura e saltou, enquanto o dirigível se virava, numa curva vacilante, sobre a borda da Plataforma Superior.

Ela bateu com força nas placas do convés e rebolou, rebolou, rebolou. O *Jenny Haniver* afastava-se a grande velocidade, iluminado pelos rastos brilhantes de mísseis de uma bateria de defesa aérea colocada no Engenhório. Os mísseis falharam o alvo, a escuridão engoliu o dirigível, e ela encontrou-se sozinha, arrastando-se depressa para as sombras.

— Foi só um dirigível, Senhor Presidente — diz um Engenheiro de aspecto nervoso, com um rádio em concha preso à orelha. — Fugiu, mas nós achamos que deixou cá um grupo de desembarque.

— Antitraccionistas na Plataforma Superior? — diz o Presidente da Câmara, assentindo, como se este fosse o tipo de problema que surge todos os dias. — Bem, bem. Doutora Twix, penso que esta pode ser uma boa oportunidade para testar os seus novos modelos.

— Oh, ótimo! — exclama a mulher toda excitada, deixando cair um prato de canapés, com o entusiasmo. — Vamos embora, meus lindos! Vamos embora!

Os seus Caçadores voltam-se para trás, num movimento conjunto, e alinham-se atrás dela, passando por entre os excitados convivas, até às saídas.

— Tragam-me os invasores vivos! — grita Crome atrás dela. — Seria uma pena eles perderem o grande acontecimento.

Capítulo 34

Uma Ideia Para Um Espectáculo De Fogo-De-Artifício

Tom limpou as lágrimas dos olhos com as costas da mão e concentrou-se no voo, ganhando altitude, para afastar o *Jenny* de Londres. Agora não estava assustado. Era bom estar por fim a fazer qualquer coisa e ter o controlo daquela máquina enorme e maravilhosa. Virou o balão para oriente, visando o último resquício de luz do dia sobre o cume de Zhan Shan. Daria voltas durante vinte minutos. Parecia que metade do tempo já passara, mas quando olhou para o cronómetro viu que tinham passado menos de dois minutos desde que Hester saltara para Londres e...

Uma coisa brilhante e rápida chocou com a barquinha, e o impacte arrancou-o do assento. Agarrou-se a um fueiro, e viu papéis, painéis de instrumentos, grandes quantidades de fios, o altar com as suas fotografias e fitas, bem como o livro meio lido da Menina Fang caírem todos em grande velocidade por um buraco na fuselagem, voando para o céu como pássaros libertos da sua jaula. As grandes janelas estilhaçaram-se e o ar ficou brilhante e cortante por causa dos vidros que voavam.

Ele esticou o pescoço, espreitando pelas janelas vazias, tentando ver se o balão estava a arder. Não se viam chamas, mas sobre a sua cabeça uma grande forma negra deslizava pelo ar, com o luar reflectido no seu balão reforçado. Era o *Elevador do 13.º Andar*, passando sobre o *Jenny* e realizando uma lenta manobra de celebração de vitória lá bem em cima dos sopés de Shan Guo, antes de descer para acabar o serviço.

Magnus Crome observa os seus convidados que enchem a praça, olhando lá para cima, para o brilho e chamas da batalha que se realizava sobre as nuvens. Olha para o seu relógio de pulso. — Doutora Chandra, Doutor Chubb, Doutor Splay, está na hora de armar a MEDUSA. Valentine, vem connosco. Estou certo de que estás ansioso para ver o que fizemos com a tua máquina.

— Crome — diz o explorador, barrando-lhe a passagem —, tenho de dizer uma coisa...

O Presidente da Câmara ergue o sobrolho, intrigado.

Valentine hesita. Tinha estado a planear aquele discurso toda a noite, sabendo que seria aquilo que Katherine queria que ele

disse. Agora, enfrentando o olhar gelado do Presidente da Câmara, hesita e gagueja, antes de falar. — Valerá a pena, Crome? — diz, por fim. — Destruir a Muralha Escudo não destruirá a Liga. Existirão outras praças-fortes para derrotar, centenas de fortalezas, milhares de vidas. Valerá a pena tudo isto pelo seu novo terreno de caça?

Há um arrepio de espanto por entre as pessoas que observam a cena. Crome responde calmamente: — Deixaste para muito tarde as tuas dúvidas, Valentine. Preocupas-te demasiado. A Doutora Twix pode construir exércitos inteiros de Caçadores, mais do que suficientes para esmagar qualquer resistência dos selvagens da Liga Antitracção.

Ele começa a abrir caminho, mas Valentine está de novo à frente dele. — Pense, Senhor Presidente. Quanto mais tempo nos poderá sustentar um novo terreno de caça? Mil anos? Dois mil? Um dia deixará de haver presas seja onde for, e Londres terá de parar de se movimentar. Talvez fosse melhor aceitarmos os factos; parar agora, antes que mais inocentes morram; utilizar o que aprenderam com a MEDUSA para propósitos pacíficos...

Crome sorri. — Pensas que tenho assim tanta falta de visão? — pergunta. — O Grémio dos Engenheiros planeia mais para o futuro do que pensas. Londres nunca deixará de se movimentar. O movimento é vida. Quando tivermos devorado a última metrópole vagabunda e demolido a última colónia estática, começaremos a escavar. Construiremos grandes motores, movidos com a energia do núcleo da Terra e desviaremos o planeta da sua órbita. Devoraremos Marte, Vénus e os asteróides. Devoraremos até o próprio Sol, e depois navegaremos pelo espaço. Daqui a um milhão de anos a nossa metrópole continuará a viajar, já não caçando cidades para comer, mas inteiros mundos novos!

Valentine segue-o pela porta e saem para fora, atravessando a praça em direcção à Catedral de S. Paulo. *A Katherine tem razão*, pensa ele constantemente. *Está completamente doido! Porque é que não pus um travão nos seus esquemas quando tive oportunidade?* Sobre as nuvens, os foguetes brilham e rebentam, e a luz de um dirigível explodindo brilha sobre as faces viradas para cima de toda a multidão, que murmura:

— Ooooooooooh!

E Hester Shaw encolhe-se na orla da Plataforma, enquanto os Homens Ressuscitados passam, com os seus olhos verdes varrendo as paredes e placas do chão, mostrando as suas garras prontas para atacar.

A Saída do Gato chegava ao fim numa sala redonda com números desenhados nas paredes húmidas e uma solitária porta de metal. Bevis enfiou a chave na fechadura, e Katherine ouviu-o rodá-la. Um raio de luz entrava pela abertura da porta e ela ouviu vozes lá fora, um longo e trémulo: — Ooooh!

— Estamos num beco perto de Paternoster Square — disse Bevis. — pergunto-me porque estarão eles tão entusiasmados?

Katherine tirou o seu relógio para fora e colocou-o sob o raio de luz que entrava pela porta.

— Dez para as nove — disse. — Eles estão à espera da MEDUSA.

Ele abraçou-a uma última vez e, envergonhado, murmurou muito depressa:

— Eu amo-te!

Depois fê-la passar pela porta e seguiu-a, tentando parecer o seu captor e não seu amigo, e pensando se alguma vez um Engenheiro dissera o que ele acabara de dizer, ou sentira aquilo que ele sentia quando estava com a Katherine.

Tom arrastou-se por entre os destroços da barquinha do *Jenny*. As luzes estavam apagadas e caía-lhe sangue, de um golpe na testa, para os olhos, cegando-o. A dor das suas costelas partidas penetrava-o em ondas de aflição e vertigem, e a única coisa que ele queria era fechar os olhos e descansar, mas sabia que não devia fazer isso. Procurou os controlos dos mísseis, rezando a todos os deuses de que alguma vez ouvira falar para que eles não tivessem sido destruídos. E na verdade, quando premiu o interruptor certo, uma mira saiu do painel de instrumentos principal, e ele limpou os olhos e viu, voltado de pés para o ar, o fantasma ténue do *Elevador do 13.º Andar*, alinhado nos traços horizontais, tornando-se cada vez maior a cada segundo.

Carregou com toda a força que tinha nos controlos de disparo e sentiu o convés vibrar sob os pés, enquanto os mísseis saíam em rajadas do seu ninho, debaixo da barquinha. Uma luz ofuscante surgiu diante dele quando os mísseis acertaram no alvo, mas quando ele deixou de estar encandeado pelo brilho da explosão e espreitou lá para fora, viu que o grande dirigível negro ainda lá se encontrava, e percebeu que mal amolgara o seu grande balão reforçado e que ia morrer.

Mas pelo menos conseguira ganhar mais alguns minutos, pois já os projectores de mísseis de estibordo do *Elevador* estavam danificados e este estava a passar por ele e a virar para tentar apontar os de bombordo. Tentou acalmar-se. Tentou pensar em Katherine, para levar

a recordação dela consigo para o País sem Sol, mas havia muito tempo que ele não sonhava com ela, e não se conseguia recordar de como ela era. A única face que lhe vinha à mente era a de Hester, por isso pensou nela e naquilo por que tinham passado juntos, e em como se sentira ao abraçá-la na noite anterior em Shan Guo, o cheiro do seu cabelo e o calor do seu corpo rígido e magro a passar pelo casaco rasgado.

E vindo de um canto da sua memória chegou o eco dos mísseis da Liga que tinham atingido o *Elevador do 13.º Andar*, enquanto este se afastava de Batmunkh Gompa; o estrondo grosso das explosões e o ruído delicado, fraco, cintilante e agudo de vidro a quebrar-se.

O balão é reforçado com armadura, mas as janelas podem partir-se.

Foi a cambalear até aos controlos dos mísseis e voltou a orientá-los, de forma que as linhas horizontais do pequeno ecrã apanhassem não o grande balão do *Elevador*, mas as suas janelas. O instrumento de leitura ao lado da mira informava-o de que tinha mais três mísseis e ele disparou-os todos ao mesmo tempo, a barquinha já danificada estremecendo e rangendo, enquanto eles se dirigiam para o alvo.

Por uma fracção de segundo, ele viu Pewsey e Gench no seu convés de voo, olhando para ele, um terror silencioso estampado nas suas caras. Depois desapareceram numa explosão de luz, enquanto os mísseis entravam pelas janelas e a barquinha se enchia de fogo. Um géiser de chamas subiu por entre as escadas de acesso ao balão e rebentou-lhe com a parte de cima. Quando Tom voltou a conseguir ver, o enorme destroço afastava-se dele, com a barquinha em chamas, assim como as escotilhas, o fogo saindo das hélices de direcção, ardendo nos motores, saltando no interior do balão, até todo ele parecer uma lanterna chinesa que caía na direcção das luzes de Londres.

Katherine saiu da boca do beco para assim encontrar uma multidão que corria, pessoas em toda a volta olhando para cima, algumas ainda agarradas a bebidas e petiscos, os olhos e as bocas completamente abertos. Ela olhou para a Catedral de S. Paulo. A cúpula ainda não se abrira, por isso não podia ser para aí que eles estavam a olhar. E o que era aquela luz, aquele brilho laranja cada vez maior que suplantava os candeeiros de árgon e fazia as sombras dançar?

Naquele instante, o destroço em chamas de um dirigível caiu dos céus e chocou contra a fachada do Engenhório, numa tempestade de fogo e vidros, soltando pedaços de metal escurecido. Um motor inteiro soltou-se do destroço e deslizou pela praça em direcção a ela, ardendo

com chamas vermelhas e libertando combustível. Bevis desviou-a para o lado e empurrou-a para o chão. Ela viu-o de pé sobre ela, de boca aberta, gritando qualquer coisa, e viu um olho azul sobre o motor em chamas, quando ele foi apanhado pela explosão. Depois, foi uma confusão de membros a voar, um pedaço esvoaçante de um casaco branco, o grito dele perdido no som penetrante do metal que se retorcia, enquanto o destroço caía sobre a estação de elevador da Plataforma Superior.

Um olho azul sobre o motor. Sabia que isso lhe devia dizer qualquer coisa, mas não se conseguia lembrar-se do quê.

Levantou-se lentamente, a tremer. Viam-se pequenos incêndios no convés a toda a sua volta, e um grande incêndio no Engenhório, que lançava uma luz de dia das bruxas sobre todo o andar. Foi aos tropeções até onde se encontrava o motor em chamas, com as suas enormes lâminas de propulsão que saíam das placas do chão como estalagmites. Erguendo a mão para proteger a cara do calor insuportável, ela procurou Bevis.

Ele jazia todo partido, num ângulo quase fechado dos destroços, torcido de tantas maneiras impossíveis que Katherine percebeu logo que nem valia a pena chamar pelo seu nome. As chamas alastravam, fazendo o casaco dele borbulhar e pingar como queijo derretido, o calor no rosto dela aumentava, transformando as suas lágrimas em nuvens de vapor, e ela afastou-se para trás, sobre pedaços de destroços e corpos e pedaços de corpos.

— Menina Katherine?

Um olho azul na cobertura do motor. Ela ainda conseguia vislumbrar a sua forma, a tinta saindo sob as labaredas. O dirigível do Pai.

— Menina Katherine?

Ela virou-se e viu um dos homens da estação de elevador de pé junto dela, tentando ser amável. Deu-lhe o braço e afastou-a com delicadeza, fazendo um gesto em direcção à parte central do destroço, para o incêndio que lavrava o Engenhório.

— Ele não estava lá, Menina.

Ela olhou para o sorriso do homem. Não percebia. É claro que ele estava lá! Ela vira-o lá, a sua cara morta, boquiaberta e as chamas crescendo à sua volta. O Bevis, que ela levava para ali, que a amara. Que razões havia para sorrir?

Mas o homem continuava a sorrir.

— Ele não ia a bordo, Menina. O seu pai, quero dizer. Vi-o há

menos de cinco minutos, a entrar na Catedral de São Paulo com o Presidente da Câmara.

Ela sentiu o peso sinistro da sacola ainda pendurada no ombro e lembrou-se de que tinha uma missão a cumprir.

— Venha, Menina — disse o homem. — Teve um choque muito grande. Venha, sente-se e tome uma boa chávena de chá...

— Não — disse ela. — Tenho de encontrar o meu pai.

Deixou lá o homem e afastou-se, atravessando a praça aos tropeções, por entre multidões em pânico com os mantos e fatos de festa a arder, por entre os longos gemidos das sirenes, até à Catedral de S. Paulo.

Hester corria em direcção à Assembleia dos Grémios quando a explosão a atirou pelos ares, para fora do esconderijo e para o brilho provocado pelas chamas no Engenhório. Rebolou e rebolou sobre o chão, atordoada, a pistola caindo para longe, o véu arrancado. Seguiu-se um momento de silêncio e depois uma confusão de ruídos: gritos e sirenes. Ela tentou ordenar os pensamentos e recordar aquilo que acontecera antes da explosão. Aquela luz sobre os telhados, aquela coisa em chamas a cair do céu era um dirigível. O *Jenny Haniver*. — Tom — disse ela, sussurrando o seu nome para o pavimento quente, e sentiu-se mais pequena e só do que nunca.

Pôs-se de gatas. Ali perto, um dos novos Caçadores fora apanhado pela explosão e cortado ao meio, e as suas pernas andavam de um lado para o outro, sem destino, chocando contra tudo. O xaile que Tom lhe dera passou pelos ares diante dela. Ela apanhou-o, atou-o em volta do pescoço e virou-se para procurar a pistola caída, mas apenas descobriu um outro esquadrão de Caçadores, bastante saudáveis, a aproximar-se dela por trás. As suas garras pareciam rasgos de cor na escuridão e a luz das chamas iluminava os seus longos rostos mortos, e ela apercebeu-se com uma pontada de desapontamento que aquilo era o fim dela.

E sobre a silhueta escura dos telhados da Assembleia do Grémio, para além do fumo e das faíscas dançantes, a cúpula da Catedral de S. Paulo começava a abrir-se.

Capítulo 35

A Catedral

A barquinha despedaçada do *Jenny Haniver* gemeu como uma flauta enquanto o vento de oeste a atravessava, transportando-a rapidamente para longe de Londres.

Tom caiu exausto sobre os controlos, com pedaços de vidro partido colados como cascalho à cara e às mãos. Tentou ignorar as rotações selváticas dos aparelhos de pressão, enquanto o hidrogénio se escapava do balão danificado. Tentou não pensar em Pewsey e Gench, ardendo no interior da sua barquinha em chamas, mas cada vez que fechava os olhos, via as suas expressões de quem estava a gritar, como se os buracos negros das suas bocas abertas estivessem para sempre gravados nos seus olhos.

Quando ergueu a cabeça, viu Londres, distante, para oriente. Estava a acontecer qualquer coisa à catedral, e torrentes de fogo cor-de-rosa e verde saltavam do Engenhório. Lentamente começou a perceber o que acontecera. A culpa era dele! Devia haver pessoas mortas lá em baixo, não só o Pewsey e o Gench, mas muitas pessoas, e se ele não tivesse abatido o *Elevador do 13º Andar*, elas ainda estariam vivas. Desejou nunca ter disparado aqueles mísseis. Seria melhor estar ele mesmo morto do que ficar ali sentado a ver a Plataforma Superior em chamas e saber que era tudo culpa dele.

Depois pensou: *Hester!*

Prometera-lhe regressar. Ela estaria à sua espera, lá em baixo, por entre as chamas. Não a podia deixar ficar mal. Respirou fundo e inclinou-se sobre os controlos. Os motores voltaram a ganhar vida. O *Jenny Haniver* virou-se preguiçosamente contra o vento e começou a dirigir-se lentamente para a metrópole.

Katherine avançou por Paternoster Square como uma sonâmbula, atraída pela catedral em transformação. À sua volta, os fogos espalhavam-se, mas ela mal notava. Os seus olhos estavam fixos na beleza terrível que se encontrava sobre ela; aquele capuz branco que se desdobrava no céu nocturno, virando-se para leste. Ela já não sentia medo. Sabia que Clio estava a olhar por ela, mantendo-a em segurança para que pudesse compensar as coisas terríveis que o Pai fizera.

Os guardas à porta da catedral estavam demasiado distraídos pelos fogos para prestarem grande atenção a uma estudante com uma sacola. Primeiro disseram-lhe para desaparecer, mas quando ela

insistiu que o pai estava lá dentro e lhes mostrou o seu amachucado passe dourado, eles limitaram-se a encolher os ombros e a deixá-la passar.

Nunca estivera no interior da Catedral de S. Paulo, mas vira fotografias. Não se pareciam nada com *aquilo*.

As naves rodeadas por pilares e os tectos altos em abóbada ainda estavam onde sempre tinham estado, mas o Grémio dos Engenheiros cobrira as paredes com metal branco e pendurara globos de árgon em grades de fios eléctricos nos tectos. Grossos cabos eléctricos percorriam a nave central, alimentado de energia uma coisa que se encontrava mesmo no centro da catedral.

Katherine avançou lentamente, mantendo-se oculta nas sombras sob os pilares, longe dos olhos das multidões de Engenheiros que andavam de um lado para o outro a verificar ligações eléctricas e a tomar notas em blocos. À frente dela, o estrado sob a grande cúpula estava coberto por uma estranha maquinaria. Um bloco de barrotes e sistemas hidráulicos suportavam o peso do enorme capuz de cobra que subia para a noite, e em volta da sua base encontrava-se uma floresta de altos tubos de metal, que gemiam e estalavam numa crescente onda de energia. Engenheiros corriam por entre eles, e subiam e desciam as escadas de metal da torre central, e muitos outros reuniam-se em volta de uma consola que se encontrava ali perto, como padres diante de um altar a um deus máquina, conversando em vozes baixas e entusiasmadas. Entre eles encontrava-se o Presidente da Câmara e, junto dele, com um ar triste, estava o Pai.

Ela ficou imóvel, ao abrigo das sombras. Conseguia ver bastante bem a cara dele. Ele olhava para Crome, de sobrolho franzido, e ela sabia que ele preferiria estar lá fora a ajudar nas operações de salvamento, e só as ordens do Presidente da Câmara o mantinham ali. Esqueceu por um momento que ele era um assassino; quis correr para ele e abraçá-lo. Mas agora estava nas mãos de Clio, a agente da História, e tinha um trabalho a fazer.

Aproximou-se mais, até ficar ao abrigo de uma velha pia de água-benta, ao fundo dos degraus do estrado. Dali tinha uma boa visão do que Crome e os outros estavam a fazer. A consola deles era um berço de fios eléctricos, fios condutores e tubos de borracha, e no meio de tudo aquilo estava uma pequena esfera, não muito maior do que uma bola de futebol. Katherine adivinhava o que aquilo era. Pandora Shaw encontrara-a num laboratório profundo da América perdida e trouxera-a consigo para a Ilha de Oak, e o Pai roubara-lha na noite em que a tinha assassinado. Os Engenheiros tinham-na limpo e reparado o melhor que puderam, substituindo os circuitos danificados por

máquinas primitivas que tinham reunido com pedaços do cérebro dos Caçadores. Agora o Doutor Splay sentava-se diante dela, os dedos percorrendo um teclado de marfim, como uma aranha, introduzindo sequências de números verdes e brilhantes num Ecrã de Observação portátil. Um segundo ecrã mostrava uma imagem pouco nítida da paisagem diante de Londres, com riscos horizontais centrados na distante Muralha Escudo.

— Os acumuladores estão carregados — disse alguém.

— Pronto, Valentine! — disse Crome, pousando uma mão ossuda no braço do pai. — Estamos prontos para fazer história.

— Mas os incêndios, Crome...

— Pode brincar aos bombeiros mais tarde — vociferou o Presidente da Câmara. — Temos de destruir a Muralha Escudo *agora*, para o caso de a MEDUSA ser danificada pelo fogo.

Os dedos de Splay continuavam a bater no teclado, mas os outros sons da catedral apagaram-se. Os Engenheiros olhavam assombrados para a floresta de tubos de metal, onde se começavam a formar estranhos raios de luz, que subiam rodopiando em direcção ao céu, sobre a cúpula aberta, com um zumbido ligeiro de insecto. Katherine começou a suspeitar de que eles na realidade não percebiam aquela tecnologia que o pai lhes desenterrara; estavam quase tão assombrados como ela.

Se tivesse corrido em frente naquele momento, armadilhado a sua bomba e a tivesse lançado para o antigo computador, talvez tivesse conseguido mudar tudo. Mas como podia? O Pai estava de pé mesmo ao lado da coisa, e mesmo quando ela disse a si mesma que ele já *não* era seu pai e tentou contrapor a vida dele com a de milhares que estavam prestes a morrer em Batmunkh Gompa, continuou a não conseguir fazer-lhe mal. Ela falhara. Virou a cara para o tecto em abóbada e perguntou:

— *Que queres que eu faça? Por que me trouxeste até aqui?*

Mas Clio não respondeu.

Crome aproximou-se do teclado.

— Dê à MEDUSA as coordenadas do alvo — ordenou.

Os dedos de Splay percorreram as teclas, digitando a latitude e longitude de Batmunkh Gompa.

— *Alvo identificado* — anunciou uma voz mecânica, bramindo através de altifalantes colocados sobre a posição de Splay. — *Distância: 200 quilómetros e em aproximação. Introduzir código de acesso Omega.*

O Dr. Chubb mostrou um monte de folhas de plástico, os fragmentos deteriorados dos antigos documentos. Listas de números quase invisíveis encontravam-se para lá do plástico, como insectos presos em âmbar, enquanto ele folheava as folhas até encontrar a que procurava e a dar para Splay ler.

Mas antes que Splay conseguisse começar a introduzir os números do código, ouviu-se uma confusa troca de palavras junto à entrada principal. Estava lá a Doutora Twix, com alguns dos seus Caçadores mesmo atrás. — Olá a todos! — saudou, apressando-se a atravessar a nave central e indicando às suas criações para a seguirem. — Veja só o que os meus inteligentes bebês encontraram para si, Senhor Presidente! Uma Antitraccionista, em pessoa e viva, tal como pediu. Embora tenha de admitir que é bastante feia...

— *Introduzir código de acesso Ómega* — repetiu a MEDUSA. A voz mecânica não mudara, mas Katherine pensou que ela se estava a tornar impaciente.

— Cale-se, Twix! — berrou Magnus Crome, olhando para os seus instrumentos, mas os outros viraram-se todos para olhar, enquanto um dos Caçadores subia para o estrado e largava o seu fardo aos pés do Presidente da Câmara.

Era Hester Shaw, com as mãos atadas à frente, indefesa, mal-humorada, e ainda sem perceber porque é que os Caçadores não a tinham matado logo. Ao verem a sua cara destruída, os homens no estrado ficaram autenticamente congelados, como se o olhar dela os tivesse petrificado.

— *Oh, grande Clio!* — murmurou Katherine, vendo pela primeira vez o que a espada do Pai fizera. E depois olhou da cara de Hester para a dele, e aquilo que nela viu chocou-a ainda mais. A sua face tornara-se inexpressiva, dando lugar a uma máscara cinzenta, menos humana e mais horrível do que a da rapariga. Ele devia ter ficado com aquela cara, quando matara Pandora Shaw e se voltara para descobrir Hester a olhar para ele. Sabia aquilo que ia acontecer a seguir, mesmo antes de ele desembainhar a espada.

— Não! — gritou ela, vendo aquilo que ele pretendia fazer, mas a sua boca estava seca, a sua voz um sussurro. De repente, ela percebeu a razão que levava a deusa a trazê-la até ali, e sabia aquilo que devia fazer para reparar o crime do Pai. Largou a inútil sacola e subiu os degraus a correr. Hester caía para trás, erguendo as mãos para a frente de forma a aparar o golpe do Pai, e Katherine saltou para o meio deles de forma que subitamente era *ela* quem se encontrava no caminho dele, e a sua espada deslizou com facilidade pelo corpo dela e Kate sentiu o cabo da espada bater com força contra as costelas.

Os Engenheiros ficaram boquiabertos. A Doutora Twix deu um guinchinho assustado. Até mesmo Crome pareceu alarmado.

— *Introduzir código de acesso ómega* — disse bruscamente a MEDUSA, como se nada se tivesse passado.

Valentine dizia:

— Não! — abanando a cabeça, como se não percebesse como ela ficara ali, naquela situação, com a sua espada a atravessá-la. — Kate, não! — E recuou, soltando a lâmina.

Katherine viu-a sair de dentro de si. Parecia ridículo, como uma brincadeira de mau gosto. Não sentia dor, mas sangue brilhante saía de um buraco na sua túnica, caindo para o chão. Sentia-se tonta. Hester Shaw tentou agarrá-la, mas Katherine afastou-a.

— Pai, não lhe faça mal — disse, e deu dois passos cambaleantes em frente, caindo sobre o teclado do Doutor Splay. Letras verdes sem significado encheram o pequeno Ecrã de Observação, enquanto a sua cabeça batia nas teclas, e quando o Pai a segurou, deitando-a no chão com toda a delicadeza, ela ouviu a voz da MEDUSA bramar: — *Código errado introduzido.*

Novas sequências de números surgiram nos ecrãs; qualquer coisa que explodiu com um grande estalido, por entre os quilómetros de fio.

— O que se está a passar? — choramingou o Doutor Chubb. — O que está a fazer?

— Rejeitou as nossas coordenadas para o alvo — exclamou a Doutora Chandra. — Mas a energia continua a acumular...

Engenheiros correram de volta para os seus postos, tropeçando em Katherine que jazia no chão, com a cabeça no colo do pai. Ela ignorou-os, olhando fixamente para a cara de Hester. Era como olhar para o seu reflexo num espelho partido e sorriu, feliz por ter finalmente conhecido a sua meia-irmã, e pensando se viriam a ser amigas. Começou a soluçar e em cada soluço vinha uma golfada de sangue da garganta para a boca. Um arrepio dormiente começava a subir-lhe pelo corpo, e sentia-se a desvanecer, os sons da catedral tornando-se cada vez mais indistintos. *Vou morrer?*, pensou. *Não posso, ainda não, não estou pronta!*

— Ajudem-me! — gritou Valentine aos Engenheiros... mas eles só estavam interessados na MEDUSA. Foi a rapariga que se pôs ao seu lado e levantou Katherine enquanto ele arrancava um pedaço da sua própria toga e tentava estancar o sangue. Ele olhou para cima, para o seu único olho cinzento e disse: — Hester... obrigado!

Hester também olhou para ele. Tinha feito todo aquele percurso

para o matar, todos aqueles anos, e agora que ele estava à sua mercê, não sentia nada. A espada dele estava no chão, onde ele a deixara cair. Ninguém a estava a ver. Mesmo com os pulsos atados, podia ter pegado nela e perfurado a cabeça dele. Mas agora não parecia ser importante. Perturbada, viu as lágrimas dele tombarem, juntando-se ao enorme lago de sangue que caía do corpo da sua filha. Pensamentos confusos percorriam-lhe a cabeça. *Ele ama-a! Ela salvou-me! Não a posso deixar morrer!*

Ela inclinou-se para ele e tocou-lhe, dizendo:

— Ela precisa de um médico, Valentine.

Ele olhou para os Engenheiros, reunidos em volta da sua máquina numa conferência frenética. Deles, não poderia contar com qualquer tipo de ajuda. Do lado de fora das portas da catedral, cortinas douradas de fogo dançavam por Paternoster Square. Ele olhou para cima, e viu qualquer coisa vermelha a reflectir a luz do fogo para lá das janelas altas do transepto de estibordo.

— É o *Jenny Haniver!* — gritou Hester, pondo-se de pé. — Oh, é o Tom! E há uma enfermaria a bordo... — mas ela sabia que o *Jenny* não conseguia aterrar por entre as chamas da Plataforma Superior. — Valentine, há alguma maneira de chegarmos ao telhado?

Valentine pegou na espada e cortou as cordas dos pulsos dela. Depois, atirando a espada para o lado, pegou em Katherine ao colo e começou a levá-la por entre os tubos até ao local em que a escada de metal zigiguezagueava até à cúpula. Caçadores tentaram alcançar Hester quando ela correu atrás do homem, mas Valentine ordenou-lhes que recuassem. Gritou, para um assustado *Beefeater*.

— Capitão! Aquele dirigível não deve ser alvo de disparos!

Magnus Crome veio a correr agarrá-lo pela manga do manto.

— A máquina enlouqueceu! — queixou-se. — Só Quirke sabe que instruções a sua filha lhe inseriu! Não a conseguimos disparar e não conseguimos fazê-la parar de acumular energia! Faz alguma coisa, Valentine! Descobriste esta maldita coisa! Fá-la parar!

Valentine afastou-o com um empurrão e começou a subir os degraus, por entre os véus cada vez mais altos de luz, dos estalidos da estática, do ar que cheirava a tinta queimada.

— Eu só queria ajudar Londres! — soluçou o homem. — Só queria fazer com que Londres fosse *forte!*

Capítulo 36

A Sombra De Ossos

Hester foi à frente, subindo pela abertura da cúpula e saindo para o meio das chamas fumegantes, à sombra da grande arma. À sua direita, o esqueleto carbonizado do *Elevador do 13.º Andar* jazia estendido sobre as ruínas do Engenhório como uma montanha russa deteriorada. O fogo alastrara até à Assembleia dos Grémios, e o Departamento de Planeamento e a Repartição de Registos ardiam, cuspidos línguas ardentes de faíscas e milhões de formulários cor-de-rosa e brancos. A Catedral de S. Paulo era uma ilha num mar de fogo, com o *Jenny Haniver* balouçando sobre ela, como uma lua miserável, chamuscado e inclinado, cambaleando nas correntes de ar quente dos edifícios em chamas como um bêbedo.

Ela subiu até mais alto, para o alto do capuz de cobra da MEDUSA. Valentine seguiu-a; ela conseguia ouvi-lo murmurar para Katherine, os olhos fixos no valente dirigível.

— Quem é o idiota que está a pilotar aquela coisa? — gritou ele, abrindo caminho cuidadosamente sobre o capuz para se juntar a ela.

— É o Tom! — gritou Hester em resposta. De seguida levantou-se, agitando ambos os braços e gritando: — Tom! Tom!

Foi o xaiile que Tom viu primeiro, aquele que ele lhe comprara em Peripatetiapolis. Atado em volta do seu pescoço, esvoaçando ao sabor do vento, atirou para o ar um súbito brilho vermelho, e ele viu-o pelo canto do olho, olhou para baixo e viu-a a ela ali, a acenar.

Depois uma negra nuvem de fumo desceu sobre ela, e ele pensou se não teria imaginado aquela pequena figura saliente no capuz da cobra, porque parecia impossível que alguém conseguisse sobreviver naquele enorme incêndio que ele provocara. Fez com que o *Jenny Haniver* se aproximasse. O fumo ergueu-se, e ali estava ela, esbracejando, com o seu comprido casaco negro, as suas longas pernas e a sua cara horrível e maravilhosa.

Katherine abriu os olhos. O frio que sentia dentro dela era cada vez maior, espalhando-se a partir do local onde a espada entrara. Ainda estava com soluços, e pensou como seria estúpido morrer de soluços, como seria indigno. Desejava que o *Cão* estivesse com ela. — Tom! Tom! — estava alguém a gritar constantemente. Ela virou a cabeça e viu um dirigível descer por entre o fumo, cada vez mais

perto, até que o lado da barquinha roçou no capuz da MEDUSA e ela sentiu que os seus motores abrandavam. O Pai transportava-a para lá, e ela conseguia ver Tom a espreitar para ela através do vidro da frente partido, Tom que estivera lá quando tudo começara e que ela pensara estar morto. Mas ali estava ele, vivo, com um ar surpreso e sujo, com uma ferida em forma de V na testa, como se fosse a tatuagem de um Grémio desconhecido.

A barquinha era muito maior no seu interior do que ela esperara. Na realidade, era muito parecida com a Casa de Clio, e o e o Bevis estavam à sua espera lá dentro, os soluços dela tinham parado, e a sua ferida não era tão má como todos pensavam, era só um arranhão. A luz do sol entrou pelas janelas enquanto Tom os levava a todos pelo ar, para o céu de um perfeito azul-cristal, e ela descontraiu-se nos braços do pai, agradecida.

Hester foi a primeira a chegar ao dirigível, subindo a bordo pelo seu flanco destruído. Mas quando olhou para trás, estendendo a mão para Valentine, viu que este tinha caído de joelhos, e percebeu que Katherine estava morta.

Ela ficou ali, ainda com a mão estendida, sem saber muito bem porquê. Viu-se um brilho eléctrico no ar sobre o capuz branco de metal. E gritou: — Valentine! Despache-se!

Ele levantou os olhos da cara da filha só para dizer: — Hester! Tom! Levantem voo! Salvem-se a vocês!

Atrás dela, Tom encostava a mão ao ouvido para tentar escutar e gritava: — O que disse ele? Aquela é a Katherine? O que aconteceu?

— Sai daqui! — gritou ela e, passando por ele, começou a ligar outra vez para a potência máxima todos os motores que ainda funcionavam. Quando voltou a olhar para baixo, Valentine desaparecia sob eles, com uma forma escura embalada nos braços e uma mão pálida pendendo para fora. Sentiu-se como o fantasma de Katherine, subindo aos céus. Havia uma dor terrível dentro dela, a respiração vinha-lhe em soluços e qualquer coisa molhada e quente escorria-lhe pela cara abaixo. Pensou se teria sido ferida sem ter reparado, mas quando pôs a mão na cara, os seus dedos ficaram molhados, e enquanto a luz eléctrica em volta da catedral se tornava mais brilhante e Tom conduzia o *Jenny Haniver* para longe, em direcção à escuridão, ela percebeu que estava a chorar, a chorar pela mãe e pelo pai, pelo Shrike, pela Katherine e até pelo Valentine.

Lá em baixo, na Entranha, os enormes motores de Londres pararam de repente, sem aviso e todos ao mesmo tempo, anesthesiados pelas estranhas radiações que começavam a chover pela metrópole.

Pela primeira vez desde que atravessara a ponte terrestre, a grande Metrópole de Tracção começou a abrandar.

Numa galeria barricada à pressa no Museu de Londres, Chudleigh Pomeroy espreitou cautelosamente sobre a réplica da baleia azul e viu que os esquadrões de Caçadores que avançavam sobre o seu último reduto tinham todos parado de repente, com pálidas nuvens de faíscas envolvendo os seus crânios de metal, como arame farpado.

— Grande Quirke! — exclamou, virando-se para o seu grupo de Historiadores sobreviventes. — Ganhámos!

Valentine vê o dirigível vermelho afastar-se, iluminado pelas chamas da Plataforma Superior e pelas línguas de luz que começam a crescer em volta da Catedral de S. Paulo. Consegue ouvir os inúteis alarmes de incêndio a soar algures lá em baixo, e os gritos histéricos dos Engenheiros em fuga. E uma auréola de fogo-de-santelmo surge em redor da face de Katherine e o seu cabelo solta faíscas e estala quando ele lhe toca. Com delicadeza, Valentine afasta uma madeixa solta que caíra sobre a boca dela, e abraça-a com força, e espera... e a luz de tempestade rebenta em volta deles e os dois transformaram-se num nó de fogo, numa corrente de gás ardente e desaparecem, as sombras dos seus ossos espalhando-se para o céu brilhante.

Capítulo 37

As Estradas Dos Pássaros

Londres parecia ter posto uma grinalda de relâmpagos. Era como se o raio que se devia ter estendido por um espaço de cento e sessenta quilómetros para destruir as pedras de Batmunkh Gompa se tivesse enrolado em volta dos andares mais altos, enviando cataratas de metal derretido pelos flancos da metrópole. Eclodiram explosões por toda a Entranha, erguendo para todo o céu vastos fragmentos de destroços, como folhas mortas ao vento. Alguns dirigíveis subiram com eles, tentando escapar, mas os seus balões incendiaram-se e estes tremeram e caíram, pequenos flocos de fogo no meio do grande incêndio.

Só o *Jenny Haniver* sobreviveu, cavalgando sobre a crista da tempestade, rodopiando e tombando à medida que era atingido pelas ondas de choque, com raios de luz de arco-íris saindo do seu massame e dos rotores. Os seus motores tinham falhado todos ao mesmo tempo no momento daquele primeiro grande pulsar de energia, e nada do que Tom sabia fazer conseguia voltar a pô-los a funcionar. Deixou-se cair no que restava do lugar do piloto, a chorar, observando impotente enquanto o vento nocturno o empurrava cada vez para mais longe da sua metrópole moribunda.

— A culpa é toda minha — era a única coisa que conseguia dizer.
— A culpa é toda minha...

Hester também observava, olhando para o local onde estivera a Catedral de S. Paulo, como se ainda conseguisse ver a imagem de Katherine e do seu pai perdidos ali naquela onda de luz. — Oh, Tom, não — disse ela. — Foi um acidente. Correu qualquer coisa mal com a máquina deles. A culpa foi do Valentine e do Crome. A culpa foi dos Engenheiros por porem a coisa a funcionar e a culpa foi da minha mãe por a ter descoberto em primeiro lugar. A culpa foi dos Antigos por a terem inventado. A culpa foi do Pewsey e do Gench por te terem tentado matar e da Katherine por me ter salvo...

Ela sentou-se ao lado dele, querendo confortá-lo, mas temendo tocar-lhe, enquanto via a sua imagem reflectida nos instrumentos quebrados e nos restos de vidros de janela a fazer-lhe caretas, ainda mais monstruosa do que nunca, sob o brilho flutuante da MEDUSA. Depois pensou, *Idiota, ele voltou, não voltou? Ele voltou por ti.* Tremendo, pôs os braços em volta dos dele e abraçou-o com força, encostando o nariz no alto da sua cabeça, beijando timidamente o sangue da ferida acabada de fazer no meio da sua testa, apertando-o com força contra ela até que a luz esvaída da arma se desgastou e a

primeira luz cinzenta do dia começou a surgir sobre a planície.

— Está tudo bem, Tom — dizia-lhe ela. — Está tudo bem...

Londres estava longe, imóvel sob bandeiras de fumo. Tom encontrou os velhos binóculos de campanha da Menina Fang e focou-os na metrópole.

— *Alguém* deve ter sobrevivido — disse, esperando que ao pronunciar aquelas palavras, elas se tornassem verdadeiras. — Aposto que o Senhor Pomeroy e a Clytie Potts estão lá em baixo, a organizar grupos de salvamento e a distribuir chávenas de chá...

Mas por entre o fumo, o vapor, a mortalha de cinzas em suspensão, ele não via nada, nada, nada, e embora balançasse os binóculos de um lado para o outro, ficando cada vez mais desesperado, a única coisa que eles lhe mostravam eram as formas ossudas de vigas enegrecidas, e a terra queimada, suja pelas rodas despedaçadas, lagos de combustível a arder e as lagartas dos tractores partidas, jazendo enroladas sobre si mesmas como as peles abandonadas de gigantescas cobras.

— Tom? — Hester estivera a experimentar os controlos, e descobrira, para sua surpresa, que as alavancas de direcção ainda funcionavam. O *Jenny Haniver* respondia ao seu toque, virando para este e para aquele lado, sobre o vento. Ela disse carinhosamente: — Tom, podemos tentar chegar a Batmunkh Gompa. Lá seremos bem-vindos. Provavelmente vão considerar-te um herói.

Mas Tom abanou a cabeça: ainda via o *Elevador do 13.º Andar* a descer em espiral na direcção da Plataforma Superior, e Pewsey e Gench lançando para o fogo os seus gritos negros e silenciosos. Não sabia o que era, mas sabia que não era um herói.

— Está bem — disse Hester, compreendendo. Às vezes levava tempo a ultrapassar certas coisas, ela sabia disso. Teria paciência para ele. Acrescentou em seguida: — Vamos dirigir-nos de volta à Ilha Negra. Podemos reparar o *Jenny* no caravançará aéreo. E depois seguiremos as Estradas dos Pássaros e iremos para qualquer lugar distante. Para as Cem Ilhas, ou para as Montanhas Tannhäuser, ou para o Deserto Gelado do Sul. Não me interessa para onde. Desde que também possa ir.

Ela ajoelhou-se ao seu lado, apoiando os braços nos joelhos dele e a cabeça nos seus próprios braços, e Tom descobriu que, apesar de não ter vontade, sorria ao ver o sorriso torto de Hester.

— Tu não és um herói, e eu não sou bonita, e talvez nós não vamos viver felizes para sempre — disse ela. — Mas estamos vivos e juntos, e vamos ficar bem.

